

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGÜÍSTICA

Karla Janaina Costa Cruz

***Cultura Impressa e Prática Leitora
Protestante no Oitocentos***

JOÃO PESSOA
2014

KARLA JANAINA COSTA CRUZ

*Cultura Impressa e Prática Leitora
Protestante no Oitocentos*

Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal da Paraíba, como requisito institucional para obtenção do Título de Doutor em Linguística, na área de concentração Linguística e Práticas Sociais.

Orientadora: Profa. Dra. Socorro de Fátima Pacífico Barbosa

JOÃO PESSOA
2014

C957c Cruz, Karla Janaina Costa.

*Cultura impressa e prática leitora protestante no
Oitocentos/ Karla Janaina Costa Cruz. - João Pessoa,
2014.*

261f. : il.

Orientadora: Socorro de Fátima Pacífico Barbosa

Tese (Doutorado) - UFPB/CCHL

KARLA JANAINA COSTA CRUZ

Cultura Impressa e Prática Leitora Protestante no Oitocentos

Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal da Paraíba, como requisito institucional para obtenção do Título de Doutor em Linguística, na área de concentração Linguística e Práticas Sociais.

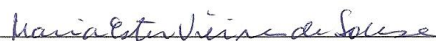
BANCA EXAMINADORA



Profa. Dra. Socorro de Fátima Pacífico Barbosa
Orientadora – Universidade Federal da Paraíba



Profa. Dra. Fabiana Sena da Silva
Examinadora – Universidade Federal da Paraíba



Profa. Dra. Maria Ester Vieira de Sousa
Examinadora – Universidade Federal da Paraíba



Prof. Dr. Artur Emilio Alarcon Vaz
Examinador – Universidade Federal do Rio Grande



Prof. Dr. João Cesário Leonel Ferreira
Examinador – Universidade Presbiteriana Mackenzie (SP)

À minha Professora Socorro de Fátima P. Barbosa, por tudo o que me ensinou ao longo dos últimos treze anos: discursos que perpassam o presente estudo e conhecimentos que transcendem o âmbito da Academia. Sem dúvida.

AGRADECIMENTOS

A Deus, “porque o Senhor dá a sabedoria, e da sua boca vem a inteligência e o conhecimento” (Provérbios de Salomão 2.6).

Aos meus pais e irmão – Carlos, Fátima e Moisés – pelo amor e apoio constantes. Vocês são meu jardim secreto. Mãe, obrigada por cuidar dos meus filhos durante as viagens de pesquisa.

Ao meu marido Alexandro. Essa conquista, como sempre falei, é nossa. Seria impossível realizar as pesquisas empreendidas sem o seu apoio e compreensão. Obrigada, meu querido, por sempre partilhar de meus sonhos e por se desdobrar no cuidado com nossas crianças, a fim de que sobrasse um pouco mais de tempo para as minhas leituras.

Aos meus filhos, Gabriel e Ana Carla. Não quero retomar o lugar comum do pedido de desculpas pelas “ausências”, pois elas não existiram. Vocês estiveram todo o tempo perto de mim enquanto escrevia a Tese: cantarolando, presenteando-me com desenhos, fazendo penteados em meus cabelos, tirando dúvidas das tarefinhas escolares, riscando meus textos, correndo ao redor de minha escrivaninha, o que tornou as horas em frente ao computador mais suportáveis. Chegou o momento de responder a pergunta que tantas vezes me dirigiram: “Quando termina seu trabalho Mamãe?” Bem, “terminou”.

Aos meus amigos pesquisadores Gilsa Elaine, Virna Lúcia, Natanael, Josy Kelly, Otoniel, Edson, Camila, Jocilene, Socorro Montenegro, Célia. Nossa paixão pelo Século XIX nos aproximou também na vida. As discussões acadêmicas e gargalhadas regadas pelo café jamais serão esquecidas.

Aos queridos José e Isabel, meu porto seguro em Campinas (SP). As amigas Eti, Jael, Sandra e Laodicea, meu porto seguro em São Paulo. Aos caríssimos Ialan, Eva e crianças, e Tia Nilse Pinto, meu porto seguro no Rio de Janeiro. A acolhida a mim oferecida durante o tempo de peregrinação em busca das fontes aliviou a saudade de casa, dando-me segurança ante o desconhecido.

Às queridas coordenadoras, Meire Jane e Inalda, e aos colegas professores do Sistema Geo de Ensino, com quem trabalhei lecionando Língua Portuguesa durante ainda os dois primeiros anos da pesquisa. Edleuza Mota, minha amiga, impossível não lembrar sua célebre frase: “um dia de cada vez”.

Ao Conselho Nacional de Pesquisa (CNPq) que, através do Programa de Bolsas e Auxílios, selecionou-me para a obtenção da Bolsa Sanduíche no País promovendo um intercâmbio com a Universidade Presbiteriana Mackenzie (SP). Sem esse apoio, possivelmente não teria tido o acesso necessário às fontes utilizadas na elaboração do trabalho.

Ao Prof. João Leonel, pelas orientações durante o tempo da Bolsa-Sanduíche, por me apresentar aos principais centros de arquivo de impressos protestantes em São Paulo, bem como pela leitura atenta dos capítulos apresentados no Exame de Qualificação.

Às professoras Fabiana Sena e Maria Ester, pelas pertinentes observações no Exame de Qualificação. Meu reconhecimento pelas sugestões e apresentação de novos nortes para a produção escrita.

Aos bibliotecários e funcionários do Arquivo Histórico Presbiteriano (Campo Belo, SP), Centro de Documentação e História Rev. Vicente Themudo Lessa (SP), Fundação Basileia (Campinas), Biblioteca John M. Keil (Seminário Presbiteriano, Campinas), Biblioteca Fernandes Braga (RJ), Fundação Biblioteca Nacional (RJ), Real Gabinete Português de Leitura (RJ), Fundação Joaquim Nabuco (Recife, PE), pelo acesso concedido aos acervos que contribuíram para o desenvolvimento do trabalho.

Minha gratidão ao Programa de Pós Graduação em Linguística na UFPB, na pessoa de seus coordenadores, professores e funcionários. Ronil, sua paciência e competência merecem destaque.

A todos os outros que, direta ou indiretamente, contribuíram de alguma forma para a finalização de mais uma etapa de minha vida acadêmica.

O fato é que a leitura das diferentes temporalidades que fazem que o presente seja o que é, herança e ruptura, invenção e inércia ao mesmo tempo, continua sendo a tarefa singular dos historiadores e sua responsabilidade principal para os seus contemporâneos.

Roger Chartier (2010)

RESUMO

Na segunda metade do Século XIX, o estabelecimento das missões protestantes originárias da Europa e dos Estados Unidos provocou mudanças significativas no cenário religioso e cultural brasileiro. A palavra impressa se tornaria, então, uma eficiente aliada do ideal evangélico por favorecê-lo em ao menos três aspectos: a difusão da propaganda evangélica, a circulação de informações sobre as atividades missionárias das denominações históricas e a instrução doutrinária dos fiéis através da leitura. Nesse conjunto impresso, os jornais passaram a se constituir um significativo *artefato cultural*, por meio do qual diversos gêneros literários circulavam e davam-se a ler. Assim, apropriamo-nos do jornal protestante como principal fonte da presente pesquisa, objetivando um resgate histórico das práticas leitoras evangélicas no Oitocentos, que foram silenciadas nos principais manuais literários e da história da imprensa no Brasil. A partir dos aportes teóricos da História Cultural, mais propriamente dos conceitos de *prática*, *apropriação* e *representação*, formulados por Roger Chartier, nos propomos a investigar o modo como os evangélicos se valeram dos gêneros literários e dos modelos da imprensa laica para produzir um conjunto impresso de caráter utilitário. Focando nossas análises nas páginas do primeiro jornal evangélico em circulação no Brasil, o *Imprensa Evangélica* (1864), procuramos verificar as categorias de autoria, tradução, obras e leitores, a fim de refletir como “conteúdo e materialidade se fundem” (CHARTIER, 2009), “história e literatura se imbricam” (LUCA, 2011), na tentativa de reconstituir, evitando-se os anacronismos, a formação de um sistema literário protestante por meio da produção periódica.

Palavras – chave: Protestantismo; Periodicismo; Século XIX; História da Leitura.

ABSTRACT

In the second half of the XIX century, the establishment of protestant missions originated from Europe and the United States caused meaningful changes in the Brazilian religious and cultural scenario. The printed word would become, thus, an efficient ally of the gospel ideal by favoring it in, at least, three aspects: dissemination of gospel advertisement; circulation of information about missionary activities of the historical denominations and the doctrinaire instruction of the faithful through reading. In this printed set, the newspapers started constituting a meaningful cultural artifact by means of which several literary genres circulated and were read. Therefore, we appropriated the protestant newspaper as main source of the current research with the aim to fulfill a historical rescue of gospel reading practices in the 1800s that were made silent in the main literary manuals and of the history of Brazilian printing. From the theoretical fundamentals of the Cultural History, especially the concepts of *practice*, *appropriation* and *representation*, formulated by Roger Chartier, we propose to investigate the way how the Protestants made use of literary genres and models of the secular printing to produce a printed set of utilitarian character. By focusing our analysis on the pages of the first protestant Brazilian newspaper, the *Imprensa Evangélica* (1864), we intended to verify the categories of authorship, translation, works and readers in order to reflect on how “content and materiality merge” (CHARTIER, 2009), “history and literature are intertwined” (LUCA, 2011) in an attempt to reconstruct, avoiding anachronism, the formation of a protestant literary system by means of regular production.

Keywords: Protestantism; Periodicism; XIX Century; Reading History.

RÉSUMÉ

Dans la deuxième moitié du XIX^e siècle, la mise en place de missions protestantes originaires d'Europe et des Etats-Unis a provoqué des changements significatifs dans la scène religieuse et culturel au Brésil. La parole imprimée deviendrait, donc, une alliée efficace de l'idéal évangélique pour le favoriser au moins en trois aspects : la diffusion de la publicité évangélique, la circulation de l'information sur les activités missionnaires des désignations historiques et l'instruction doctrinale des fidèles par la lecture. Dans ce groupe imprimé, les journaux ont commencé à former un *artefact culturel* important à travers duquel les différents genres littéraires circulaient et s'offraient à lire. Ainsi, nous nous approprions du journal protestant comme principal source de cette recherche qui vise un sauvetage historique des pratiques de lecteurs évangéliques dans le dix-neuvième siècle, silencieuse dans les principaux manuels littéraires et d'histoire de la presse au Brésil. Des apports théoriques de l'histoire culturelle, plus particulièrement les concepts de la *pratique*, de la *propriété* et de la *représentation* formulée par Roger Chartier. Nous nous proposons d'étudier comment les évangéliques ont profité des genres littéraires et des modèles de la presse laïque pour produire un ensemble imprimé de caractère utilitaire. Concentré notre analyse sur les pages du premier journal évangélique en circulation au Brésil, le *Imprensa Evangélica* (1864), nous avons vérifié les catégories de la paternité, de la traduction, des articles et des lecteurs, afin de refléter comme le «contenu et matérialité se mergent » (Chartier, 2009), « l'histoire et la littérature se mêlent » (LUCA, 2011) dans le but de reconstruire en évitant les anachronismes et la formation d'un système littéraire protestant par la production périodique.

Mots-clés : le protestantisme ; Journalisme ; XIX^e siècle ; Histoire de la lecture.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1:	Periódico inglês “ <i>The Christian’s Penny Magazine</i> ” (1832)	41
Figura 2:	<i>The New Testamento f our Lord and Saviour Jesus</i> (1630)	45
Figura 3:	<i>A Sermon Preached Before the Honourable Houfe of Commons, at St. Margareth’s Westminster</i> (1690), de John Sharp	46
Figura 4:	<i>A Method of Devotions or Rules for Holy & Devout Living</i> (1713), de Elizabeth Burnet	47
Figura 5:	Livro “ <i>Apparatus Biblicus or an Introduction to the Holy Scriptures in The Three Books and a New Method of Reading The Escripture done into English from the French with notes and a addions ilustradet with thirty copper-plates; Psalms</i> ” escrito por Bernard Lamy (1723)	47
Figura 6:	Capítulo do folhetim <i>Pinóquio na África</i> (1926)	49
Figura 7:	Catálogo de trabalhos teológicos e outras obras protestantes (1862)	54
Figura 8:	<i>Conpendium of The History of Doctrines</i> (1850), de K. H. Hagenbach	57
Figura 9:	<i>A Catechism for Little Children</i> (1864)	58
Figura 10:	<i>The Baptist Catechism</i> (1851)	59
Figura 11:	Capa de <i>The Life of The Ver. Samuel Leigh</i> (1870), de Alexander Strachan	65
Figura 12	Contracapa de <i>The Life of The Ver. Samuel Leigh</i> (1870), de Alexander Strachan	65
Figura 13:	Romance <i>Uncle Tom’s Cabin</i> (1852), de Harriete B. Stowe	67
Figura 14:	Romance <i>The King’s Daughter</i> (1888), Emily Sarah Holt	70
Figura 15:	Capa do livro <i>O Peregrino</i> (1830), de Jhon Bunyan	73
Figura 16:	Capa de <i>Bem-Hur: a Tale of Christ</i> (1887), de Lew Wallace	74
Figura 17:	Capa do livro <i>Villegagnon: a Tale of the Huguenot Persecution</i> (1886), de W. H. Kingston	75
Figura 18:	Lição I do livro <i>Elementary Scripture Question-Book</i> (1859)	78

Figura 19:	Capa do livro <i>The Sunday Scholl Teacher</i> (1838), de John Todd	79
Figura 20:	Frontispício e capa do livro <i>Lessons From Women's Lives</i> (1877)	80
Figura 21:	<i>Half-Hours With Our Sacred Poets</i> (1863), de George Herbert	81
Figura 22:	Romance-folhetim <i>A viagem do Cristão</i> (1856), de Robert R. Kalley	87
Figura 23:	Romance-folhetim “O ladrão na Cruz” (1861), de Robert R. Kalley	88
Figura 24:	Capa do jornal maranhense <i>A Imprensa</i> (1861) com o artigo de Tavares Bastos	90
Figura 25:	Página que consta a ordem de despacho dos exemplares de <i>O ladrão na Cruz</i> , de Robert R. Kalley	91
Figura 26:	Página do periódico <i>O Apostolo</i> (29/07/1866) constando Carta do Rev. Kalley sobre o caso das “Bíblias falsificadas”	95
Figura 27:	Frontispício do livro escrito pelo General Abreu e Lima em defesa dos protestantes sobre a polêmica das “Bíblias falsificadas”	97
Figura 28:	Capa do jornal <i>O Liberal do Pará</i> (15/12/1871) na qual se encontra a menção do editor à portaria emitida por D. Macedo e anúncio de que o documento teria uma análise crítica publicada no jornal	103
Figura 29:	Página do jornal <i>O Pelicano</i> (24/04/1873)	105
Figura 30:	Página do livro de Atas e Relatórios do Presbitério do Rio de Janeiro (1867)	112
Figura 31:	Página do <i>Imprensa Evangélica</i> (16/01/1892) com a apresentação do novo periódico infantil <i>A Aurora</i>	115
Figura 32:	Primeira página do jornal <i>Methodista Catolico</i> (1886) contendo o “Programa”, que corresponderia à linha editorial da folha	119
Figura 33:	Capa do jornal <i>O Biblia</i> (1891)	122
Figura 34:	Primeira página do 1º número do jornal <i>O Cristão</i> (1892)	122
Figura 35:	Anúncio da publicação do primeiro número do jornal <i>Imprensa Evangélica</i> por meio do <i>Correio Mercantil</i> (1864)	130
Figura 36:	Capa do primeiro número do jornal <i>Imprensa Evangélica</i> (1864)	138
Figura 37:	Capa de um dos números do <i>Imprensa Evangélica</i> nos finais de 1860	139

Figura 38:	Capa de um dos números do <i>Imprensa Evangélica</i> em princípios de 1890	140
Figura 39:	Página do jornal <i>Imprensa Evangélica</i> (1887) contendo artigo científico	143
Figura 40:	Página do jornal <i>Imprensa Evangélica</i> (1866) contendo artigo científico	143
Figura 41:	Página do <i>Imprensa Evangélica</i> contendo lição para Escola Bíblica Dominical (20/08/1887)	145
Figura 42:	Página do <i>Correio Paulistano</i> (1862) contendo menção ao <i>Correio Mercantil</i>	146
Figura 43:	Página do jornal <i>O Novo Mundo</i> (1872) contendo artigo transposto do jornal <i>América de Lisboa</i>	147
Figura 44:	Página do <i>Imprensa Evangélica</i> (16/01/1875) contendo menção a vários periódicos de seu tempo	148
Figura 45:	Página do <i>Imprensa Evangélica</i> (15/01/1887) contendo trecho traduzido do periódico <i>La Luz</i>	150
Figura 46:	Página do <i>Correio Mercantil</i> (03/03/1866) com noticiário sobre o “Exterior”	152
Figura 47:	Página do <i>Imprensa Evangélica</i> (03/03/1866) contendo a seção “Noticiário”	152
Figura 48:	Página do <i>Imprensa Evangélica</i> (19/01/1891) contendo o gênero sermão	158
Figura 49:	Página do <i>Imprensa Evangélica</i> (02/05/1891) destinada ao público leitor infantil	159
Figura 50:	Capa do jornal <i>A Estação</i> (30/06/1879)	162
Figura 51:	Ilustração de moda do <i>Jornal das Famílias</i> (1864)	163
Figura 52:	Romance-folhetim <i>A terra da escravidão</i> (IE, 09/11/1889)	168
Figura 53:	Frontispício de uma das edições da <i>Geneva Bible</i> (1560)	172
Figura 54:	Frontispício do livro <i>The Reformed Pastor</i> (1657), de Richard Baxter	173
Figura 55,		191
56, 57:	Folhetos protestantes escritos e traduzidos por Robert Kalley	
Figura 58	Capa da nona edição do livro <i>A Alegria da Casa</i> (1916), de Sarah Kalley	193
Figura 59	Página do livro <i>Sermões Escolhidos do Rev. A. G. Simonton</i> (1869)	195

Figura 60:	Anúncio veiculado no <i>Imprensa Evangélica</i> (06/03/1864) sobre sermão de A. Simonton	196
Figura 61:	Trecho da Excomunhão do Pe. José Manoel da Conceição publicado no <i>Correio Paulistano</i>	197
Figura 62:	Contra capa da autobiografia do Rev. Salomão Gisnburg	199
Figura 63:	Capa da primeira edição em português da autobiografia do Rev. Salomão Gisnburg	199
Figura 64:	Página do jornal <i>Imprensa Evangélica</i> contendo justificativa sobre o atraso da publicação do primeiro folheto da Sociedade de Tratados	203
Figura 65:	Capa de Livro escrito pelo Rev. Robert Kalley e editado no Porto (Portugal)	205
Figura 66:	Capa do livro escrito por Rev. Carlos Leslie, editado e impresso em Lisboa	206
Figura 67:	Capa do livro escrito pelo Rev. Robert Kalley à disposição na Rua das Janelas Verdes (Lisboa)	207
Figura 68:	Anúncio do jornal <i>Imprensa Evangélica</i> (20/10/1877) com menção à editora “Rua das Janellas Verdes”	208
Figura 69:	Capa do livreto <i>André Dun</i> editado pela Livraria Evangélica (Lisboa)	208
Figura 70:	Capa de livro possivelmente escrito pelo Rev. Kalley e editado pela Tipografia Laemmert (1861)	210
Figura 71:	Página do <i>Imprensa Evangélica</i> (18/04/1874) constando anúncio de obra evangélica editada pelos Laemmert	210
Figura 72:	Anúncio do periódico <i>A Aurora</i> (1892) veiculado no <i>Imprensa Evangélica</i> (26/03/1892, p. 101)	211
Figura 73:	Página do <i>Imprensa Evangélica</i> (29/08/1876) contendo anúncio com lista de obras francesas	216
Figura 74:	Página do jornal <i>Imprensa Evangélica</i> contendo parte de catecismo para crianças	219
Figura 75:	Página do <i>Imprensa Evangélica</i> (17/12/1870) com a narrativa ficional <i>Anninba</i>	220
Figura 76:	Seção do jornal <i>Imprensa Evangélica</i> (03/11/1877) contendo matéria	221

destinada à instrução infantil

Figura 77: Episódio do romance-folhetim *Thirza ou a força atractiva da Cruz* 224
veiculado no *Imprensa Evangélica* (06/05/1865)

Figura 78: Página do jornal *Imprensa Evangélica* (08/02/1890) contendo anúncio do livro 225
sobre casamento

LISTAS DE TABELAS

Tabela 1	– Principais jornais protestantes brasileiros em circulação entre 1864 a 1900	125
Tabela 2	– Gêneros veiculados nos jornais protestantes oitocentistas	155

LISTA DE ABREVIATURAS

ABS	- <i>American Bible Society</i> (Sociedade Bíblica Americana)
BSBF	- <i>British and Foreign Bible Society</i> (Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira)
IE	- <i>Imprensa Evangélica</i>
SBTE	- Sociedade Brasileira de Tratados dos Evangélicos

SUMÁRIO

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS	18
1.1 As fontes e os objetos de pesquisa	21
1.2 Objetivos do trabalho e considerações teórico-metodológicas	24
1.3 A composição do trabalho	34
2 LITERATURA PROTESTANTE: SOBRE LEITURA, LEITORES E GÊNEROS	36
2.1 Literatura Protestante – fé e utilitarismo	37
2.2 Uma herança literária – a tradição anglo-americana dos modelos impressos protestantes	42
2.3 Os gêneros textuais protestantes – doutrina, memorialismo, ficção e instrução	51
2.3.1 Os gêneros doutrinários: reforçando a verdade religiosa	53
2.3.2 Os gêneros memoriais: a marca do exemplo	61
2.3.3 Os gêneros ficcionais: a utilidade da imaginação	66
2.3.4 Entre outros gêneros	76
3 PERIODICISMO E FÉ: O JORNAL PROTESTANTE NO OITOCENTOS	83
3.1 O discurso protestante no jornal laico	84
3.2 O jornal protestante no Oitocentos: funcionalidade, circulação e apropriação	106
4. O JORNAL LAICO E O JORNAL PROTESTANTE: ENTRE MODELOS E RELAÇÕES	127
4.1 O jornal <i>Imprensa Evangelica</i> – breve percurso editorial	128
4.2 O jornal <i>Imprensa Evangelica</i> – sobre materialidade e conteúdo	136
4.3 O romance protestante em circulação no suporte jornal	160
5 A FORMAÇÃO DO SISTEMA LITERÁRIO PROTESTANTE NO BRASIL IMPÉRIO	169
5.1 Relações Imprensa e Protestantismo: a conquista do mundo pela Palavra	170
5.2 Os componentes do Sistema Literário Protestante no Brasil Império	187

5.2.1 Sobre autores, tradutores e obras	187
5.2.2 Sobre os editores	200
5.2.3 Sobre o leitor e suas representações	212
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	228
REFERÊNCIAS	234
ANEXOS	259

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

– *Mas são os protestantes, e não nós – fez o sacerdote
impaciente –, que recomendam a Bíblia!*¹
(Flaubert)

As ideias para a produção da presente pesquisa surgiram a partir de dois fatores. Inicialmente, através do interesse pelo estudo de textos literários religiosos, fruto de nossa participação como bolsista do PIBIC no projeto de pesquisa *Retórica, Teologia e Política na Literatura Colonial*, orientado pela Profa. Socorro de Fátima P. Barbosa, durante a graduação em Letras (2000 – 2004). Nesse período, desenvolvemos pesquisas sobre o Século XVI brasileiro e seus escritos, mais propriamente sobre as cartas do Pe. José de Anchieta, pelo viés da historiografia literária – o que veio a resultar na produção da dissertação de mestrado.

O segundo fator, esse mais recente, pode ser considerado a leitura de alguns romances como *Madame Bovary* de Flaubert, representado pelo trecho que serve à epígrafe dessa introdução. Nele, o sacerdote católico faz referência ao Protestantismo como a religião que recomenda uso do livro sagrado. No contexto literário brasileiro, por exemplo, as constantes referências de Machado de Assis a versos e personagens da Bíblia – em especial na obra *Memórias Póstumas de Brás Cuba* – chamaram-nos a atenção, levando-nos a refletir sobre o estabelecimento do Protestantismo e suas práticas culturais no Brasil. Dentre essas, a distribuição de impressos e as práticas leitoras que aqui se

¹ *In*: Fala do farmacêutico Homais em diálogo com Pe. Binet. *In*: FLAUBERT, Gustave. *Madame Bovary*. Trad. Enrico Corvisieri. São Paulo: Nova Cultural, 2002.

desenvolveram a partir do contato da população com livros, folhetos e jornais de conteúdo evangélico no Século XIX.

Intrigou-nos, porém, o silenciamento dos principais manuais que tratam sobre a história da imprensa no Brasil, a exemplo de SODRÉ (1977) e HALLEWEEL (2003), bem como dos manuais literários em relação à produção literária protestante e à significativa circulação de impressos que, no referido período, deram início à implantação de um sistema literário e uma consequente cultura editorial evangélica. Isso talvez se deva ao fato de ser o Brasil um país tradicionalmente católico – o que condicionou a maioria das pesquisas religiosas, no âmbito educacional e literário, à religião oficial.

Em se tratando de estudos que abordem o viés protestante, um conjunto de autores deu sua contribuição no sentido de produzir uma historiografia sobre o Protestantismo e sua inserção em solo brasileiro, abordando as práticas religiosas e educacionais evangélicas. Esses estudos são consideráveis em proporcionar ao pesquisador elementos para uma contextualização sócio-histórica. São exemplos desses: Émile Léonarde (1963), Júlio Ferreira (1992), Hermisten Costa (2010), Duncan Reily (2003), Antônio Mendonça (1995), Aldery Matos (2010), Douglas Cardoso (2001), Edwiges dos Santos (2009) entre outros. É possível constatar também, a partir da década de 1990, certa intensificação das pesquisas voltadas para temáticas protestantes, mas numa linha ainda bastante descritivista.

Alguns historiadores e pedagogos, porém, têm desenvolvido interessantes pesquisas tomando por fonte os impressos evangélicos como meio propiciador de estratégias de *aproximação* e *intervenção*, recursos esses utilizados por grupos religiosos para promover a permanência definitiva no país. Nessa linha, destacam-se os trabalhos de Ester Nascimento (2007) que versam sobre a atuação de protestantes intelectuais no território brasileiro e sobre a imprensa como instrumento utilizado para a propagação dos ideais religiosos no Oitocentos. O Prof. João Leonel Ferreira (2010), por sua vez, tem oferecido importantes contribuições a esse novo enfoque sobre os impressos protestantes, verificando os textos evangélicos pelo viés da Teoria Literária e da História da Leitura, o que contribui para uma abordagem mais acadêmica em relação às fontes protestantes. Lyndo Santos (2011) vem desenvolvendo pesquisas relacionadas à

implantação do Protestantismo no Brasil pelo viés da História Cultural. Micheline R. de Vasconcelos (2010) tem focado suas pesquisas para um viés diferenciado do tradicional por se propor a investigar, em sua tese de doutoramento, através de fontes impressas, a influência da imprensa protestante do Século XIX a princípio do Século XX e as questões que envolvem a editoração evangélica nesse período.

A fim de se evitar o apagamento da vertente literária evangélica na construção de uma história da leitura no Brasil, nosso trabalho justifica sua importância e originalidade em pretender desenvolver a investigação de práticas leitoras protestantes (os impressos e seus suportes, situados na segunda metade do Oitocentos), procurando compreender como as ideias eram transmitidas por vias impressas, como os leitores se dão a representar nesses textos e como os aspectos materiais dos impressos evangélicos fundem-se aos discursos veiculados para estabelecer sentidos previstos e imprevistos. No campo da historiografia literária, são ainda poucos os trabalhos dedicados a essas finalidades.

O recorte temporal selecionado para a presente pesquisa se justifica pelo fato de que, nesse período conhecido como “protestantismo de missão”, ocorreu no Brasil a chegada e instalação de pastores, missionários e professores estrangeiros, em sua maioria, patrocinados por órgãos de evangelização, com a finalidade principal de estabelecer igrejas e escolas. A palavra impressa torna-se, então, a principal aliada do Protestantismo, favorecendo-o em pelo menos três aspectos: a difusão da propaganda evangélica; a circulação de informações sobre as atividades missionárias das denominações históricas e a instrução doutrinária por meio da leitura. Mais propriamente na época do Império, o Brasil foi receptáculo do trabalho de corpoltores que distribuíam e vendiam material religioso – a exemplo de livros, folhetos, hinários e periódicos – sendo a ação evangélica em solo brasileiro favorecida pelos ideais de civilidade e progresso defendidos pelo Imperador.

A partir desses pressupostos, alguns problemas de pesquisa puderam ser elaborados, apontando, conseqüentemente, para nossas hipóteses: I) Qual a contribuição da comunidade literária protestante para a formação da história da leitura e da literatura no Brasil?; II) É possível verificar a formação de um sistema literário protestante no Brasil oitocentista – considerando autores, obras, editores e leitores – tendo como

paradigma os impressos evangélicos de origem anglo-americana?; III) O jornal, enquanto artefato cultural impresso e veiculador de gêneros textuais diversos, pode ser tomado como principal meio para a implantação e configuração do sistema literário protestante no Brasil Império?

Outro importante aspecto de nosso trabalho diz respeito ao tratamento científico e à imparcialidade acadêmica concedida aos dados pesquisados. Isso porque grande parte das publicações que envolvem temas de origem religiosa, especialmente evangélica, é produzida pelas próprias denominações protestantes e se deixam constituir – para tomar as colocações de Paula Silva (2010, p. 15) – por discursos de “caráter apologético, saudosista e descritivo”. Sendo assim, reafirmamos que nosso foco é o texto evangélico, os fatores que lhe concedem o *status* de literário, os gêneros textuais protestantes em sua diversidade e, especialmente, os suportes através dos quais esses gêneros circularam e eram dados a ler.

1.1 As fontes e os objetos da pesquisa

As fontes são o principal recurso para o trabalho do historiador que delas se apropriam por meio de abordagens específicas e técnicas variadas. O modo como as fontes – sejam elas orais, documentais, monumentais, arqueológicas, audiovisuais, biográficas, *etc* – são manuseadas pelo pesquisador depende diretamente do interesse em inquirir o que os objetos culturais “[...] revelam sobre as sociedades às quais eles pertencem e na criação de uma narrativa explicativa sobre o resultado de suas análises.” (PINSKY, 2011, p. 10)

Entendemos por fontes os vestígios deixados pelo homem, passíveis de análise, que tragam à luz aspectos do passado (ou mesmo do presente), que se insiram em determinado contexto e permitam a reconstrução de um fato histórico. Por isso, há duas considerações importantes que envolvem o historiador e suas fontes: ter sensibilidade para interpretar o que de fato está dado pelos próprios objetos pesquisados e evitar os anacronismos prejudiciais à construção de um discurso convincente.

Vale salientar que o contexto histórico e cultural de cada época determina a forma como as fontes devem ser manuseadas. No Século XIX, bem como nos anos iniciais do Século XX, o uso das fontes estava diretamente relacionado a uma tradição positivista, na qual a verdade dos fatos deveria ser apurada a qualquer custo por meio dos documentos. Com o passar dos anos, mais propriamente a partir do ano de 1970 (para tomar como exemplo nosso *corpus*), o estatuto da imprensa sofreu deslocamentos e os periódicos passaram a ser considerados importantes objetos para a pesquisa histórica (BARBOSA, 2007). Sendo assim, elegemos como fonte de nossa pesquisa os impressos protestante, no sentido de reunirem em si uma gama de informações que, por sua vez, permitem diagnosticar os fatos ocorridos em determinada época, extrair valores, compreender o contexto histórico e social, *etc.*

Nesse conjunto, **o jornal** é nosso principal objeto de pesquisa. A escolha justifica-se por tomarmos esse artefato cultural como um campo que não se faz neutro, antes se impõe como um instrumento de veiculação de interesses e de intervenção na vida social. Dessa forma, nos opomos às correntes que veem no jornal um mero veículo de informações ou transmissor imparcial dos acontecimentos. Interessa-nos, de modo fundamental, a relação dos jornais com o conteúdo literário. O imbricamento entre História e Literatura favoreceu múltiplas possibilidades de abordagem do jornal enquanto suporte que, especialmente no Dezenove brasileiro, exercia um caráter enciclopédico – o jornal servia para instruir, para deleitar, para formar opinião e até para consagrar autores e gêneros. Nesse sentido, concordamos com Socorro de F. P. Barbosa (2007, p. 40) que, em seus estudos, restitui ao jornal o seu valor como um espaço por excelência da circulação do literário:

[...] esses anônimos [autores não canonizados] entram em cena a partir do momento em que o periódico é tomado como suporte e fonte primária, por onde circularam várias vozes e vários discursos, em um pulsar heterogêneo e variado, que pode revelar múltiplas perspectivas de uma época e maneiras desiguais de se apropriar e de se aproximar da cultura escrita.

Assim, tomamos para fins de análise os jornais laicos em circulação na época, tais como *Correio Mercantil* (1834), *Jornal das Famílias* (1863), *Jornal do Recife* (1866) e ainda dos jornais religiosos da vertente católica a exemplo de *O Apóstolo* (1866) e o *Catholico Fluminense* (1838). Porém, em se tratando do periodicismo evangélico selecionamos o jornal *Imprensa Evangélica* (1864) considerando alguns aspectos que lhe dão especificidade. Em primeiro lugar, por se constituir o primeiro jornal efetivamente protestante em circulação no Brasil. Em segundo lugar, por verificarmos que o *Imprensa* foi o principal suporte veiculador de gêneros literários diversos, a exemplo de sermões, comentários bíblicos, hinos, poemas, contos, fábulas, doxologias, catecismos, entre outros, levando-nos a entender que a gênese da formação de um sistema literário protestante no Brasil se deu a partir das páginas desse periódico presbiteriano. E, por fim, a ampla divulgação de obras literárias apresentadas por meio da seção “anúncios” e em outras partes do jornal, o que nos forneceu pistas para a reconstrução das práticas leitoras evangélicas através da questão: “o que liam os evangélicos no Século XIX brasileiro?”

Os **folhetos**, **hinários** e **livros** foram tomados como significativos objetos de pesquisa na reconstrução das práticas leitoras evangélicas no Oitocentos. Nesses suportes, procuramos verificar as temáticas e discursos veiculados, a materialidade específica de cada um e a forma como essa interferia nos modos de ler, bem como os objetivos pretendidos pelos editores na publicação desses impressos.

Os **catálogos** das editoras e livrarias evangélicas estrangeiras, organizados no Dezenove, também se constituíram importantes fontes de pesquisa. Apesar da cultura editorial protestante ter uma implantação tardia no Brasil, o mesmo não ocorreu na Europa e nos Estados Unidos. O Século XVIII já era testemunha da circulação de periódicos, hinários, Bíblias, catecismos e folhetos de cunho evangélico nesses continentes. Assim, várias tipografias, casas editoriais e livrarias produziram e fizeram circular uma gama de material devocional e doutrinário que eram divulgados por meio desses catálogos (BROWN, 2004). Para o entendimento de alguns aspectos da Literatura Protestante e dos gêneros literários laicos por ela apropriados, nos valem os títulos divulgados em *A Catalogue of religious, scientific, illustrated, juvenile, and miscellaneous books* (1860), *A Selected Catalogue of Theological Works; embracing Church History, Christian Biography,*

Critical and Devotional Commentaries and Miscellaneous Religious Works (1862), *A General Catalogue of Books for sale at the Wesleyan Methodist Book Room* (1869), *General Catalogue or Stander Books, Sunday School Libraries for sale at Wesleyan Book Room* (1872), *Baptist Book and Tract Society's – Catalogue Books and Periodicals* (1884). O fato de esses catálogos estarem disponíveis *on-line*² possibilitou-nos a consulta para as devidas pesquisas.

1.2 Objetivos do trabalho e considerações teórico-metodológicas

Em termos gerais, nossa pesquisa pretendeu contribuir para a formação da história da leitura no Brasil a partir da investigação de artefatos culturais protestantes situados na segunda metade do Século XIX apropriando-se, para isso, do jornal como principal fonte e objeto de pesquisa.

Em termos específicos, nos dispomos a identificar e catalogar – ainda que parcialmente – os jornais evangélicos em circulação na segunda metade do Dezenove, suas respectivas denominações e as representações das comunidades de leitores que neles se portam. Foi nossa pretensão também descrever os gêneros literários dos quais os evangélicos apropriaram-se com a intenção de formar um conjunto textual de caráter utilitário por servir à propaganda evangélica e à instrução doutrinária de seus membros. Além disso, objetivamos analisar de forma mais detida o jornal *Imprensa Evangélica*, procurando verificar os principais gêneros textuais veiculados pela folha, apontando caminhos para futuras pesquisas que consistam na construção de um manual de referências dos textos evangélicos do referido período. Por fim, objetivamos reconstituir, ainda que parcialmente, a formação de um sistema literário protestante no Brasil oitocentista – considerando os critérios de autoria, tradução, leitor, editoração e obras – tomando para isso, os jornais, catálogos, livros e folhetos protestantes. Tomamos como norte para a verificação desse sistema, as reflexões propostas por Antonio Candido (1997) em relação à formação e aos componentes que o compõem.

² Disponível em: <www.archive.org>

A fim de que isso fosse possível, vertemos nosso olhar para além dos conceitos cristalizados apenas no valor do documento, apoiando-nos nas concepções teóricas da História Cultural. No dizer de Chartier (1990, p. 16,17), a História Cultural, tal como a tomamos, “[...] tem por principal objetivo identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler”. Adotar essa concepção teórica implica em considerar alguns pressupostos fundamentais: estar aberto ao diálogo com outras áreas do conhecimento, ampliar a noção de fontes para além dos documentos considerados oficiais, opor-se aos paradigmas da tradicional macro-história e focar o olhar nas micro-histórias, ou seja, considerar as opiniões de pessoas comuns sobre o seu passado.

Nesse sentido, a tríade *prática – representação – apropriação*, basilar aos estudos desenvolvidos por Roger Chartier (2004, 2009), é fundamental às nossas análises em se tratando de tomar os impressos evangélicos como objetos culturais e instrumentos de difusão de saberes e práticas religiosas. Chartier (1990, p. 22) compreende como práticas culturais “[...] a feitura de um livro, uma técnica artística ou uma modalidade de ensino”, mas também os modos como, em uma dada sociedade, “[...] os homens falam e se calam, comem e bebem, sentam-se e andam, conversam ou discutem, solidarizam-se ou hostilizam-se, morrem ou adoecem, tratam seus loucos ou recebem os estrangeiros.”

Assim, nossa pesquisa – que pretende reconstituir práticas sociais e culturais dos evangélicos no Brasil do Dezenove, especialmente as práticas leitoras – vale-se ainda do imbricamento entre as apropriações diferenciadas que os sujeitos ou os grupos sociais fazem dos textos, a representação de concepções e das comunidades de leitores que, por sua vez, se deixam configurar nos impressos analisados. Sobre esse imbricamento discute Chartier (2004, p.13):

Pensar as práticas culturais em relação de apropriações diferenciais autoriza também a não considerar como totalmente eficazes e radicalmente aculturantes os textos, as falas ou os exemplos que visam moldar os pensamentos e as condutas da maioria. Além disso, essas práticas são criadoras de usos ou de representações que não são absolutamente redutíveis às vontades dos produtores de discursos e de normas. Portanto, o ato de leitura não pode de maneira nenhuma ser anulado no próprio texto, nem os comportamentos vividos nas interdições e nos preceitos que pretendem regulamentá-los. A aceitação dos modelos e das mensagens propostas opera-se por meio dos

arranjos, dos desvios, às vezes das resistências, que manifestam a singularidade de cada apropriação.

O suporte em que circulam os textos e os aspectos que envolvem a materialidade dos impressos é também um viés considerável para obtenção de nossos objetivos. Deste modo, os pressupostos de Chartier – obtidos originalmente a partir da obra de Mackenzie (2004) – demonstram que a forma material dos textos determina os sentidos que deles se extraem. Isso implica em compreender que, ao ser um texto traduzido, reproduzido, adaptado, *etc*, para ser veiculado em determinado suporte pode, então, assumir sentidos outros, muitos dos quais não estavam previstos por seus autores originais. É o que acontece, por exemplo, com os gêneros literários laicos que, sendo apropriados pelos editores protestantes, adquirem funções e sentidos variados a partir dos suportes a que se dão a circular. Norteados pelas perspectivas da história do livro e da leitura pensamos ser, então, indispensável considerar os jornais, os folhetos, hinários, e demais impressos pesquisados a partir de suas formas, sua encadernação e os demais aspectos físicos que lhes atribuem especificidade. Objetivando restituir aos documentos a sua historicidade, concordamos com os olhares propostos por Mirianne Almeida (2010, p. 19):

Olhar o impresso por dentro, buscando no texto as mensagens expressas, indícios das maneiras como eram transmitidas, considerando a materialidade dos títulos e os conteúdos veiculados, reflete o entendimento acerca dos impressos como elementos de difusão de saberes e práticas [...]. Olhar o impresso por fora, buscando características materiais, exige atenção quanto ao título, autor, editor, quantidade de páginas, local de publicação, presença ou ausência de ilustração, características gerais das capas e frontispícios, disposição gráfica da primeira página entre outros aspectos [...].

Em se tratando especificamente do suporte jornal e sua relação com a Literatura, os estudos de Socorro de F. P. Barbosa (2007) se constituíram não apenas um referencial teórico de nossa pesquisa, mas também um paradigma metodológico para a análise do literário nos periódicos. Isso porque a maioria dos trabalhos que se dedicam à análise de periódicos protestantes (em se tratando de nossa temática) limitam-se apenas a uma vertente descritiva. Assim, a autora aborda a concepção de literatura inerente ao Século

XIX, a linguagem dos jornais e a constituição de gêneros literários por meio desse suporte. Além disso, propõe uma arqueologia dos modos de circulação dos livros e da leitura através das notícias literárias e dos anúncios veiculados nos periódicos oitocentistas. Procuramos considerar ainda a observação da pesquisadora: “[...] o que foi produzido nos periódicos – inclusive o literário – não pode ser despregado do presente daquela enunciação e lido em uma perspectiva de transparência com a referencialidade.” (2007, p. 64) Isso significa dizer que os gêneros e matérias veiculados por determinado periódico foram constituídos a partir de assuntos e abordagens tratadas pelo próprio periódico que abriga aquele texto específico, o que sugere estarem os textos em diálogo constante com as outras formas discursivas e com o presente de sua enunciação.

Tania de Luca (2011, 2012) e Ana Luiza Martins (2012), por sua vez, nos ofereceram interessantes reflexões sobre a imprensa e sua relação direta com a trajetória política, econômica, social e cultural do país. Tânia de Luca (2011, p. 129), em específico, aponta para a possibilidade da construção histórica através dos periódicos corroborando “[...] a riqueza da fonte periódica e suas múltiplas possibilidades de abordagem.” Direciona ainda o pesquisador para as funções sociais dos impressos e aconselha que “[...] historicizar a fonte requer ter em conta, portanto, as condições técnicas de produção vigentes e a averiguação, dentre tudo o que se dispunha, do que foi escolhido e por quê.” (*idem*, p. 132). O pesquisador deve se colocar ante sua fonte consciente de que nada há de gratuito.

Candy G. Brown (2004) apresentou-se como importante norte teórico-metodológico ao abordar as práticas culturais evangélicas e os critérios de escrita, publicação e leitores no contexto norte americano entre os anos de 1789 a 1880. Suas análises sobre os ideais da imprensa evangélica e a forma como os editores protestantes se apropriaram dos gêneros e artifícios literários laicos, a fim de inundarem o mercado editorial com textos sagrados, foram fundamentais para a compreensão do estabelecimento de uma cultura editorial evangélica no Dezenove. Por sua vez, as pesquisas de Ian Green (2000) abordam as questões sobre imprensa e os gêneros textuais protestantes no contexto inglês modernista. O autor analisa as apropriações dos textos

pelo viés da história cultural e seus pressupostos. Ambas as obras foram fundamentais às nossas abordagens teóricas.

As pesquisas de João Leonel Ferreira (2010), em especial sua obra *História da Leitura e Protestantismo Brasileiro*, oferecem um novo norte metodológico e analítico ao aliar a produção literária protestante aos referenciais teóricos da História da Leitura. Fundamentado nas concepções de Roger Chartier e Paul Ricoeur sobre texto e leitor, o autor aborda alguns aspectos das práticas leitoras protestantes em meados dos Oitocentos, como também analisa a liturgia dos cultos na contemporaneidade, extraindo sentidos do uso do impresso nas reuniões evangélicas.

Entre os pesquisadores que investigam os aspectos da produção, circulação e uso dos impressos, utilizamos dos estudos de Márcia Abreu (2003), Aníbal Bragança (2010) e Nelson Schapochnik (1999). Essas leituras nos foram proveitosas no sentido de fornecer perspectivas sobre temas tais como práticas de leitura, história da imprensa no Brasil, análise de impressos e as apropriações desses por parte dos leitores. Especificamente na obra *Leitura, História e História da Leitura*, organizada por Márcia Abreu (1999) pudemos observar alguns caminhos teórico-metodológicos a quem se propõe lidar com prática leitora e sua história, conforme sinalizado pela autora (p. 15):

O repúdio ou o estímulo à leitura só podem ser bem compreendidos se forem examinados os objetos que se tomam para ler e sua relação com questões políticas estéticas, morais ou religiosas nos diferentes tempos e lugares em que homens e mulheres, sozinhos ou acompanhados, debruçaram-se sobre os textos escritos. A leitura não é prática neutra. Ela é campo de disputa, é espaço de poder.

Em relação aos procedimentos metodológicos, adotamos o *método qualitativo*, descrevendo e qualificando os dados obtidos. Entendemos, junto com Richardson (1999, p. 80), que “[...] a abordagem qualitativa permite compreender e classificar processos dinâmicos vividos por grupos sociais”, pressuposto que se relaciona aos objetivos pretendidos no trabalho junto aos impressos protestantes.

Há de se considerar, ainda, a questão de estar desenvolvendo uma pesquisa histórica. Isso significa que nossa tarefa, enquanto historiadores, não é meramente

produzir descrições factuais, mas novos conhecimentos, propor novos caminhos, compreender os fenômenos históricos e dar a conhecer o desenvolvimento desses. Ao historiador cabe, então, “[...] localizar, avaliar, e sintetizar sistemática e objetivamente as provas para estabelecer os fatos e obter conclusões referentes aos acontecimentos do passado.” (SILVA, 2011, p. 23)

Dito isso, nos apropriamos da *análise documental* como técnica para obtenção das considerações escritas. Essa técnica permite ao historiador inferir juízo de valor aos documentos, bem como permite se extrair dos documentos os valores, os sentimentos, as intenções de quem o escreveu e os *protocolos de leitura*³ disseminados ao longo dos textos (no nosso caso dos impressos protestantes) por autores e editores, que visam condicionar a interpretação aos sentidos pré-estabelecidos. A partir da análise documental, também, é possível identificarmos a representação das comunidades de leitores que se apropriaram dos textos para certos fins.

Procuramos nos utilizar dessa técnica respeitando as fontes investigadas, a fim de não tolherem-se os sentidos dos discursos que permeiam os textos. Em relação a isso, dois cuidados foram observados no manuseio dos objetos investigados. O primeiro diz respeito à compreensão gráfica dos textos, em relação aos critérios ortográficos e tipográficos da época. No decorrer da análise, optamos por manter a grafia original dos textos por partirmos da concepção de que as fontes devem ser analisadas o mais próximo possível de seu estado original. Apenas o título do jornal que adotamos por objeto principal teve sua grafia atualizada (“*Imprensa Evangelica*” passou a ser acentuada no decorrer de toda a tese – “*Imprensa Evangélica*”). Outro cuidado diz respeito a considerar as “*legibilidades verossímeis*” dos objetos. Essa expressão, utilizada por Álcir Pécora (2001), significa, na perspectiva histórica, propor aos objetos impressos (no nosso caso) suas legibilidades passadas, verossímeis em seus resíduos textuais, conservadas no presente com a finalidade de se evitar a desistoricização e os anacronismos prejudiciais à compreensão coerente das fontes. Em outras palavras, seria respeitar os

³ Nos estudos sobre a leitura e suas práticas, Roger Chartier (2009, p. 10, 11) faz uso da expressão como sendo os vestígios importantes para a constituição das atitudes das práticas passadas do ato de ler e podem ser tomados como: “os elementos que determinado autor dissemina pelo texto de modo a assegurar ou ao menos indicar a correta interpretação que se deveria dar a ele” e “o que se produz na própria matéria tipográfica, em geral de responsabilidade do editor, de modo a favorecer certa extensão da leitura e caracterizar o seu ‘leitor ideal’, que não precisa assemelhar-se àquele originariamente suposto pelo autor”.

condicionamentos históricos e culturais de determinado texto, dentro dos pressupostos da época em que foi produzido e dado a ler.

Parcialmente conscientes dos procedimentos metodológicos a serem adotados, partimos em busca de nossas fontes a fim de reunirmos o material necessário às análises. Em meados de 2012, participamos do Programa de Bolsas e Auxílios do CNPq (Sanduíche no País), que nos proporcionou uma maior aproximação dos centros de arquivos protestantes sem os quais seria inviável a pesquisa. No Centro de Documentação e História Rev. Vicente Themudo Lessa, localizado na Primeira Igreja Presbiteriana Independente em São Paulo, pudemos encontrar um significativo conjunto de impressos que envolviam periódicos diversos em circulação no Século XIX e no Século XX. Inclusive, jornais que pertenciam não apenas à denominação presbiteriana, mas também originários de outras denominações. Além disso, encontram-se no acervo muitos livros evangélicos em língua portuguesa e também em outras línguas que nos concederam algumas pistas do que era lido pelos protestantes oitocentistas. Também nesse centro encontra-se a *Coleção Folhetos Evangélicos*, a qual se constitui de 644 títulos editados entre os anos de 1860 e 1938, que haviam pertencido ao Rev. Lessa sendo por ele encadernados e organizados.

O Arquivo Histórico Presbiteriano, vinculado à Igreja Presbiteriana do Brasil e localizado em Campo Belo (São Paulo), reúne em seu acervo uma série de documentos reveladores, a exemplo de: atas e registros que, por sua vez, tratavam da ação propagandística evangélica, bem como de questões administrativas e litúrgicas; a coleção completa de jornais como o *Imprensa Evangélica* (1864) e *O Puritano* (1899) e outros periódicos; uma quantidade significativa de folhetos e livros protestantes que integram o marco temporal de nossas pesquisas.

A Biblioteca John M. Keil, localizada no Seminário Presbiteriano do Sul em Campinas (SP), também foi alvo de nossas pesquisas. Nesta, reunimos um excelente material sobre a história do Protestantismo no Brasil. No mesmo complexo, pudemos visitar a exposição *Assinaturas de Valor*, que ocorreu no Museu Presbiteriano Rev. Júlio Andrade Ferreira. Nesta exposição, tivemos contatos com obras raras do Século XIX, assinadas por importantes nomes que representaram a ação evangélica, do ponto de vista

educacional e missionário, no Brasil. Também no Museu, importantes documentos, tais como atas e diários dos viajantes protestantes oitocentistas puderam ser analisados. Essa atividade serviu para respaldar nossas hipóteses em relação à história da leitura protestante e, inclusive, forneceu informações sobre a pretensão do Rev. Ashbel G. Simonton em fundar o Jornal *Imprensa Evangelica*, o principal *corpus* de nossa pesquisa.

Ainda na cidade de Campinas, desenvolvemos pesquisa junto à *Associação Basileia*, que contém um significativo acervo composto por obras protestantes do Século XIX – jornais, livros, revistas, diários de missionários e viajantes evangélicos, fotografias, cartas, etc. Destacamos, dentre os impressos pesquisados, a coleção completa do jornal congregacional *O Christão* (1892), uma das edições do livro escrito por Sara Kalley *A Alegria da casa* e um diário do Rev. Robert R. Kalley.

Algumas das fontes também puderam ser encontradas na Biblioteca Fernandes Braga, localizada nas dependências da Primeira Igreja Evangélica Fluminense – documentos e atas que remetem à história da denominação Congregacional, bem como diários e anotações do casal Kalley. Foi possível encontrarmos ainda periódicos evangélicos do Dezenove, a exemplo dos jornais *O Bíblia* (1890), *O Christão* (1892), entre outros e alguns livros protestantes do Século XIX.

Entre as instituições laicas, pudemos desenvolver pesquisas *in locu* junto à Fundação Biblioteca Nacional (BN) e o Real Gabinete Português de Leitura, ambos no Rio de Janeiro. Buscamos verificar materiais historiográficos e literários que tratassem sobre o Protestantismo no Oitocentos brasileiro. Em especial, destacamos a importância do setor de periódicos da BN, onde pudemos encontrar periódicos religiosos que datam da primeira metade do Século XIX, a exemplo de *O Catholico* (1838) e *O Catholico Fluminense* (1838). Em relação ao acervo digital, muitos periódicos importantes às nossas análises puderam ser encontrados na Hemeroteca Digital Brasileira⁴ disponível no site oficial da BN. A Fundação Joaquim Nabuco (Recife, PE), por sua vez, nos possibilitou o acesso a diversos números de jornais laicos, a exemplo do *Jornal do Recife* (1859), dos quais pudemos colher importantes artigos, que envolviam as polêmicas entre protestantes e católicos sobre direitos civis e livre leitura da Bíblia. Também nessa instituição,

⁴ Disponível em: <hemerotecadigital.bn.br>

encontramos números do periódico evangélico *Salvação de Graça* (1875) o qual, sendo impresso em Londres, destinava-se ao público leitor brasileiro.

Desses centros de arquivos, museus e bibliotecas, reunimos um conjunto de impressos protestantes e, em alguns casos, também de impressos laicos, que faziam menção à ação propagandística evangélica. Na grande maioria, foi permitido fotografar os documentos, quando não, transcrevíamos os trechos que julgávamos importantes para a construção das futuras análises. Em se tratando dos impressos protestantes, procuramos limitar nossas pesquisas aos jornais e a alguns títulos de folhetos e livros, a fim de não perdermos o foco, considerando a ampla gama de material impresso encontrados nos arquivos.

Em seguida, passamos a situar o conjunto das publicações reunidas na história da imprensa. Especificamente, em relação aos periódicos protestantes pesquisados procuramos investigá-los como pertencentes a uma série com características materiais e temáticas análogas, lembrando que “[...] a fonte não se constitui um objeto único e isolado” (LUCA, 2011, p. 139). Não apenas relacionamos os jornais evangélicos oitocentistas entre si, como também os relacionamos com os jornais laicos que lhes foram contemporâneos na tentativa de identificarmos as estratégias editoriais seculares das quais se valeram os editores evangélicos para promoverem um conjunto de impressos religiosos.

Feito isso, nos detivemos na análise dos conteúdos e dos idealizadores que fomentaram os discursos encontrados em nossos objetos impressos. Sabendo que “[...] a imprensa periódica seleciona, ordena, estrutura e narra, de uma determinada forma, aquilo que se elegeu como digno de chegar até ao público” (*idem*), nada do que consta nos impressos é gratuito. Sendo assim, atentamos para os grupos responsáveis pela linha editorial, a escolha dos títulos, os colaboradores mais assíduos, as assuntos abordados aliados ao aspecto material e às ilustrações, como também as motivações que levaram os editores evangélicos a tornarem seus textos públicos.

Na tentativa de contribuir para a construção da história da leitura protestante a partir do Dezenove, procuramos, por fim, nos deixar guiar pelas propostas de Darton (1986) ao considerar que é possível responder a questões mais objetivas como *quem, o quê*

e *onde* se lia, porém, a problemática estaria em contemplar coerentemente questões mais subjetivas, a exemplo de *como* e *por que* se lia. Em busca dessas respostas, mesmo conscientes de que o esboço de uma história das práticas de leitura protestante no Brasil será sempre lacunar, seguimos os passos propostos pelo referido historiador.

Em primeiro lugar, procuramos *buscar informações traçando o perfil-leitor por meio dos arquivos*. Considerando que a “atividade leitora não é a mesma para todos em todos os lugares”, procuramos verificar as representações de leitores a partir dos impressos evangélicos, entendendo, junto com Darton (1986), que a carga de significados possíveis que se atribui ao texto varia de acordo com o leitor e com os pressupostos do tempo no qual está sendo lido.

Um segundo passo constitui-se em *observar os espaços de leitura*, ou seja, reconstituir onde se davam as práticas de leitura. No caso das nossas pesquisas, a leitura evangélica se dava nos lares por meio dos tradicionais “cultos domésticos”, nos quais as famílias se reuniam para ler porções bíblicas, catecismos e cantar hinos. As escolas organizadas pelos missionários, geralmente vinculadas às igrejas, se constituíam outro espaço de socialização dos textos evangélicos. As próprias igrejas e até os navios (em se tratando das ações específicas de evangelização dos marinheiros) se constituíam espaços de leitura, nos quais se formavam redes de sociabilidade baseadas na palavra impressa.

Por fim, um terceiro passo sugerido por Darton, que procuramos observar em nossos procedimentos metodológicos, consiste em considerar *os modos como se dá a leitura*. Há, então, de se reconhecer os objetivos de se ler. Como os evangélicos concebiam o ato de ler? Por exemplo, a prática litúrgica da leitura bíblica em voz alta favorecia a socialização do texto atribuindo à leitura uma dupla ação: ver e ouvir. Os textos evangélicos eram lidos de forma silenciosa em atos de devoção individuais, como também, em outras situações, eram musicados e cantados nas igrejas durante os cultos. Rever, pois, como esses modos influenciam o hábito da leitura é um requisito significativo aos seus historiadores.

1.3 A composição do trabalho

O trabalho está organizado em quatro capítulos. O primeiro capítulo, ***Literatura protestante: sobre leitura, leitores e gêneros***, procura expor algumas concepções sobre o que seja uma literatura evangélica e os critérios que lhe dão especificidade, a exemplo de seu caráter utilitarista e propagandístico dos valores cristãos. Em seguida, procuramos expor, conceituar e ilustrar – a partir dos catálogos oitocentistas pesquisados – o conjunto de gêneros literários laicos que foram apropriados pela cultura editorial evangélica e disseminados nos suportes impressos. Nesse capítulo, verificamos também o modo como a gênese de um sistema literário protestante no Brasil deu-se amparado nos moldes literários religiosos anglo-americanos.

O segundo capítulo, ***Periodicismo e fé: o jornal protestante no Oitocentos***, se dedica de forma específica ao jornal enquanto fonte primária e objeto principal de nossas pesquisas. Assim, procuramos verificar a presença do discurso evangélico inicialmente nos jornais laicos, em circulação da Corte e nas províncias, e os entraves religiosos ocorridos entre católicos e protestantes nesses periódicos. Verificamos ainda o modo como os evangélicos se apropriaram dos modelos e artifícios da imprensa laica para editarem e fazerem publicar seus próprios jornais. Nesse capítulo, encontram-se também catalogados parte dos jornais protestantes em circulação no Brasil (que nos foram possíveis identificar), na segunda metade do Século XIX, a partir do primeiro jornal efetivamente protestante, o *Imprensa Evangélica*, até os que foram sendo estabelecidos em fins do século a partir dos critérios de funcionalidade, circulação e apropriação desses periódicos religiosos.

No terceiro capítulo, ***O jornal laico e o jornal protestante: entre modelos e relações***, procuramos analisar mais detidamente as relações entre o jornal laico e o jornal protestante, tomando como principal objeto de comparação o jornal *Imprensa Evangélica*. Essa parte da pesquisa se propõe à investigação comparativa, a fim de mostrar como o periodismo evangélico estava em consonância com os modelos editoriais laicos, o que lhe permitia integrar a forma de fazer imprensa periódica no Oitocentos. Para isso, apresentamos a história editorial do *Imprensa*, realizamos um levantamento dos principais

gêneros literários vinculados em números de diferentes fases desse jornal e dedicamos uma abordagem mais detida ao *romance folhetim* evangélico e sua funcionalidade no suporte em questão.

Finalmente, no quarto capítulo ***A formação do sistema literário protestante no Brasil Império***, procuramos contextualizar a relação entre imprensa e protestantismo e a forma como os missionários protestantes se apropriaram dessa relação para divulgação de impressos religiosos no país. Em seguida, argumentamos sobre a formação de um sistema literário por parte dos evangélicos, mais propriamente no período imperial, focando nossas análises nos principais elementos formadores desse sistema – autoria, tradução, leitor, editoração e obras. Nossa pretensão nesse capítulo foi reconstituir, ainda que de forma parcial, a gênese da cultura literária evangélica no Brasil do Dezenove, apontando caminhos para a pesquisa em uma área do saber histórico que se mostra promissora a quem a pretende investigar.

2 LITERATURA PROTESTANTE: SOBRE LEITURA, LEITORES E GÊNEROS

O Século XIX se constituiu um período de grande efervescência cultural, religiosa e social provocando um intercâmbio de ideias e escritos entre o Velho e o Novo Continente. O Século XVI já era testemunha desse intercâmbio a partir das viagens dos espanhóis e portugueses pelo globo, que veio a se intensificar nos Oitocentos. Nesse período, livros e demais impressos começaram a circular, originando uma forma especial de conexão entre as pessoas em diferentes partes do Mundo. No contexto brasileiro, “[...] o liberalismo do Império, tão pronto a reconhecer o mérito individual, era favorável aos recém-vindos” (FREYRE, 2008, p. 65) e isso se aplica aos protestantes e a sua consequente produção impressa, de cunho religioso, centrada em seus ideais propagandísticos, moralizantes e apoloéticos.

O protestantismo sempre foi compreendido historicamente como uma “religião da palavra”. Para além da própria Reforma Protestante, já havia, no contexto judaico-cristão, uma prática leitora e literária que partiu da cultura oral e se aprimorou com o surgimento da imprensa. O presente capítulo pretende, portanto, verificar algumas nuances do que se pode considerar como Literatura Protestante, sua intencionalidade e utilitarismo, suas representações e gêneros.

Há de se considerar, para além dos aspectos conceituais, a formação de um sistema literário protestante no Brasil que – num primeiro momento – buscou na produção evangélica literária europeia e norte-americana seus modelos fundamentais. A revisão dessa história é fundamental para chegarmos ao objeto de análise de nossa pesquisa, os objetos e práticas de leitura evangélica no Brasil dos Oitocentos.

Porém, não é nossa pretensão tratar do conjunto histórico/literário protestante desde o que se considera seu marco inicial (o movimento Luterano) até o Século XIX.

Assim, há de se verificar, por ora, questões mais visíveis sobre os modelos e temáticas que deram feição à produção ficcional evangélica, além dos gêneros tradicionais adotados da literatura laica para servirem aos ideais evangélicos.

2.1 Literatura Protestante – fé e utilitarismo

Abordar a produção literária protestante implica observar alguns traços que a distinguem enquanto *literatura* e que, de certa forma, norteiam as práticas leitoras aplicadas ao seu conjunto. Os manuais literários costumam apresentar as definições para o que seja *literatura*, seu estado enquanto arte e técnica, a *forma mentis* de determinadas épocas e os aspectos socioculturais representados pelos textos literários. Porém, pelo que se pode verificar, nenhum tratamento é dispensado ao conjunto da produção literária religiosa protestante. O mesmo não ocorre com os poemas e outros gêneros católicos, tais como sermões e cartas. Isso fica comprovado, ao menos no contexto português, na apresentação e discussão de textos dos padres José de Anchieta e Antônio Vieira tomados como literários.

Vale salientar que, ao mesmo tempo em que o conteúdo literário secular era produzido, produzia-se também, de forma paralela, um conteúdo literário evangélico, composto por diversos gêneros que serão elencados e exemplificados mais adiante. Isso não significa dizer que o protestantismo e sua prática escriturística estabeleceram novos gêneros literários, ao contrário, valeram-se desses para veicular suas ideologias. Para compreender a expressão *Literatura Protestante* é necessário compreender também os termos que a compõe. Apropriamo-nos da reflexão proposta por Antonio Candido (1997, p. 23) quando, ao apresentar o sentido para o termo “formação” de um sistema literário, entende a *literatura* como:

[...] um sistema de obras ligadas por denominadores comuns numa fase. Estes denominadores são, além das características internas, (língua, temas, imagens), certos elementos de natureza social e psíquica, embora literariamente organizados, que se manifestam historicamente e fazem da literatura aspecto orgânico da civilização. Entre eles se distinguem: a existência de um conjunto de produtores literários, mais ou menos conscientes de seu papel; um conjunto de receptores, formando os diferentes tipos de público, sem os quais a obra não vive; um mecanismo transmissor, (de modo geral, uma linguagem traduzida em estilos), que liga uns aos outros.

Por sua vez, Itamar Even-Zohar (2013, p. 30) atribui a sistema literário todos os fatores implicados no conjunto de atividades a que a “etiqueta” literária pode se aplicar com maior conveniência que qualquer outra, sendo a interdependência entre esses fatores o que os permite funcionar. Assim, propõe como elementos desse sistema *o produtor* (o escritor); *o consumidor* (o leitor); *a instituição* (o conjunto de fatores implicados na manutenção da literatura como atividade sócio-cultural a exemplo de críticos, casas editoriais, periódicos, clubes, corporações do governo como academias e gabinetes); *o mercado* (fatores envolvidos no comércio de produtos literários); *o repertório* (as regras e materiais que regem tanto a confecção como o uso de qualquer produto); *o produto* (a obra também tomada como “qualquer conjunto de signos realizado”) (*idem*, p. 32 – 41).

Conforme exposto acima, e considerando os componentes citados por Candido e Even-Zohar que, integrados entre si, formam um sistema literário, não há dúvidas de que a produção ficcional protestante pode ser considerada *Literatura*, no sentido artístico do termo. De fato, a apropriação que se faz da Bíblia e de outras obras protestantes apenas por uma perspectiva da tradição teológico-religiosa, tende a destituir o conjunto literário evangélico do *status* de objeto da crítica literária, restringindo sua análise aos meios e fins religiosos. Vale salientar, porém, que a Bíblia – e por extensão os textos que dela se alimentam – tem sido alvo de diversos teóricos literários brasileiros e principalmente estrangeiros⁵.

Em artigo intitulado a “A Bíblia como literatura – lendo as narrativas bíblicas”, João Leonel Ferreira (2009) apresenta um quadro de diversos teóricos que abordam a Bíblia na perspectiva literária e informa que esse conjunto teórico pode ser dividido em dois grupos: No primeiro estão os teólogos e biblistas que utilizam a teoria literária, em uma perspectiva técnica ou mais popular, para a análise de textos bíblicos. No outro grupo estão os críticos e teóricos literários que fazem incursões pela literatura bíblica utilizando seus instrumentos de análise. O mais representativo deles hoje talvez seja o crítico canadense Northrop Frye (2004) que, no livro *O Código dos códigos. A Bíblia e a*

⁵ São exemplos destes autores: ABADÍA (2000); ALTER (2007); CASTELLI (1995); GANBEL & WHELEER (1993); ALTER & KERMODE (1997); SILVA (2007).

Literatura, lançado originalmente em 1981, percebendo a influência exercida pela Bíblia na literatura ocidental, procurou descobrir nesse clássico as qualidades literárias que justificam tal influência.

Sobre a concepção de Literatura tomada neste trabalho, é necessário que se faça alguma consideração. É comum olharmos para o que se convencionou chamar de “*Literatura*”, tendendo a universalizar os critérios estéticos literários condicionados por padrões iluministas tais como de “autoria”, “autonomia estética”, “originalidade”, “inspiração pessoal”. Sabe-se, porém, que o termo *Literatura* não apresentou um significado homogêneo no decorrer do tempo⁶. Assim, há de se considerar que a instância “literatura” entendida como sendo um novo regime discursivo, que por sua vez se opõe a outros regimes tais como ciência, filosofia e história, não pode ser atribuída aos escritos anteriores ao Século XIX (HANSEN, 1995). Compartilha da mesma opinião Socorro Vilar (2004, p. 127, 128) ao observar que:

[...] até mesmo o termo literatura, empregado para a toda a produção anterior aos românticos, se constitui em anacronismo, haja vista que a produção anterior a esse período era regida pela retórica, e a palavra literatura não designava um objeto esteticamente constituído.

Em relação ao termo *Protestante*, concordamos com Ian Green (2000, p. 09) ao afirmar que “[...] definir uma publicação religiosa é sempre problemático”. O autor questiona: O fato de se incluir, por exemplo, “[...] qualquer jornal, panfleto ou verso exultando a derrota de A Armada, o Jogo Espanhol, ou o Enredo Papista lhes daria o direito de ser protestante ou ergo religiosa?” Ou “[...] afirmar que determinado trabalho era mais político do que religioso, estaria mais voltado para informação do que para edificação?” Ou ainda poderia se incluir no conjunto de literatura religiosa “qualquer trabalho que proclama uma intenção piedosa ou faz uso de linguagem devocional, mesmo que sua função fosse ensinar as pessoas regras de gramática ou a arte de cozinhar ou os afazeres domésticos?”⁷

⁶ Pode-se ainda encontrar uma explicação mais detalhada sobre apropriação do referido termo nos estudos de Márcia Abreu em texto intitulado “Letras, Boas Letras, Belas Letras”. In: BOLIGNINI, Carmem Zink (org.), 2003. p. 11-69.

⁷ “Definition of a ‘religious’ publication is always problematic. Do we, for example, include any newspaper, pamphlet, or verse exulting at the defeat of the Armada, the Spanish Match, or the Popish Plot on the grounds that it

A fim de resolver esses conflitos, Green (2000, p. 09,10) adota um conceito sobre “produção religiosa protestante” como sendo aquela na qual “o principal objetivo dos escritores e editores” pareçam “cair” em uma ou mais das três categorias: 1) *Expressar uma declaração pessoal de fé*; 2) *Transmitir informações doutrinárias e eclesiais do que se pretende ser um modelo protestante*; 3) *Exortar ou tentar ajudar outros a adotar o que era considerado como uma forma correta de conduta cristã*.⁸

De fato, as publicações protestantes, mesmo as anteriores ao Século XIX, enquadram-se claramente nestas três categorias. Assim, seja qual fosse o gênero transmissor do discurso evangélico adotado – panfletos, livretos, poemas, sermões, hinários, *etc*, para não citar as artes visuais como pinturas e xilografias – todos eram meios através dos quais *a declaração de fé, a doutrina e a exortação à conduta cristã exemplar* eram legíveis aos olhos “e aos ouvidos” condicionados ao conteúdo religioso evangélico. Nesse sentido, a produção literária protestante se reveste de um caráter utilitário, relacionado às questões de propaganda da fé evangélica.

É o que se pode verificar, por exemplo, na capa do periódico “*The Christian’s Penny Magazine*”, uma miscelânea semanal, “adequada a cada denominação cristã”, impressa em Londres no ano de 1832 (Cf. Figura 1). A gravura é bastante representativa das características que permeiam a produção impressa protestante. Apresentam-se em uma rocha de nome sugestivo (“verdade”) as imagens dos ícones da Reforma – “Lutero no centro, Cranmer a sua direita e Jhon Knox a sua esquerda e, por fim, Calvino à extrema direita”. Cada um deles trazendo em suas mãos “um manuscrito ou impresso da Palavra de Deus”, denotando, assim, “a verdade da doutrina dos Oráculos Divinos”. Abaixo, se verifica algumas personagens caricaturais do catolicismo envolvidos pelo que se denomina “as ondas do erro”⁹.

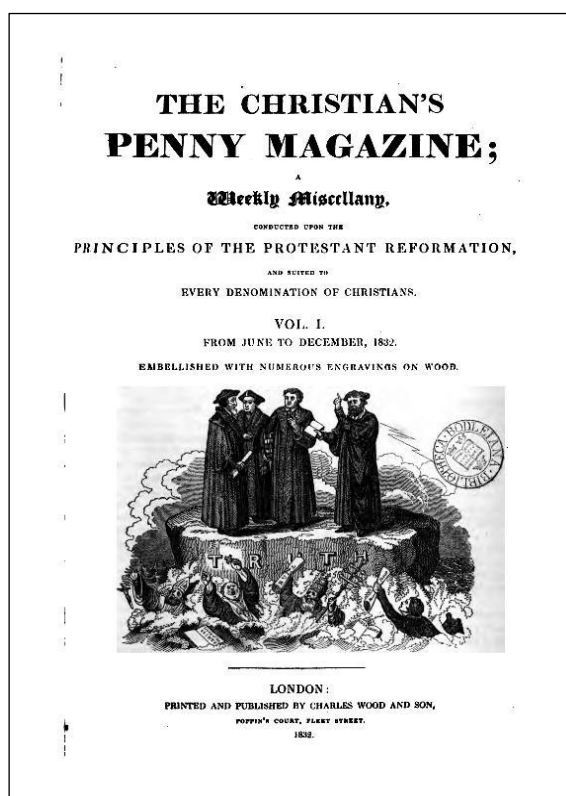
is anti-Catholic and therefore Protestant and ergo religious? Or do you say such a work was more political than religious, more for information than edification? Equally do we include any work which proclaims a pious intent or use devotional language, even if its main function was to teach people the rules of grammar or the art of cooking or husbandry?” (p. 09)

⁸ “The definition of religion adopted here is a work in which the author’s or editor’s main purpose seemed (to me) to fall into one or more of three categories: to Express a personal statement of faith; to impart doctrinal or ecclesiastical information of what was intended to be a Protestant kind; and to exhort or to try to help others to adopt what were considered to be the correct forms of Christians conduct.”

⁹ A explicação para a gravura do frontispício em questão se encontra na íntegra em parágrafo intitulado “*Explanation of the Vignette of the title page*”, logo após o prefácio do periódico no qual originalmente se lê: “The four figures in the Vignette are intended to represent the chief PROTESTANT REFORMERS; Luther in the centre, Cranmer on his

O caráter pragmático e utilitário das produções protestantes, claramente representado no frontispício descrito acima, deixa-se imprimir nos gêneros surgidos e divulgados pela cultura impressa evangélica que, transportada da Europa à Nova América, chega ao Brasil em meados dos Oitocentos, estabelecendo *protocolos de leitura*¹⁰. Esses são responsáveis por guiar as práticas leitoras evangélicas e fornecer um modelo escriturístico, fundamentado no *topos* bíblico da “peregrinação”. Temática, inclusive, muito cara aos protestantes de todos os tempos que costumam se apropriar desta metáfora bíblica para definirem seu *status* de “peregrinos na Terra a caminho do Céu”.

Figura 01 – Periódico protestante inglês “*The Christian’s Penny Magazine*” (1832)



Fonte: <www.archive.org>

right hand, Knox on his left, and Calvin on his extreme right: each holding in his hand a manuscript or printed copy of the Word of God. The Rock on which they are standing, is intended to denote the TRUTH of the doctrine of the Divine Oracles; on which, as on an immutable Rock, the Reformers rested all their claims, in laboring to restore pure Christianity. Around the Rock of Truth, the waves of Error and Superstition are seen dashing.” (In: *The Christian’s Penny Magazine*, 1852, s/página). (Grifos do editor).

¹⁰ Em relação aos *protocolos de leitura*, nos apropriamos de Chartier (2009) que os considera importantes para “[...] a reconstrução das atitudes antigas das práticas do ato ler”. Interessa-nos, aqui, a concepção destes como “os elementos que determinado autor dissemina pelo texto de modo a assegurar ou ao menos indicar a correta interpretação que se deveria dá-lo”.

2.2 Uma herança literária – a tradição anglo-americana dos modelos impressos protestantes

Analisando os hábitos de leitura na França do Antigo Regime, Chartier (2004, p. 91) expõe que, embora a alfabetização fosse apenas minoritária e que a palavra e a imagem permanecessem essenciais, o escrito impresso desenvolvia um papel de primeira importância na circulação dos modelos culturais. Ainda que muitos não pudessem ler sem mediação, a cultura da maioria passou a ser penetrada pelo livro que, por sua vez, “[...] impõe suas normas novas, mas também autoriza usos próprios, livres, autônomos”.

Os livros religiosos destacam-se como objeto de desejo e de posse por parte dos leitores. Ler não era apenas um privilégio destinado aos clérigos, oficiais, homens de lei e demais nobres, mas aos populares que podem ser identificados como “os camponeses, os operários, os mestres de ofícios, os mercadores, *etc*” (*idem*, p. 92). De acordo com pesquisas realizadas a partir de inventários, Chartier demonstra que as leituras entre os populares se encontravam limitadas por dois horizontes – o da *profissão* e o da *religião*. Em torno desta última, creditava-se, porém, as maiores demandas. Estabelece-se, então, a partir do Século XVI, “o primado do religioso”.

Considerando que, na população urbana, o uso do escrito pode ser às vezes coletivo ou mediado por uma leitura em voz alta, três lugares sociais, que correspondem a três experiências fundamentais da existência popular, parecem privilegiados para o manuseio do livro: as oficinas ou lojas onde os livros de técnicas familiares podem ser consultados pelo mestre e seus meninos, a fim de se orientar os gestos de trabalho; as confrarias jocosas – peças impressas que acompanhavam gestos festivos; e assembleias religiosas realizadas nas cidades, e às vezes também no campo, pelos prosélitos protestantes (*idem*, p. 100).

Nesse último *lugar social*, estabelece-se a necessidade de engajar mesmo os mais simples, mesmo os analfabetos (capazes de receber o escrito por intermédio de uma voz), “na fé dos que leem e ouvem, dos que ensinam e aprendem”, a partir do canto dos salmos e da leitura audível dos Evangelhos. Essas assembleias protestantes se alimentavam do comércio clandestino de livros impressos em Genebra, tais como bíblias, salmos e

opúsculos de Calvino. Sobre essa comunidade leitora, esclarece ainda Chartier (2004, p. 101):

Reunindo homens e mulheres, letrados e analfabetos, fiéis de profissão e de bairro diferentes, os cultos protestantes, tal como se pode perceber, apesar do segredo que os cerca, nas cidades atingidas pela Reforma, são um dos lugares em que se opera, em comum, a aprendizagem do livro. Ao mesmo tempo, eles manifestam a coerência já realizada da comunidade e atraem para a leitura do texto sagrado aqueles ou aquelas que ainda estão afastados. [...] em casas particulares, alojamentos vazios ou celeiros situados às portas da cidade, os fiéis do novo culto cantam os salmos e leem o Evangelho. Lido e comentado pelos ministros e pregadores, possuído e manuseado pelos fiéis, *o texto impresso impregna toda a vida religiosa das comunidades protestantes, em que o retorno à verdadeira fé não se separa da entrada do escrito impresso na civilização.* (Grifo nosso)

A aliança estabelecida e consolidada pela Reforma entre o escrito impresso e a fé se fortalece e se prolifera no decorrer do tempo. Do Regime Antigo ao Século XIX, os evangélicos moldaram a produção, distribuição, venda e consumo de Bíblias, bem como de outros artefatos impressos, para fins de permear a cultura europeia e na cultura americana com influências sagradas. A ideia de disponibilizar textos sagrados partia de uma implicação teológica: ao inundarem o mercado de impressão com produtos fisicamente atraentes, comercialmente competitivos e marcadamente evangélicos autores e publicadores tinham a esperança de transformar a compra e os hábitos de leitura do mercado em geral. Para usar a metáfora da “encarnação do Verbo” divino¹¹, afirma Candy Brawn (2004, p. 06): “O Verbo tornou-se encarnado na cultura Americana da década de 1850 com os editores demonstrando sua relevância para diversas configurações culturais, que vão desde o salão refinado vitoriano à rude fazenda.” (Tradução nossa)¹²

¹¹ A relação dos cristãos com *a palavra* é capital. Este termo faz menção a narrativa joanina do Novo Testamento em que se encontra literalmente: “No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus. (...) E o Verbo se fez carne e habitou entre nós, pleno de graça e de verdade e vimos a sua glória, como a glória do unigênito do Pai.” (Evangelho de João, capítulo 1, versos 1, 14) É necessário ainda esclarecer que o vocábulo “*Palavra*”, quando grafado com inicial maiúscula no contexto protestante, refere-se à palavra divina, Escrituras Sagradas, Bíblia Sagrada.

¹² “*The Word became incarnate in America culture by the 1850s as publishers demonstrated its relevance to diverse cultural settings, ranging from the refined Victorian parlor to the rough-bewn frontier farm.*”

Vale salientar, ainda, que a ideia de “influenciar o mundo” não pressupõe que a cultura protestante já tivesse em si todos os elementos editoriais que valeriam a pena possuir. Embora se procure atribuir anacronicamente a mesma noção para os termos “evangélico” e “fundamentalista”¹³ no Século XIX, os evangélicos não eram radicais a ponto de se isolarem de qualquer influência secular. Pelo contrário, criticaram as deficiências do seu próprio universo cultural e a este incorporavam os recursos úteis que encontrassem. Foi o que aconteceu, por exemplo, com a apropriação dos gêneros textuais seculares para a divulgação do discurso bíblico e doutrinário, a exemplo do gênero *romance* que se legitimou nos Oitocentos e foi amplamente utilizado pela imprensa protestante, conforme veremos adiante.

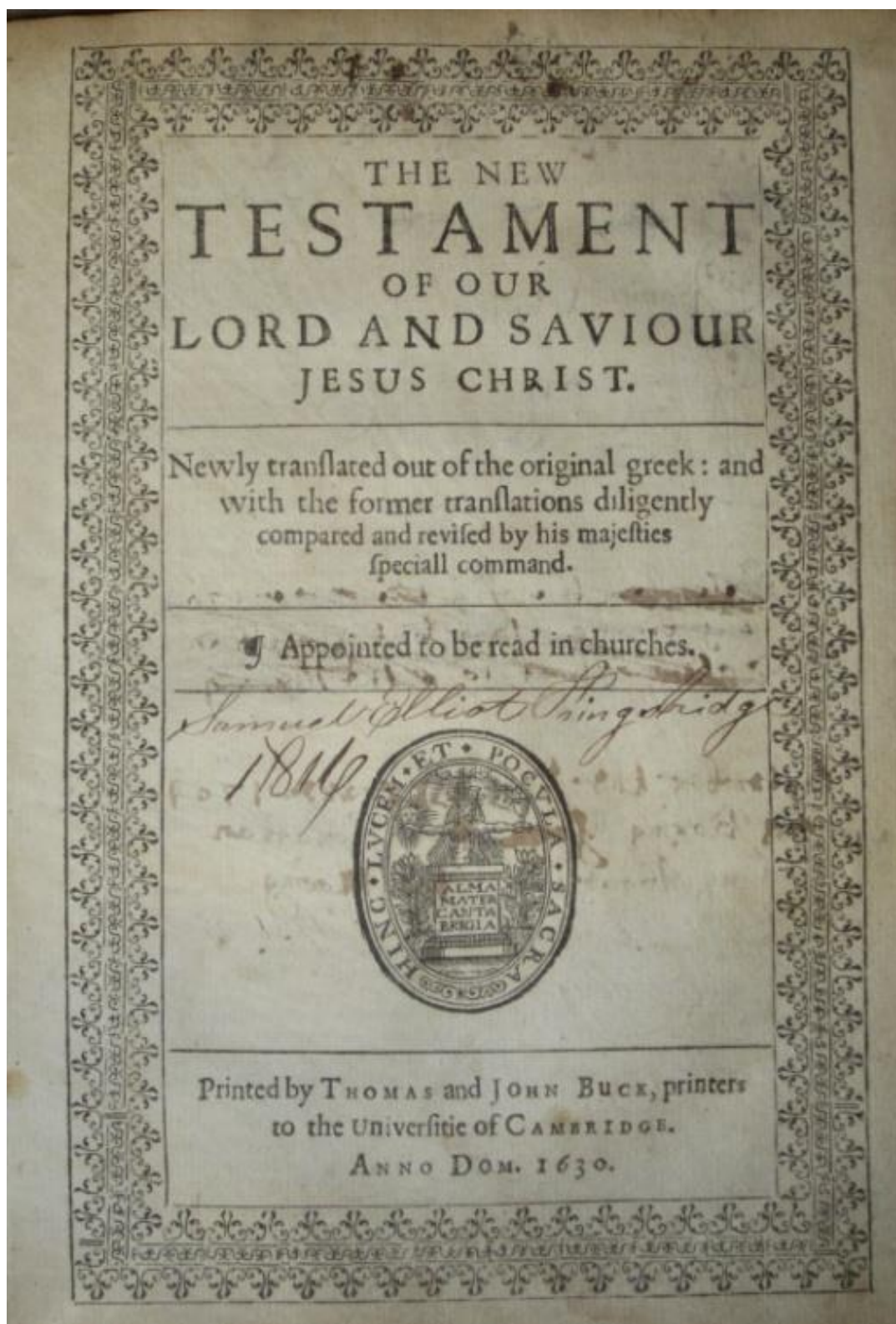
Um conjunto de textos passa, então, a ser forjado em meados dos Oitocentos, unindo textos antigos – como os escritos de Richard Baxter (1615 – 1691)¹⁴ a exemplo de *The Saint’s Everlasting Rest* (1650) e Jhon Bunyan¹⁵ com o clássico *The Pilgrim’s Progress* (1678) – a novos textos lançados pela imprensa escritos nos mais diversos gêneros, tais como poemas, histórias, memórias, hinos, livros de devoção, sermões, vários tipos de prosas ficcionais e um número sem fim de periódicos.

¹³ O termo “fundamentalismo” foi originalmente designado por seus defensores para descrever uma lista específica de credos teológicos que se desenvolveu em um movimento na comunidade protestante dos Estados Unidos na primeira parte do Século XX e teve sua raiz na Controvérsia Fundamentalista-Modernista dessa época. O termo desde então tem sido generalizado para significar a forte aderência a qualquer conjunto de credos em face do criticismo ou impopularidade, mas tem mantido suas conotações religiosas.

¹⁴ Baxter era um poeta, escritor e teólogo inglês. Por seus escritos foi considerado o chefe dos protestantes intelectuais da Inglaterra.

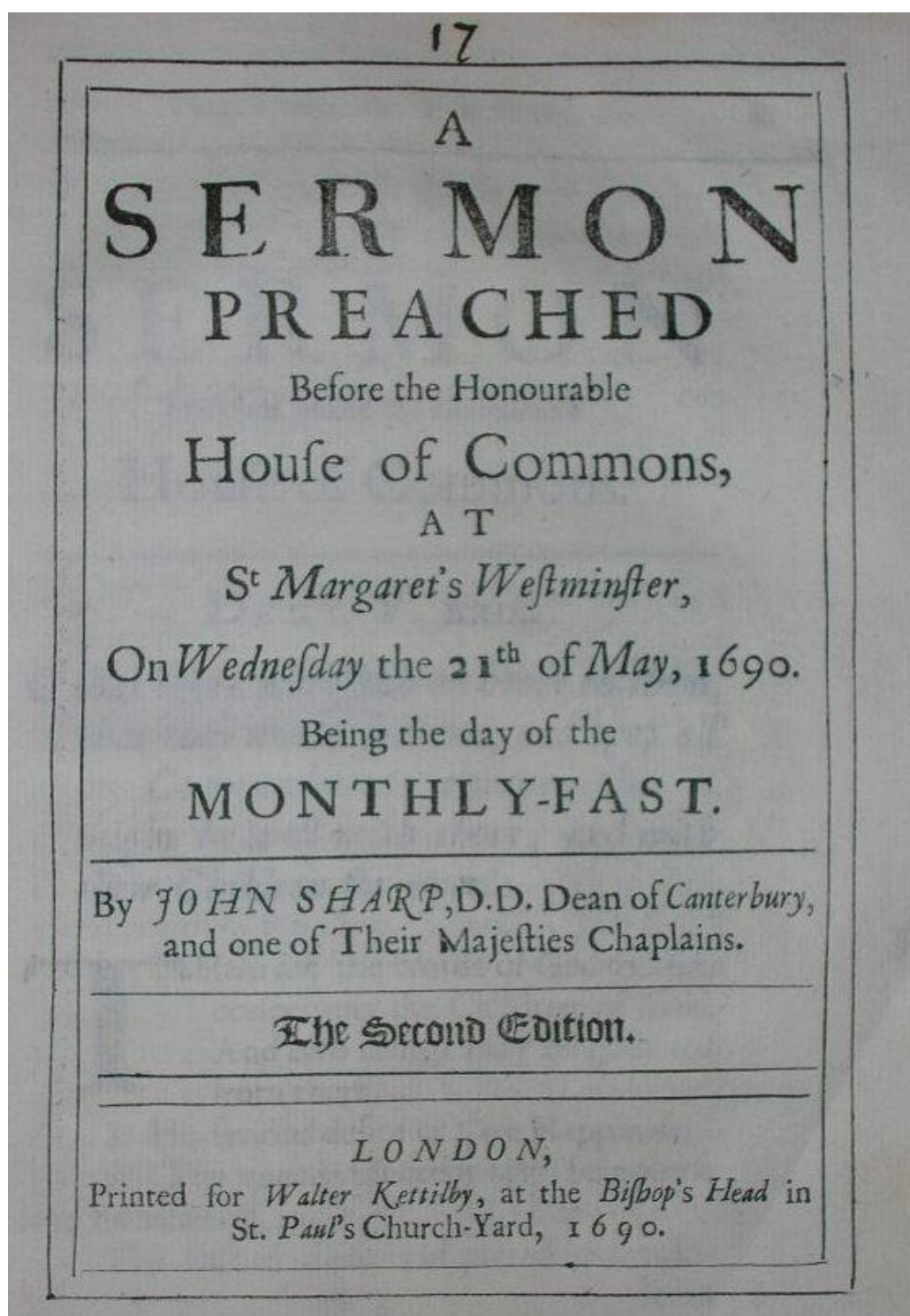
¹⁵ John Bunyan nasceu em Elstow na Inglaterra era filho de um pobre latoeiro. Não recebeu mais do que a educação primária básica. Aos 20 anos, passou por um conflito existencial. Casou-se com uma filha de pais piedosos e converteu-se ao protestantismo distanciando-se da religião oficial da Inglaterra, o anglicanismo da *Church of England*. Associou-se a um grupo de evangélicos, os chamados *puritanos*, tornando-se pastor. Porém em 1660, rebelou-se contra a igreja oficial ao conduzir cultos sem autorização, o que o levou ao cárcere por 12 anos. Em 1675, foi novamente aprisionado e, durante esse segundo período de reclusão, escreveu a maior parte de *O Peregrino*. O Livro foi lançado em Londres, em 1678, e tornou-se um sucesso de vendas. Bunyan escreveu cerca de 60 livros e ainda folhetos (HENRIK, 2009).

Figura 02 – *The New Testamento f our Lord and Saviour Jesus* (1630)



Fonte: <www.gagebooks.co.uk/ANT.36/4003jpg>

Figura 03 – *A Sermon Preached Before the Honourable House of Commons, at St. Margareth's Westminster* (1690), de John Sharp



Fonte: < www.gagebooks.com/catalogue/ant33/dscn1961.jpg >

Figura 04 – *A Method of Devotions or Rules for Holy & Devout Living* (1713), de Elizabeth Burnet



Fonte: <www.gagebooks.com/catalogue/ant33/dscn2016.jpg>

Figura 05 – Livro “*Apparatus Biblicus or an Introduction to the Holy Scriptures in The Three Books and a New Method of Reading The Escripture done into English from the French with notes and a addions ilustradet with thirty copper-plates; Psalms*” (1723), escrito por Bernard Lamy



Fonte: <www.gagebooks.com/catalogue/ant33/dscn2071.jpg>

O mundo de significados que era desdobrado e elaborado pelos leitores desse conjunto de escritos impressos expressava-se nas experiências do cotidiano a partir das influentes categorias bíblicas de significação. Entretanto, os critérios para se avaliar os textos evangélicos divergiam dos padrões da literatura secular – as novas publicações eram autorizadas a integrar os textos ditos evangélicos apenas se compartilhassem certas “marcas de adesão”, ou seja, se reforçavam os mesmos valores – a exemplo da *ascese* e *edificação* – expressos nos textos reconhecidos anteriormente como canônicos. Assim, *utilidade*, para além de gênero ou forma, foi a principal marca destes textos.

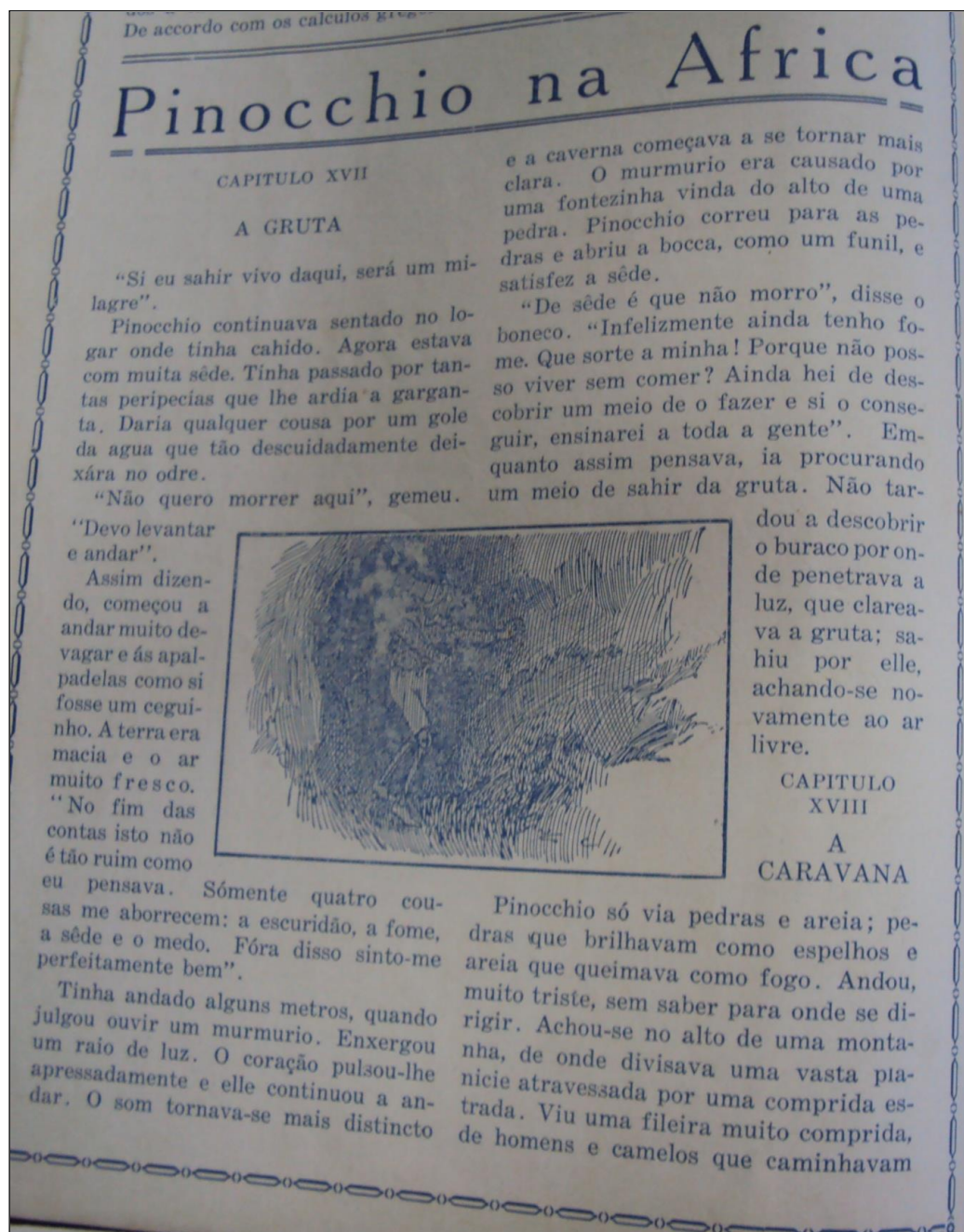
A linha de separação entre os textos evangélicos e seculares era bastante tênue. Os protestantes apropriavam-se de textos escritos por autores que claramente estavam fora do limite do “evangelicalismo”. Isso não é uma prática originária nos Oitocentos. Já em 1585, o ministro protestante Edmund Bunny encontrou um texto escrito por um jesuíta, chamado Robert Parsons, que considerou ter nele algumas coisas “boas demais para serem perdidas”¹⁶ (BROWN, 2004, p. 79). Bunny cortou “o papado fora”¹⁷ (*ibidem*) e escreveu sua própria edição de *A Book of Christian Exercise Appertaining to Resolution*.

A apropriação de gêneros seculares continuou sendo praticada na composição da comunidade textual evangélica ao longo dos anos. É o que se pode perceber em folhetim veiculado na revista destinada ao público infantil, *Bem Te Vi* (1926). Publicada pela Imprensa Metodista em São Paulo, a revista apropria-se da célebre história de Pinóquio e faz uma adaptação, *Pinóquio na África*, para se trabalhar conceitos morais e outros temas já abordados na história original como, por exemplo, “a mentira”, conforme se verifica na Figura 06 a seguir. “Novas” narrativas são criadas a partir de textos já existentes para se ensinar “velhas” lições cristãs.

¹⁶ “*to good to be lost*”. In: BROWN, 2001, p. 79.

¹⁷ “*cut the popery out*”

Figura 06 – Capítulo do folhetim *Pinóquio na África* (1926)



Fonte: Revista semanal *Bem-Te-Vi* (1926), encontrada no acervo de periódicos da Associação Basileia (Campinas, SP)

A expansão do mercado de impressão diminuiu os custos da introdução de novas publicações, aumentando as escolhas dos leitores. Conscientes de sua participação em uma “comunidade textualmente definida” (BROWN, 2004, p. 12), os protestantes começaram a reposicionar os limites entre o sacerdócio leigo e o sacerdócio regular. Por sua vez, os publicadores e editores – que se autodesignavam de modo informal “árbitros culturais” – passaram a compartilhar de certa autoridade antes apenas restrita ao clero e, envolvendo-se na comunidade textual, estabeleceram as regras: concessão ou recusa de permissão para publicar, alteração das versões impressas dos textos e instauração de protocolos de leitura, aconselhando os leitores “o que” e “como ler”, inscrevendo padrões implícitos ou explícitos no texto, estabelecendo, assim, práticas de leitura (*ibidem*).

No Oitocentos, a Igreja Metodista Episcopal foi a primeira a demandar esforços no uso da imprensa com a finalidade de divulgar valores evangélicos no novo Estados Unidos e, de lá, a diversas partes do mundo, inclusive ao Brasil, por meio de suas agências e missionários. Nesta época, outras denominações evangélicas se uniram aos metodistas produzindo e utilizando diversos gêneros, suportes e materiais aliados às estratégias de marketing.

Por volta de 1840, ocorrem as primeiras experiências de uma indústria editorial, que atravessou as fronteiras regionais estabelecendo uma cultura de impressão nacional. Candy Brown (2004) verifica ainda em seus estudos que o custo de produção e distribuição diminuiu, enquanto a qualidade de papel, ilustrações e tipos melhoraram. Ao mesmo tempo diversificou-se conteúdos e estilos narrativos a tal ponto que, por volta de 1860, histórias evangélicas, biografias, ensaios, hinários e romances facilmente ganharam de sermões em números e tamanhos de tiragens. Esse conjunto chegou a representar um terço de todos os livros publicados em meados do século.

A proliferação dos impressos evangélicos no Século XIX reflete o objetivo de se conciliar “a pureza e a presença” com um mundo de escritos impressos em constante expansão. Na realidade, há um *dever discursivo* no qual a atualização de temas e conceitos caros à manutenção de ideais e de dogmas doutrinários evangélicos é a principal ação que move autores, editores e leitores. Nesse sentido, se estabelece, nos atos de leitura, o que Bennate (2007) chama de *processo de atualização* que, por sua vez, consiste em se atribuir

novos sentidos aos textos, de acordo com as apropriações que os leitores fazem, mesmo que estejam vivenciando um contexto exterior à obra lida. Por exemplo, a jornada feita pelo personagem *Cristão* rumo ao Céu (do clássico de Bunyan) pode comparar-se ao fato de qualquer cristão, em qualquer época ou lugar, ser também um peregrino, viajante rumo à salvação, que enfrenta, portanto, as mesmas dificuldades enfrentadas pelo personagem criado por Bunyan: o orgulho, a vaidade, a falta de fé, *etc.* Na obra, o fardo carregado pelo peregrino pode ser entendido, analogamente, como as dificuldades da vida terrena enfrentadas por cada cristão em seu cotidiano.

Assim, a narrativa mantém-se sempre atualizável, o que transforma, por exemplo, esse livro em um *clássico* da literatura cristã. De acordo com Foucault (1978), uma forma específica do texto – o *livro* – uma vez posta em circulação é envolvida numa rede complexa e historicamente mutante de discursos que produzem e reproduzem seus duplos, suas repetições, seus comentários, todo um “formigamento” discursivo sem o qual o texto não chegaria até nós.

Michel de Certeau (1994, p. 266) mostra que “[...] o texto só tem sentido graças a seus leitores; muda com eles; ordena-se conforme códigos de percepção que lhe escapam.” É o que acontece com as produções protestantes, nas quais diversos *topoi* inerentes ao contexto evangélico se atualizam por meio dos variados gêneros textuais a partir da ótica de seus leitores.

2.3 Os gêneros textuais protestantes – doutrina, memorialismo, ficção e instrução

Verificando os catálogos das livrarias protestantes norte-americanas¹⁸, bem como os anúncios de periódicos evangélicos oitocentistas, é possível mapear os gêneros literários produzidos, suas funções e circulação dentro da comunidade textual evangélica. Por ora, abordaremos algumas das principais categorias – considerando a ampla produção literária ocorrida no Século XIX – e suas respectivas definições em um conjunto literário no qual *utilitarismo* é prerrogativa fundamental. A necessidade de exposição e

¹⁸ Os referidos catálogos e periódicos puderam ser encontrados no acervo digital disponível em: <www.archive.com>.

exemplificação desses gêneros justifica-se por uma posterior abordagem do jornal protestante no Século XIX e seu conteúdo. Isso porque o que se verifica, nas páginas dos periódicos, é uma transposição dos modelos literários do evangelicalismo europeu e norte-americano conforme veremos mais adiante.

Alguns historiadores abordam a classificação dos gêneros de forma diferenciada, não em relação à nomenclatura, mas em relação à organização. Ian Green (2000), por exemplo, ao verificar a história dos impressos protestantes na Inglaterra moderna propõe uma classificação mais detalhada, na qual se encontram: catecismos, sermões, tratados, polêmicas e profecias, diálogos, poemas, alegorias, biografias e autobiografias, baladas, *etc.*

Já Candy Brown (2004), analisando a produção protestante nos Estados Unidos entre o Século XVIII e fins do Século XIX, inclui os gêneros em quatro grandes recortes que chama de “classes de textos evangélicos”: 1) Doutrina – a utilidade da verdade; 2) Memórias – a utilidade do exemplo; 3) Ficção – a utilidade da imaginação; 4) Obras para a Escola Dominical – a utilidade da instrução. Essa classificação é bem didática, pois tenta agrupar as inúmeras produções denominacionais e indenominacionais de acordo com sua finalidade.

Por sua vez, abordando a produção literária protestante no Brasil¹⁹, o historiador Alderi Matos (2011) propõe a classificação dos gêneros a partir da circulação desses em três suportes: *jornais*, *revistas* e *livros*. Sendo que, na última área, encontram-se elencados os seguintes gêneros: obras de controvérsia, estudos bíblicos, estudos históricos, obras inspirativas (contendo historietas e ilustrações), hinódia e liturgia, obras didáticas e acadêmicas e obras literárias (romances e contos).

Usaremos a seguir as classificações proposta pelos três autores a fim de apresentarmos os gêneros mais recorrentes, conforme já prenunciamos, nos jornais evangélicos oitocentistas no momento de suas análises. No entanto, tomaremos os recortes de Brown (2004) para uma descrição mais objetiva, pensando com essa autora que:

¹⁹ Vale salientar que o autor foca seus estudos na produção literária dos presbiterianos, que de certa forma, coincide com a produção literária das demais denominações protestantes em relação aos gêneros.

[...] o cânon protestante de artefatos impressos ilumina um conjunto de sobreposições de valores e significados: preservar a pureza da Palavra, adaptando-se e mudando o meio cultural, equilibrando a identidade evangélica e denominacional, integrando doutrina e experiência, conectando valores religiosos e comerciais, conciliando o clero com as formas domésticas de piedade.²⁰ (p. 114) (Tradução nossa)

2.3.1 Os gêneros doutrinários: reforçando a verdade religiosa

As primeiras produções literárias protestantes eram, essencialmente, doutrinárias. Desde a formação da Igreja Primitiva com as Epístolas de Paulo²¹, por exemplo, os gêneros doutrinários têm ocupado uma posição privilegiada no cânone textual protestante. Os evangélicos do Século XIX apropriaram-se, assim como os cristãos do Século I, de estratégias apoloéticas. Eram, pois, conscientes da necessidade de leitura e preparo para defenderem a fé cristã das heresias e dos dogmas católicos que consideravam contrários aos ensinamentos bíblicos, a exemplo da adoração às imagens.

Nesse conjunto, encontram-se **os sermões**. A sermonística divulgada nos Oitocentos desvia-se dos modelos extremamente rebuscados dos séculos anteriores e procura mesclar elementos como o refinamento e o folclórico ou lúdico para atender ao perfil de leitor que ora se delineava. *The Catalogue of Religious, Scientific, Illustrad, Juvenile and Micellaneous Books* (1860), editado por Jhon Bennett Strong²², além de se colocar à disposição de “colégios e escolas”, dirige-se também a “clérigos, ministros e superintendentes de Escola Dominical”, conforme apresentação do seu organizador. Nele, podemos encontrar um bom número de obras que reuniam sermões. Alguns possuem um título bastante genérico, tais como *Sermons* do Rev. Chalmes. Outros, mais específicos, apresentam a finalidade dos sermões e sua aplicabilidade como, por exemplo,

²⁰ “The canon of evangelical print artifacts illuminates an overlapping set of values and meanings: preserving the purity of the Word and adapting to a changing cultural milieu, balancing evangelical and denominational identity integrating doctrine and experience, connecting religious and commercial value, and reconciling clerical and domestic models of piety.” (p. 114)

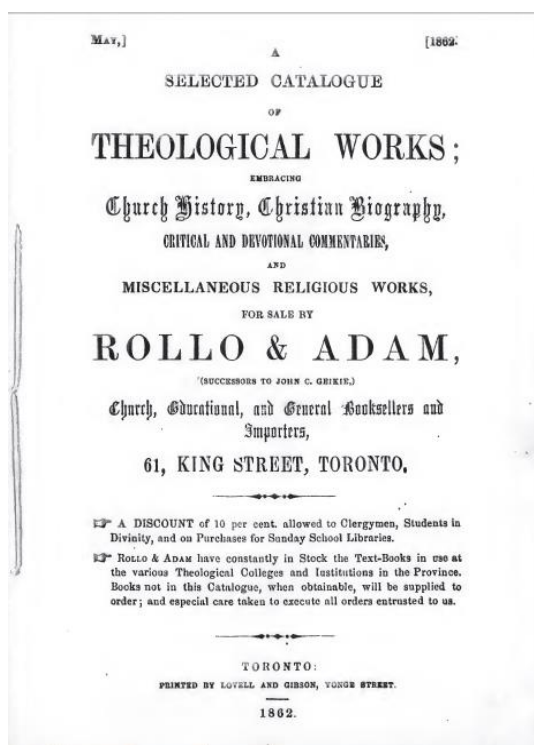
²¹ Enquanto Jesus Cristo é considerado o fundador do Cristianismo, o apóstolo Paulo pode ser considerado o sistematizador das doutrinas cristãs a partir dos tratados teológicos e das orientações práticas registradas em suas 14 epístolas (se considerar-se também a carta aos Hebreus como autoria de Paulo) dispostas no Novo Testamento (CAIRNS, 1995).

²² Este catálogo não apresenta o ano, nem o preço dos títulos sugeridos. Há de se considerar também que é um catálogo laico, que apresenta obras religiosas, mas também científicas e escolares de forma geral. O organizador, em palavra introdutória, se põe à disposição para receber os pedidos e fornecer as obras.

Theology Explained and Defended in a Series of Sermons, with Life and Portrait de autoria do Timothy Dwing, que tem por objetivo, a julgar pelo próprio título, “explicar e defender a Teologia”. Esta obra vinha acrescida da “vida do autor e retrato”, constituindo-se, assim, um texto de caráter “exemplar” para seus leitores, por meio do qual o pregador se propõe-se a expor que cumprira em sua própria vida o que anunciava em suas pregações.

Outros títulos de obras sermonísticas podem ainda ser encontrados nas listas de outros catálogos da segunda metade do século. É possível verificar que havia coletâneas de sermões destinados aos mais diferenciados contextos e usos. *Sermons Old Testament History* de J. H. Gurney’s, apresentado no catálogo *Theological Works* (1862) (Cf. Fig. 07), traz sermões destinados à exposição do Velho Testamento. Já *Plain Sermons for Country Congregations*, de Gatty, apresenta uma coletânea de sermões “simples” para serem utilizados nas congregações do campo.

Figura 07 – Catálogo de trabalhos teológicos e outras obras protestantes (1862)



Fonte:

<www.archive.com>

Os **textos dedicados ao ensino da Teologia** também se enquadram no conjunto de gêneros doutrinários. São diversos os títulos que tratam do estudo da Bíblia e das doutrinas teológicas, com o fim de atender uma demanda do mercado de artefatos culturais para instrução evangélica e o ensino denominacional. As Bíblias de estudo, por exemplo, proliferaram-se. Além disso, diversos outros livros indispensáveis à compreensão das Escrituras como “chaves bíblicas”, “dicionários bíblicos”, entre outros, podem ser encontrados nos catálogos da época. Em *Catologue of Books for sale at the Wesleyan Methodist Book Room* (1867, p. 08, 15), é possível verificar, por exemplo, das obras destinadas à compreensão bíblica: *Bible Manual – An expository and practical Commentary on the Books of Scripture*, do Rev. C. G. Barth & D. Demy (8 vl); *Manual of Biblical Literature*, by Strichlandy; *The Bible Text Books With Maps*; *Bible Animals* (livro que continha uma descrição de cada criatura mencionada nas Escrituras acompanhada das devidas ilustrações) de autoria do Rev. J. G. Wood, M. A., F. L. S. em 8vl. ; *Bible Defended against the Objections of Infidelity* do Rev. W. H. Brisbane; *Biblical and Theological Dictionary* escrito por Rev. John Farrar; *Bible Truths for Young People* do Rev. A. Gregory, M. A.; *Lange’s Commentary on the Holy Scriptures – Critical, Doctrinal and Homiletical* do Rev. Dr. John Peter Lange (em conexão com um número de doutores europeus).

Em se tratando de obras de referência, o catálogo metodista *The Wesleyan Book Room* (1872) apresenta uma lista de oito dicionários, dentre os quais metade são de conteúdos laicos e os demais sobre conteúdos bíblicos e doutrinários, como por exemplo: *Dictionary of Scripture Names*; *Biblical and Theological Dictionary*; *Ecclesiastical Dictionary*; *Dictionary of The Bible*. Os três primeiros de autoria do Rev. John Farrar e o último título escrito por Rev. James Corvel.

A julgar pelos títulos citados, abarcados pelo viés textual doutrinário, é possível verificar como *materialidade* e *conteúdo* relacionavam-se para satisfazer às necessidades de um público leitor que, no momento, não dependia apenas do clero oficial para ler e interpretar a Bíblia. Os espaços sociais em que a leitura evangélica efetivava-se não estavam mais restritos apenas à Igreja – as casas, as reuniões familiares, as escolas, os locais de trabalho passaram a se constituir lugares de culto nos quais uma liderança, ainda que leiga, poderia ler e expor as Escrituras. Por isso, fazia-se necessário um conjunto de

impressos a que esses líderes leigos pudessem recorrer e, assim, obterem recursos para exporem os estudos bíblicos e organizarem seus rituais litúrgicos.

Em catálogo de 1860, verifica-se também títulos destinados ao uso doméstico tais como: “*Light in the Dwelling, or the Four Gospels, arranged as a Family Commentary for every Day in the year*”, conforme descrição “ilustrado, com doze gravuras em alto acabamento em oito volumes” (p. 29) e “*Mine Explored, or Help to read the Bible*” (p. 31). A seção intitulada “Evidências Cristãs, Obras Doutrinárias”²³ (p. 20), deste mesmo catálogo, apresenta ainda uma série de títulos doutrinários, porém, de caráter apologético: *Evidences of Chistianity* de A. Alexander (p. 20), *The Truth of The Christian Religion* de Hugo Grotius (p. 21); *Discourses on Important Doctrines of The Christian Religion* de Alex Griswold (p. 21); *Science: a witness for the Bible* de Pendleton (p. 22) ; *A Defence of Faith* de Henry Roger (p. 22).

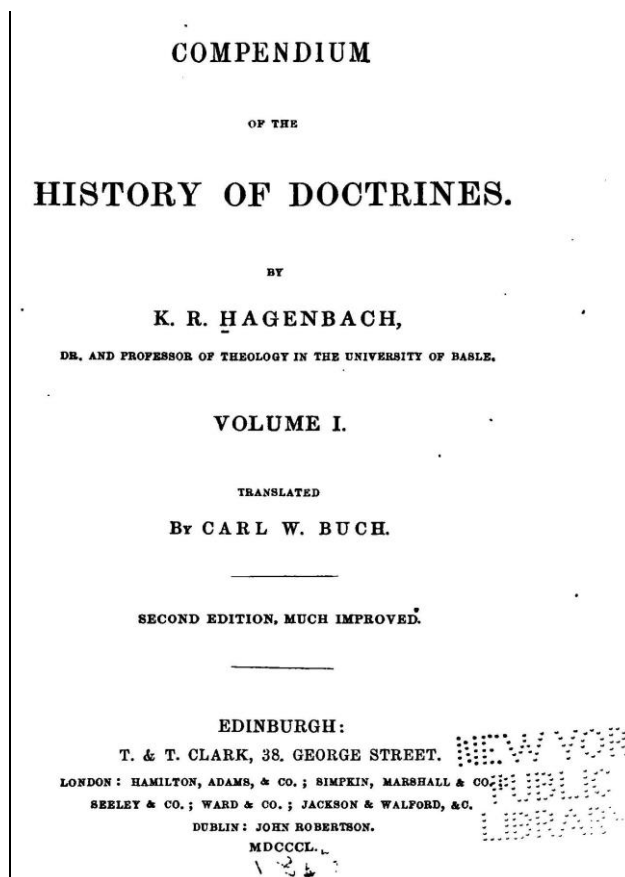
Os **compêndios**²⁴ (Cf. Fig. 08 a seguir) – obras utilizadas amplamente no Século XIX, tendo, porém, origem em séculos anteriores – contribuíam para a reunião de conceitos doutrinários do Protestantismo. Neles, “um autor” (ou compilador) organizava os conceitos de autores diversos e de diversas épocas sobre determinado assunto. Assim, são duas as principais características dos textos veiculados por esse suporte: *variedade de informação* e *multiplicidade de estilo*. Ao autor, que podia ser considerado um “copista”, caberiam os atributos de “honestidade e fidelidade”, considerando que sua principal função seria tornar acessível aos possíveis leitores o que não podiam obter no original.

O compêndio doutrinário era útil à medida que possibilitava ao leitor o contato com diversos textos de caráter didático. Assim, era possível encontrar em uma mesma obra conceitos que atendessem à necessidade de esclarecimento sobre questões doutrinárias da fé cristã. É o que se pode verificar no sugestivo título *Horner's Compendious Introduction To The Bible* (1872), organizado por Ayre Horne.

²³ “*Chistian Evidences, Doctrinal Works*”

²⁴ Teófilo Braga (1843 – 1824), autor de *História da Universidade de Coimbra*, acopla à industrialização da Tipografia, às obras conhecidas como “compêndios”. Para o autor, esses podem ser considerados uma inovação do Século XVIII porque: “possuíam uma redação categórica e lacônica, suprimindo a atividade intelectual dos mestres por autoridade vinculada à disciplina e à memória em detrimento do ‘engenho’. Dispensava-lhe ali a erudição dos mestres e a invenção dos discípulos uma vez que tudo que o mestre precisava ensinar estava contido no compêndio e tudo o que o discípulo precisava fazer era ali prescrito não havendo espaço para a engenhosidade.” (DUCAN, 2009, p. 80)

Figura 08 – *Compendium of The History of Doctrines* (1850), de K. H. Hagenbach



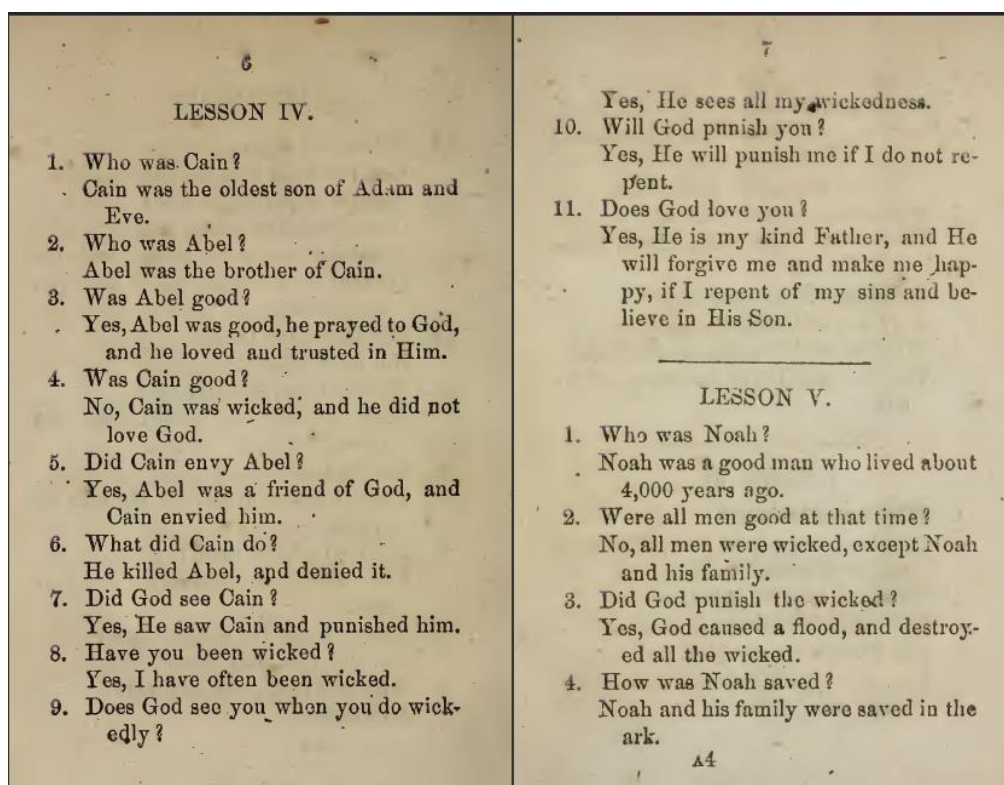
Fonte: <archive.org/stream/compendiumhisto00buchgoog#page/n10/mode/2up>

Em conjunto com os longos tratados, o **Catecismo**, por sua vez, é outro gênero doutrinário de ampla divulgação nos Oitocentos. Sua leitura servia basicamente para instruir o clero leigo, bem como ensinar preceitos doutrinários aos novos crentes. Apresentavam-se em forma de perguntas e respostas. As denominações evangélicas organizavam seus catecismos de acordo com os princípios que caracterizavam sua liturgia e forma de apropriação do discurso bíblico. Muitos desses eram destinados ao público leitor infantil, considerando a necessidade de instruí-los nos preceitos bíblicos, conforme epígrafe bíblica que consta em capa de um dos catecismos, *The Baptist Catechism* (1851) : “E estas palavras que hoje te ordeno estarão em teu coração; e as ensinarás aos teus filhos

e delas falarás sentado em casa e andando pelo caminho, ao deitar-te e ao levantar-te” (Deuteronômio 6. 6,7).

Dos metodistas, por exemplo, encontramos *The Wesleyan Catechism Illustrad* (1876), impresso em Londres. O Conselho Presbiteriano (*Presbyterian Board*), por sua vez, distribuiu em 1858 cerca de um milhão de cópias de sua *Confession of Faith, Shorter Cathechism, and Cathecism for Young Children* (BROWN, 2001, p. 83). Os Batistas (*Baptist State Convention*) produziram e fizeram circular *A Catechism for Little Children* (1864) e uma série de outros catecismos. Dentre eles, *The Baptist Catechism* (1858), que derivou da confissão de fé das comunidades dessa denominação na Grã Bretanha, da autoria de Benjamin Keach (1640 – 1704), sendo republicada na Filadélfia, em 1851, pela Sociedade Americana de Publicação Batista²⁵.

Figura 09 – *A Catechism for Little Children* (1864)



Fonte: <ia700405.us.archive.org/2/items/catechismforlitt01bapt/catechismforlitt01bapt.pdf>

²⁵ “American Baptist Publication Society”.

Figura 10 – *The Baptist Catechism* (1851)

THE LAW OF GOD, CONTAINED IN THE TEN COMMANDMENTS GIVEN BY GOD AT MOUNT SINAI, EXODUS, CHAPTERS XIX AND XX. AND it came to pass on the third day in the morning, that there were thunders and lightnings, and a thick cloud upon the mount, and the voice of the trumpet exceeding loud; so that all the people that was in the camp trembled. And Moses brought forth the people out of the camp to meet with God; and they stood at the nether part of the mount. And mount Sinai was altogether on a smoke, because the Lord descended upon it in fire; and the smoke thereof ascended as the smoke of a furnace, and the whole mount quaked greatly. And when the voice of the trumpet sounded long, and waxed louder and louder, Moses spake, and God answered him by a voice. And God spake all these words, saying: I AM THE LORD THY GOD, WHICH HAVE BROUGHT THEE OUT OF THE LAND OF EGYPT, OUT OF THE HOUSE OF BONDAGE. I. Thou shalt have no other gods before ME. II. Thou shalt not make unto thee any graven image, or any likeness of any thing that is in heaven above, or that is in the earth beneath, or that is in the water under the earth: Thou shalt not bow down thyself to them, nor serve them: for I THE LORD THY GOD am a jealous God, visiting the iniquity of the fathers upon the children unto the third and fourth generation of them that hate me; and showing mercy unto thousands of them that love me and keep my commandments. III. Thou shalt not take the name of THE LORD THY GOD in vain; for the LORD will not hold him guiltless that taketh his name in vain. (34)	THE BAPTIST CATECHISM. 35 IV. Remember the SABBATH-DAY, to keep it holy. Six days shalt thou labor, and do all thy work; but the seventh day is the SABBATH OF THE LORD THY GOD: in it thou shalt not do any work, thou, nor thy son, nor thy daughter, thy man-servant, nor thy maid-servant, nor thy cattle, nor thy stranger that is within thy gates: For in six days the LORD made heaven and earth, the sea, and all that in them is, and rested the seventh day: wherefore the LORD blessed the SABBATH-DAY and hallowed it. V. Honor thy father and thy mother; that thy days may be long upon the land which THE LORD THY GOD giveth thee. VI. Thou shalt not kill. VII. Thou shalt not commit adultery. VIII. Thou shalt not steal. IX. Thou shalt not bear false witness against thy neighbour. X. Thou shalt not covet thy neighbour's house, thou shalt not covet thy neighbour's wife, nor his man-servant, nor his maid-servant, nor his ox, nor his ass, nor any thing that is thy neighbour's. — THE SPIRIT OF THE WHOLE LAW. One of the Pharisees asked Jesus, saying, Master, which is the great commandment in the law? JESUS SAID UNTO HIM, Thou shalt love THE LORD THY GOD with all
--	--

Fonte: <ia700304.us.archive.or/11/items/MN40248ucmf_4/ MN40248ucmf_4.pdf>

No conjunto dos gêneros doutrinários, há de se considerar também **os textos que tratam da descrição histórica**. Em seus estudos sobre a produção literária protestante, Brown (2004) aborda que este gênero – presente desde muito tempo no corpo textual protestante, reforçando a doutrina da *Providência divina* ao longo da história – ganhou proeminência no Século XIX. Os eventos bíblicos e os eventos ocorridos na história da Igreja eram “atualizados” (conforme se expos anteriormente) na experiência dos protestantes que viviam em lugares e tempos diferenciados ²⁶.

A função da leitura desses textos seria, pois, “reafirmar a identidade cristã e denominacional” (*idem*, p. 84). Assim, a maioria das denominações apropriava-se das

²⁶ Sobre esse assunto, C. Brown esclarece: “History don’t only depicted ancient times but also traced the Church’s development. Some books invoked a sense of transgenerational, transatlantic evangelical identity by recounting the story of the Reformation, focus alternately on the movement’s heroes and enemies” (2004, p. 84).

“histórias gerais protestantes” para imprimir os traços de sua própria história, doutrina, política, *etc.* Podemos verificar nos catálogos selecionados diversos títulos pautados nesse modelo, a exemplo de: *History of The Reformation* do Dr. J. H. D’Aubigne (p. 06) e a obra *Biographical History of Methodism in Canada*, escrito pelo Rev. John Carroll (p. 11), ambas as obras encontram-se em *General Catalogue or Stander Books* (1872). É possível verificar ainda o livro *Ecclesiastical History – Ancient and Modern from the Birth of Christ to the beginning of the Eighteenth Century*, escrita por Dr. Mosheim, estando já em quarta edição quando da ocasião de seu anúncio em *A Catalogue of religious, scientific, illustrated, juvenile, and miscellaneous books* (1860, p. 31).

Os **guias devocionais** também integraram o conjunto textual evangélico de cunho doutrinário. Esse tipo de gênero teve ampla circulação no Século XIX, guardando relações, inclusive, com os “Exercícios Espirituais” – um gênero religioso bastante comum entre os Séculos XV e XVI (SARTIN, 2013). Enquanto os textos de descrições históricas enfatizavam as experiências do passado, os guias devocionais tratavam de aplicar os ensinamentos bíblicos às experiências da presente geração de crentes, constituindo-se uma herança da Reforma Protestante que tencionava favorecer “a instrução e a adoração”²⁷. Analisando as relações entre a Reforma Protestante, o impresso e “cultura da devoção”, Mary Patterson (2007, p. 53) esclarece que os autores escreviam:

[...] grandes e pequenos livros devocionais para serem mantidos como referências no lar, a fim de serem consultados sobre criação de filhos, relacionamentos conjugais, o tratamento entre vizinhos, clima, questões financeiras ou outras questões de ordem doméstica e familiar.

Os reformadores protestantes usaram essas mesmas técnicas para criar livros devocionais em uma variedade de gêneros – “livros de oração, calendários e almanaques, guias para hinódia, salmos, catecismos e sermões (conforme já expostos), diálogos, e assim por diante” (*idem*).

²⁷ A esse respeito, conferir PATTERSON, 2007.

Em contraste com os demais gêneros doutrinários, os devocionários apresentavam, geralmente, pouca exposição da doutrina, detendo-se mais em questões inerentes às correntes denominacionais a que representavam. Sua estrutura era simples e o principal objetivo era incentivar “o crescimento espiritual” dos protestantes, auxiliando-os na meditação da Bíblia. Costumavam apresentar em sua composição uma passagem bíblica, seguida de uma pequena explanação ou comentário, na maioria das vezes, acompanhada por hinos. Nesta linha, encontram-se alguns títulos nos catálogos da época, como por exemplo, *Lighting The Dwelling, or The Four Gospel, arranged as a Family Commentary for every Day in the year*, constando de 500 páginas e, conforme anúncio, “altamente acabado, com figuras e belo formato” (1860, p.17) – como o próprio título esclarece, é uma publicação bem semelhante ao almanaque que, por sua vez, era um gênero muito consumido nos Oitocentos. Um livro propondo leituras devocionais, *Treasure Book of Devotions Readings* (1872, p. 39), também pôde ser encontrado.

Em Catálogo de publicações da denominação Batista (*Baptist Book and Tract Society's – Catalogue Books and Periodicals*), datado de 1884, encontra-se uma seção específica denominada “Devotional Works”, com títulos destinados à prática da leitura devocional. Entre eles: *Daily Bible Readings* (p.17); *Morning Thoughts for Every Day in The Year from Ensinaments Divines of Europe and America* (p.17); *The Christian's Poocket-Book* (p. 17); *Heart Treasure* e, ainda, *Hours with The Bible* (p.17). Algumas obras devocionais eram produzidas de forma a atender às necessidades especiais de “determinados grupos”, por exemplo, enfermos, marinheiros, viajantes, etc. É o caso do interessante título *Hall's Help to Zion's Travellers* (“Salão de ajuda para os viajantes de Sião”), encontrado no mesmo catálogo Batista, estabelecendo relações com o romance de Bunnyan, *The Pilgrim's Progress*.

2.3.2 Os gêneros memoriais: a marca do exemplo

A julgar pela pesquisa em alguns catálogos de casas publicadoras de algumas denominações evangélicas da América do Norte oitocentista, concordamos com Brown (2004) ao propor que, juntamente com as obras doutrinárias, as memórias constituem um dos gêneros mais abundantes no Século XIX. Esse gênero remonta a uma longa tradição

na literatura cristã, a exemplo das *hagiografias*²⁸ e *histórias de vidas dos santos*, nas quais os autores procuravam “modelar suas vidas pela vida de Cristo”, convidando os leitores a seguirem seus exemplos. Nos Oitocentos, os textos hagiográficos incluíam biografias escritas em terceira pessoa de cristãos e não cristãos – que exibiam qualidades morais excepcionais – e memórias editadas, que tinham por base os diários e cartas dos sujeitos dessas memórias.

Vale salientar que **biografia** e **memória** funcionavam de forma similar na cultura evangélica e, considerando o fato de serem bastante tênues as fronteiras que dividiam esses gêneros, os termos podem ser tomados de maneira intercambiável. Na realidade, “vida” e “lembança” entrelaçavam-se para constituir esses textos. Diferente dos gêneros doutrinários, que defendiam a fé por meio da exposição de verdades bíblicas, as memórias evangélicas faziam uso do exemplo com um duplo objetivo – fortalecer o sacerdócio de todos os crentes e aprofundar a unidade cristã.

Apesar de esta escrita ter sido forjada numa tradição católica, as memórias evangélicas se diferenciavam das hagiografias católicas. Enquanto estas tinham como objeto textual os santos canonizados, aquelas tomaram como seu modelo “ ‘santos comuns’ cujas experiências do cotidiano os qualificaram a influenciar outros cristãos peregrinos” (BROWN, 2004, p. 88). Ainda segundo Brown, concomitantemente, editores e biógrafos atuavam na produção deste gênero como “árbitros culturais”, que remodelavam as experiências de seus assuntos com a finalidade de “prescrever” modelos úteis os quais todos os cristãos deveriam seguir.

As memórias obtiveram marcante presença na formação de um cânon evangélico nos Oitocentos pelo fato de os protestantes considerarem *o exemplo* uma poderosa ferramenta para moldar o caráter cristão. É sabido que nesse período os norte-americanos, por exemplo, eram obcecados pela formação do caráter. Assim, as memórias

²⁸ *Hagiografia*, no original, “escrita do sagrado”. Esse tipo de produção escrita fundamenta-se na tradição cristã por excelência que é a “produção de textos sagrados” (CURTIUS, 1979). No Século XVI, entre os documentos de fé mais populares, encontrava-se o livro sobre a vida de santos de Jacques de Voragine, *A Legenda Dourada*, a mais famosa compilação de vidas de santos. Esse conjunto de lendas, escrito no Século XIII, caracterizou-se por uma tentativa de vulgarizar e “laicizar” a ciência religiosa – Voragine tornou os dogmas religiosos mais acessíveis aos homens comuns. Assim, “na hagiografia, o exemplo e o modelo frequentemente se constroem a partir de um arranjo textual que articula sempre as mesmas ações, ligadas a temas e lugares recorrentes; refere-se sempre a elaboração de monumentos dedicados a louvar e promover o culto dos santos” (VILAR, 2006, p. 81-82). Sobre esse assunto, conferir também Certeau (1982).

preparavam seus leitores para a ação, incentivando-os a simpatizar com as experiências, cenas e eventos descritos nos textos.

Os gêneros memória podiam ser definidos como “discursos atualizáveis” por sua capacidade de transcender o lugar, o tempo ou a denominação protestante a que representavam. Esse fator permitia que estivessem sempre presentes em catálogos e bibliotecas lado a lado com obras mais atuais. Não é de se admirar que nomes e títulos de séculos anteriores, tais como XVI, XVII e XVIII, estivessem sendo lidos e discutidos nos lares evangélicos dos Oitocentos. É o caso, por exemplo, da autobiografia de Jean Marteilhé, *Memories D'un Protestant*, escrita originalmente em francês e datada de 1757. Essa foi reeditada em Londres com o título *Autobiograph of a French Protestant* ²⁹ pela instituição *The Religious Tract Society* (RTS)³⁰ em 1864. Em prefácio do editor, Henry Paumier, encontra-se a finalidade da obra:

Se tentarmos reviver essas gloriosas lembranças da história de nossa Igreja não é para excitar os conflitos religiosos com que nossos antepassados tão ardentemente se comprometeram. Nós sabemos e agradecemos a Deus por isso, como os tempos estão mudados. (...) Mas é bom lembrar em todo o tempo àquelas lições de obediência à consciência, de fidelidade ao dever, e de auto-sacrifício que, nos dias do julgamento, nossos pais tão corajosamente deixaram para ambos, nós e seus perseguidores. Nosso único desejo é reviver o espírito dos pais nas crianças, *lembrando-as desses exemplos salutareis* que “nem só de pão viverá o homem, mas de toda palavra que procede da boca de Deus.” (p. 08)³¹ (grifo nosso) (tradução nossa)

O “caráter exemplar” parece ser o principal protocolo de leitura disseminado nesses gêneros que, por sua vez, não se restringiam apenas a ter como *monumento* ³² figuras

²⁹ Disponível em: <ia700407.us.archive.org/1/items/autobiographyoffmart.pdf>. Acesso em: 20 dez, 2012.

³⁰ “*A Sociedade de Tratados Religiosos*”, nome original de uma grande editora britânica de literatura cristã, foi fundada em 1799. Prevista inicialmente para ação evangelizadora, incluindo literatura destinada a crianças, mulheres e pobres, a Sociedade iniciou publicando folhetos (*tracts*), mas rapidamente expandiu seus trabalhos com a produção de livros e periódicos. Em 1935 a RTS se uniu a Christian Literature Society for India and Africa para, então, formar a United Society for Christian Literature (USCL). Fonte: <www.nuigalway.ie/history/fyfe/thesis.html>.

³¹ “*If we try to revive these glorious recollections of the past history of the our church, it is not to excite anew those religious conflicts in which our ancestors so ardently engaged. We know, and we bless God for it, how the times are changed. (...) But it is good to remember, at all times, those lessons of stern obedience to conscience, of fidelity to duty, and of self-sacrifice, which, in days of trial, our fathers so courageously gave both to us and their persecutors. Our sole desire is to revive the spirit of the fathers in the children, reminding them by these salutary examples, that ‘man doth not live by bread alone, but by every word that proceeds out of the mouth of God’.*” (p. 08)

³² Por *monumento*, nos apropriamos aqui do conceito de Le Goff (2003) ao propor que os agentes sociais, a partir de seus documentos, erigem as representações possíveis sobre uma época, um fato, um acontecimento, um personagem.

masculinas, como era de se esperar para a época. Datada de 1853 e publicada inicialmente em Londres, a biografia de uma judia convertida ao Protestantismo “*Leila Ada, The Jewish Convert na Autentic Memoir*” circulou em meados do século também na América, desta vez reeditada por *Presbyterian Board of Publication*³³. A obra descreve sua vida pré e pós-conversão e reúne alguns poemas de sua autoria.

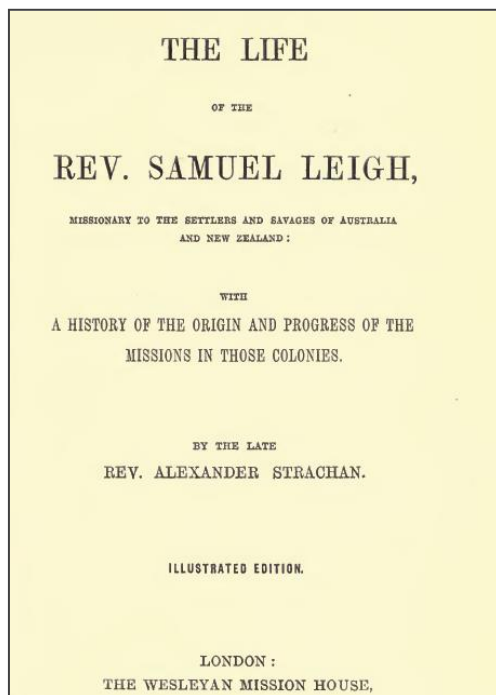
No catálogo da *Wesleyan Book Room* (1872), encontramos, em seção destinada ao público infantil (“*Children’s Library*”), o título *Memoir of Lucy Stone* (p.65). Nascida em Massachusetts em 1818, Lucy Stone era uma professora que lutou pelos direitos da mulher e contra a escravidão. Por aproximadamente vinte anos, editou o *Woman’s Magazine*³⁴ – uma revista semanal feminista. Após a morte de Lucy, essa revista continuou a ser editada por sua filha Alice Stone Blackwell, por um período de trinta e cinco anos. Neste mesmo catálogo, encontramos ainda títulos de biografias femininas: *A memorial of The Life and death of Miss. Mary Mcowan* (p.56); *Memoir of Eliza M. Baker* (p. 56), entre outros.

Geralmente, os missionários e os reverendos eram os principais objetos sobre quem a escrita protestante se dedicava com finalidade exemplar. Nesse sentido, encontramos anunciados em *A Catalogue of religious, scientific, illustrated, juvenile, and miscellaneous books* (1860), por exemplo, *Life of Rev. Thomas Walsh* escrito por J. Morgan (p. 34) e *Life of Missionary among Cannibals*, na qual S. S. Rowe retrata a vida de John Hunt (1812 – 1848), missionário metodista nas Ilhas Fiji. *Memoir of Raffaele Ciocci, an Italian Monk*, bem como *Life of Rev. Samuel Leigh, Missionary to The Settlers and Sanuages of Australian and New Zealand* (Cf. Figuras 12 e 13 a seguir) são outros títulos biográficos encontrados em *General Catalogue or Stander Books, Sunday School Libraries for sale at Wesleyan Book Room* (1872; p. 20, 54).

³³ Sendo a denominação protestante Presbiteriana consciente do poder da imprensa, o presbitério da Filadélfia reuniu-se, em 1833, com a finalidade de organizar uma instituição que velasse pelos credos doutrinários, folhetos e publicações destinadas ao ensino evangélico com o principal objetivo de atender ao público com uma literatura de menor custo e com doações aos mais carentes. No ano de 1835, começou o trabalho de publicação do que viria a ser a *Presbyterian Board of Publication* (Conselho Presbiteriano de Publicação). Sobre esse assunto, consultar Rice (1888).

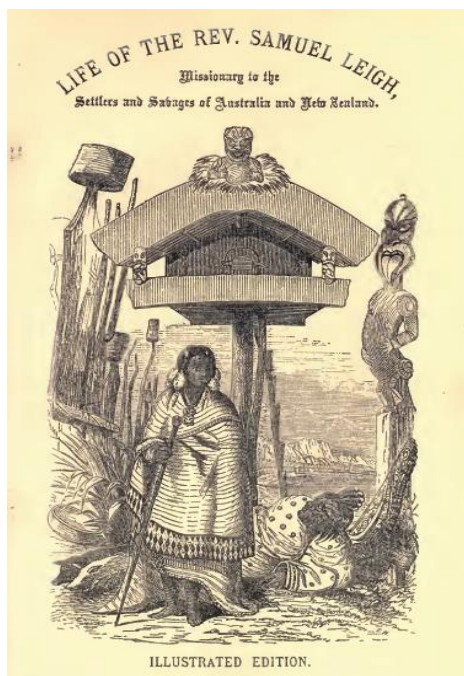
³⁴ Disponível em: <www.spartacus.schoolnet.co.uk/USAN>. Acesso: 20 dez, 2012.

Figura 11 – Capa de *The Life of The Ver. Samuel Leigh* (1870), de Alexander Strachan



Fonte: <ia700307.us.archive.org/26/items/lifeofrevsamuel00straiala/lifeofrevsamuel00straiala.pdf>

Figura 12 – Contracapa de *The Life of The Ver. Samuel Leigh* (1870), de Alexander Strachan



Fonte: <ia700307.us.archive.org/26/items/lifeofrevsamuel00straiala/lifeofrevsamuel00straiala.pdf>

2.3.3 Os gêneros ficcionais: a utilidade da imaginação

Enquanto os gêneros doutrinários e biográficos favoreciam, por meio da leitura, conexões diretas entre verdade religiosa e experiência subjetiva, a ficção proporcionou a liberdade do “jogo com a imaginação para influenciar o caráter” (BROWN, 2004, p. 95). Por meio dela, novas possibilidades para a produção literária evangélica foram abertas, tomando-a como um meio “santificador do mercado de impressão popular” (*idem*).

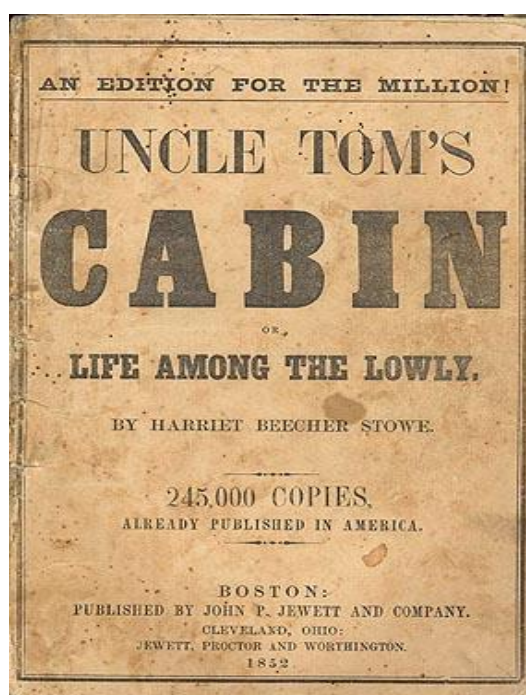
Candy Brown esclarece ainda que – como resposta ao aumento do gênero *romance* no mercado popular de impressão – os evangélicos perguntavam-se se todas as formas literárias poderiam ser utilizadas para fins religiosos ou se alguns gêneros seriam inerentemente “corruptos e corruptores”. Vale salientar que, no Século XIX, os protestantes se opuseram com mais veemência ao romance secular do que a qualquer outro gênero. Isso porque – no conjunto das “leituras proibidas” figuravam os *romances-folhetins*. Esse gênero, a princípio, destinado por excelência às mulheres, era considerado como pernicioso para a formação das mentes (MARTINS, 1999). Porém, um significativo número de evangélicos – apropriando-se da ideia de que a ficção poderia se constituir um eficaz *instrumento religioso* – passaram a utilizar os dispositivos fictícios para escrever não apenas romances, mas também outros gêneros tais como fábulas, contos, *etc* (BROWN, 2004).

Mais uma vez, a inclusão desses gêneros no cânone protestante dos Oitocentos perpassa pelo viés do *utilitarismo*, ou seja, de que modo os gêneros literários ficcionais poderiam contribuir para “a iluminação da mente”. No dizer de Brown (2004, p. 95), como um meio para o fim, os textos deveriam induzir os leitores à promoção da própria ascese e também o progresso dos demais membros da “comunidade cristã peregrina” em uma “vida de pureza”. Através da constatação de que a *ficção religiosa* exercia influência em um público bem mais amplo que a membresia da igreja, os evangélicos começaram a adaptá-la às suas intenções propagandísticas de fé e doutrina. Não demorou em perceberem a combinação saudável entre *instrução* e *diversão*, proporcionados pelos

romances – antes eram considerados “obra do Demônio” ³⁵ – utilizando as convenções literárias romanescas em textos através dos quais a *edificação* e *ascese* fossem promovidas.

Publicado em 1852, o romance *Uncle Tom's Cabin or Life Among The Lowly* (*Cabana do Pai Tomás*), escrito pela americana Harriete Beecher Stowe (1811 – 1896), serviu como forte modelo por meio do qual se comprova a utilidade religiosa da ficção. Abordando a escravidão como tema central, o enredo apresenta como personagem principal um escravo negro submetido a muitos sofrimentos; as histórias de outros escravos e proprietários encaixam-se no enredo para demonstrar que o amor e a fé cristã podem superar algo tão desumano como a escravidão. A obra despertou a consciência da nação e se tornou popular ao impor um estilo sentimental. Um ano após sua publicação, já havia sido vendido cerca de 300.000 cópias apenas nos Estados Unidos (SMITH, 2001).

Figura 13 – Romance *Uncle Tom's Cabin* (1852), de Harriete B. Stowe



Fonte: <georgialife.files.wordpress.com/2009/10/uncle-toms-cabin1.jpg>

³⁵ Ao menos essa foi a opinião do colportor Francisco da Gama em relatório sobre sua missão no Rio de Janeiro datado de 28 de novembro de 1856: “Tenho continuado sempre no meu giro e me perguntam se não tenho outros livros... Tenho procurado para ver se podia achar algum livro de histórias que fosse útil para levar, mas vejo que em todos há uma grande obra do Demonio (*sic*).” (In: ROCHA, 1941, p. 46).

Em *Cabana do Pai Tomás*, Stowe compartilha “pressupostos evangélicos” aplicáveis aos demais romances que formavam o conjunto impresso protestante dos Oitocentos. Esses pressupostos dizem respeito à “relação correta entre escritores, editores, textos e leitores, ou seja, que a leitura deveria induzir a ação de terceiros e que a função dos editores e escritores seria influenciar os leitores através dos textos” (BROWN, 2004, p. 97). No prefácio do romance, a autora sintetiza o que poderia ser chamado de “a teoria da ficção evangélica”:

Cada influência da literatura, da poesia e da arte, (...) sob as tentações da ficção respirem uma influência humanizadora e subjulgada, favorável ao desenvolvimento dos grandes princípios da fraternidade cristã. A mão da benevolência está em toda a parte esticada procurando em abusos, corrigindo erros, e trazendo os humildes, os oprimidos e os esquecidos para o conhecimento e simpatias do mundo. (*ibidem*, p. 98) ³⁶ (Tradução nossa)

O fenômeno editorial dessa obra leva à constatação da existência de outras mulheres protestantes escritoras de romances no Século XIX. Isso fica comprovado a partir dos anúncios nos catálogos pesquisados, conforme veremos em seguida. Muitas dessas mulheres escreveram ficção sob a condição de que essa atividade fosse tomada não apenas como um meio de adquirirem recursos, mas também de difundir a doutrina evangélica sem violar as restrições religiosas e sociais que fomentavam o discurso público das mulheres. Sobre esse assunto, David Reynolds (1981) esclarece que as obras de ficção poderiam servir como veículos potentes para a discussão religiosa, permitindo a participação das mulheres nos discursos teológicos outrora dominados pelos homens.

Produzido ainda em princípios do Oitocentos, é possível encontrar, por exemplo, em *A Catalogue of religious, scientific, illustrated, juvenile, and miscellaneous books* (1860), o anúncio de *Scotish Chiefs*, escrito por Jane Porter, originalmente datado de 1810, “*revised and corrected with a new introduction and notes*”. Susan Warner (1819 – 1885), por sua vez, escreveu

³⁶ No original: “Every influence of literature, of poetry and of art, ... under the allurements of fiction, breath a humanizing and subduing influence, favorable to the development of the great principles of Christian brotherhood. The hand of benevolence is everywhere stretched out, searching into abuses, righting wrongs, alleviating distresses, and bringing to the knowledge and sympathies of the world the lowly, the oppressed, and the forgotten.”

Wide, Wide Word (1850) romance publicado sob o pseudônimo de Elizabeth Wetherell. O livro, que se tornou um *best-seller* na América do Norte, narra o dilema existencial de Ellen, que vê sua vida feliz transformar-se quando a mãe adoece e seu pai a leva para a Europa, fazendo-a morar com parentes estranhos. Nesse contexto, Ellen vai conhecer “o amor de Deus”, o que faz o texto ficcional cumprir sua “função evangélica”. Veiculando diversos outros valores e temas cristãos, o livro funcionou como um guia de devoção para as senhoras da época, que eram incentivadas a terem atitude de submissão e humildade para com os mais velhos (BAYM, 1978).

Emily Sarah Holt (1836 – 1893), uma romancista inglesa, escreveu cerca de cinquenta livros, sendo a maioria destes dedicado ao público leitor infantil. Muito de seu trabalho pode ser classificado como romances históricos os quais, ambientados no Século XVI, apresentavam temáticas da doutrina protestante. Dentre seus títulos encontram-se: *A Storm of The Days of Queen Mary* (1877)³⁷; *The King's Daughters How Two Girls kept The Faith* (1888)³⁸, conforme Figura 14 a seguir; *Clare Avery – A Story of The Spanish Armado* (1876)³⁹.

No rol de escritoras de romances protestantes do Século XIX, destaca-se ainda Elizabeth Prentiss (1818 – 1878). Filha de pastor da denominação Congregacional, colaborou de forma regular com a produção de histórias e poemas para o periódico religioso *The Youth's Companion*⁴⁰. De 1834 a 1878, Prentiss escreveu 31 livros volumosos, incluindo, nesse conjunto, romances, poemas, hinos, peças de teatro e histórias infantis. Enquanto viva, seus editores venderam mais de 200.000 cópias de seus trabalhos nos Estados Unidos, sem contar com as edições britânicas e as várias traduções para o francês e o alemão (JAMES, 2006).

³⁷ Disponível em: <ia600309.us.archive.org/5/items/Emily_Holt_For_the_Master_sake/Emily_Holt_For_the_Master_sake.pdf>. Acesso: 10 jan, 2013.

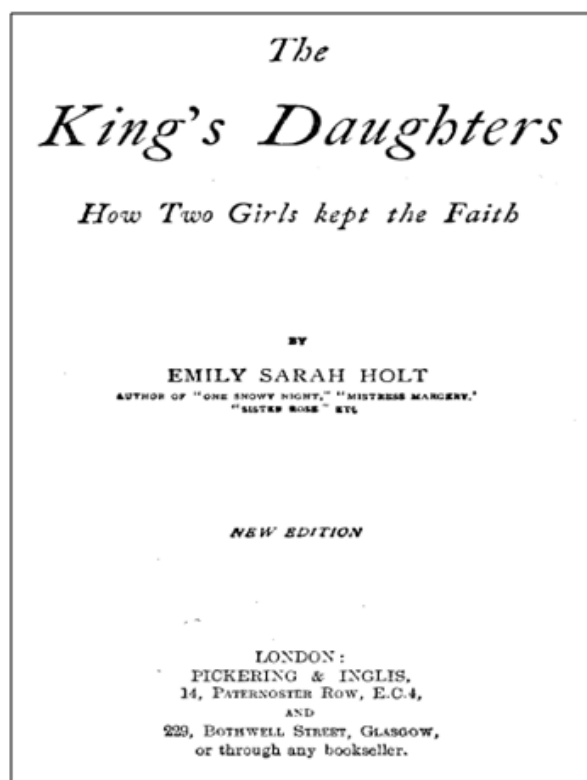
³⁸ Disponível em: <ia700306.us.archive.org/30/items/Emily_Holt_The_Kings_Doughters/Emily_Holt_The_Kings_Doughters.pdf>. Acesso: 10 jan, 2013.

³⁹ Disponível em: ia700506.us.archive.org/20/items/Emily_Holt_Clare_Avery/Emily_Holt_Clare_Avery.pdf>. Acesso: 10 jan, 2013.

⁴⁰ Periódico publicado em Boston, Massachusetts, por Perry Mason Company. Veiculado entre os anos de 1827 a 1929, passou a ser chamado anos depois de *The Companyon – For All The Family*. Finalmente, em 1929 o jornal se funde a outro periódico, *The American Boy*. (In: BAER, 2007).

Um dos romances mais significativos de Prentiss, *Stepping Heavenward* (1869), representou, por si só, mais de 100.000 volumes do que se vendeu no Século XIX nos Estados Unidos (BROWN, 2004, p.99). O enredo apresenta a história de uma jovem a caminho da idade adulta, aprendendo que a verdadeira felicidade está em “doar-se aos outros”. Na análise de Brown, o livro é doutrinariamente religioso, privilegia princípios intelectuais em detrimento de sentimentalismo efêmeros, chama seus leitores a níveis maiores de piedade e legitima a experiência das mulheres, não por alto nível teológico, mas pela expressão deste conhecimento na vida doméstica.

Figura 14 – Romance *The King's Daughter* (1888), de Emily Sarah Holt



Fonte: <<https://archive.org/stream/thekingsdaughter23120gut/pg23120.txt>>

O romance, porém, de maior influência nas práticas leitoras evangélicas foi adaptado de uma alegoria escrita por John Bunyan (1628 – 1688) – pregador protestante do Século XVII. Após aproximadamente 160 anos passados da Reforma Protestante, esse pastor inglês destacou-se por produzir uma prosa ficcional que revolucionou a leitura

religiosa, até então focada, quase que exclusivamente, na Bíblia, nos tratados doutrinários e nos livros de oração – *The Pilgrim's Progress from this World to that Which is to Come* ⁴¹.

O peregrino foi produzido em um período caracterizado pelo Absolutismo, as Igrejas eram estatais e uma onda de violência tomava conta da Europa caracterizada pelas guerras. Darcy Bradt (2011), nesse contexto, afirma que as pessoas esperavam da religião consolo. Logo, houve uma enorme procura pela literatura cristã. O livro apresenta a história de um jovem peregrino chamado *Cristão* que, atormentado pelo desejo de se ver livre do fardo que carrega nas costas, segue sua jornada por um caminho estreito indicado por um homem chamado *Evangelista*, por meio do qual se pode alcançar a cidade celestial. Todos os personagens e lugares com os quais o Peregrino depara-se levam nomes de “estereótipos” do discurso religioso cristão de acordo com seus estilos, características e personalidades, como, por exemplo, *Hipocrisia*, *Boa-Vontade*, *Sr. Intérprete*, *Gigante Desespero*, *A Cidade da Destruição*, *O Castelo das Dúvidas*, etc. De acordo com Glauco Magalhães (2005), no Século XVII, os puritanos (grupo protestante ao qual Bunyan pertencia) valorizavam muito obras religiosas alegóricas, tais como o próprio *O Peregrino* e *Paraíso Perdido*, de John Milton.

Considerando a “data indicativa” sugerida Hansen (2002) para os Séculos XVI e XVII como sendo uma duração de quase duzentos anos entre 1580 e 1750, é possível atribuir às produções discursivas e plásticas desse período, inclusive ao romance de Bunyan, uma série de características homólogas, dentre as quais um saber construído nas bases da *repetição* e da *similitude*. A produção de *O Peregrino* enquadra-se nessa forma de concepção do tempo, na qual as práticas discursivas implicavam “a repetição da identidade divina nos eventos particulares de representação” (*idem*, p. 4). Assim, a *linguagem alegórica* e de cunho teológico é bastante utilizada na obra, como observamos nos primeiros trechos do livro, em que o narrador afirma ter se encontrado em um lugar onde havia “uma caverna”, o que representa a própria prisão em que se encontrava. A *alegoria*, além de ser uma característica retórica então bastante utilizada, constituía-se também um

⁴¹ Destinado ao público de leitores brasileiros, *O Peregrino Ilustrado*, edição condensada e ilustrada da obra, lançada em português em 1971, já esgotou 15 edições e continua a ser procurada por milhares de leitores todos os anos. Há outras edições da obra em Português; uma das mais conhecidas foi lançada pela Imprensa Metodista em 1944. As versões em português geralmente eram intituladas *A Viagem do Cristão* e *O Peregrino*.

recurso propício em uma época de entraves e perseguições religiosas, na qual certas verdades não podiam ser ditas abertamente.

Outro aspecto relevante é que, a todo o momento, a história é nutrida pelo discurso bíblico. Estabelece-se um diálogo constante do texto com as metáforas e acontecimentos bíblicos, conforme se vê no trecho abaixo no qual o autor descreve o “Vale da Sombra da Morte” com as palavras bíblicas encontradas no livro do profeta Jeremias:

Ora ao final desse vale, havia outro chamado Vale da Sombra da Morte, e Cristão precisava atravessá-lo também, pois o caminho rumo à Cidade Celestial passava por ali. Tal vale é lugar bastante desolado, e o profeta Jeremias assim o descreve: “Um deserto, uma terra de ermos e covas, uma terra de sequeidão e sombra da morte, terra em que ninguém [senão um cristão] transita, na qual não mora homem algum.” (Jeremias 2:6) (BUNYAN, 2006, p. 83)

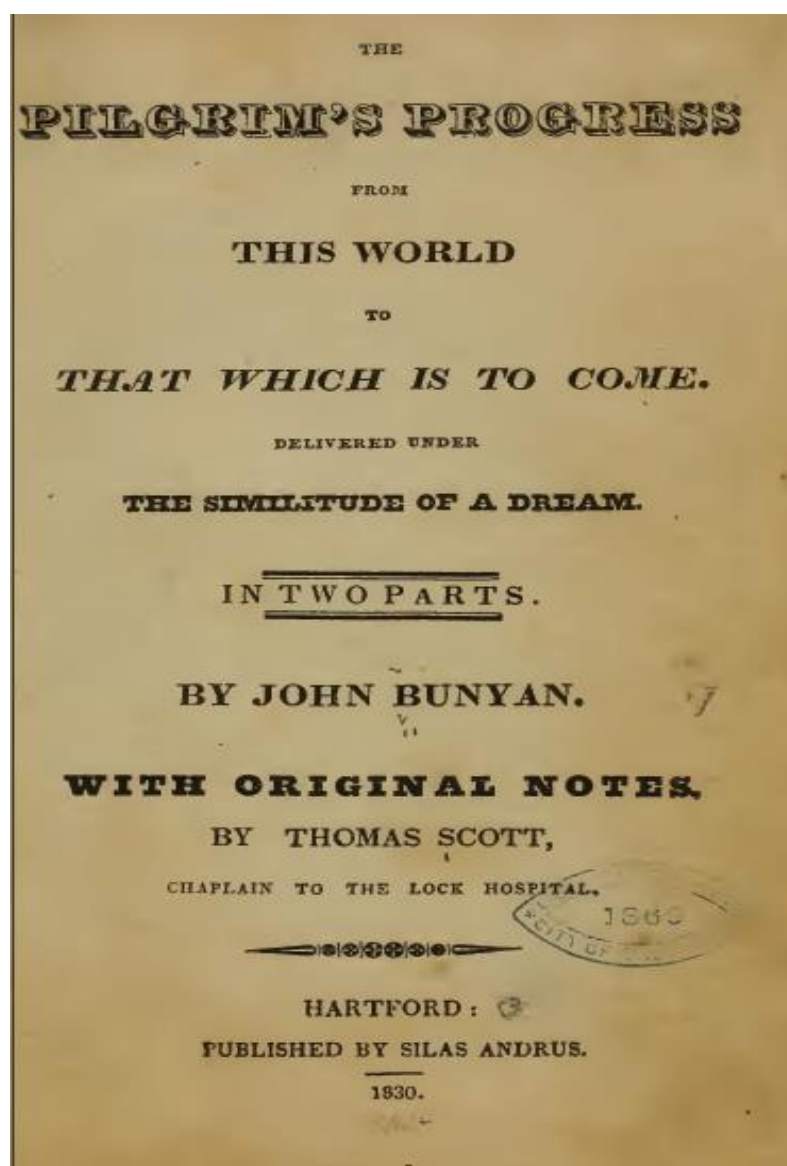
Associações como essas permeiam todo o restante da obra. São critérios assim que justificam a permanência de *O Peregrino* no cânone protestante oitocentista, sendo, inclusive, anunciado em todos os catálogos verificados que circulavam nesse período. É sabido que, desde a sua publicação, o livro jamais deixou de ser impresso, sendo, depois da *Bíblia*, o livro mais conhecido no meio cristão não somente de língua inglesa, mas em diversas línguas. No prefácio de uma edição datada de 1850, encontramos vestígios de como a obra era consumida em grande escala:

Não seria talvez difícil de provar que *O Progresso do Peregrino* é realmente uma produção original de um gênio vigoroso, assim como algumas dessas obras que, em prosa ou em verso, tem excitado a admiração da humanidade, através de sucessivas gerações, em diferentes países. Ele de fato não possui os ornamentos que geralmente são confundidos com excelência intrínseca, mas seu estilo rudimentar (...) concorre para provar que é o mais extraordinário livro (...). É inegável que *O Peregrino* de Bunyan continua a ser lido e admirado por vastas multidões (...).⁴²

⁴² No original: *It would not perhaps be difficult to prove, that The Pilgrim's Progress is as really an original production of vigorous genius, as any of those works, in prose or verse, which have excited the admiration of mankind, through successive age and in different nations. It does not indeed possess those ornaments which are often mistaken for intrinsic excellence, but the rudeness of it style (...) concurs to prove it a most extraordinary book (...). Yet it is undeniable that Bunyan's Pilgrim continues to be read and admired by vast multitudes (...).* (In: BUNYAN, 1830, p. 04)

A leitura de *O Peregrino* manteve-se interessante e ativa para os protestantes oitocentistas pelo fato de se estabelecer o que já tratamos anteriormente como o “processo de atualização”, que proporciona a analogia entre as vivências do personagem Cristão em sua jornada alegórica e as vivências do leitor evangélico enquanto “peregrino” em busca de seu “lar celeste”, fator que consagra a obra como um clássico.

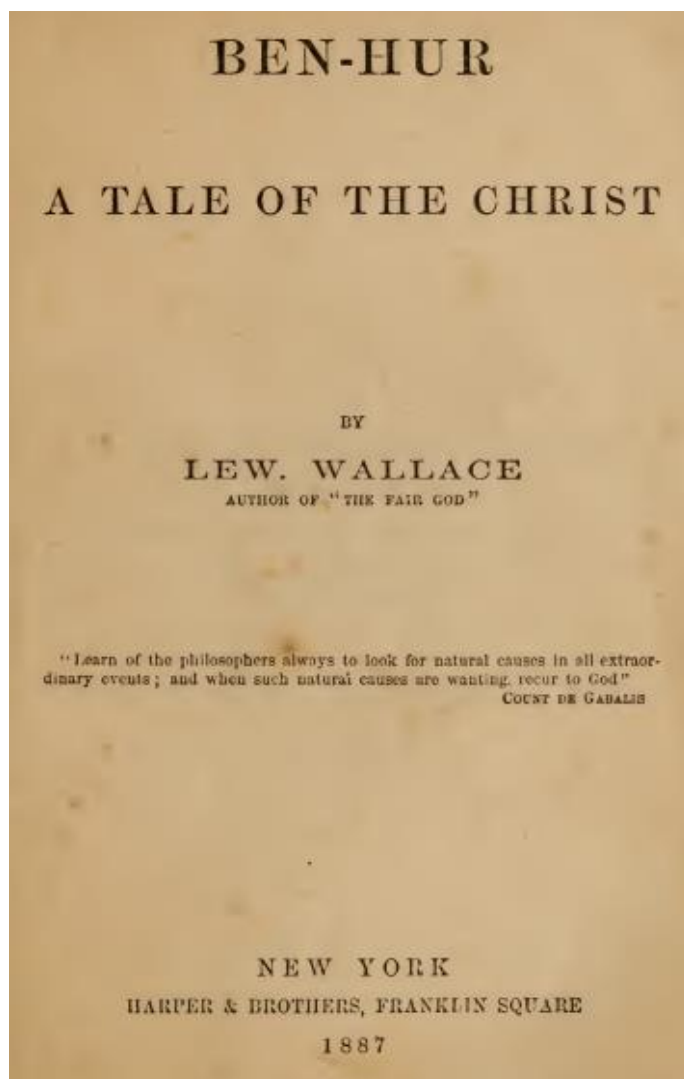
Figura 15 – Capa do livro *O Peregrino* (1830), de Jhon Bunyan



Fonte: <ia600200.us.archiveorg/14/items/pilgrimsprogress08bun/ pilgrimsprogress08bun.pdf>

Outro romance que se estabelece entre os discursos evangélicos, tornando-se, inclusive, um *best-seller*, foi publicado em 1880 – *Ben-Hur: A Tale of the Christ*, conforme ilustrado na Figura 16 abaixo. Escrito por Lew Wallace (1827 – 1905), o enredo entrelaça a vida de Jesus com a de um protagonista fictício, o jovem príncipe judeu chamado Judah Ben-Hur, que sofre traição e injustiça e, com sede de vingança, anseia a derrota de Roma. Na obra, as temáticas evangélicas de tolerância e redenção são abordadas, o que ressalta mais uma vez o caráter *utilitário* dos artefatos que constituíam o conjunto impresso protestante no Oitocentos.

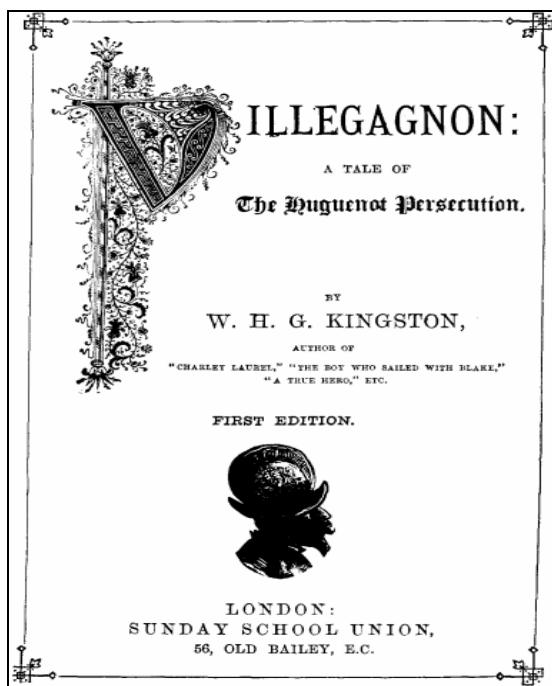
Figura 16 – Capa de *Bem-Hur: a Tale of Christ* (1887), de Lew Wallace



Fonte: <ia700509.us.archive.org>

Da autoria de W. H. G. Kingston, destaca-se entre o conjunto ficcional evangélico *Villegagnon: a tale of The Huguenot Persecution* (1886). O romance ambienta-se no Século XVI, retratando a época em que houve a tentativa da invasão dos protestantes franceses ao Rio de Janeiro⁴³. Narra as aventuras de um comandante protestante chamado Nigel sob a temática da perseguição religiosa e do amor, considerando que esse se apaixona por uma bela senhora, Constança. Nesse sentido, a ficção serve às “questões de fé” considerando que o texto, para além do deleite do leitor, serve para disseminar a memória histórica de sua religião e sedimentar o *ethos* cristão.

Figura 17 – Capa do livro *Villegagnon: a Tale of the Huguenot Persecution* (1886), de W. H. Kingston



Fonte: <www.archive.com>

⁴³ Antes mesmo da vinda e estabelecimento das missões evangélicas no Brasil, duas esporádicas tentativas de implantação do Protestantismo em solo brasileiro ocorreram, porém, sem êxito. As incursões ficaram conhecidas como *Protestantismo Colonial* e ambas estavam vinculadas às guerras religiosas decorrentes da Reforma Protestante e da política mercantilista da Europa Moderna. A primeira delas se deu com a invasão dos franceses huguenotes no Rio de Janeiro, que vieram em busca do pau-brasil e de refúgio religioso. Foram eles, inclusive, quem organizou em 1556, o primeiro culto protestante no Brasil. Disputas religiosas provenientes da França, no entanto, dividiram a comunidade. Na ocasião, três religiosos franceses foram mortos, sendo considerados os primeiros mártires protestantes no Brasil. Os que sobreviveram foram obrigados a voltarem à Europa. O episódio foi descrito por Jean de Léry como “a tragédia de Guanabara” (LÉRY, 2007).

Os **contos**, por sua vez, também figuram como parte do cânone protestante oitocentista. Da mesma forma que nos romances, os contos uniam a imaginação e a instrução para disseminar aspectos doutrinários e provocar ação moral. Nesse sentido, encontra-se anunciado em *A Selected Catalogue of Theological Works* (1862) o conto *Warm hearts in Cold Regions – A tale for the Young* de R. N. Charles (p. 02). Já no *General Catalogue or Stander Books* (1872), da denominação Metodista, encontram-se anunciados: *The Young Pilgrim*, um conto ilustrativo de *O peregrino* de Bunyan, não constando, nesse caso, a autoria; *A tale of The Revolution* de Elizabeth Derry Charlot (p. 12); *Tales of The Scotilish Pessantry* do Rev. H. Ducan e *Tales and Talkings* escrito por Rev. J. V. Watson (p. 32).

2.3.4 Entre outros gêneros

Para além dos gêneros acima apresentados, outros aparecem ainda nos cinco catálogos protestantes, em circulação no Oitocentos, selecionados para esta fase da pesquisa. O conjunto de publicações destinado à Escola Bíblica Dominical (EBD)⁴⁴, por exemplo, apresenta-se aqui não como um tipo diferenciado de gênero textual, mas como uma junção de outros gêneros que foram anteriormente apresentados – doutrina, memória, ficção, periódicos e hinos, todos com a finalidade de “santificar o mundo, conectando redes institucionais e domésticas para o crescimento religioso” (BROWN, 2004, p. 105).

Até os anos de 1820, as lições da tradicional EBD eram tomadas principalmente a partir da Bíblia e catequese. Com a expansão do mercado editorial e a criação de organizações tais como *American Sunday Scholl Union* (ASSU)⁴⁵, os estilos e conteúdos dos

⁴⁴ A tradição de classes de ensino bíblico aos domingos remonta ao Século XVIII quando o fundador do Metodismo, John Wesley, ministrava lições religiosas em Savana (EUA). No entanto, o Movimento da Escola Dominical veio se consolidar por meio do jornalista anglicano Robert Raiks (1735 –1811). Observando a ociosidade das crianças operárias de Gloucester (Inglaterra), especialmente aos domingos quando as fábricas não funcionavam, Raiks organizou classes dominicais aliando o ensino religioso ao laico. Pela manhã, as crianças eram alfabetizadas e estudavam História, Matemática e Inglês. Já na parte da tarde, após serem alimentadas recebiam o ensino bíblico e eram instruídas no catecismo. As Escolas Dominicais foram se estabelecendo nas denominações protestantes com o passar dos anos em várias partes do mundo e funcionam até hoje com classes específicas para cada faixa etária, nas quais se discutem apontamentos bíblicos. (BOYLAN, 1988; SAMPEY & PRAICE, 1930)

⁴⁵ Fundada na Filadélfia (EUA) em 1824, a *American Sunday Scholl Union* foi uma associação nacional religiosa, cujo objetivo era promover a organização e o apoio às Escolas Dominicais em comunidades carentes por dois meios de

textos foram se diversificando e apresentavam as formas didática e narrativa. *Uniform Lessons* (1826), uma das obras editadas pela ASSU, e circulou até 1872, quando foi introduzido *International Uniform Lessons* e, logo em seguida, *Union Question Books* foi amplamente usado para o ensino religioso da época (SAMPEY, PRAICE, 1930).

Do ponto de vista estrutural, as obras que compunham as *Bibliotecas da Escola Dominical* (conforme eram denominadas nos catálogos “*Sunday School Library*”) continham, geralmente, uma passagem das Escrituras, que era seguida de perguntas e discussões. Livros com questionários (*Question Books*), conforme se vê na Figura 18 a seguir, serviam também para introduzir a doutrina de acordo com o modelo do Catecismo (*idem*, p. 111). Os prefácios dos livros sugeriam que os alunos lessem e memorizassem passagens bíblicas, elaborando suas próprias questões a fim de discutirem com os professores e familiares fomentando, assim, a compreensão do leitor.

No catálogo *Wesleyan Methodist Book Room* (1869) são anunciados alguns títulos em seção denominada “*Sunday School Lesson Book*” (p. 37), tais como: *Lessons for every Sunday in the Year – Being a series of Lessons taken from the Historical and Prophetical Books, the Epistles and Psalms* e *Vincent’s Lessons: Two years with Jesus*.

Verificam-se ainda títulos destinados ao preparo docente tais como *The Sunday School Teacher’s Guide* de Rev. John A. James (1841), no qual uma série de lições é destinada ao professor, sua postura cristã e às didáticas eficientes para o ensino bíblico, *etc.* Na mesma linha, encontramos proposto no *General Catalogue or Standard Books* (1972, p.33): *Topics for Teachers – A New and Valuable work for Ministers, Sunday School Teachers and Others*, apresentando dois volumes conforme anúncio e escrito por J. C. Gray. Já *Sunday School Photographs* do Rev. Alfred Taylor (1864) e *The Sunday School Teacher* por John Todd (publicado em Londres, 1838, cf. Figura 19 a seguir) apresentam formas de se trabalhar o ensino religioso e a prática de leitura dos textos destinados ao estudo na EBD, além de outros aspectos sobre “o preparo intelectual e espiritual” do professor.

Figura 18 – Lição I do livro *Elementary Scripture Question-Book* (1859)

trabalho: implantação de escolas bíblicas e promoção da publicação e circulação de literatura moral e religiosa direcionadas, especificamente, a professores e alunos frequentadores dessas escolas. A instituição desempenhou uma grande influência na vida religiosa americana. Sobre esse assunto consultar: *Historical Sketch of The American Sunday – School Union and its contributions to popular education in The United States* (1865); BOYLAN (1988).

ELEMENTARY SCRIPTURE QUESTION-BOOK.



LESSON I.

THE NEW TESTAMENT—GOOD TIDINGS—AN
ANGEL SENT FROM GOD.

Luke i.

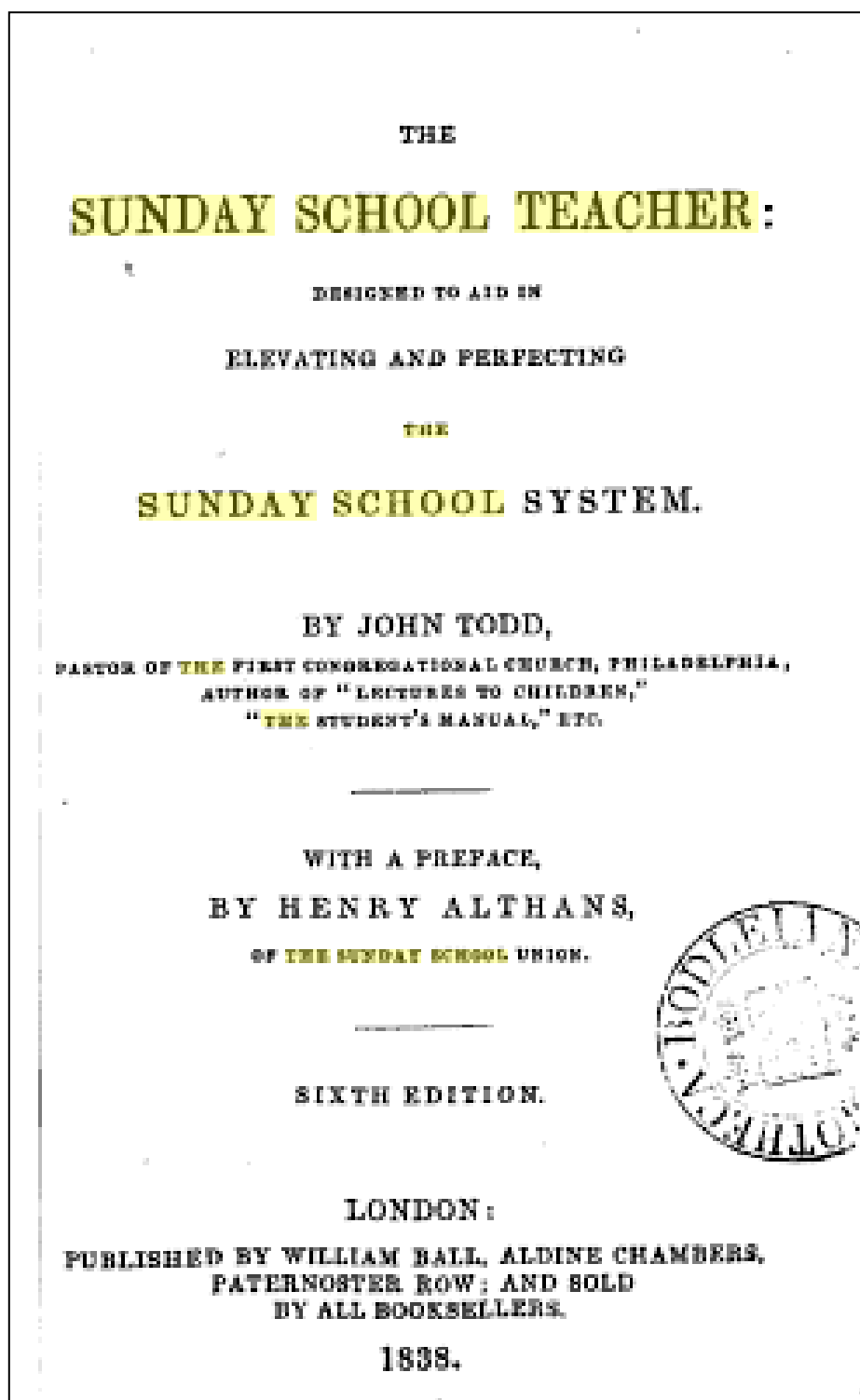
Q. WHAT is the second part of the Bible called?

A. The New Testament of our Lord and Saviour Jesus Christ.

Q. How many books does it contain?

A. Twenty-seven.

Figura 19 – Capa do livro *The Sunday Scholl Teacher* (1838), de John Todd

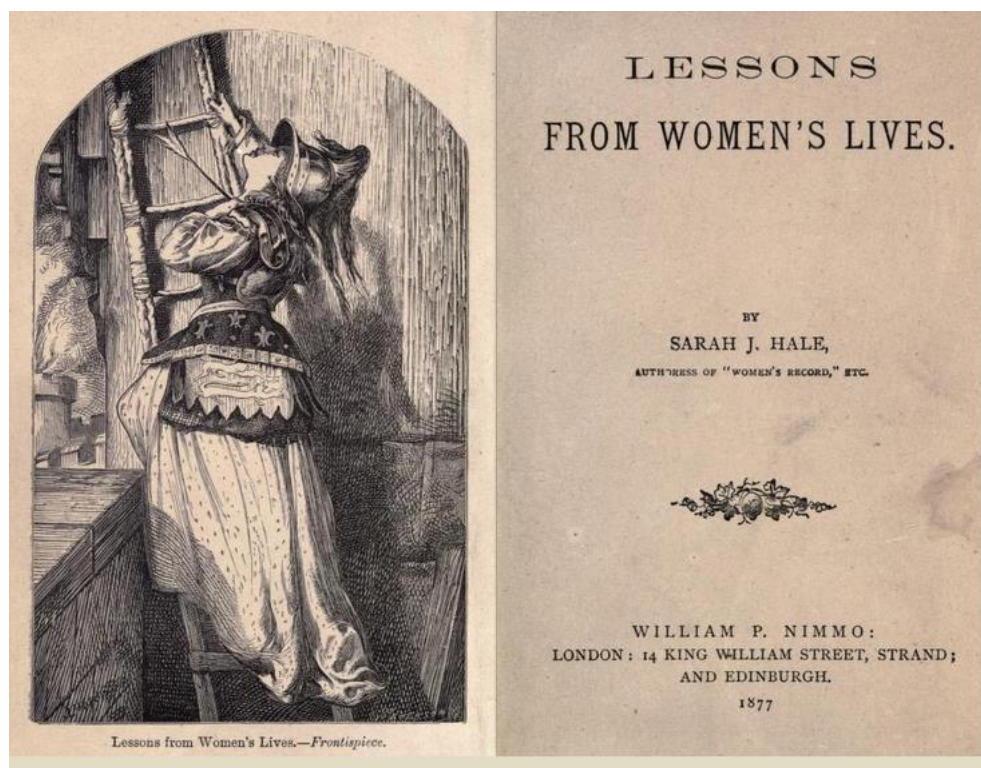


Fonte: <books.google.com.br/books?id=014EAAAAQAAJ>

Além dos gêneros destinados ao ensino da Escola Dominical, outros, tais como **literaturas de conselho**, também integram o conjunto textual evangélico nos Oitocentos. Esse tipo de literatura, segundo Brown (2004), servia para instruir, de acordo com os preceitos bíblicos, sobre as formas de conduta que um cristão deveria ter ante suas atividades seculares. Assim, apresentava, por exemplo, os modos como a mãe deveria educar seus filhos, como a jovem deveria se comportar, como as crianças deveriam tratar os pais, *etc.*

Muitos títulos eram dedicados à vida doméstica, a exemplo de *Lessons from Women's Lives* (1877), de Sara J. Hale, conforme se vê na Figura 20, no qual são apresentadas a vida de importantes personagens femininos no decorrer da História Cristã, mesclado com conselhos para a vida da mulher. *Domestic Portraiture* (1849), escrito por Legh Richmond, apresenta a aplicação de princípios religiosos para a família.

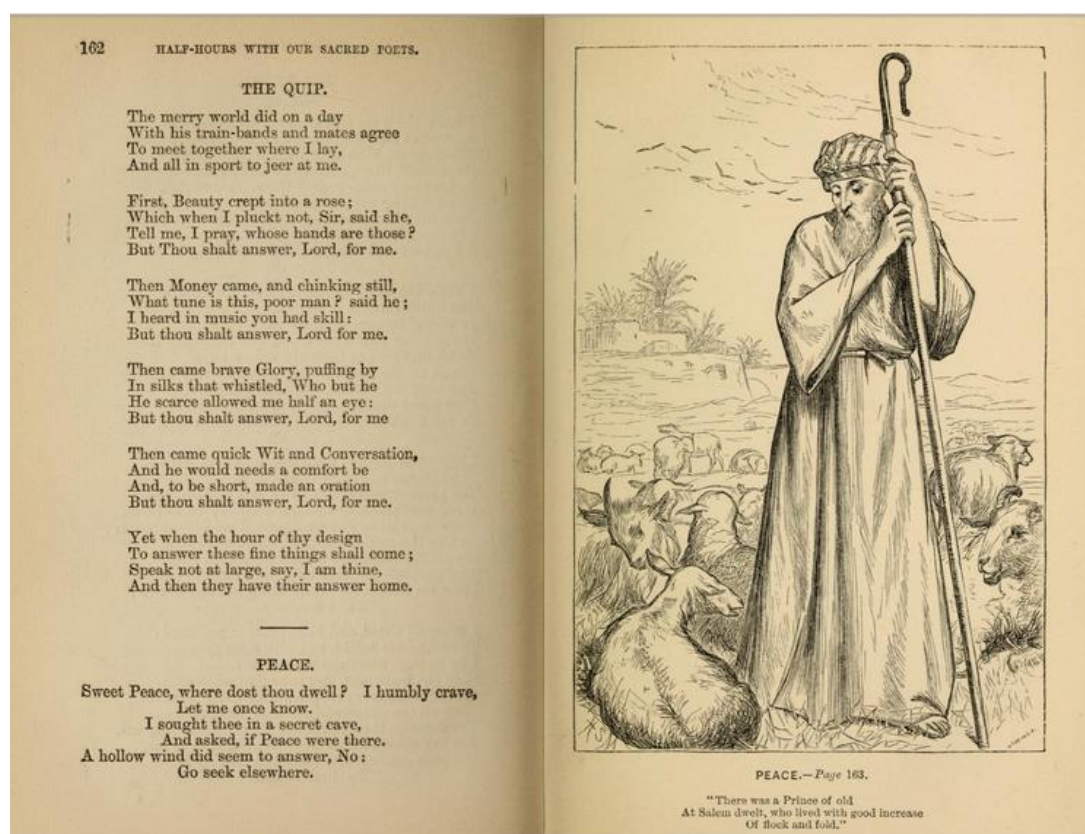
Figura 20 – Frontispício e capa do livro *Lessons From Women's Lives* (1877)



Fonte: <archive.org/stream/lessosnfromwomem00haleiala#page/n7/mode/2up>

A **poética** também se faz presente entre os gêneros textuais protestantes do Século XIX. Assim como na prosa, o texto poético protestante teria a função de disseminar os princípios evangélicos, em especial “a pureza”. Em *A General Catalogue of Books for Sale at The Wesley Book Room* (1869, p. 16), encontra-se o anúncio de *Half-Hours With Our Sacred Poets*, de Alexander H. Grant, que reúne um conjunto de poemas antecidos por um breve histórico de seus autores de épocas diversas. *Poetical Works*, de Gold Smith; *Complete Poetical Works Illustrated*, de Robert Southey; *The Poets and Poetry of The Bible*, de George Gillhan (p. 21); *The Sacred Poets of England and America* em formato de “livro de bolso” escrito por Rufus W. Griswold e ainda *Poetical Words*, de Felicia Hemans (p. 23) são também obras poéticas anunciadas em *A Catalogue of religious, scientific, illustrated, juvenile, and miscellaneous books* (1860).

Figura 21 – *Half-Hours With Our Sacred Poets* (1863), de George Herbert



Fonte: <ia801603.us.archive.org/33/items/halfho00gran/halfho00gran.pdf>

O que circulou por meio dos periódicos e outros tipos de suportes evangélicos no Brasil oitocentista possui uma historicidade. Por isso, procuramos caracterizar, através desse capítulo, o que se considera uma Literatura Protestante e suas características, dentre as quais seu valor utilitário. A partir das análises apresentadas mais adiante, será possível perceber que não apenas as formas litúrgicas evangélicas foram herdadas dos ingleses e norte-americanos pela comunidade brasileira, mas também, os gêneros literários evangélicos, as práticas de leitura e os modos de ler.

3 PERIODICISMO E FÉ: O JORNAL PROTESTANTE NO OITOCENTOS

[...] o jornal é, portanto, o lugar por excelência da multiplicidade discursiva; nele, revelam-se mesmo que de forma incipiente as vozes de uma “opinião pública”, da qual participavam os mais variados seguimentos da sociedade [...] o periódico é tomado como suporte e fonte primária, por onde circularam várias vozes e vários discursos, em um pulsar heterogêneo e variado, que pode revelar múltiplas perspectivas de uma época e maneiras desiguais de se apropriar e de se aproximar da cultura escrita.

Socorro Barbosa⁴⁶

No capítulo anterior, apresentamos alguns conceitos de ordem histórica e literária no âmbito da leitura protestante e sua prática no Século XIX, julgando, tal como Carlos Bacellar (2011, p. 64), ser necessário ao historiador a *correta contextualização* que, em conjunto com o *olhar crítico*, o habilita a proceder com o estudo das fontes que se tem à mão. Nesse sentido, verificamos a literatura protestante, suas especificidades, os gêneros que compuseram o conjunto textual propagado nos Oitocentos, que seriam implantados no Brasil – por meio dos missionários e suas respectivas denominações – formando uma cultura impressa orientada pelos moldes literários evangélicos europeus e norte-americanos.

Na segunda parte de nossa pesquisa, iniciada pelo presente capítulo, pretendemos focar nosso olhar em alguns periódicos protestantes enquanto artefato cultural impresso, elegendo-os como principal fonte para a obtenção de dados que, por sua vez, comprovarão nossa principal hipótese: a formação de um sistema literário protestante no

⁴⁶ In: *Jornal e Literatura: a imprensa brasileira no século XIX*. 2007, p. 40.

Brasil originou-se nas páginas dos jornais editados a partir da segunda metade dos Oitocentos.

Nessa abordagem, o jornal evangélico propiciará a verificação e caracterização de elementos gráficos e discursivos, que o definem enquanto suporte de gêneros textuais diversos, procurando observar as relações desse com o jornal laico. Além disso, verificaremos o valor utilitário do impresso no sentido de ter se tornado um veículo a serviço de comunidades leitoras protestantes por meio de suas folhas baratas e acessíveis.

O fato de se privilegiar o jornal explica-se, primeiramente, por seu inegável caráter de fonte primária relevante para os estudos históricos, além da especificidade temática atualmente bastante utilizada no âmbito literário e historiográfico. Há de se retomar o que foi argumentado por Barbosa (2007) em epígrafe que abre esse capítulo – configura-se nas páginas dos jornais “um pulsar heterogêneo e variado”, revelando conhecimentos de uma época e, o mais interessante, verifica-se as diversas maneiras com que comunidades leitoras laicas e religiosas apropriam-se de um mesmo objeto, atribuindo-lhe sentidos diversos.

3.1 O discurso protestante no jornal laico

No período das Regências (1831 – 1840), é possível verificar uma profusão de periódicos no Brasil que, por sua vez, estavam diretamente relacionados à sua trajetória política, econômica, social e cultural. Logo nos anos subsequentes, a palavra e a imagem impressas continuaram a ganhar força e expressão com escritos de toda ordem, produzidos por agentes sociais diversos que atuavam em favor do desejado cenário civilizatório do Império (LUCA & MARTINS, 2011, p. 46).

Ao menos dois aspectos favoreciam a manutenção do suporte jornal nesse lugar de multiplicidade discursiva: o baixo poder aquisitivo e a falta de instrução da população do país. Realizando uma arqueologia d’*Os Primeiros Passos da Palavra Impressa no Brasil*, Marcos Morel (2008), ao investigar a estreita relação dos livros com os jornais periódicos, discorre sobre o baixo custo destes em relação aqueles – fator que tornava o jornal mais acessível

enquanto impresso. De acordo com o autor, era comum na época transcreverem e traduzirem longos trechos de livros antes de se popularizar e expandir a publicação de volumes em folhetins nos periódicos. Logo, quem não tinha acesso aos livros (por seus altos custos) poderiam lê-los em extratos nos jornais que se tornavam, assim, veículos de disseminação.

Vale salientar que as produções religiosas também encontraram seu espaço nesse conjunto impresso. Por questões já expostas, os protestantes passaram a ter nos periódicos um meio propagandístico de valores cristãos, além de principal suporte disseminador do texto bíblico e dos comentários que dele derivam. Assim é que, a partir da ideia fixa de inundar o mercado de impressão com a Palavra divina, os evangélicos apropriaram-se dos gêneros literários seculares e de seus modelos, amparados em três fundamentais pilares: instrução – devoção – evangelização.

Apesar de toda preocupação inicial dos editores protestantes em não se deixar influenciar pelos padrões comerciais seculares, considerando que o principal objetivo com as publicações seria “equilibrar a pureza e a presença no mundo” (Brown, 2004, p. 163), é possível observar, a partir das décadas de 1840 a 1860, uma relação mais confortável entre o religioso e o comercial. Nesse sentido, houve uma maior utilização de ferramentas laicas para a produção dos impressos evangélicos dos quais a forma periódica foi privilegiada por motivos consideráveis: o preço relativamente baixo, a velocidade de produção, o amplo alcance geográfico e o favorecimento de discussões e debates sobre questões denominacionais e doutrinárias.

Observa-se, a partir do último motivo acima, o fato de o jornal ser o espaço destinado à “opinião pública” tratado por Morel (2008, p. 33) como “[...] um recurso para legitimar posições políticas e um instrumento simbólico que visava transformar algumas demandas setoriais numa vontade geral”. Nos periódicos protestantes, observamos que essa opinião pública nem sempre está comprometida com a política (área elementar de qualquer jornal), mas, acima de tudo, com os valores teológicos e devocionais da fé cristã, estabelecendo uma rede de comunicação capaz de sustentar identidades coletivas ao longo do tempo. Sobre essas relações, esclarece ainda Brown (2004, p. 169, 170):

[...] a participação em uma comunidade textualmente definida reforçava ao mesmo tempo, alianças denominacionais e o senso de pertencimento dos indivíduos da igreja universal. Ao contrário dos sentimentos políticos democráticos, a premissa evangélica de que todos os cristãos são sacerdotes tem menos a ver com a partilha do poder do que com a ideia de que tanto o clero como os leigos exercem influência para mediar a Palavra sagrada e o mundo profano. (Tradução nossa)⁴⁷

Entre os anos de 1830 a 1850, no período conhecido como *Protestantismo de Imigração*, a ideia de protestantes povoando a nação brasileira era apenas um esboço e os discursos evangélicos não eram tão visíveis nos jornais de então. No entanto, a indesejada presença dos missionários e reverendos da “seita”, bem como suas atividades de distribuição de impressos evangélicos, já incomodava alguns padres católicos da época que manifestavam suas opiniões e protestos por meio dos jornais. É o caso, por exemplo, do periódico *O Catholico*, o qual, a partir da segunda edição, passa a ser denominado *O Catholico Fluminense* (1838). Mesmo considerando seu caráter efêmero, o jornal, que teve poucos números, dedicava boa parte de seu conteúdo a confrontar os metodistas representados pelos missionários Justin Spauldin e Daniel Kidder, que chegaram ao Brasil em 1836 e 1837 respectivamente. Num dos artigos, encontramos: “Assim tratais o Brasil? Pais classico do catholicismo? Precisão os brasileiros da infusão de luzes dos estúpidos e tristes methodistas? Expressais aos brasileiros seu atrazo de 150 anos de civilização?” (1838, p. 18)

A atividade periódica protestante, em língua portuguesa, só vem ser introduzida no Brasil por meio dos missionários europeus e norte-americanos na segunda metade do Século XIX. Porém, antes mesmo da criação de jornais vinculados às suas respectivas denominações, o discurso evangélico – difundido em artigos, cartas e informes sobre as doutrinas e o estabelecimento do protestantismo brasileiro – já encontrava espaço e circulação nos jornais laicos não apenas da Corte, mas, como temos notado, também em províncias como Maranhão (*A Imprensa*, 1861), Pernambuco (*O Jornal do Recife*, 1866;

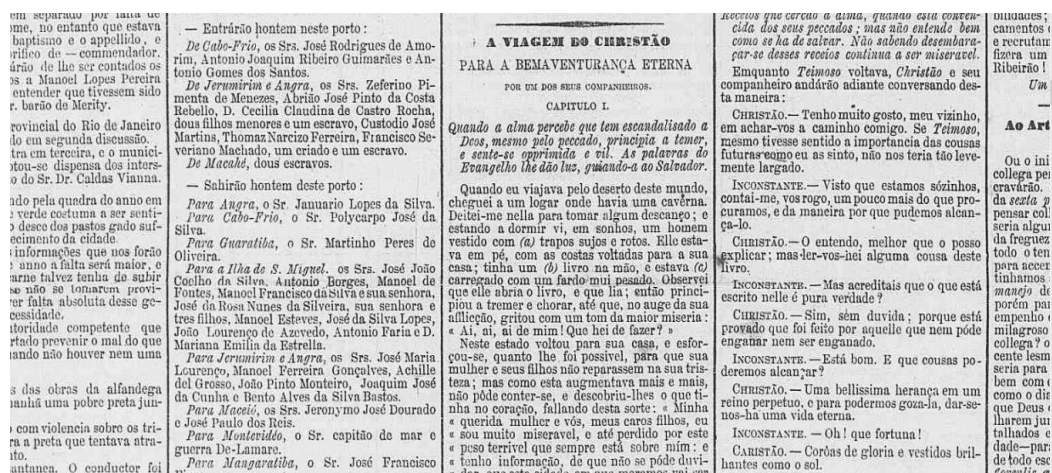
⁴⁷ [...] participation in a textually defined community simultaneously strengthened denominational allegiances and individuals' sense of belonging within the church universal. Unlike democratic political sentiments, the evangelical premise that all Christians are priests has less to do with power sharing than with the idea that both clergy and laity exercise influence to mediate between the sacred Word and profane world. (p. 169-170)

Diário de Pernambuco, 1865) e Grão Pará (*O Liberal do Pará*, 1841; *O Pelicano*, 1871; *Estrella do Norte*, 1863).

Dentre os missionários em atividade no Brasil desse tempo, destaca-se o médico e também reverendo Robert Reid Kalley com um significativo conjunto de publicações nos principais periódicos em circulação na Corte. O reverendo instalou-se no Brasil em 1855 e, até 1876, escreveu para diferentes jornais do Rio de Janeiro, utilizando-se também de pseudônimos. Entre outubro de 1855 e dezembro de 1866, publicou aproximadamente 35 artigos, cartas e narrativas ficcionais no *Correio Mercantil* (RJ) e, em 1864, iniciou suas publicações no *Jornal do Comercio do Rio de Janeiro*.

A presença do discurso protestante nos jornais laicos inicia-se por meio de narrativas ficcionais. A alegoria de John Bunyan *A Viagem do Christão*, também conhecida como *O Peregrino*, foi traduzida pelo Rev. Kalley e veiculada em estilo folhetinesco na seção “Publicações a Pedido” do jornal *Correio Mercantil* no período entre 05 de outubro e 10 de dezembro de 1856 (Cf. Figura 22 abaixo). Organizado em trinta e cinco capítulos, o folhetim teve ampla aceitação sendo considerado nas memórias de João Gomes da Rocha (1941), filho adotivo do casal Kalley, como “[...] o primeiro ato memorável de propaganda, pois que, lançando mão da imprensa diária, instrumento poderoso e veículo legítimo”, Kalley pretendia influir “[...] sobre um círculo maior e mais exaltado” (p. 47). Sobre a recepção desta narrativa protestante nos jornais, Rocha (1941, p. 47) expõe a seguinte impressão: “Os leitores daquele órgão fluminense encontraram, por dois meses [sic], um assunto, *uma história*, muito diferente das histórias comuns; e essa história impressionou muitos para o bem!” (Grifos do autor)

Figura 22 – Romance-folhetim *A viagem do Christão* (1856), de Robert R. Kalley



Fonte: *Correio Mercantil* (05/10/1856) Disponível em: memoria.bn.br/pdf2/217/280/per217280_1856_00274.pdf.

No período que vai de 27 de março a 12 de abril de 1861, Kalley faz publicar “a pedido” a narrativa *O ladrão na cruz* de sua própria autoria (Cf. Figura 23 a seguir). A história, também em estilo folhetinesco, estabelece uma relação entre o episódio bíblico da crucificação de Cristo e seu diálogo com os ladrões na cruz. Os aspectos doutrinários e bíblicos – tais como condenação e salvação eterna, salvação e justificação (o apagamento dos pecados pelo sacrifício vicário de Cristo) – são disseminados no texto por meio dos diálogos entre os principais personagens da história, os primos Sr. Alves e D. Luzia.

Nesse sentido, observa-se o caráter utilitário da Literatura Protestante: a preocupação primária dos letrados evangélicos não era com o estilo de suas narrativas, mas com o fato de que os aspectos da fé evangélica se tornassem perceptíveis aos leitores desses textos.

Figura 23 – Romance-folhetim “O ladrão na Cruz” (1861), de Robert R. Kalley



Fonte: *Correio Mercantil* (27/03/1861). Disponível: <
http://memoria.bn.br/pdf2/217280/per217280_1861_00085.pdf>

Anos mais tarde, com o objetivo de encaminhar seus leitores à fé reformada, Kalley manda publicar na Inglaterra *O ladrão na cruz* no suporte folheto. Porém, em país onde se adorava o crucifixo, tomou-se como grande escândalo o fato de o ladrão, que figurava na capa do folheto, estar preso à cruz por pregos. No entender do fiscal da alfândega, a ilustração contrariava a lei existente que proibia a publicação de qualquer texto que se opunha à religião oficial⁴⁸. Os ladrões, pois, deveriam estar atados à cruz por cordas, sendo os pregos objetos exclusivos da crucificação de Cristo. Assim, a alfândega não liberou o folheto por considerar a ilustração herética, além de entender ainda que o

⁴⁸ O regulamento de 1860 especificava acerca “*Das mercadorias cujo despacho é proibido*”: Art. 516. Fica proibido o despacho das seguintes mercadorias e objectos: 1º Qualquer objeto de escultura, pintura ou lithographia, cujo o assumpto seja obsceno, ou offensivo da Religião do Estado, da moral e dos bons costumes, ou que estejam comprehendidos nas disposições dos Arts. 90, 242, 244, 278 e 279 do Código Penal.” Sobre o parecer atribuído pelo fiscal da alfândega, não encontramos documento. Fica certo, porém, que é verídico a julgar pelos artigos veiculados nos jornais e pela comprovação da referida polêmica que se instituiu a partir desse parecer.

texto tratava sobre a remissão de pecados de acordo com as doutrinas metodista e calvinista.

As polêmicas foram tão intensas, a exemplo das polêmicas laicas, que os artigos passaram a ser republicados em outros jornais, tais como no *A Imprensa* (1861), que circulava em São Luiz (Maranhão) e reunia em suas páginas notícias de vários periódicos das províncias do Brasil (Cf. Figura 24 a seguir). Três dias após a publicação de Tavares Bastos em defesa do reverendo protestante, o Pe. Luiz Lopes Teixeira escreveu um artigo no *Correio Mercantil* (10/10/1861), na seção “Publicação a Pedido”, sob o título “A religião e a alfândega”, no qual revida as colocações a favor dos “livrinhos” kalleyanos e reafirma o valor do Catolicismo como religião oficial do país. Sobre a ação da alfândega, comenta o padre:

E portanto, nada mais fez o fiscal da alfândega do Rio de Janeiro de dar uma subida prova de ser um cidadão prestante á estabilidade das instituições do seu paiz: sabio pelo temor de Deus, e inteligente, porque, prohibindo o despacho dos livrinhos do Sr. Kalley, cumpria com o dever que lhe impõe o seu cargo, fazendo effectivo o art 516 do reg que sabiamente outorgou o governo do paiz para a estabilidade do art. 5º da constituição que é garantido pelos arts. 86 e 277 do cod. penal. (s/p.)

Figura 24 – Capa do jornal maranhense *A imprensa* (1861) com o artigo de Tavares Bastos

A IMPRENSA.

ANNO V.

S. LUIZ, QUARTA-FEIRA 27 DE NOVENO DE 1861.



NÚMERO 21.

ASSIGNATURAS.

Por ANNO..... 10.000

« SEMESTRE..... 5.000

Publica-se ás quartas feiras e sabbados de cada semana. Subscree-se na typ. do PROGRESSO.

Communicados, correspondencias e outras publicações, conforme o ajuste.

Anuncios a 50 reis a linha, e para os assignantes até 20 linhas gratis.

ASSIGNATURA.

Por TRIMESTRE..... 3.000

FOLHA AVULSA..... 200

TRANSCRIPÇÕES.

Espanha.

O príncipe D. João do Bourbon, dirigiu ultimamente ao *Times* a seguinte carta: «Londres 16 de Setembro.

«Ha algum tempo, o *Times*, n'um artigo em que se occupava da questão do México, e da provavel intervenção das duas grandes potencias europeas, para pôr termo á confusão, e á anarchia que desolam aquelle infeliz paiz, dignou-se indicar-me como candidato conveniente ao throno mexicano. Eu não podia naturalmente deixar de me fisongear desta idea, mas como fui mal interpretada, espero que me permitteris combater a opinião que d'ahi se produzir.

«A idea apresentada, encontram ceco nos jornas do continente, e os meus inimigos, sempre attentos a aproveitar todas as accusações e de me prejudicar na estima publica, exploram essa idea para me representar como um homem ambicioso que só trata dasua propria elevação, e que é absolutamente indifferente a qualquer outra consideração, contanto que consiga aquelle fim.

«Permitti-me, uma vez que me está vedado o paiz onde se espalhou esse boato, que eu registo publicamente nas vossas columnas todo o desejo de obter a honra que se me apresenta. Herdeiro do throno de Hespanha pelos meus direitos do nascimento espero também fazer-me rei pelo eleição do povo: Mas para mim a terra do México não tem atractivos. Não sou partidario do plano de guerra que decidio que um príncipe herpanhol succedea no poder que estava perdido para a mão patria.

«Sou desconhecido no México, e não tenho adherentes; alli apenas existem alguns amigos, particulares meo, entre os quaes os que devedem aquelle infeliz paiz de maneira que eu não poderia aspirar a occupar o throno, senão com o apoio das bayonetas estrangeiras. Uma semelhante posição repugnava absolutamente as minhas, e nada ha que me obrigue a não a procurar o poder a custa da violação dessa liberdade a escolha que eu mesmo invoquei, e sobre a qualissimo poder apoiar os meus direitos a questão de Hespanha.

«Parece-me que a unica e verdadeira base da grandeza de um príncipe existe na affeição do seu povo. Como eleito pelos estrangeiros no México, seria eu sempre considerado como um oppressor.

«Não sou pretendente ao throno de Hespanha por ambição pessoal, mas porque a minha profunda convicção que pelos meus esforços, e pelos do partido liberal, o meu paiz poderia ainda ser elevado a posição que devia occupar entre as nações livres da Europa.

«Se minha prima Isabel tivesse governado a Hespanha conforme as ideas liberais da época, e as vestias das duas grandes potencias que protegeram o seu herdeiro, se a grandeza moral e material do paiz tivesse sido desenvolvida por sabias leis honestamente executadas; se a liberdade civil e religiosa tivesse alli sido estabelecida de facto, e que a acção salutar de uma imprensa livre fosse permitida; se os tratados internacionaes tivessem sido respeitados, e se o meu paiz tivesse ouvido a sua voz no conselho das nações; se, finalmente, a Hespanha occupasse a posição devida ao valor e a lealdade de seus filhos individualmente, e em relação com os seus recursos naturaes, não se teria nunca ouvido fallar de mim como pretendente ao throno; e ainda que eu sempre devesse considerar a rainha Isabel como usurpadora dos meus direitos, acquiesce-

ria voluntariamente a um estado de consas que guaranta o bom estar do meu paiz.

«Durante os 38 annos que tenho vivido, nunca, antes do anno passado, tomei parte alguma nos negocios politicos do meu paiz; e se hoje para aquelles que me não conhecem, ou que duvidam dos motivos que me fazem obter, eu posso parecer um intrigante pernicioso, um dia se demonstrará que o unico fim que tenho a peito é o bom estar do meu paiz natal.

«Posso eu não ser rei de Hespanha, posso morrer no exilio, estimulado pelo contraste, sempre presente ao meu espirito, entre a liberdade e felicidade do vosso paiz, e a oppressão e máo governo que desolam o meu; mas ficarei certo de que uma consa:—é que a minha vida se dedica á obra, para que me julgo destinado.

«Em presença destas considerações comprehenderei que não posso ser candidato á coroa do México, e que deixo aos outros o campo livre.

«Julgai-me, com a maior estima, vosso dedicado.

João de Bourbon.
(Journal do Commercio de Lisboa)

Rio, 29 de Setembro.

Não somos directores de collegio, nem nos sentamos com vocação para enfermeiros: não temos, pois, indisposição alguma contra as irmãs de caridade. Comtando o despotismo com que governavam os estabelecimentos da Santa Casa, tivemos a lealdade do reconhecer que, sendo bem dirigidas por pessoas profissionais e intelligentes, ellas podem prestar bons serviços nos hospitais. Não discutimos o seu merito como simples enfermeiras, embora não tenhamos muita fé na caridade e devoção de quem ostenta roupas publicas, como se esta sociedade brasileira do imperio do Capricornio (como tão pittorescamente lhe chamamos o Sr. ministro da minha) precise de esconjuro para não contaminar aquellas excepções venerandas.

Collocaremos hoje a questão somente no terreno legal em referencia á instrucção publica. Chamamos a attenção dos Srs. ministros do imperio e da justiça para factos que nos parecem abusivos.

Não temos de examinar se a legislação, que nos rege em materia de ensino publico assenta, em bons principios: é a legislação do paiz, cumpre respeitá-la. Quando ella foi adoptada, disseram os ministros e as camaras que a educação das meninas brasileiras, que tem de ser mãe de familia, não podia baratear-se; que não devia deixar-se o charlatanhismo e o vicio surprenderem a boa fé dos pais; e em consequencia de tudo isto estabeleceram-se que o governo tivesse a suprema inspecção das escolas particulares.

No decreto, regulando-se essa inspecção, exigiram provas de moralidade e capacidade não só das directoras, como das professoras do ensino particular. Por-se excepção somente: 1.ª, para as pessoas que já tinham collegio aberto antes do decreto; 2.ª, para as pessoas do reconhecimento merito, sobre as quaes não podesse pairar a duvida.

As irmãs de caridade, ou as devotas estrangeiras que pretendem regenerar-nos, não nos consta que sejam pessoas do reconhecimento apilho para obterem dispensa das provas legais; antes ficam bem claro nas discussões havidas em Portugal que ellas professão ignorancia e temem, quanto ao amor de familia, doutrinas que ninguém desejaria inculcar a suas filhas. Isto o provára claramente Alexandre Hercolano e Mendes Leal.

Perguntamos, pois, aos Srs. ministros, se não achão abusivas semelhantes dispensas? De mais: se as hospitalarias do ensino são pessoas respeitaveis e capazes para o magisterio, devão pelo menos ter exhibido documentos na secretaria do imperio. Razamos aos Srs. ministros que ao publico o favor de lhe confiarem tais documentos pela imprensa.

Mas se esses documentos não existem, se o simples facto de trajarem as irmãs de certo modo lhes dá direito a dirigirem collegios e serem mestras, parecemos que ha uma desigualdade funesta, contra a qual protestam os rigores que se exerceem relativamente ás outras mestras nascidas no imperio da Capricornio.

As primeiras concessões, aquellas que se fizeram proximoamente á publicação do regulamento vigente, erão equitativas: foi um respeito á industria estabelecidas. Mas, dali por diante, devia-se ter exigido tanto das irmãs de caridade estrangeiras, como das nossas irmãs nacionaes.

Chega-nos um medico com um diploma expedido por universidades conllecidas e de fama; exigiamos que esse medico exhiba as suas provas de capacidade. Chega-nos uma irmã, sem diploma algum, sem outro titulo mais do que uma touca engomada e um rosario pendente: nada se lhe exige para entrar no exercicio da industria de professora. Parece-nos que já é tempo de acabar com este privilegio.

Outra a escola proteccionista obra de modo diverso: hoje ella protege a industria estrangeira contra a nacional.

O publico tem o direito de saber do governo:

Se as irmãs de caridade, que se dedicão ao ensino, reconhecem ou não um superior fóra do Brasil, como os lazaristas que as acompanham?

Pertencem ellas á alguma ordem regular existente no paiz e que presta obediencia aos discussões?

Tem facultade para adquirirem bens de raiz?

Os predios, onde estão os seus collegios, são propriedades da ordem franceza de S. Vicente de Paulo, ou de alguma associação nacional reconhecida e legalizada?

Qual é o ensino dado nesses collegios? Quais os compendios? Porão revistos e autorizados dentro ou fóra do paiz?

Em summa, quem nos governa em materia de instrucção publica? O governo brasileiro ou o geral dos lazaristas? As leis brasileiras ou os estatutos das confrarias estrangeiras?

Esta questão não é de pequeno alcance. Somos profundamente religiosos, desejamos que a educação seja religiosa; mas não queremos que com esse santo estandarte entre por aqui com toda a sua cerimonia uma legião perigosa de invasores, que escolheirão a America para theatro de seu futuro dominio.

Com estas considerações provocamos as iras e as injurias que barateão caridosamente os defensores das irmãs de caridade: expõem-nos ainda aos epigrammas e ao sorriso sarcastico de seus altos protectores.

Pouco importa tudo isso a quem é religioso sem fanatismo real ou fingido e não faz consentir a virtude em beatices.

(Do Correio Mercantil.)

A religião e a alfandega.

O leitor admirar-se-ha muito da aproximação que fazemos no titulo acima.

Elle verá, porém, a affinidade singular, que se quer estabelecer entre duas cousas tão profundamente distintas.

Vamos aos factos.

Humtem procurou-nos o Sr. Kalley e referiu-nos que, tendo mandado imprimir em Londres um folheto religioso sob o titulo *O ladrão e cruz*, a alfandega desta corte prohibio o despacho dos exemplares.

A alfandega deu por motivo: 1.º, a res-tampa collocada na frente do folheto, que lhe parecia desrespeitoso, representando o ladrão suspenso á cruz por meio de cravos, como o fóra Nosso Senhor Jesus Christo, e não por cordas, conforme é tradição; 2.º, a mesma natureza do escripto, que, disse a autoridade fiscal, insinuava sobre a reuissão dos pecados a doutrina calvinista ou a dos methodistas; 3.º, finalmente, o facto de con-trem-se-as cousas nas disposições do art. 516 do regulamento de 19 de setembro do 1830.

Isto recordou-nos logo factos identicos, praticados anteriormente pela alfandega. Uma vez mandou-se prohibir a sahida dos exemplares do celebre romance de E. Siow, *a Cabana do pai Thomaz*, que, todavia, mandário depois vender em lãsta publica, graças á mais flagrant contra-dicção!

Conta-se também, que, certo dia, um feitor carola, examinando caixas de perfumarias, encontrón sabonetes finissimos trazendo a effigie ou a legenda de Pio IX; para logo o zeloso catholico ergueu um grande brado contra a iniquidade: é facto que, indo o negocio ter ao ministro, este felizmente, homem de letras e desabusado, mandou levantar o interdito da alfandega, attendendo que a marca citada importava uma recommendação para os objectos, como v-ê-se a cada passo.

Isto não mereceria mais do que um inflexivel ridiculo, se não constituise um attentado formal contra as liberdades garantidas por lei. Todo o dia o poder executivo assignala a sua existencia neste paiz por uma nova conquista a bem do regresso, por uma nova invasão. O que, em summa, acontecia esses decretos que as fabricas ministeriaes produzem aos milhares? absorpções, concentração, regulamentarismo, tyrannia.

D'entre elles, o novo regulamento das alfandegas do imperio não é o menos fértil desses abusos.

Hoje, elle vem reunir novo triumpho ás suas antigas victorias.

Mais inoportavel ainda do que as disposições dos regulamentos é a maneira vexatoria e exagerada porque as applica os seus executores. E' costume dos discipulos ir sempre além dos mestres.

O decreto de 19 de setembro citado prohibe, no art. 516, o despacho de *qualquer objecto de escultura, pintura, ou lithographia, cujo assumpto seja obscuro ou offensivo á religião do estado, da moral e bons costumes, ou que esteja comprehendido nas disposições dos arts. 90, 242, 244, 278 e 279 do cod. penal.* Quanto aos impressos, prohibe *somente* as obras contrafeitas, nos termos das leis em vigor.

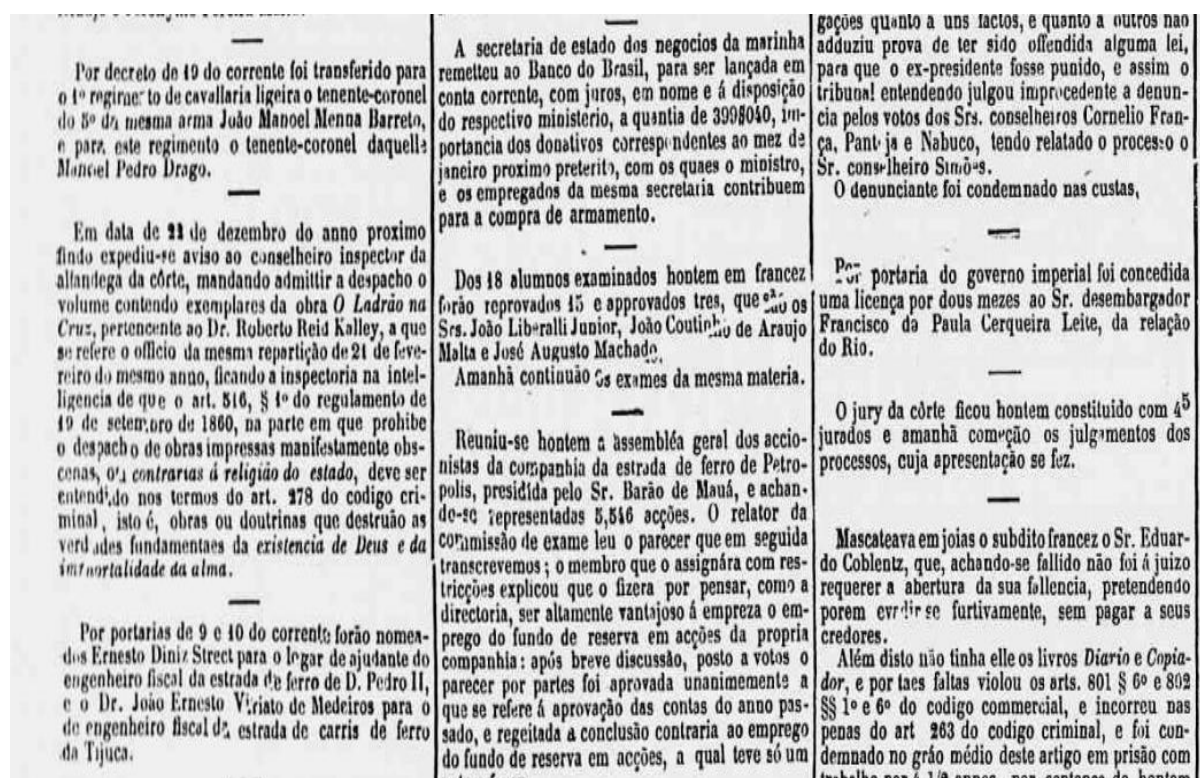
Ao folheto do Sr. Kalley precede uma gravura: está ella no caso do art. 516? Acreditou a alfandega que sim, mas não sabemos em que possa fundar-se. A gravura representa, como dissemos, o ladrão na cruz; mas, diz a alfandega, mostra-o preso por cravos, não por cordas. Examinamos os evangelhos e não temos em nenhum o versiculo em que tenha-se descrito a maneira por que forão crucificados os dous ladrões. A unica differença entre a crucificação de Christo e dellea consiste na cor da de espinhas. Aonde, pois, foi encontrar a alfandega um escandalo para o seu zelo religioso? Ah! se isto não é ridiculo, não ha cousa que o seja no mundo!

Se o escandalo não pôde porvir da gravura, nascerá do impresso? Vejamos.

Lemos cuidadosamente o artigo acima transcripto, e não achamos incluídos nel-o os livros e quaesquer impressos. Em que, pois, basear-se-hia a alfandega para impedir que o Sr. Kalley despatchasse os seus livrinhos?

Por fim, em aviso de 22 de dezembro de 1862, o liberal, Visconde de Albuquerque, então Ministro da Fazenda, mandou o inspetor da Alfândega da Corte admitir o despacho do volume contendo exemplares da obra *O ladrão na Cruz* (BASTOS, 1963). A ordem pode ser encontrada na seção “Notícias diversas” na primeira página do jornal *Correio Mercantil* de 22 de fevereiro de 1863, conforme se vê na figura abaixo.

Figura 25 – Página que consta a ordem de despacho dos exemplares de *O ladrão na Cruz*, de Robert R. Kalley



Fonte: *Correio Mercantil* (22/02/1863). Disponível: http://memoria.bn.br/pdf2/217280/per217280_1863_00052.pdf

A participação de Kalley nos jornais, porém, continuou efetiva. Dentre os artigos publicados no *Correio Mercantil*, por exemplo, é possível verificar ainda os seguintes títulos: *Que allegará o protestantismo, esse corpo envelhecido na pressupção e sem vida?* (09 de março de 1864), *Uma amostra do Jesuitismo* (30 de março de 1864) e *Os jesuítas, irmãos de caridade e lazaristas, e seu órgão, a Cruz* (de 16 de abril de 1864). Nesses artigos, Kalley utiliza-se da imprensa laica, com intenções de propaganda evangelística, a fim de abordar o caso que

ficou conhecido como as *“Bíblias falsificadas”*. O Dr. João G. da Rocha (1941, p. 128) confirma não só a existência da referida polêmica como sua repercussão da imprensa internacional:

[...] daí por diante, levantou-se, em toda a imprensa brasileira, uma polêmica, que durou muitos anos, acerca da Bíblia traduzida em português, em diversos tempos, por homens de diferente valor intelectual, colocados em posições de maior ou menor destaque – traduções essas publicadas por *corporações religiosas*, em Londres, Lisboa, Nova York, etc. (Grifos do autor)

Para se chegar ao que motivou as enfáticas publicações de Kalley sobre esse assunto nos jornais oitocentistas, é interessante verificar historicamente como se deu o caso das *Bíblias falsificadas*, sua repercussão na imprensa laica e, mais tarde, nos órgãos protestantes. No Século XVIII, a Bíblia já dispunha da versão de uma tradução do português com base na *Vulgata* feita pelo Pe. Antônio Pereira de Figueiredo (1725 – 1797). Porém, oficialmente, as bíblias em português só foram permitidas em 1842 com a autorização de D. Maria II (1819 – 1853) e a consulta do Arcebispo de Lisboa Francisco de São Luis (COSTA, 2010, *passim*).

No entanto, só era autorizada a publicação da edição de Figueiredo, a qual foi emitida em 1828 pela *Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira* (com a exclusão dos livros apócrifos⁴⁹) para uso dos protestantes e o seu trabalho de colportagem. Mais tarde, após 1842, essa versão bíblica seria distribuída no Brasil por iniciativa de missionários metodistas. Isso não implica em dizer que a Bíblia não circulasse no Brasil em períodos anteriores – mesmo quando constava como um dos livros proibidos nas listas organizadas por D. Henrique (1512 – 1580), rei de Portugal. Sendo enviada pela Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira (fundada em 1804) e pela Sociedade Bíblica Americana (fundada em 1816), a introdução das Bíblias em território brasileiro se efetivava por meio de capitães de navios, negociantes, pessoal diplomático e militar, bem como dos capitães britânicos radicados no Brasil. O “contrabando” dava-se de acordo com o seguinte

⁴⁹ O termo *apócrifo* é utilizado para referir-se aos livros que, embora tivessem alguma semelhança secundária com os livros canônicos, considerados inspirados por Deus, não eram aceitos nem reconhecidos como tais. Apócrifos são, portanto, os livros extracanônicos redigidos no período bíblico.

expediente: caixas contendo o livro sagrado eram deixadas abertas nas alfândegas para serem pegas por quem desejasse (REILY, 2003).

No Século XIX, porém, os protestantes eram constantemente acusados de utilizarem e distribuírem uma versão falsa, truncada e manipulada da Bíblia. Ao que parece, o clero católico com a finalidade de desmoralizar e inibir a ação das sociedades bíblicas se opunha veementemente à ação propagandística dos evangélicos. Vale salientar que, para além do âmbito religioso, havia questões políticas envolvidas nas ações antiprotestantes que abarcavam, pelo menos, três aspectos do *modus vivendis* evangélico: a leitura (acusando as Bíblias de falsas), as núpcias (não era permitido aos protestantes se casarem oficialmente no Brasil) e o sepultamento (não se permitia o enterro de protestantes em cemitérios públicos) (LIMA, 2010). Geralmente, os opositores do Protestantismo integravam o grupo dos *Ultramontanos* – caracterizados como os cristãos que buscavam a liderança de Roma e defendiam o poder do Papa em relação às questões estatais. Estes se opunham incisivamente aos *Liberais* – simpatizantes do avanço científico, da maçonaria, dos ideais protestantes de civilidade e da desvinculação entre Igreja e Estado⁵⁰.

As discussões transbordaram para além dos ambientes de culto, sendo alvo de calorosos debates em outros âmbitos sociais da época. A imprensa, não só religiosa, como também laica, alimentou-se durante muitos anos desses debates. O jornal, por sua vez, como um meio de melhor acesso para leitura de notícias entre outros gêneros, transformava-se em palco de disputas em nome da fé. O trecho do artigo “Augustos e digníssimos senhores representantes da nação”, publicado pelo jornal *O Apostolo* (29/07/1866) – “Periódico religioso, moral e doutrinário consagrado aos interesses da religião e da sociedade”, traduz bem essa realidade:

Hoje porém que a mortífera peste da indiferença religiosa, fallando geralmente, não deixa ás almas outra energia que a que lhe dão os sentidos e os interesses individuaes; hoje que o proselytismo protestante, aproveitando-se desta disposição de espíritos, e com o auxilio de suas bíblias falsificadas, nas

⁵⁰ Abordar as questões históricas envolvendo ultramontanos e liberais no Brasil Império, bem como a variada gama de publicações que foram por esta relação veiculadas nos jornais dos Oitocentos, renderia um estudo distinto, que ultrapassa os objetivos da presente pesquisa. Assim, para uma visão mais detalhada deste assunto consultar: VIEIRA, 1980; ABREU, 1999.

quaes subtilmente se insinuão seus erros, de envolta com as verdades que contem este livro Divino, elle redobra os seos esforços para disseminar entre a innocente população deste mesmo Império suas falsas doutrinas [...]. (p. 04)

Kalley, em defesa da Bíblia e na tentativa de garantir sua livre leitura e distribuição, continua escrevendo em tom apologético nos periódicos. *O Apóstolo*, de 29 de julho de 1866, faz publicar uma carta do reverendo direcionada ao “Ilmo Sr. Redator” (Cf. Figura 26 a seguir). Na carta, Kalley questiona um artigo extraído do *Diário de Pernambuco* que havia sido transcrito em números anteriores do *Apóstolo*, sob o título “Bíblia falsificadas”. Em tom cortês, de acordo com a avaliação feita pelo próprio jornal, expõe as acusações transcritas não só no periódico a quem destina sua carta, mas a dois outros periódicos religiosos da Corte e argumenta:

A tempos *A Cruz* e o *Cruzeiro* publicou uns artigos com o mesmo titulo e declararam sem o menor reboço assim chamar [falsificadas] as Bíblias da Edição de Londres. Uma e muitas vezes disseram, como V. S. provavelmente ains [*sic*] recorda, que estas Bíblias são *mentirosas, falsificadas e adulteradas*. O autor do artigo, extrahido do *Diario*, também, no fim do anno passado debaixo do mesmo titulo declara que o applicava ás Bíblias da dita Edição de Londres. Por tanto é natural que os leitores do *Apostolo* entendam que é dellas que o Apostolo fala como falsificadas. [...] Ora na Biblia Portugueza da Edicção de Londres não se encontra – nem um livro – nem um capitulo – nem um verso – Que se não encontra irmãmente na Edição do Sr. Garnier approvada pelo Patriarcha. Em toda Ella não se contem um so livro, capitulo ou verso além dos que a Egreja Romana approva como os de Deus. [...] Eu não sou agente da Sociedade Biblica, nem tenho relações com qualquer dellas, mas sou amigo da Biblia tendo a por livro de nosso o Deus a conta da nossa salvação – quizeria merecer-lhe por isso a graça de declarar no seu jornal que as Bíblias falsificadas não são as de Londres. Sou constante e atento leitor do Apostolo. RDF. DR. KALLEY. (p. 02) (Grifos do autor)

Parece, então, fazer Kalley referência aos escritos do cônego Pinto de Campos (atuante em Pernambuco) que escreveu, para além dos jornais, diversos panfletos católicos por meio dos quais tencionava desmoralizar as Bíblias utilizadas pelos protestantes⁵¹. *O Apóstolo* (14 de julho de 1866, p. 05 *et seq.*) havia anunciado a transcrição em suas páginas da série de “importante trabalho do Exm. Monsenhor Pinto de Campos” intitulado *As Bíblias falsificadas*, originalmente publicada no jornal *Diário de Pernambuco*, conforme explicado pelo próprio jornal.

⁵¹ A esse respeito conferir: RIBEIRO, 1981; VIEIRA, 1980.

Figura 26 – Página do periódico *O Apostolo* (29/07/1866) constando Carta do Rev. Kalley sobre o caso das “Bíblias falsificadas”

O APOSTOLO

A redacção recebe qualquer artigo de interesse publico religioso, sendo porém publicado o que estiver concebido de accordo com o programma deste periodico.



As communicações e reclamações, que houverem de ser feitas á redacção, recebem-se na typographia em que se imprime o APOSTOLO.

PERIODICO RELIGIOSO, MORAL E DOCTRINARIO, CONSAGRADO AOS INTERESSES DA RELIGIÃO E DA SOCIEDADE.

Dum lucem habetis, credite in lucem.
S. João 12.30.

Publica-se aos domingos. Assigna-se na Typographia de N. L. Vianna & Filhos, rua d'Ajuda n. 79.

Anno I.

DOMINGO, 29 de Julho de 1866.

N. 30,

Decima domingo depols do Pentecostes.

S. Luc., Cap. 18, vs. 9 a 14.

9. N'aquelle tempo propoz Jesus-Christo á uns que confiavam em si mesmos, como se fossem justos e desprezavam aos outros, esta parábola.

10. Subiram dous homens ao templo a fazer oração: um Fariseo, e outro Publicano.

11. O Fariseo posto em pé, orava lá no seu interior desta forma: Graças te dou, meu Deus, porque não sou como os mais homens, que são ladrões, uns injustos, uns adulteros: como é também este Publicano.

12. Jejuo duas vezes por semana: pago o disimo de tudo o que tenho.

13. O Publicano pelo contrario, posto lá de longe, não ousava nem ainda levantar os olhos ao céu: mas batia nos peitos, dizendo: Meu Deus, se propicio a mim peccador.

14. Digo-vos que este voltou justificado para sua casa, e não o outro: porque todo o que se exalta, será humilhado, e todo o que se humilha será exaltado.

Na parábola do presente Evangelho, Catholicos, nosso divino salvador propoe-se a combater o orgulho. No mundo sabido puro e isento de defeitos, das mãos do Creator, o orgulho fez penetrar o peccado. Elle manchou o céu, e fez d'elle precipitar os anjos. Infecionou a terra e fez expulsar o homem do paraíso terrestre. Causa primitiva desse horroroso cortejo de males que nos affligem, não cessa ainda de multiplicar as desordens e as desgraças. Emfim, para resumirmos tudo quanto poderíamos dizer-vos, basta recordar-vos que foi o orgulho, que deu a morte ao author da vida. Sim, Catholicos, Jesus-Christo o Homem-Deus ás mãos da crueldade morre victima innocente das calumnias, seducções e intrigas fomentadas pelo orgulho pharisaico.

Ha duas especies de orgulho: uma é a presumpção de si mesmo, a opinião de seu merecimento, a confiança em sua propria virtude; outra ordinaria consequencia desta, é a comparação que se faz de si mesmo com o proximo, a preferencia que se dá á si, e o desprezo que se tem para com elle. A primeira offende directamente a Deus: a segunda ao proximo no que tem de mais sensível, qual é o amor proprio de cada um. Assim, claramente conheceis, Catholicos, que o orgulho, em suas diferentes manifestações é diametralmente opposto aos deveres da caridade.

Nesta parábola Jesus-Christo condemna ambas estas especies de orgulho.

Dous homens de profissões mui diferentes subiram no mesmo momento ao templo para fazerem sua oração: um era Fariseo, todo cheio de si mesmo por seus pretendidos merecimentos, e pela consideração que estes lhe grangeavam, não se dignava humilhar-se perante a Magestade Suprema, aquem os anjos louvam, os archanjos adoram, e diante de quem tremem as potestades. Eil-o que de frente altiva, conserva-se em pé, e pela reverencia de seu pórtico, parece ter vindo ao templo antes para insultar a Divindade, que para adoral-a. O que agradece elle ao Senhor? Não ser como os demais homens, que são ladrões, injustos, adulteros. Do que se gloria? De não ter os vicios que exproba nos outros.

De que se louva? De não ter committido grandes crimes. De sua injuriosa comparação com os outros homens, elle passa ao elogio directo de suas boas obras. Gaba, não suas virtudes interiores, mas suas acções externas. Faz consistir a essencia da religião nas praticas ostensivas, n'um jejum que não estava prescripto, no pagamento d'um dizimo superior ao que a lei ordena. Eil-o que finalmente conclue a sua oração, e todo occupado de seus pretendidos merecimentos, não implora a remissão dos peccados, nem a reforma dos defeitos, nem o augmento das virtudes, nem a graça da perseverança. Sua insolente presumpção o colloca n'um ponto de perigo, no qual elle não tem nem o meio de se elevar, nem corre o risco de decahir. Cegueira funesta, que é ao mesmo tempo não só effeito, se não também o primeiro castigo de sua detestavel paixão.

Ao orgulho do Fariseo, Jesus-Christo oppoe a humildade do Publicano. Que differença, catholicos, entre este modelo de humildade e de penitencia, e o exemplo de orgulho que acabamos de ver!

Ao passo que o orgulhoso Fariseo pela arrogancia de sua attitudo, insulta aos homens, e affronta a Deus, o virtuoso Publicano evita as vistas da terra, e teme as do céu. Colloca-se, não no atrio do templo, logar destinado ás pessoas altamente qualificadas porém, no vestibulo, longe do altar. E' só de Deus que elle quer ser visto. Entretanto, não se julga digno de se aproximar d'elle: escolheo o ultimo logar. Se a contemplação da misericordia divina lhe inspira a confiança de vir implorar-a no templo, o sentimento da propria indignidade lhe faz considerar como um favor o ser admitto no infimo dos logares. Não ousa erguer os olhos para o juiz que elle invoca; a vergonha falo humilham-se ante seu divino conspecto. Batte com força em seu peito, como para punir-se a si mesmo das offensas que contra Deus tem committido. Sua oração

tem o cunho da humildade, assim como a do Fariseo o da arrogancia. Contem a modesta confissão das suas faltas, e a humilde supplica do perdão. Eis catholicos, o modelo de vossa penitencia, e de vossa oração. Aquelle dentre vós que se julgar isento de peccados, é a imagem viva deste Fariseo. Todos nós temos offendido a Deus, e talvez mais gravemente do que o Publicano de que nos falla o Evangelho. Contra a justiça divina, indignamente provocada por nossos peccados ha um recurso efficacissimo: é a misericordia personificada em Jesus-Christo que do alto da cruz onde expirou pela salvação do genero humano, nos estende os braços. Lancemo-nos nelles, não com a presumptuosa confiança do Fariseo, porém com a humildade do Publicano, figura representativa do peccador sinceramente arrependido, e ardentemente empenhado em sua conversão.

Catholicos! ponderae no estado de grandeza sobre-humana para que fostes creados, e fixae bem em vossa memoria essa maxima fundamental de nossa Santa Religião, e que Jesus-Christo muitas vezes nos repete no seu Evangelho, afim de melhor incutir-a em nossos animos. A exaltação conduz a humilhação, e vice-versa, a humilhação a exaltação. E' pois a verdadeira grandeza aquella que tem a sua origem na humilde. Bani de vosso coração o orgulho, que conduz ao opprobrio, e vos affasta do caminho da salvação: e sede humilades na terra, certos de que mais cedo, ou mais tarde chegard o dia feliz, marcado nos eternos decretos, e em que sereis exaltados no Céu, para recompensa dos bons, confusão dos máos, e triumpho do poder e justiça de Nosso Bom Deus.

O APOSTOLO.

O Apostolo.

O Illm. Sr. Dr. Kalley derigio-nos a carta que abaixo publicamos com a resposta, que de bom grado lh'a damos não só pela natureza do assumpto, como pela cortezia do escripto.

Illm. Sr. Redactor do Apostolo.

a Do tom do seu periodico julgo que V. S. está persuadido que os livros do Velho e do Novo Testamento no texto original, foram escriptos pela inspiração do Altissimo Deus; e que a Vulgata é uma tradução verdadeira dos livros divinos. Creio também que V. S. reconhecerá a tradução em portuguez, feita pelo Padre Antonio Pereira, como a mais correcta que existe nesta lingua.

Fonte: <memória.bn.br/pdf/343951_1866_00030.pdf>

A “Resposta” de *O Apóstolo* a Kalley vem no mesmo número (29/07/1866), logo em seguida ao conteúdo da carta, na qual o editor argumenta:

Acceitai, antes de tudo, a expressão do nosso reconhecimento pela persuassão que manifestaes de que abominamos a ideia de servirem as columnas do *Apóstolo* a levar alguém a offender (por illusão) a Deos ou a perder a sua alma; e é justamente por esta abominação que não pudemos dar a favor de vossas bíblias e testemunho que pedis. Por maior que seja a obrigação, em que nos colloca a gentileza de vossa carta, está superior a tudo á tudo a verdade. Persuadimo-nos que a desejaes. Nas vossas bíblias de Londres não podeis negar, ao menos na edição de 1828 que temos presente, estão supprimidos os livros de Tobias, Judith, Sabedoria, Ecclesiastico, Machabeos, e os Capítulos XI a XVI do livro de Esther. Além disso, essas bíblias traduzidas em vulgar para a leitura do povo, estão, inteiramente sem notas e sem approvação dos nossos Prelados. Tereis vos muitas razões de conveniencia para justificar uma e outra coisa: não discutimos agora essas razões porque para responder á vossa attenciosa carta bastará dizer-vos que somos Catholicos Apostolicos Romanos, e por consequente só temos por verdadeiras, inteiras e autenticas aquellas Bíblias, cuja publicação está autorisada pela Igreja Catholica Apostolica [...]. Resta-nos agradecer a honra que nos fazeis, assignando-vos constante e attento leitor do nosso periódico, confessando-nos igualmente Vossos humildes servos, os Redactores do *Apóstolo*.

Nesse contexto de combate à prática leitora evangélica, Joaquim Manuel da Silveira (1807 – 1875)⁵², então arcebispo da Bahia, por volta de 1863 havia editado pastoral polêmica na qual detalhava as alegadas falsificações nas “Bíblias editadas em Londres”. Segundo ele, no Antigo Testamento faltavam os apócrifos; no Novo Testamento, havia termos divergentes da tradução de Figueiredo. A estas acusações, o missionário escocês Richard Holden⁵³ respondeu imediatamente com a publicação do opúsculo *Bíblias falsificadas* (1863).

Como se pôde perceber, as polêmicas sobre o assunto não se limitavam apenas à Corte. O *Correio Mercantil*, de 04 de fevereiro de 1866 (p. 01) – dois meses antes do convite

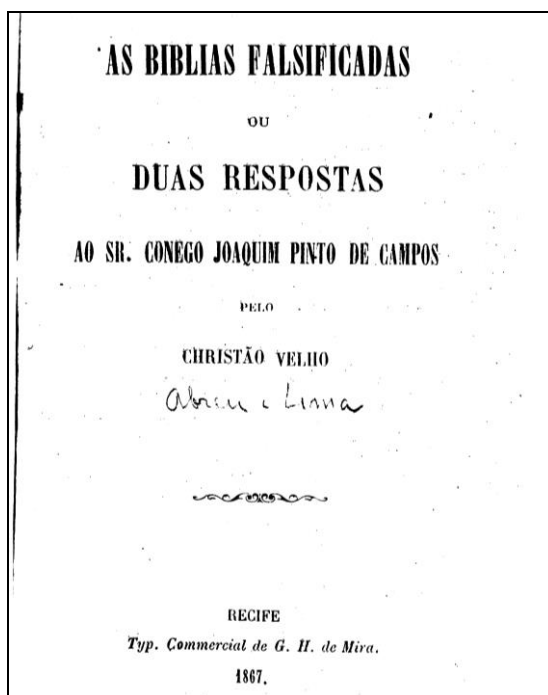
⁵² Sacerdote católico brasileiro, nascido no Rio de Janeiro foi Cônego da Capela Imperial e capelão da esquadra, chegando a se tornar o décimo oitavo arcebispo da Arquidiocese da Bahia e Primaz do Brasil em 1861. Foi influente na Corte, inclusive celebrando o consórcio das princesas imperiais do Brasil D. Isabel e D. Leopoldina. Fonte: <<http://www.catholic-hierarchy.org/bishop/bdasilm.html>>.

⁵³ Protestante de origem episcopal e agente da *Bristish & Foreign Bible Society*, passou uma temporada no Brasil para realizar alguns negócios e, nesse período, aprendeu a falar fluentemente o português. Atuou como missionário no Pará, tornando-se alvo de perseguição por parte do prelado católico pelo fato de distribuir folhetos evangélicos, bíblias e demais impressos na região. Tornou-se conhecido do Dr. Kalley no ano de 1863 quando, por ocasião de seu retorno de uma viagem à Europa, o navio fez uma parada em Salvador antes de seguir para o Rio de Janeiro e Holden veio a bordo. Mais tarde, tornou-se co-pastor do Rev. Kalley. (FORSYTH, 2006)

de Kalley e Holden para a investigação das Bíblias – faz publicar na seção “Interior” as notícias vindas de Pernambuco, na qual o correspondente, após tecer considerações de ordem política da província, informa e recomenda: “ – Tem havido uma polêmica interessante sobre bíblias falsificadas. Recommendo-lhes o artigo, que sobre esse assumpto tem sido publicado no Jornal do Recife. Nada mais por ora” (Cf. Anexo D).

A polêmica alimentou também a produção de livro. Abreu e Lima⁵⁴, sob o pseudônimo de *Christão Velho*, escreveu o livro *As Bíblias Falsificadas ou Duas Respostas ao Senhor Conego Joaquim Pinto de Campos* (1867) (Cf. Figura abaixo)

Figura 27 – Frontispício do livro escrito pelo General Abreu e Lima em defesa dos protestantes sobre a polêmica das “Bíblias falsificadas”



Fonte: <<http://books.google.com.br>>

⁵⁴ O pernambucano José Inácio de Abreu e Lima (1794 – 1869) foi militar, político, jornalista, escritor e membro honorário do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Participou das batalhas pela libertação da Venezuela e da Colômbia e, de volta ao Brasil, dedicou-se à literatura ensaística. Colaborou com vários jornais pernambucanos, dentre eles *Diário de Pernambuco*, *Diário Novo* e *Barca de São Pedro*. Além de *As Bíblias Falsificadas ou Duas Respostas ao Senhor Conego Joaquim Pinto de Campos* (1867) escreveu ainda o *Compêndio História do Brasil* (1843) e *O Deus dos Judeus e o Deus dos Cristãos*, no qual trata sobre ideias liberais defendendo a liberdade religiosa. Por ser maçom e por conta de sua simpatia com os ideais socialistas e protestantes, foi sepultado no Cemitério dos Ingleses. Fonte: CHACON, 1964.

Em seção chamada *Advertencia*, ao modo de prefácio, o general Abreu e Lima utiliza-se de ironia no livro para criticar os escritos do Cônego Campos publicados no *Diário de Pernambuco*:

Com effeito, a sciencia não podia ter melhor interprete [...]. O seu trabalho, publicado a retalho no *Diário de Pernambuco* de Junho e Julho do anno próximo passado, He um monumento de gentileza e força de estilo [...]. (p. 10) (Grifos do autor)

Vale salientar que o assunto do livro supracitado circulou por meio de artigos em vários números do *Jornal do Recife* no ano de 1866. Em número veiculado no dia 11 de janeiro é possível encontrar, no artigo “Falsificação da Bíblia!”, menção ao assunto da proibição da leitura das Bíblias distribuídas pelos protestantes e o espaço ocupado pela temática nos periódicos. Isso comprova a existência de uma efetiva circulação do discurso evangélico nos jornais do país e, o mais interessante, envolvendo práticas de leituras que eram autorizadas ou não. No mesmo trecho, encontramos também referências à questão da pastoral emitida na Bahia pelo Arcebispo Joaquim Manuel da Silveira, bem como a resposta à pastoral emitida pelo Rev. Holden, conforme se verifica na segunda página do periódico:

Já que se tem princípio a ventilar aqui a questão das Bíblias, esgotada há muito em outros lugares do paiz, será natural que as pessoas sizudas, que gostam de examinar ambos os lados de uma questão antes de julga-la, desejem achar a seu alcance os meios proprios para isso. Tem-se publicado ultimamente no Diário extensas citações de uma pastoral escripta em 1863, pelo Exm. e Rvm. Sr. Arcebispo da Bahia. Essa pastoral recebeu promota resposta na mesma cidade da Bahia e alguns exemplares da resposta se acham a venda aqui, como se vera annuciado nessa mesma folha. (Grifo nosso)

Em outro número do *Jornal do Recife*, datado de 19 de janeiro de 1866, verificamos, na seção “Publicações Solicitadas”, o artigo “As Bíblias falsificadas” que debate, por sua vez, uma série de três artigos publicados pelo Cônego Pinto de Campos, conforme já tratamos, no *Diário de Pernambuco* entre os dias 5 e 6 de dezembro 1865. Nesse artigo, encontramos tais como a pretensão dos editores protestantes em baratear os custos dos impressos para sua melhor distribuição e a queima de novos testamentos:

O que ha, porem, de singular é que para tornar mais baratas essas edições, e mesmo porque pouca gente lê o Velho Testamento, fizeram-se em Londres varias edições somente do Novo Testamento, com a maior perfeição que e possível, como se vera no exemplar que expomos ao exame do publico; e são justamente esses pequenos livros, correctos, legitimos e verdadeiros contendo os quatro Evangelhos de Nosso Senhor Jesus Christo, que o Sr. Vigario Capitular mandou queimar com tanto encarniçamento! O que mais faria Satanaz?

O artigo acima foi veiculado na primeira página do *Jornal do Recife* (19/01/1866) – o que dá indícios de que a polêmica era de fato interessante aos leitores da época. Vale também perceber que o trecho aborda algumas questões sobre a leitura evangélica. Talvez pelo fato de se apresentar em uma linguagem essencialmente metafórica e, por isso, necessitando de um maior esforço interpretativo, o Velho Testamento não era tão lido. Nesse sentido, por que deveriam insistir então os corpoltores na distribuição da Bíblia completa? Bastava distribuir o Novo Testamento, o que também, reduziria os custos de impressão. Essa separação dos livros neotestamentários foi tomada pelos clérigos católicos como uma atitude desrespeitosa para com as Escrituras e, somada às acusações das adulterações textuais das bíblias editadas em Londres, a população era instruído a queimar os livros.

O *Jornal do Recife* prossegue veiculando uma série de outros artigos e cartas em torno da polêmica protestante da distribuição de bíblias falsificadas durante os meses de janeiro e fevereiro de 1866. O número datado de 20 de janeiro apresenta, sob o mesmo título (“As Biblias Falsificadas”), um conclave para que a população se dirija à “typografia do Jornal do Recife” (Cf. p. 02), onde exemplares do Velho e do Novo Testamento encontravam-se disponíveis à averiguação, a fim de se comprovar que não existiam adulterações no texto sagrado:

Aos exemplares das Biblias, que foram depositadas para exame, na typografia do *Jornal do Recife*, juntamos um *Velho e Novo Testamento*, impresso em Londres, no anno de 1821, e um *Novo Testamento*, impresso em New York, no anno de 1839, ambos publicados por sociedades bíblicas, e espalhados pelo Brazil; e nesses exemplares não se encontram as alterações notadas pelo Exm.

Arcebispo e confirmados por meio de confrontações próprios do Sr. Conego Pinto Campos.

Dois dias depois (22 de janeiro), o *Jornal do Recife* faz editar, na seção “Publicações Solicitadas” (p.01), uma carta dirigida ao “Sr. Redator” enviada por José Francisco da Silva Junior que se autodenomina um fervoroso católico, inclusive, desejando que os seus filhos perseverem na religião católica. Na carta, o leitor do jornal põe-se em defesa dos protestantes no sentido de afirmar ter lido as Bíblias distribuídas por estes e não ter encontrado nenhum tipo de adulteração ou cortes que condenassem o texto sagrado. Em sua argumentação, o leitor enaltece as bíblias “emitidas em Londres” pelo fato de serem bem mais baratas que aquelas impressas em Lisboa.

Neste mesmo número, logo em seguida à carta mencionada, temos um retorno aos artigos que tratam deste assunto denominado “As Bíblias Falsificadas III”. No jornal de 23 de janeiro encontra-se, sempre na seção “Publicações Solicitadas”, o artigo “Bíblias Falsificadas IV” (p. 02) – o que denota uma sequência de artigos que se estendem até o jornal emitido no dia 27 de janeiro contendo a oitava e última parte das argumentações (“As Bíblias Falsificadas VIII”). Apenas nesta última parte dos artigos, é que encontramos o pseudônimo *Um Cristão Velho* que, não restam dúvidas, pertence ao general Abreu e Lima, defensor do protestantismo. A polêmica vem reaparecer nas páginas do *Jornal do Recife* em 16 de fevereiro do mesmo ano. Na seção “Publicações Solicitadas” (p. 02), sob o título de “Falsificação da Bíblia”, um autor desconhecido escreve um artigo no qual estabelece uma comparação entre as Bíblias impressas pelo livreiro Garnier na Corte e as impressas em Londres pela Sociedade Bíblica Britânica.

As discussões envolvendo as práticas protestantes, bem como a relação catolicismo/protestantismo exerceram também um forte eco na imprensa do Pará. Isso porque o cenário religioso desta província, na segunda metade do Século XIX, encontrava-se envolto em uma série de conflitos caracterizados por dois expoentes: o estabelecimento das doutrinas romanizadoras, tendo como principal representante Dom

Macedo Costa⁵⁵, e o progresso apregoado pelos viajantes e missionários protestantes. O Pará vivenciava, então, o afloramento da Questão Religiosa no Brasil.

Esse movimento político-religioso foi um reflexo da confrontação que se verificava na Europa entre a Maçonaria e a Igreja Católica Romana. Além disso, envolveu a autonomia da Igreja diante do poder civil, direitos que foram enfaticamente defendidos por alguns bispos brasileiros entre eles, D. Vital (Bispo de Olinda) e D. Macedo Costa (Bispo do Pará). Baseados em ordenações papais não defendidas pelo Império, esses bispos interditaram irmandades sob sua jurisdição, pelo fato de terem entre seus integrantes membros maçons. Por esses motivos, os bispos foram presos e depois libertos pelo imperador D. Pedro II, o que ocasionou uma onda de críticas contra a Monarquia, colaborando para o estabelecimento da República. O movimento teve seu ponto alto nos anos 70 do Século XIX, mas as origens desse conflito já se verificavam na primeira metade do século (VIEIRA, 1980).

Um país aberto ao desenvolvimento do pensamento republicano de progresso e de fraca expressão do clero católico favoreceu o estabelecimento de alguns protestantes também em território amazônico. Esses, geralmente oriundos da América do Norte, chegavam ao Brasil trazendo consigo produtos importados (MARTINS, 2002). O historiador David G. Vieira (1980) menciona, pelo menos, três missionários que se destacaram nessa região por meio da atividade de corpoltagem, distribuindo impressos evangélicos e de bíblias – Daniel Kidder (1839), Robert Nesbitt (1857) e Richard Holden (1860). Os protestantes que adentravam no país tinham o apoio dos maçons e dos liberais.

Consciente desses embricamentos, D. Macedo escreveu *Cartas Pastorais* na tentativa de barrar a ação protestante e a distribuição de seus impressos. Lustosa (1992, p. 5) faz referência a uma Carta Pastoral datada de 30 de agosto de 1861, na qual o bispo pretende premunir “os fiéis contra a propaganda que se tem feito nesta Diocese de bíblias

⁵⁵ Dom Antonio de Macedo Costa (1830 – 1891) esteve à frente do episcopado paraense de 1861 a 1869. Juntamente com outros clérigos, propôs-se a reformar as práticas do catolicismo brasileiro, aproximando-se das diretrizes de Roma e em favor de uma maior concentração do poder eclesiástico nas mãos do papado – atitudes essas que ficaram conhecidas como romanização. Juntamente com Dom Frei Vital de Oliveira, bispo de Olinda, eram os principais representantes da doutrina ultramontana no Brasil. Ambos formados na Europa trouxeram para o Brasil um espírito disposto a defender os ideais católicos a qualquer custo. É de sua autoria o livro *A questão religiosa do Brasil perante a Santa Sé* (1886) (RODRIGUES, 2013, p. 06,07).

falsificadas e outros opúsculos heréticos”. Analisando outra Carta Pastoral de D. Macedo, desta vez de 1863, quando na ocasião o Missionário Richard Holden já havia partido de Belém, Davi Vieira (1980) continua mostrando que o prelado pediu aos paraenses para lhes entregarem todas as Bíblias e os panfletos distribuídos por Holden. Além de suas Cartas Pastorais, D. Macedo Costa usava como tribuna jornais de sua autoria como *A Estrella do Norte* (1863 – 1869) e *A Boa Nova* (1871 – 1883).

O bispo segue ainda alertando aos fiéis para o fato de que os protestantes recebiam auxílio por meio de jornais, que estavam circulando no Pará, estimulando a propaganda evangélica e atacando os dogmas cristãos. De acordo com as pesquisas de Dayane Rodrigues (2011)⁵⁶, dentre os jornais criticados por D. Macedo pode-se citar: *O Liberal do Pará*, que pertencia a Tito Franco de Almeida (Liberal); *A Tribuna*, jornal republicano; *O Santo Ofício* e *O Pelicano*, ambos pertencentes aos maçons e o *Diário do Gram Pará*, que vincula suas publicações a ambos os lados da querela religiosa⁵⁷.

Uma forte querela foi o que de fato se deu a julgar pelas páginas de *O Liberal do Pará* a partir em fins da década de 60. A partir de 13 de maio de 1871, a primeira página apresenta uma série de artigos nos quais, possivelmente, o próprio editor do jornal comenta e contra-argumenta veementemente uma portaria emitida pelo Bispo Antônio de Macedo Costa em 08 de dezembro do mesmo ano. Nesse documento, D. Macedo considerou o periódico “herético, ímpio de propagador de falsas doutrinas” e, por isso, “proibiu sua leitura para evitar a perdição de seus queridos filhos” (Cf. *O Liberal do Pará* de 15/12/1871, ilustrado na Figura 28 a seguir).

⁵⁶ As fontes utilizadas pela referida pesquisadora se encontram na *Cúria Metropolitana de Belém* e, em relação aos periódicos citados, na *Biblioteca Pública do Pará Arthur Viana* onde, na seção “obras raras”, é possível encontrar Cartas Pastorais e outras publicações do bispo Macedo Costa. Conforme pude comprovar, alguns dos jornais citados já se encontram disponíveis em sua forma digitalizada na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional através do site: <bdigital.bn.br>.

⁵⁷ A fim de uma abordagem mais específica sobre esse assunto, consultar Freitas Neves (2009).

Figura 28 – Capa do jornal *O Liberal do Pará* (15/12/1871) na qual se encontra a menção do editor à portaria emitida por D. Macedo e anúncio de que o documento teria uma análise crítica publicada no jornal

ANNO III.

BELEM DO PARA, QUINTA-FEIRA 14 DE DEZEMBRO DE 1871.

NUMERO 278

Assigna-se a typographia de J. J. de Almeida
a travessa das Mercês n. 83.

CAPITAL.	
1 anno	90.000
6 meses	10.000
3 meses	5.000

Publica-se todos os dias a excepção das segundas-feiras e dos immediatos seus substitutos.

INTERIOR E PROVINCIAS.

1 anno	25.000
6 meses	10.000
3 meses	5.000

Res publica, res populi.
(«Cto. da república».)

O LIBERAL DO PARÁ.

JORNAL POLITICO, COMMERCIAL, E NOTICIOSO.

DIRECTOR DA EMPRESA E REDACTOR EFFECTIVO JOSÉ BAPTISTA RIBEIRO DE SOUZA.

As assignaturas são pagas adiantadas, podendo effectuar em qualquer dia e terminando em Março, Junho, Setembro e Dezembro.

Publica-se todos os dias a excepção das segundas-feiras e dos immediatos seus substitutos.

INTERIOR E PROVINCIAS.

1 anno	25.000
6 meses	10.000
3 meses	5.000

Res publica, res populi.
(«Cto. da república».)

Liberal do Pará.

BELEM, 14 DE DEZEMBRO DE 1871.

A portaria de 9 de Dezembro.

Aguardávamos a publicação do projecto do partido liberal para dar começo á análise da portaria de 2 de dezembro, em que o sr. d. Antonio ainda mais uma vez se revela o sacerdote menos apto para o sagrado ministerio de pastor de uma Diocese. Talento e illustração não são, como muita gente pensa, as condições principaes para o desempenho de tão ardua e espinhosa missão; tem-nas de sobra o nosso prelado, ninguém lhe contesta; mas, infelizmente para si e para os seus diocesanos, desperdiça os dotes de sua intelligencia na defesa da causa menos digna aos olhos de Deus e do mundo — o ultrapontismo.

Além disso faltão-lhe as qualidades essenciaes, as virtudes ensinadas pela sublime moral do Evangelho, q' são o apanagem de uma alma verdadeiramente christã.

Nos primeiros annos de seu episcopado desculpáram-se certas açoes irreffectas pela falta de experiencia das cousas do mundo, que só se adquire com o correr do tempo.

Tendo sido elevado muito mopo á dignidade episcopal, era natural certo arrebatamento incompativel com a sua posição, mas proprio da impetuosidade da mocidade.

Esperava-se porem que este ardor arrefoecesse, passados alguns annos, q' a brandura, a prudencia, a caridade, expellessem de sua alma o demónio do orgulho e da vaidade, e penetrando-se do seu dever, procurasse o pastor viver tranquillo no seio do seu rebanho, e conciliasse as suas ovelhas para os gozos infinitos da bemaventurança, pregando-lhes a palavra de Deus, e sendo o exemplo vivo de todas as virtudes.

Fomos todos illudidos em nossas esperanças.

Os annos tem passado inutilmente sem fazer a mais pequena mudança no caracter do sr. d. Antonio; poder-se-ia mesmo dizer que entre o bispo diocesano e o seminarista dycolo, notarel por seu genio turbulento, a differença é nenhuma.

Comprehende-se por tanto, que aquelle que não sabe reverter-se de entranhas de misericordia, de benignidade, de modestia, e de paciencia, como se exprime o Apostolo, que não sabe perdoar as offensas, e desconhece a caridade, que é o *virtus de perfectionis*, poderá ser um valente cabo de guerra do jesuitismo, um lidador incansavel no pulpito, e um continuador da obra de Christo, um bom pastor, na phrase do Evangelho.

E por isso que temos presenciado esse espectáculo escandaloso de um prelado em guerra aberta com os seus diocesanos, outrora tão submissos e obediêntes á autoridade das varões illustres, que tem estado na direcção da Igreja parense.

O juizo da lei de Deus é suave, como diz o Evangelho; aquelle que torna duro e pesado, transgrede o mandamento divino, e trabalha para a perdicção das almas.

E' para essa abyssmo, que nos quer arrastar o sr. d. Antonio, atirando á face de um partido inteiro os epithetos affrontosos de *heretico* e *excomungados*!

Não foram certamente os artigos transcriptos ultimamente no *Liberal*, que acenderão o zelo do virtuoso pastor, para fulminar anathema contra esse jornal e prohibir a sua leitura sob pena de incorrer em peccado grave.

Da carta hontem publicada, que se exc. dirigio ao illustre chefe do partido, de que somos orgão, vê-se claramente, que desde o momento em que o *Liberal* tivera a coragem de censurar em artigos de fundo actos inconsiderados de s. exc., que haviam excitado em todo o povo a mais decidida reprobção, formava o sr. bispo o plano de anniquilar-nos, declarando que não seria mais possivel permanecer indifferente para com um partido, em cuja bandeira se lesse: *Guerra á Religião na PESSOA DE SEUS MINISTROS*!

Fatal requieira!

Quer assim confundir miserios peccadores, verdadeiros *sapientiores*, formosos no exterior, mas por dentro cheios de ossos de mortor e de tola e immundaide com a sancta religião, que é obra de Deus, e a mais rematada loucura, senão a mais absurda das pretenções.

Haverá quem de boa fé sustente, que possa um bispo desmandar-se em toda a sorte de abusos, propozições e iniquidade, e que a imprensa, scietella avançada da civilização, deva ficar muda, de braços cruzados, ollando a impassivel e insensato continuarem seus desvarios, por que qualquer censura d'esses actos importaria n'um ataque directo á religião?

Não pensamos assim, e por isso, incorremos nas iras episcopales. O orgulho estreiteceu de raiva a nossa pequenina palavra de censura, a qual leve ataque á sua susceptibilidade.

Desde Maio tinha assentado o sr. d. Antonio desfechar os raios da sua colera contra o jornal *impio*, que offendera o seu melindre.

E esperou seis longos mezes, e como o animal feroz que espera sua presa, ruminando o seu plano, até que no dia 2 de dezembro fez publicar a sua portaria.

Prevenidos como estavamos, esse acto não nos surpreendeu, e só n'agou-nos, por que venhos que estes excessos de falsa apostoloza, do ganho de causa aos inimigos de nossa religião, e autorisado o dila de Edgar Quinet: *o catholicismo romano é incompativel com a liberdade moderna*.

Factos Diversos.

A REVOLUÇÃO DE 1789.—Os inimigos da revolução franceza, os parasitas das mem. hias de direito divino, fazem um espantalho dos crimes perpetrados em nome da revolução para assim justificarem a aversão que tem ás conquistas que ella nos legou.

Pois bem, transcrevemos hoje na secção competente o juizo inusitado de V. Cousin sobre a grande obra de 89, e offerecemo-la ao julgamento de nossos leitores.

PORTE POLICIAL.—Forão presos no dia 13:

A' ordem do subdelegado do 1º districto o escravo Felicio, de Manuel Martins da Costa Serra, por desobediencia, o menor Herminio por furto.

A ordem do subdelegado do 2º fº

seria exprobravel, si a escravidão, q' o gera, não fosse um crime?

Como, com o vosso exemplo desautorisais a Igreja, por quem fingis morrer de amores, e que igualmente perante Deus o senhor e o escravo, considera a escravidão, como si não fora?

Quistões *facti* espirito contra o espirito do catholicismo? Isso é de impios, e hereses.

Denunciantes, sem o pensar, que sentis uma coisa, e pregais outra?

Esta denuncia fel-a o *Liberal*, e vós o amaldiçoastes, atirando cavilamente para sobre o Christo e sua Mãe Santissima, os golpes desfechados sobre os *Tartufos*.

Ou... (quem sabe si não pensais assim?) Ou, a doutrina da Igreja se refere somente aos escravizados pelos infieis, e não aos escravos da África e seus de canidades?...

Talvez que a *boa gente*, no intuitu de vo. não achar em contradição flagrante com a Igreja de Jesus Christo entenda assim, e se conforme no seu pensamento vindo que, apesar do espirito abolicionista do catholicismo, Ella consentiu e approvou que as ordens religiosas, me'de a perfeição evangelica, tivessem escravos.

Mas nós, um pouco menos mystico e um tanto menos de pasmado, pelos *ardentissimos* *sens* africanos, observamos apenas: Si é como pensa o devotismo; si não é a escravidão africana a tão solennemente increpada e reprovada pela Igreja, para que encomendastes tantos Santos Padres, e accumulastes tantas citações, por occasiao da lei 2040?

Se procurarmos algum escape, — a segunda edição, que dais, do que disse o padre Eutychio Pereira da Rocha, pregando na primeira Missa do padre Egues, não vol-a agradecemos em nome do padre Eutychio, e aceitaria o vosso aperto de mão... si não temessemos alguma *jeunada*.

Agradecemos-l'a, porque esta reprodução é para vós mesmos uma recordação que deve posar-vos, e para o Publico é uma prova evidente dos sentimentos do padre Eutychio, sentimentos, que o sr. d. Antonio teve a habilidade de destruir e matar.

Sabemos, como si propria, essa historia, esabemos como as dedicações do principio se tornaram nesta indestructivel antipathia. Mas não queremos reconhecê-las, que pareçam principios de reconciliação.

Justa ou injustamente encolados do altar pelo sr. d. Antonio, os nossos dois amigos *liberangas* não querem nem procurar voltar. Si o quizessem seriam recebidos de braços abertos e independente de contraprotestos e retracções, pois que o sr. d. Antonio deve saber que não ignoramos o que voltam rehabilitados e impissimos de culpa e pena, padres, arrastados das suas freguezias ao paço episcopal com furiosas ameaças, e descomposturas athé.

Podem, pois, os bons padres, capitaneados pelo sr. d. Antonio, furiosos pelo mallogro de suas tentativas de reconciliação, podem chamal-os *infelizes*, *mixtaveis*, *suspensos*, *rebeldes*, *excomungados*, *perjurios*, *apostatas*, e o mais que queiram, porque mais alta que esta grita de furiosos é a voz da consciencia e da OPINIAO.

OPINIAO, com letras todas grandes!!!... Será, por isso, alguma Deusa de categoria superior á *Razão* com R grande e as outras letras pequenas?!

Em contraposição aos discursos católicos, os protestantes podiam contar também com a intervenção e o apoio de periódicos tais como o jornal maçom *O Pelicano* (1872). Em suas páginas, é possível encontrar diversos artigos que se opunham ao que era veiculado, por exemplo, por outro periódico católico sob influência de D. Macedo Costa – *A Boa Nova* (1871).

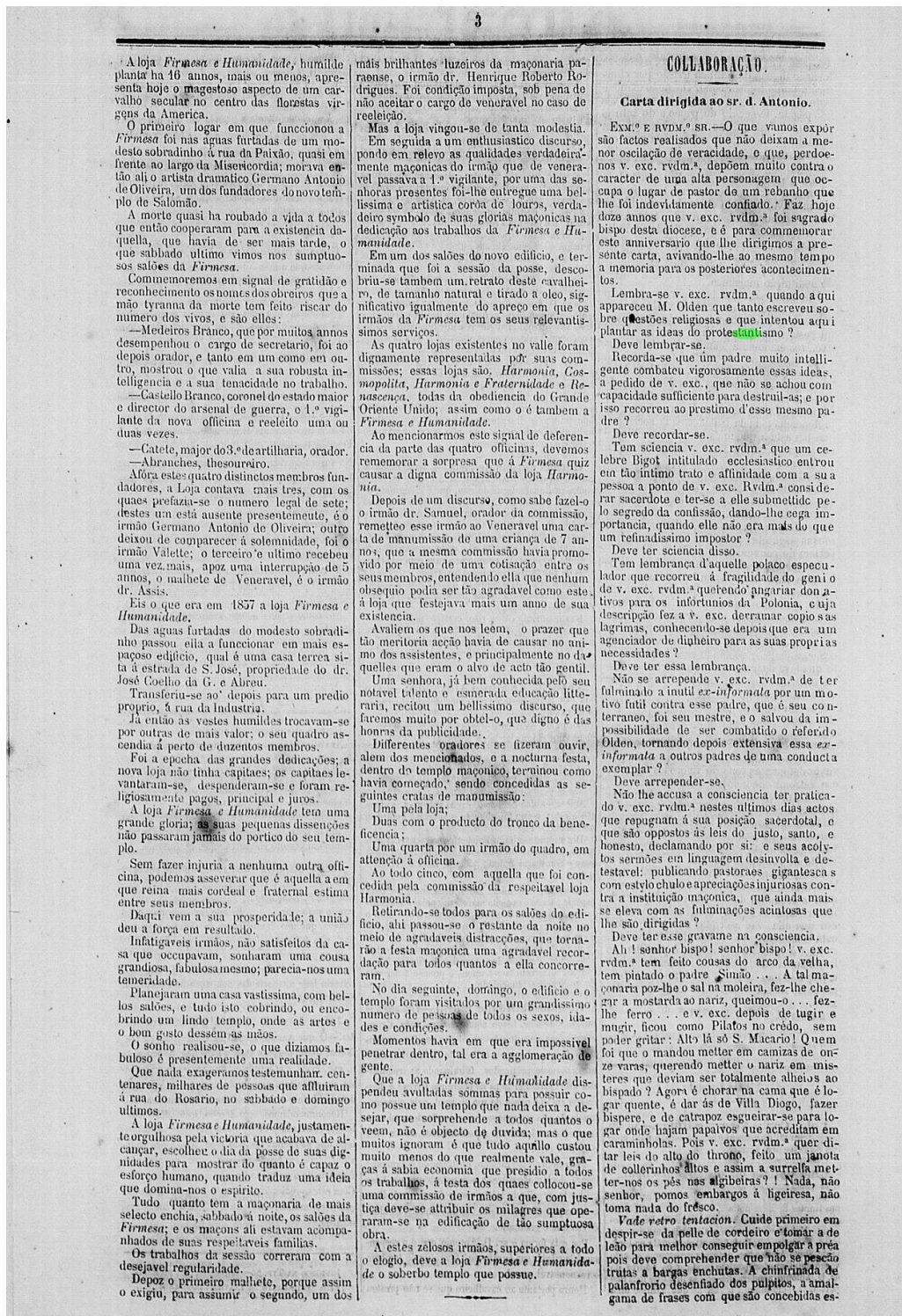
No jornal *O Pelicano*, datado de 24 de abril de 1873 (Cf. Figura 29 a seguir), encontra-se, em seção intitulada “Colaboração”, uma “carta dirigida ao sr. d. Antonio” na ocasião em que completava doze anos a frente da Diocese do Pará (p. 03, 04). Verifica-se, no decorrer do texto, os entraves entre os ideais maçons de liberdade de culto e o combate ao então bispo do Pará que, por sua vez, havia “lançado o anathema sobre o papel em que ella [a presente carta] vae escripta” e contra o qual se encontrava “solenemente revoltado” (p. 04). É nesta carta que verificamos uma importante referência ao Rev. Holden e ao fato de ter escrito sobre “questões religiosas”: “Lembra-se v. exc. rvdma. quando aqui appareceu M. Olden que tanto escreveu sobre questões religiosas e que intentou aqui implantar as ideias do protestantismo? Deve lembrar-se.” (p. 03)

Apesar de não constar a autoria no texto em análise, há uma grande chance de haver sido escrito pelo próprio editor do jornal, considerando ser este um costume da imprensa Oitocentista. Vale salientar, ainda, o fato de o gênero carta funcionar como um espaço discursivo no qual era possível tratar sobre os mais variados assuntos. Segundo Socorro Barbosa (2007, p. 59), “[...] nos periódicos do século XIX, a carta foi por excelência o gênero pelo qual a escrita se mascarou”. Dessa forma, seu modelo regrado era utilizado para fazer veicular opiniões, críticas e até mesmo os textos ficcionais, no caso do romance epistolar.

Vários outros entraves – não apenas políticos, mas também religiosos – foram construídos tendo por base as páginas dos jornais contribuindo, para o que Marialva Barbosa (2010, p. 52) apresenta como “um teatro” cujos principais atores são “os polemistas exaltados” – “[...] os homens de jornais que vão fazer dos debates, dos insultos e, sobretudo, da polêmica armas privilegiadas para a difusão de ideias”. Vale ressaltar que uma pesquisa mais detida sobre os embates entre católicos e protestantes envolvendo a

distribuição de impressos evangélicos em território paraense demandaria um outro trabalho.

Figura 29 – Página do Jornal O Pelicano (24/04/1873)



Fonte: <memória.bn.br/pdf/228710_1873_00087.pdf>.

Por ora, interessa-nos a comprovação da presença e efetiva circulação dos discursos protestantes em jornais laicos oitocentistas de várias partes do país, quer por meio de produção textual de seus próprios representantes (missionários e reverendos), quer por meio de órgãos polemistas, que apoiavam os ideais de progresso e civilidade por aqueles pregados. No próximo ponto, abordaremos o jornal protestante e sua relação com o jornal laico – tanto no aspecto formal quanto no aspecto conteudístico – inserindo-o no conjunto da produção impressa que teve circulação comprovada no Brasil, em meados do Século XIX, contribuindo, inclusive, para a formação de uma história da leitura no âmbito religioso.

3.2 O jornal protestante no Oitocentos: funcionalidade, circulação e apropriação

Conforme visto, os protestantes utilizaram-se, a princípio, dos jornais laicos para fins de circulação de artigos, textos ficcionais, tratados, cartas, entre outros gêneros. Porém, os editores evangélicos – depois de cientes dos benefícios da imprensa para a propagação da Palavra divina – procuraram estabelecer seus próprios jornais, que foram produzidos em consonância com os modelos e recursos editoriais da época.

Vale salientar que os missionários e reverendos oriundos em sua maioria da América do Norte, ao se instalarem no Brasil, já estavam familiarizados com a materialidade dos impressos periódicos sejam religiosos ou não. Isso porque o Século XIX foi testemunha de uma profusão desses impressos e da organização de órgãos publicadores, tais como Tract Society (1817), Sunday School Union (1827) Bible Society (1828). Nesse conjunto, os periódicos protestantes aventuravam-se no mercado de impressão com o declarado propósito de propagar a verdade evangélica e refutar o que era por eles considerados “erros religiosos”, especialmente os erros de denominações concorrentes. Sobre o caráter funcional desses periódicos, concordamos com a reflexão de Candy Brown (2004, p. 41) ao propor que:

A imprensa serviu a um conjunto comum de objetivos para estes [grupos religiosos e étnicos] e outros grupos, incluindo os evangélicos: facilitando uma rápida troca de informações, formando e preservando a identidade coletiva,

educando adeptos sobre valores e crenças, respondendo as críticas de fora e disputando com os pontos de vista controversos.⁵⁸ (Tradução nossa)

De fato, havia um trabalho cultural realizado pelos periódicos evangélicos, embasado historicamente no poder da informação, como uma herança da Reforma Protestante. Essa, por sua vez, pregava o perfil independente do cristão em relação à leitura bíblica a partir do conceito de sacerdócio universal, em que todo crente era livre para dirigir-se a Deus e tinha autonomia para ler e interpretar as Escrituras. Assim, os periódicos exemplificavam os esforços evangélicos de inundar o mercado de impressão favorecendo práticas leitoras e a disseminação dos consequentes comentários que, conscientemente, pretendiam-se propagar a partir dessas práticas.

Passado o problema de censura dos impressos – vivenciado pela primeira metade do Século – a tolerância do governo para com os artigos publicados aliados à ampla aceitação do jornal por parte dos leitores levaram o missionário Ashbel Green Simonton (1833 – 1867) a criar o que se considera a primeira folha protestante do Brasil – o jornal *Imprensa Evangelica* (1864). Nascido no estado da Pensilvânia (EUA), o idealizador do *Imprensa* era neto de pastor presbiteriano (avô materno) e filho do médico e deputado federal Willian Green Simonton.. Formou-se no Colégio Universitário de Princeton em 1852, estando apto para o magistério que foi logo abandonado após dedicar-se ao estudo do Direito (SIMONTON, 2002, p. 55).

Em 1855, ingressou no Seminário Teológico de Princeton, tomando a decisão de ser ministro presbiteriano para cumprir os votos de sua mãe. Além disso, contou com o incentivo de parentes e amigos, considerando o *status* que era o exercício do encargo pastoral na época. A decisão tomada pelo jovem pode ser mais bem entendida, se considerado o contexto histórico-religioso de então. Os Estados Unidos passavam por um período de grande efervescência religiosa, com ênfase na doutrina da santificação e guerra contra os vícios (MENDONÇA, 1995). Simonton inclui-se na ideologia romântica do homem comum norte-americano, do voluntarismo e da democracia popular, próprias da visão oitocentista dos Estados Unidos.

⁵⁸ “The press served a common set of purposes for these and other groups, including evangelicals: facilitating rapid exchange of information, forming and preserving collective identity, educating adherents about core values and beliefs, responding to criticism by outsiders and contending for controversial viewpoints.” (p. 41)

Imbuído desses ideais, Simonton decidiu ser missionário estrangeiro, filiando-se a *Foreign Mission of the Presbyterian Board* sendo enviado, no mesmo ano, à cidade do Rio de Janeiro com a missão de: “[...] explorar o território, verificar os meios de atingir com sucesso a mente dos naturais da terra e testar até que ponto a legislação favorável à tolerância religiosa será mantida.” (RIBEIRO, 1981, p. 17) Desde sua chegada ao Brasil, em agosto de 1859, o missionário presbiteriano esforçou-se em cumprir sua missão: conheceu a comunidade de imigrantes ingleses e alemães no Rio de Janeiro, aprendeu o português e consultou os juristas locais sobre a possibilidade ou não de estabelecer trabalho protestante na capital do Império (WATANABE, 2012).

A princípio, considerando a falta de fluência na língua portuguesa, limitou-se a ministrar os cultos e suas prédicas em navios ancorados na Baía de Guanabara e em residências dos estrangeiros. No entanto, ansiava aprender o idioma e criou estratégias a fim de alcançar esse objetivo o mais rápido possível, como, por exemplo, ministrar aulas em inglês para os falantes do português⁵⁹. Logo, procurou estabelecer contato com o Dr. Robert Kalley que havia chegado ao Brasil quatro anos antes.

Inicialmente esses dois missionários divergiram em relação às estratégias da propaganda evangélica: Kalley era mais discreto, procurando estabelecer amizades com influentes políticos⁶⁰, evitando qualquer tipo de desentendimento com clérigos católicos. Já Simonton discordava dessa postura, defendendo a ideia de que a pregação evangélica deveria ser proferida publicamente, sem restrições ou considerações às ameaças católicas. Sobre esse incidente, Simonton (2002, p. 127) registra em seu diário datado de 31 de agosto de 1859 (quase vinte dias após sua chegada ao Brasil):

No dia 29, visitei a Saúde com a Sra. G. e conheci vários humildes seguidores de Cristo. Tive uma conversa com o Dr. Kalley. Ele acha a missão oportuna, e missionários americanos os mais convenientes para levá-la a efeito porque seu ministro e cônsul poderão dar-lhes proteção, ao passo que os ingleses não o fariam. Insiste em que eu me mova em

⁵⁹ Em registro datado de 2 de dezembro de 1859, Simonton corrobora: “Finalmente fiz um progresso para aprender o português mais rapidamente. Quando fui com o Sr. G. procurar o Secretário da Instrução Pública, Sr. Leon [sic], este mencionou seu desejo de aprender inglês e dispôs-se a permutar lições. Começamos no dia seguinte e agora vou diariamente ao seu escritório.” (SIMONTON, 2002, p. 133)

⁶⁰ João Gomes da Rocha (1941) atribui a essa postura de Kalley certa prudência adquirida por conta das perseguições sofridas pelo médico na Ilha da Madeira, quando de seu tempo como missionário por volta da primeira metade do Século XIX. Sobre esse assunto conferir também: CARDOSO, 2001.

segredo; julga que seria melhor que as sociedades que mandam missionários para países papistas tivessem fundos operacionais secretos. (...) Minha presença e meus objetivos aqui não podem ficar escondidos; portanto, minha esperança está na proteção divina e no uso de todos os meios prudentes de defesa. (...) Sinto-me encorajado pelo aspecto das coisas e esperançoso quanto ao futuro. Existem indicações de que um caminho está sendo aberto aqui para o Evangelho. (p. 127) (Grifo nosso)

Um dado curioso é que, apesar dessa postura mais desprendida do missionário presbiteriano, não encontramos, ao menos até o momento, artigos ou outros tipos de publicações do Rev. Simonton, nos jornais em circulação na Corte. Diferente do Rev. Kalley que, conforme pudemos verificar, utilizava-se abertamente das folhas, inclusive envolvendo-se em discussões doutrinárias e debates diversos.

Há, pelo menos, três *objetos culturais* produzidos por Ashbel Simonton que contribuem de forma significativa para o resgate das impressões sobre a leitura protestante e sua história no Brasil dos oitocentos – *seu diário* ⁶¹, *sua sermonística* e o periódico *Imprensa Evangelica*. O Diário de Simonton apresenta informações sobre o Brasil na ótica de um estrangeiro protestante, bem como sobre suas intenções relacionadas à propagação de impressos no Brasil.

Percebe-se já na primeira fase das incursões de Simonton seu envolvimento com a imprensa periódica. Antes de chegar ao Brasil e propor a fundação de um periódico protestante, Simonton apresenta-se, em registro datado de 5 de novembro de 1852, como agente de dois periódicos presbiterianos – um dos quais chama apenas de *Revista* e outro chamado de *Presbyterian*. Recebe um mapa entregue pelo Rev. George W. Amstrong que contém indicação das casas dos presbiterianos e segue com visitas em busca de assinantes para esses periódicos. Queixa-se de ter conseguido, naquele dia, apenas duas assinaturas, o que atribui ao fato de serem poucos os crentes presbiterianos no lugar, de “[...] as senhoras não ousarem fazer as assinaturas sem a presença de seus maridos

⁶¹ Seguindo uma prática de escrita muito difundida no século XIX, *a escrita de si*, o *Diário* cobre um período de 19 anos da vida desse missionário (1852 – 1866). Começa a escrevê-lo bem jovem, aos 19 anos, e o último registro consta de um ano antes de sua morte.

(“homens de negócios”), e *o jornal de Gildersleeve* ser recebido por quase todos suprimindo, assim, a demanda de leitura e informação. Sobre essa atividade expõe:

Por estas razões consegui apenas duas assinaturas para o *Presbyterian* e uma para a *Revista*, e recebi vinte e nove dólares e cinquenta centavos. Não é muito, mas “dá para um pouco de sal”. Basta quanto à agência; passemos a outros assuntos. (SIMONTON, 2008, pp. 16 – 17) (Grifos do autor)

Durante o período em que passou no mar, de viagem para o Brasil, fala de sua expectativa em poder desenvolver o trabalho missionário, julgando ter os seus livros como um auxílio à paciência, considerando a longa viagem: “Todos os meus livros que são legíveis estão lidos. Li metade da obra de Shakespeare.” (SIMONTON, 2008, p. 122) Já estabelecido no Brasil, retoma a ideia comum aos demais missionários da necessidade da criação de escolas reconhecendo em conversa com um senhor chamado de Ewbank cujas filhas, inclusive, passaram a ser suas alunas particulares: “o plano de se ter aqui uma escola protestante, de grau elevado, para ingleses e os brasileiros que queiram frequentá-la, tem ocupado muito os meus pensamentos ultimamente” (*idem*, p.138).

Mais adiante, faz menção à primeira escola dominical dirigida em português na sua própria casa. Nesse encontro – datado de 28 de abril de 1860 – registra a presença “das crianças dos Eubanks” e de outras crianças chamadas de “Amália e Mariquinhas Knaack” (p. 140) e afirma que “[...] a Bíblia, o catecismo de história sagrada e o *Progresso do Peregrino* (também chamada de *A Viagem do Christão*) de Bunnyan” (*idem*) foram os textos lidos durante a aula. Dessa forma, *O Peregrino*, mesma obra que foi traduzida por Kalley para ser publicada no *Correio Mercantil*, reaparece também nos escritos de Simonton, desta vez como “livro-texto” para as aulas da escola dominical. Há de se confirmar, então, a influência dessa obra nas práticas leitoras evangélicas da época.

Descrevendo a Escola Dominical de uma semana posterior ao domingo citado, o missionário faz, mais uma vez, menção à leitura de *O Peregrino* e descreve a dificuldade das alunas Amália e Mariquinhas em entender a obra: “Elas não tem base para suas lições; é algo diferente do que jamais ouviram, viram ou sentiram, de modo que não podem entendê-las bem.” (SIMONTON, 2002, p. 141) Possivelmente, faltava às meninas uma prática leitora (em

especial da Bíblia), que lhes daria a base para a compreensão do livro e de sua linguagem essencialmente metafórica e permeada de referências a trechos e episódios bíblicos.

Simonton, aliado ao seu cunhado Blackford⁶², dedica-se a conseguir a licença para instaurar e “anunciar ao público” um “Depósito de Bíblias”. Seu desejo é desenvolver seu trabalho não apenas entre os imigrantes de língua inglesa, mas aos que chama de “nacionais ignorantes”, entendendo que a popularização do impresso é o principal meio de realizar o que pretende (SIMONTON, 2002, p. 144). Nesse sentido, em uma retrospectiva das atividades de um ano desenvolvidas no Brasil, registrada no diário a 20 de janeiro de 1861, reconhece que as aulas na pequena Escola Dominical e algumas Bíblias e folhetos em circulação havia sido todo o seu trabalho entre os nacionais (*idem*, p. 145).

Já conhecendo o português, Simonton retorna aos Estados Unidos, em 1862, com a finalidade de visitar a mãe enferma e angariar fundos para a publicação de panfletos e livros em português, conforme registro datado de 27 de novembro de 1861: “Entrementes visitarei os Estados Unidos, farei imprimir um comentário de Mateus, folhetos e livros, até onde os recursos permitirem. De comum acordo fizemos nossa proposta à Junta⁶³ e dentro de um mês talvez tenhamos resposta.” (*idem*, 2002, p. 150), comprovando o esforço em fazer com que os impressos de conteúdo evangélico, em língua portuguesa, circulassem no Brasil.

Em pronunciamento lido ao Presbitério⁶⁴ do Rio de Janeiro, em 16 de julho de 1867, denominado “*Os meios necessários e próprios para implantar o Reino de Jesus Cristo no Brasil*”, o Rev. Simonton – imbuído da mesma visão dos demais missionários e viajantes protestantes – apresenta como um dos meios de propaganda evangélica no Brasil “a disseminação da Bíblia e de livros e folhetos religiosos” e corrobora:

⁶² Alexander Latimer Blackford (1829 – 1890) nasceu em Ohio – EUA. Ministro presbiteriano de formação teológica pelo Westwm Theological Seminary decidiu servir como missionário no Brasil. Casado com Elizabeth Blackford (irmã do Rev. Simonton) tornou-se um dos principais colaboradores da implantação do presbiterianismo no Brasil, além de colaborar na elaboração do jornal *Imprensa Evangelica*. (FERREIRA, 1992).

⁶³ Junta de Missões Estrangeira da Igreja Presbiteriana dos Estados Unidos (PCUSA).

⁶⁴ Chama-se *Presbitério* a reunião dos líderes protestantes da denominação histórica *Presbiteriana* em determinada localidade.

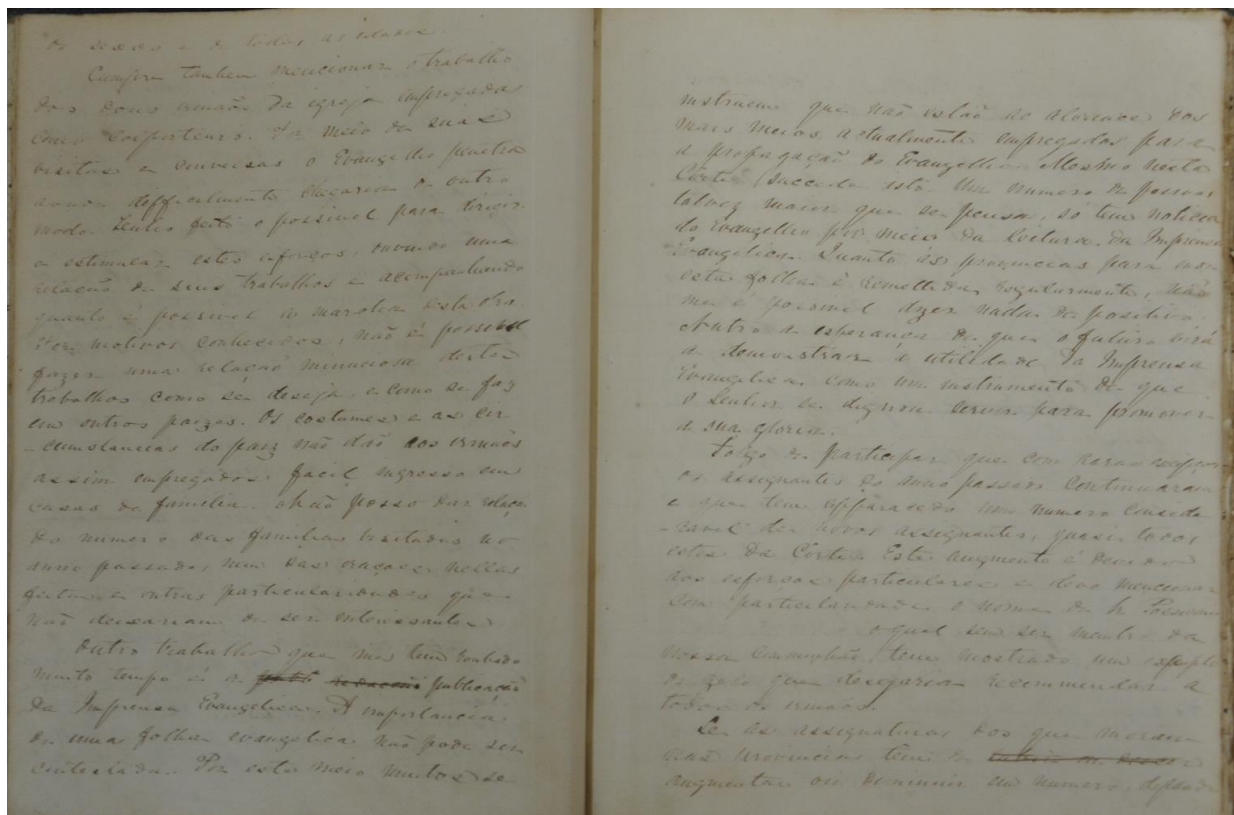
Nesta época a imprensa é a arma poderosa para o bem, ou para o mal. Devemos trabalhar para que se faça e se propague em toda parte uma literatura religiosa em que se possa beber a pura verdade ensinada na Bíblia. (...) Porém todo crente deve ser induzido a fazer alguma coisa nesse sentido. O cristão evangélico que do princípio do ano até o fim não espalha nenhum livro, ou folheto nem folha, não tem convicção do seu dever. (SIMONTON, 2002, p. 181)

Nesse sentido, esforça-se para editar o jornal, registrando em seu diário (26 de novembro de 1864): “A *Imprensa Evangelica* tem me dado muita ansiedade. Dois números já saíram. O senhor provará e dirigirá, é agora minha canção e minha certeza” (*idem*, p. 169). O jornal tornou-se o principal empreendimento do Reverendo a julgar pela forma entusiasmada com que à folha se refere em um de seus relatórios eclesiásticos (Cf. manuscrito na Figura 30):

Outro trabalho que nos tem roubado muito tempo é a publicação da *Imprensa Evangelica*. A importância de uma folha evangelica não pode ser contestada. Por este meio muitos sem instrução que não estão ao alcance dos mais meios actualmente empregados para a propagação do Evangelho. Mesmo nesta Corte sucede isto. Um número de pessoas talvez mais que se pensa, só tem notícia do Evangelho por meio da leitura da *Imprensa Evangelica*. Nutro a esperança de que o futuro virá a demonstrar a utilidade da *Imprensa Evangelica* como um instrumento de que o Senhor se dignou servir para promover a sua glória.⁶⁵

⁶⁵ Trecho retirado do livro de *Atas e Relatórios* (1867) da Igreja Presbiteriana do Rio de Janeiro escrito pelo próprio Simonton, atualmente na Biblioteca do Seminário Presbiteriano de Campinas.

Figura 30 – Página do livro de Atas e Relatórios do Presbitério do Rio de Janeiro (1867) na qual o Rev. Simonton faz menção ao jornal *Imprensa Evangélica*



Fonte: Biblioteca do Seminário Presbiteriano em Campinas

Retomaremos o jornal *Imprensa Evangelica* em capítulo específico, considerando que o elegemos, dentre os demais periódicos evangélicos oitocentistas, para fins de análises sobre os discursos, a materialidade e as representações de leitores encontrados em suas páginas, além de cotejá-lo com alguns jornais laicos que lhe foram contemporâneos.

A folha presbiteriana editada por Simonton foi o primeiro de uma série de jornais protestantes⁶⁶ que passaram a circular no Brasil a partir de 1860. Vale salientar que os periódicos iam sendo publicados a partir da ótica de suas respectivas denominações, representando-as do ponto de vista doutrinário, teológico e eclesiástico. Esse dado é

⁶⁶ É possível verificar uma significativa menção a esses jornais nos escritos de Boanerges Ribeiro (1981) na obra *Protestantismo e cultura brasileira*, bem como nos *Anais da Primeira Igreja Presbiteriana de São Paulo [1863 – 1903]* produzidos pelo historiador Vicente Themudo Lessa (2013). Aldery Matos (2007) e Edwiges dos Santos (2009) também colaboram apontando significativos dados históricos e materiais sobre os periódicos evangélicos oitocentistas.

relevante, em se tratando do estudo dos jornais, no sentido de que os protocolos de leitura serão disseminados no texto – inclusive ajudando a constituir a materialidade de cada jornal – a partir das concepções e formas de conceber os ideais de fé dos editores que, por sua vez, representam toda uma instituição evangélica.

A segunda metade do Século XIX é considerada como o marco de implantação do Protestantismo no Brasil. Nesse período, chamado historicamente de *Protestantismo de Missões*, várias denominações com suas respectivas igrejas foram estabelecidas no país, sobretudo por meio de missões norte-americanas. Por ordem de organização das denominações temos: *Congregacional* (1855), *Presbiteriana do Brasil* (1862), *Metodista* (1878), *Batista* (1859) e *Episcopal* (1889). Antonio Gouvêa Mendonça (1995, p. 81), ao analisar esse período, demonstra que a disputa por um espaço religioso na sociedade se desenvolveu sobre três pilares: a *polêmica*, a *educação* e o *proselitismo*. De fato, para esses fins é que os periódicos evangélicos se estabelecem servindo de objeto cultural impresso disponível a várias comunidades de leitores, conforme demonstraremos adiante.

O jornal *O Pulpito Evangelico*⁶⁷ foi o segundo jornal presbiteriano em circulação no Brasil. Fundado pelo Rev. Emanuel Vanordem⁶⁸, começou a ser publicado em São Paulo, passando depois ao Rio de Janeiro. Possuía publicação mensal e circulou durante dois anos (janeiro de 1874 a dezembro de 1875). Em seus vinte e quatro números publicados, a folha apresentava sermões escritos pelos pastores estrangeiros e nacionais. De acordo com o historiador presbiteriano Rev. Vicente Themudo Lessa (2013), o jornal publicou todos os sermões que foram pregados na inauguração da casa de cultos do Rio de Janeiro em 1874, a primeira igreja pertencente à denominação presbiteriana no Brasil. Após os sermões, eram apresentadas ao leitor notícias sobre as igrejas – um diferencial que caracterizou a folha.

Em 1876, o Rev. Vanordem se estabelece na cidade do Rio Grande, na província do Rio Grande do Sul, onde montou uma tipografia (a primeira exclusivamente protestante do país) e uma livraria, além de implantar uma igreja. No ano seguinte, montou o jornal *O Pregador Christao* que circulou durante dez anos (1877 –1887). Os

⁶⁷ Encontra-se no Arquivo Presbiteriano de São Paulo a coleção encadernada do referido periódico. Optamos por manter em nossos estudos a grafia original dos periódicos, o que justifica a ausência da acentuação.

⁶⁸ Missionário judeu holandês, que, partindo dos Estados Unidos desembarcou no Brasil no ano de 1862 enviado pela Junta Presbiteriana de Nova York. Em 1873, estabelece-se na província de São Paulo. (RIBEIRO, 1987)

assuntos tratados, os gêneros literários e o estilo material desse periódico assemelhavam-se ao que era veiculado pelo *Imprensa Evangelica* apresentando artigos sobre temas éticos e religiosos, polêmicas relacionadas aos aspectos do catolicismo romano, notícias sobre o andamento das missões evangélicas, discussões sobre temas políticos e sociais (a exemplo do casamento dos acatólicos, escravidão, a intolerância religiosa, *etc*), notas sobre outros periódicos (uma característica comum da imprensa laica da época), notícias locais e anúncios sobre os itens da livraria evangélica do editor.

Ao que parece, o perfil editorial do *Pregador Christao* era mais “combativo” e socialmente engajado do que o *Imprensa*, considerado pelo historiador Boanerges Ribeiro (1981, p. 105) como “[...] sempre contida e as vezes um tanto distante”. Vanordem faz publicar ainda, com periodicidade irregular, o *Imprensa Brasileira* (que se ocupava em veicular as profissões de fé de clérigos católicos convertidos ao presbiterianismo); um periódico dedicado às crianças de nome *A Aurora* e um jornal secular chamado *A Opinião* (VASCONCELOS, 2010). É possível constatar a publicação do jornal *A Aurora* em nota publicada pelo *Imprensa Evangelica* em 16 de janeiro de 1892, no qual se reproduz “o artigo de publicação” (Cf. Figura 31 a seguir).

No início de 1888, o Rev. Edward Lane (1837 – 1892) passou a publicar em Campinas outro jornal com o mesmo nome do que havia sido publicado pelo Rev. Vanordem, *O Pulpito Evangelico*, que esteve em circulação até 1900. A redação foi posteriormente transferida para Lavras (SP) e depois para o Rio de Janeiro. Além dos sermões, o jornal fazia veicular esboços homiléticos, apontamentos históricos, exposições e comentários de textos bíblicos, notícias de cunho religioso e ilustrações.

No Paraná, esteve em circulação na Cidade de Castro o jornal *Aurora do Evangelho* (1898). Há menção a que os primeiros jornais protestantes em Santa Catarina foram também uma iniciativa dos presbiterianos.

Figura 31 – Página do *Imprensa Evangélica* (16/01/1892) com a apresentação do novo periódico infantil *A Aurora*



Fonte: Coleção do jornal *Imprensa Evangélica* do Arquivo Histórico Presbiteriano (SP)

Salvação de Graça foi o primeiro periódico presbiteriano em circulação no Nordeste. Organizado pelo Rev. John Rockwell Smith, o jornal publicado em Recife era impresso em Lisboa e contou com apenas doze números mensais durante o ano de 1875. De acordo com o historiador Alderi Matos (2007, p. 47), a retirada e depois o falecimento do colaborador Rev. Willian Le Conte contribuíram também para a suspensão do jornal. A folha veiculava diversos gêneros tais como sermões, citações de importantes personalidades da história protestante (Lutero, Calvino, etc), estudos bíblicos, tratados teológicos, prosas ficcionais com intenções didatizantes, traduções diversas.

Em Alagoas, foi lançado *O Evangelista* em 1885. Em Minas Gerais, na cidade de Bagagem, é produzido o homônimo, *O Evangelista* editado pelo missionário Rev. John Boyle (1845 – 1892) e circulou entre janeiro de 1889 a abril de 1893. Além de material bíblico e doutrinário, a exemplo dos demais jornais, o periódico apresentava preocupação evangelística e, conforme o contexto religioso de então, muitos textos de controvérsia a

partir de entraves com o discurso católico antiprotestante, fazendo veicular artigos sobre o abuso de poder, a ignorância e a vida impura dos padres romanos.

No Rio Grande do Norte, o jornal *O Pastor* foi publicado em 1893 pelo Prof. Joaquim Lourival (1848 – 1926). É também de Natal *O Século*, órgão evangélico presbiteriano datado de 1895 cujo editor e redator era o Rev. William Calvim Porter. Essa folha era editada três vezes ao mês e deveria servir, prioritariamente, à propagação da “Religião Evangélica”. A partir de seu segundo número, porém, passou a veicular uma seção intitulada “Fatos Diversos”, no qual se publicaram artigos de conteúdo republicano, ocasionando desgosto ante os monarquistas. Ante as polêmicas geradas por esse fato, foi convocada uma reunião na qual se decidiu que o jornal “[...] deveria atuar efetivamente como órgão de imprensa com opinião de causas de interesses gerais e sociais” (FERREIRA, 1992, p. 555). Anos depois, passou a ser de tiragem semanal. Já no Século XX, passou a ser chamado de *O Norte Evangélico*, transformando-se em um significativo periódico presbiteriano publicado em Pernambuco, redirecionando, porém, seu editorial para as questões doutrinárias e evangelísticas. Já em 1898, foi veiculado em Manaus o jornal *O Evolucionista*, sendo depois nomeado de *O Arauto* (VASCONCELOS, 2010, p. 40).

Ainda de procedência presbiteriana, dois importantes jornais foram editados na última década do Século XIX. A linha editorial dos jornais, porém, se diferenciaram dos demais no sentido de que abordavam os problemas internos da denominação. Assim, em 07 de janeiro de 1893, os reverendos Eduardo Carlos Pereira (1856 – 1923) e Bento Ferraz (1865 – 1944), junto com o presbítero Remígio de Cerqueira Leite, fundaram *O Estandarte*. Esse substituiu o *Imprensa Evangelica*, que havia sido extinto em 02 de julho de 1892. Para Aldery Matos (2007, p. 48), “[...] essa iniciativa era parte de um ‘plano de ação’ do Rev. Eduardo, que tinha em mente a progressiva nacionalização da obra presbiteriana no Brasil”. Isso porque, até aquele momento, as igrejas presbiterianas no Brasil eram gerenciadas pela Junta Presbiteriana dos Estados Unidos. O jornal era impresso em São Paulo pela *Typographia da Sociedade Brasileira de Tractados Evangelicos* e possuía periodicidade semanal. Em relação ao conteúdo, assemelhava-se aos demais jornais evangélicos no

sentido de apresentar informes de interesse geral, artigos evangelísticos e devocionais destinados ao jovem, à mulher cristã, *etc.*

Com o passar do tempo, *O Estandarte* passou a refletir os conflitos eclesiásticos da época. Divergências no âmbito missionário e educacional aliadas ao desejo de tornar a igreja brasileira autossuficiente para sustentar seus líderes eclesiásticos contribuíram para uma série de discussões – o que resultou na cisão do presbiterianismo em Igreja Presbiteriana do Brasil e Igreja Presbiteriana Independente. A “questão maçônica” constituiu-se outro agravante registrado nas páginas dessa folha. Em dezembro de 1898, o médico Nicolau Soares do Couto Esther passou a publicar sob o pseudônimo de “Lauresto” uma série de doze artigos na folha sobre a temática “A Maçonaria e o crente”. Os artigos argumentavam sobre a incompatibilidade entre a maçonaria e a fé cristã. A oposição ao jornal editado pelo grupo do Rev. Eduardo Pereira veio por parte do Rev. Álvaro Reis – então pastor da Igreja Presbiteriana do Rio de Janeiro – que fundou, em 08 de junho de 1899, o jornal evangélico *O Puritano*, que se tornou o órgão oficial da Igreja Presbiteriana do Brasil sendo ininterruptamente publicado até julho de 1957. Por meio desse, eram veiculadas e discutidas as opiniões publicadas em *O Estandarte* ⁶⁹, acirrando as divergências latentes entre os dois grupos (PEREIRA, 1965).

Os metodistas⁷⁰, por sua vez, publicaram o jornal *Methodista Catholico*, fundado pelo Rev. John James Ranson (1854 – 1934) em janeiro de 1886 (Cf. Figura 32 a seguir). O primeiro número do jornal já expõe em seção intitulada “Programma do Methodista Catholico” (a modo de prospecto) o perfil que nortearia a ação dos metodistas, bem como o conteúdo a ser veiculado:

A redação do *Methodista Catholico* julga ser do seu dever explicar o seu programma sendo esta folha órgão da Igreja Methodista Episcopal do Brasil, portanto o nome *Methodista*: abraçando a religião christa em toda a sua plenitude, e fraternizando com todos os que creem em Deus e amam o nosso senhor Jesus Christo, portanto o termo *Catholico*. Nosso programma é

⁶⁹ Em 1903, esse jornal tornou-se o órgão oficial da nova denominação que surgia – a Igreja Presbiteriana Independente – até os dias de hoje.

⁷⁰ Apesar da presença de missionários metodistas no Brasil desde 1834, a Igreja Metodista iniciou suas atividades definitivamente em 1867 com a chegada do pastor Junius Newman, que veio acompanhando um grupo de imigrantes norte-americanos sulistas, após a guerra civil nos EUA. O metodismo expandiu-se mais entre a classe média dos centros urbanos do Sul e Sudeste, tendo sua principal ênfase na educação e na instalação de escolas para as elites. Sobre esse assunto, conferir: KENNEDY, 1928.

simplicíssimo. Todos os números terão as competentes *Lições Internacionais* para as Escolas Dominicaes, um ou mais artigos doutrinários; e o melhor que podemos colher dos jornaes brasileiros sobre as grandes questões do dia. Tanto religiosas como Moraes e sociológicas. Pedimos de todas as igrejas evangelicas noticias suas para que o publico fique sciente do progresso do Evangelho. Desejamos fazer uma folha que sirva de leitura agradável a todos, e que sirva para instruir os fracos e principiantes no caminho da salvação. Na controvérsia procuraremos ser cortezes sem prejuízo da força da argumentação. Não nos há de amendrontar os ares da superioridade intellectual dos impugnadores do christianismo. [...] Invocamos o auxilio de todos os crentes e amigo do Evangelho, bem como de todos os amadores de progresso e ordem social. (p. 01) (Grifos do autor)

Conforme se vê, a folha segue o padrão dos demais jornais evangélicos que circularam na segunda metade do Século XIX, contendo lições para subsidiar os professores da Escola Dominical, divulgação da doutrina por meio de artigos e a apropriação de notícias dos demais jornais (inclusive os jornais laicos), divulgando-as com a finalidade de manter o leitor informado sobre o que passava no país e no mundo. Pretendendo ser de “agradável leitura”, o periódico apresentava firmeza argumentativa na defesa dos princípios protestantes, sendo também um suporte para a veiculação de artigos de controvérsia, especialmente relacionando-os à religião católica.

Dois outros aspectos propostos no programa editorial do *Methodista Catholico* merecem destaque: primeiramente, a manutenção de uma conexão entre as igrejas metodistas por meio das informações que seriam veiculadas através da folha, o que torna notório seu teor propagandístico (“Pedimos de todas as igrejas evangelicas noticias suas para que o publico fique sciente do progresso do Evangelho.”); em seguida, o comprometimento do órgão evangélico com os ideais do Liberalismo (“Invocamos o auxilio de todos os crentes e amigo do Evangelho, bem como de todos os amadores do progresso e ordem social.”).

Figura 32 – Primeira página do jornal *Methodista Catholico* (1886) contendo o “Programa”, que corresponderia à linha editorial da folha



Fonte: www.metodista.org.br.

Esses aspectos servem para ilustrar o caráter utilitarista dos jornais protestantes em circulação nos Oitocentos. Ler era uma necessidade de primeira ordem a fim de se manter a *união mística* da comunidade para quem, inclusive, um senso de partilha estabelecia-se por meio das informações trocadas (PÉCORA, 2001). Além disso, fica claro que as questões políticas relacionadas às ideologias liberais eram disseminadas ainda que acobertadas pela predominância do discurso religioso nesses impressos periódicos.

Após um ano e cinco meses, o *Methodista Catholico* transformou-se em *Expositor Christão*, tendo como redator responsável James L. Kennedy. O seu primeiro número data de 15 de agosto de 1887, sendo editado no Rio de Janeiro pela “Typographia Aldina”. Seu perfil editorial é mais voltado para a moralidade religiosa e social, em consonância com as concepções da época, conforme explanou o Rev. James Ranson (editor anterior), ao tratar do fim do *Methodista Catholico*:

O *Methodista catholico* acabou-se e em seu lugar surge o *Expositor Christão*, que será agora órgão da “Egreja Methodista Episcopal do Sul no Brasil” [...]. Como se deve concluir do título, o fim do periódico será expor – ensinar e defender a doutrina Christã, ou como o antigo redactor disse, quando, ha um anno deu à publicidade o “Methodista Catholico”: tendo em vista promover daquelle ramo da Egreja Christã, que elle representa, este periódico se enfocara por guardar a sanctidade do lar domestico, os interesses da sociedade, e preservar e espalhar as doutrinas do Christianismo, sendo a Palavra de Deus adoptada como o fundamento da nossa fé. O mesmo o *Expositor Christão* propõe-se a fazer com o auxilio de Deus. (*Expositor Christão*, 1887, p. 01) (Grifos do autor)

Da mesma denominação, o Rev. Justus H. Nelson (1851 – 1937) publicou em 1890, no Pará, o jornal *O Apologista Christão*, que circulou durante vinte e um anos. Um tempo considerável para uma época em que os periódicos eram, geralmente, efêmeros. Inicialmente apresentou periodicidade semanal, assim permanecendo até julho de 1891 – período de maior fôlego editorial. De agosto de 1891 a janeiro de 1892, o jornal passou a ser impresso quinzenalmente. A partir de fevereiro de 1892 a setembro de 1910, o jornal circulou mensalmente. O jornal divulgava notícias locais, nacionais e internacionais, estudos bíblicos, matérias de propaganda religiosa protestante e artigos envolvendo questões políticas, considerando-se um Brasil agora Republicano.

Já no estado do Amazonas, o Rev. Marcus Ellsworth Carver⁷¹ (missionário de origem metodista, que se tornou independente dessa denominação tempos depois) fez publicar o jornal *A Paz*, tendo o primeiro número datado de 21 de março de 1898 com periodicidade mensal. A folha possuía tipografia própria, conforme se pode verificar nos trechos extraídos pela historiadora Betty A. de Oliveira (1967, p. 02), a partir de pesquisa no referido jornal:

⁷¹ Sobre os reverendos Justus Nelson e Marcus Caver, incluindo a história da ação missionária desses no Norte do Brasil, consultar: BARDAY, 1957.

Despido das galas mundanas surge hoje nas plagas Amazonenses, este humilde periódico evangélico denominado A PAZ, como orgam official da Missão Bethesda de Manãos. Vencendo muitas dificuldades e ajudado por Deus, a Missão conseguiu montar uma pequena typographia onde será impresso A PAZ que terá por fim único e exclusivo tratar dos actos da Missão, e especialmente à propaganda das virtudes do Evangelho de Jesus Christo, neste vasto campo da Amazônia.

A sua direcção e redacção está confiada aos propagadores do Evangelho, Revd. Marcus E. Carver e ao Evangelista Juvêncio de Mello, de quem a missão espera as suas valiosas coadjuvações, no sentido de, com os seus concursos intellectuais fazerem chegar ao conhecimento desta população a verdadeira doutrina do Divino Mestre Christo Jesus.

Muitas serão as dificuldades que hão de aparecer, porem, confiamos nos nossos irmãos na fé, que nos auxiliem com as suas assignaturas, e de Deus esperamos a benção para essa tão brilhante obra. Desejamos também dizer aos leitores que A Paz não vem plantar discórdias nos corações dos homens, porem tem por seu lemma as suplimes palavras que Christo disse aos seus discípulos: – A PAZ SEJA CONVOSCO. (S. João, Cap. XX, v. 19).

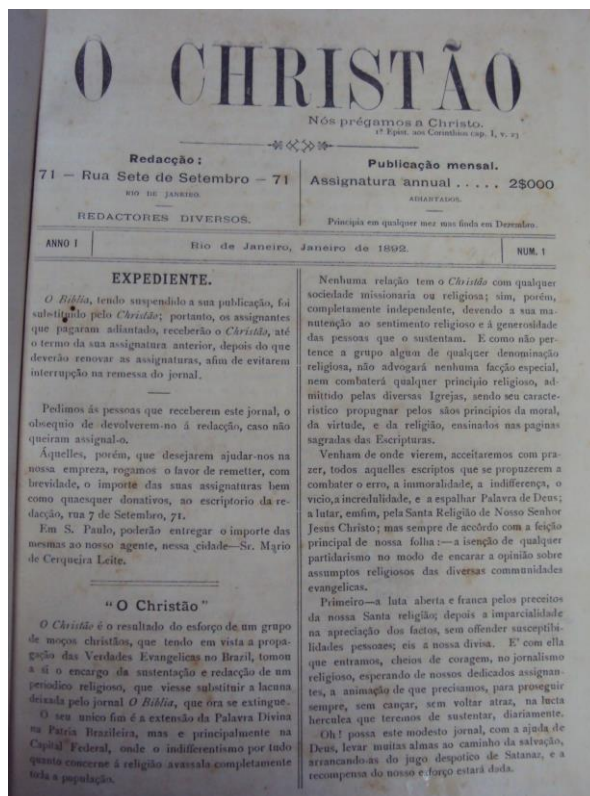
A denominação congregacional, estabelecida pelo Dr. Robert Kalley, fundou o jornal *O Biblia* (cf. Figura 33 a seguir), em fevereiro de 1891. De periodicidade mensal, o jornal intitulado “Orgam da associação Christã da Mocidade” teve seu nome alterado para *O Christão* em março de 1892, tornando-se o órgão oficial dos congregacionais em circulação até os dias de hoje (conforme é possível verificar na Figura 34 abaixo). Contendo diversos gêneros tais como hinos, artigos doutrinários, estudos bíblicos, anúncios de livros, *etc*, ambas as folhas (inicialmente *O Biblia* e, por conseguinte, *O Christão*) possuíam características em comum com demais jornais evangélicos de sua época – “combater o erro, a immoralidade, a indiferença, o vício, a incredullidade, e a espalhar a Palavra de Deus; a lutar em fim pela Santa Religião [...]” (*O Christão*, 1892, p. 01)

Figura 33 – Capa do jornal *O Biblia* (1891)



Fonte: Acervo da Associação Basileia. Campinas, SP

Figura 34 – Primeira página do 1º número do jornal *O Christão* (1892)



Fonte: Acervo da Associação Basileia. Campinas, SP

Pertencente a uma denominação de tradição anglicana, a Igreja Episcopal foi implantada no Brasil, mais especificamente no Rio Grande do Sul, através dos missionários Lucien Lee Kinsolvin (1826 – 1929) e James Watson Morris (1874 – 1954) na última década do Século XIX (CALVANI, 2008). Ambos fundaram o jornal que representaria a denominação, o *Estandarte Christão* em 1893. A definição da linha editorial revela-se estar em acordo com os demais periódicos protestantes de qualquer outra denominação da época, ressaltando as temáticas da propaganda evangélica, disseminação dos textos bíblicos e notícias religiosas sobre o bom andamento da missão. Vejamos:

Deixando de lado tradições inventadas e procurando escutar unica e simplesmente a voz de Christo, arvoramos a bandeira de todo o progresso religioso, e começamos já a peleja contra toda a falsidade e superstição. Seguiremos no modesto desempenho desse grande trabalho a seguinte ordem: explicações de passagens da Bíblia, para que nossos leitores sejam instruídos e exortados pelas próprias palavras de inspiração, e assim sejam aparelhados para responder a qualquer pessoa que pedir explicações sobre a fé que elas tem (I Pedro 3.15); traduções de trechos escolhidos de autores ilustrados do mundo christão, para offerecer material para alimentar espíritos devotos; e notícias religiosas cuidadosamente seleccionadas e coordenadas para salientar a influencia e o progresso do evangelho no mundo.⁷²

Das denominações consideradas reformadas e históricas, a Igreja Batista foi a última a ser implantada no Brasil em 1882, mais propriamente em Salvador, por meio dos casais missionários norte-americanos William B. Bagby e Anne Bagby e Zachariah C. Taylor e Kate S. C. Taylor (CAIRNS, 1995, p. 370). O primeiro jornal que representava a concepção batista foi o *Eco da Verdade*, impresso em 1886, na Bahia por Zachariah Taylor. Em 1894, publicou-se no Rio de Janeiro outro jornal Batista chamado *As Boas Novas*, porém, em 1900, houve a junção dos jornais originando, em janeiro de 1901, *O Jornal Batista*, que passou a ser o órgão oficial da Convenção Batista Brasileira, ainda em circulação.

Uma série de outros periódicos evangélicos, de vida efêmera, que circularam não como órgãos oficiais das denominações, mas como representações regionais, foi também

⁷² Não nos foi possível uma consulta direta à fonte no caso do jornal *Estandarte Christão*, o que explica a ausência de referência. Tivemos acesso ao trecho, nesse caso, pelas pesquisas de Carlos Eduarado Calvani (2008, p?).

produzida na primeira década do Século XX. Tais publicações tiveram um período pequeno de circulação, se comparados aos oficiais, e a grande maioria dos exemplares, segundo pesquisadores (GONÇALVES, 2010), se perdeu com o tempo. Não temos a pretensão de abordá-los por estarem localizados para além dos objetivos pretendidos na presente pesquisa.

O levantamento por ora feito, além de apontar caminhos futuros dessa pesquisa, serviu para mostrar a efervescência, também no âmbito religioso protestante, de uma atividade impressa que privilegiou o suporte jornal –a partir da segunda metade dos Oitocentos – contribuindo para a construção de história das práticas de leitura no Brasil deste tempo. Conforme pudemos verificar, os jornais identificavam denominações, formavam mentalidades, caracterizavam grupos, sendo um veículo por meio do qual circulavam vozes diversas que, uma vez apropriadas por seus leitores, serviam-lhes a diversos fins – instruir, deleitar, integrar.

Analisar cada um desses periódicos seria inviável. Sendo assim, elegemos o que se considera o primeiro periódico protestante em circulação no Brasil, o jornal *Imprensa Evangelica*, para um estudo mais pontuado. Não restam dúvidas de que este periódico representaria os demais, ao menos nos aspectos formais e temáticos, considerando, conforme pudemos discutir, que os impressos protestantes oitocentistas possuíam em comum o caráter utilitário da propaganda evangélica, da manutenção da união entre os membros crentes e da instrução doutrinária.

Apresentamos a seguir uma tabela por nós organizada que contém os títulos e uma síntese das características dos jornais evangélicos em circulação no Dezenove que nos foram possíveis identificar. Gostaríamos de ressaltar, por fim, que a classificação e levantamento anteriormente apresentados dos jornais protestantes em circulação na Corte e nas demais províncias do Brasil, bem como a catalogação dos gêneros e temáticas abordados nas folhas em questão, ainda não se encontravam reunidas e sistematizadas em um material que servisse de referência para futuras pesquisas, como agora se faz na presente pesquisa.

Tabela 1 – Principais jornais protestantes em circulação entre 1864 a 1900

Jornal	Editor	Denominação	Local	Periodicidade	Período de circulação	Temáticas
<i>Imprensa Evangelica</i>	Ashbel G. Simonton	Presbiteriana	Rio de Janeiro	Quinzenal	1864 – 1862	Propaganda evangélica, doutrina, apologia, instrução.
<i>O Pulpito Evangelico</i>	Emanuel Vanordem	Presbiteriana	São Paulo; Rio de Janeiro	Mensal	1874 – 1875	Propaganda evangélica, doutrina, instrução, relatórios sobre as Igrejas.
<i>O Pregador Christao</i>	Emanuel Vanordem	Presbiteriana	Rio Grande (RS)	?	1877 – 1887	Propaganda evangélica, doutrina, apologia, polêmicas envolvendo questões éticas e sociais, notícias locais.
<i>O Pulpito Evangelico</i>	Edward Lane	Presbiteriana	Campinas/Lavras (SP); Rio de Janeiro	Mensal	1888 – 1900	Propaganda evangélica, doutrina, apontamentos históricos, notícias religiosas.
<i>Salvação de Graça</i>	John R. Smith	Presbiteriana	Recife (PE)	Mensal	1875	Propaganda evangélica, doutrina, apontamentos históricos, apologia.
<i>O Evangelista</i>	John Boyle	Presbiteriana	Bagagem (MG)	?	1889 – 1893	Propaganda evangélica, doutrina, controvérsias envolvendo a moral dos padres católicos.
<i>O Seculo</i>	William C. Porter	Presbiteriana	Natal (RN)	Semanal	1895	Propaganda evangélica, política (questões republicanas).
<i>O Estandarte</i>	Eduardo Pereira, Bento Ferraz, Remígio Leite.	Presbiteriana	São Paulo		1893 – ainda em circulação	Propaganda evangélica, doutrina, polêmica intradenominacional (ataque da maçonaria).
<i>O Puritano</i>	Álvaro Reis	Presbiteriana	Rio de Janeiro	Semanal	1899 – 1957	Propaganda evangélica, doutrina, polêmica intradenominacional (defesa

						da maçonaria).
<i>Methodista Católico</i>	John J. Rason	Metodista	Rio de Janeiro	Quinzenal	1886	Propaganda evangélica, moralidade sócio-religiosa, doutrina.
<i>Expositor Cristão</i>	James L. Kennedy	Metodista	Rio de Janeiro	Quinzenal	1887 – ainda em circulação	Propaganda evangélica, moralidade sócio-religiosa, doutrina.
<i>O Apologista Christao</i>	Justus H. Nelson	Metodista	Manaus (AM)	Semanal/Mensal/Quinzenal	1890 – 1910	Propaganda evangélica, doutrina, informes locais, nacionais e internacionais, política (questões republicanas).
<i>O Cristão</i>	?	Congregacional	Rio de Janeiro	Mensal	1892 – ainda em circulação	Propaganda evangélica, doutrina, apologia.
<i>O Estandarte Christão</i>	Lucien L. Kinsolvin, James W. Morris	Episcopal	Porto Alegre (RS)	?	1893 – ainda em circulação	Propaganda evangélica, doutrina, informes sobre a denominação e suas atividades.
<i>Eco da Verdade</i>	Zachariah Taylor	Batista	Salvador (BA)	?	1886 – 1900	Propaganda evangélica, doutrina, informes denominacionais.
<i>A Aurora</i>	Emanuel Vanordem	Presbiteriana	São Paulo	Mensal	1892 – ?	Propaganda evangélica, instrução e ensino bíblico.

4 O JORNAL LAICO E O JORNAL PROTESTANTE: ENTRE MODELOS E RELAÇÕES

Os jornais oitocentistas estabelecidos por quais ideologias fossem, inclusive os religiosos, estavam condicionados aos modelos de impressão da época. Basta comparar os periódicos, não apenas os produzidos na Corte, como também nas províncias para perceber que havia “um padrão de escrita jornalística” (BARBOSA, 2011). Os editores evangélicos – reconhecendo as vantagens do suporte jornal para a propagação doutrinária – apropriaram-se também dos padrões tipográficos laicos e do modo como os mais variados gêneros de textos eram apresentados. Os periódicos, em circulação no Brasil e no mundo, possuíam a clara função de unificar os conhecimentos servindo de instrumentos de pesquisa acessível aos leitores de então. Isso porque, conforme veremos a seguir, as folhas deixavam-se imprimir de gêneros textuais diversos produzidos a partir dos mais diversos discursos – científico, religioso, literário, político, *etc.* Não é, pois, sem razão que encontramos nos jornais colunas editoriais denominadas “variedades”, como consta no *Correio Mercantil* (Rio de Janeiro, 1866) e *Correio Paulistano* (1854); “miscelânea”, conforme se vê no *Imprensa Evangelica* (1887) e até “mosaico”, a exemplo do *Jornal das Famílias* (Rio de Janeiro, 1864). Esses nomes ilustram muito bem a efervescência cultural, que movimentava as páginas periódicas. Nesse sentido, Barbosa (2007, p. 31), ao propor analisar o lugar do literário no jornal, corrobora:

[...] não há nada que traduza melhor o que era um jornal no século XIX do que as palavras *Variedade e Miscelânea*. Para o historiador, acostumado a classificações, antologias, características e toda sorte de apropriação didática que foi feita para traduzir o panorama da Literatura do Oitocentos, o jornal pode parecer o lugar do “caos” e a tendência é de querer arrumá-lo, organizá-lo de tal sorte que possamos facilmente transformá-lo em um livro. (Grifos da autora)

Esse “caos”, porém, era plenamente decifrável (e até necessário) aos olhos das diversas comunidades de leitores – também essencialmente mistas do ponto de vista do gênero, da idade e da função social – que dependiam desse suporte como forma de acesso ao que mais lhes fosse interessante. Verificamos anteriormente o quanto as páginas dos jornais laicos favoreceram a circulação do discurso protestante em diversos lugares do país. De certa forma, passou a se estabelecer nas folhas um intercâmbio em nada gratuito – porque favorecia aos evangélicos pelo teor propagandístico da doutrina e, ao mesmo tempo, saciava a sede dos leitores ávidos pela literatura polemista, considerando os entraves entre catolicismo e protestantismo.

Os jornais protestantes, condicionados aos padrões impressos de seu tempo, também se constituíram “num mosaico” multiforme absorvido pelos olhos e ouvidos de seus leitores/ouvintes. Ouvintes, pois, conforme já sabido, os não alfabetizados possuíam acesso ao conteúdo das folhas por meio da prática da leitura oral e coletiva.

4.1 O Jornal *Imprensa Evangélica (IE)* – breve percurso editorial

A fim de prosseguirmos com as abordagens comparativas envolvendo o jornal laico e o jornal protestante se faz necessário a história editorial do periódico selecionado para nossas análises – o jornal presbiteriano *Imprensa Evangélica* – representando o conjunto de jornais evangélicos em circulação na segunda metade do Século XIX. Conforme dito, a primeira folha protestante editada no Brasil surgiu dos ideais de imprensa do jovem missionário norte-americano Ashbel Green Simonton. Com uma tiragem de 450 exemplares e uma periodicidade que se pretendia semanal, o primeiro número do *Imprensa Evangélica*, datado de 05 de novembro de 1864, foi publicado pela Typographia Universal Laemmert, a segunda mais importante da Corte, de propriedade dos irmãos protestantes Eduard e Heinrich Laemmert.

Temendo a oposição católica e as possíveis represálias, os Laemmert limitaram-se a publicar a primeira edição do jornal evangélico. A edição do *IE* datada de 02 de janeiro de

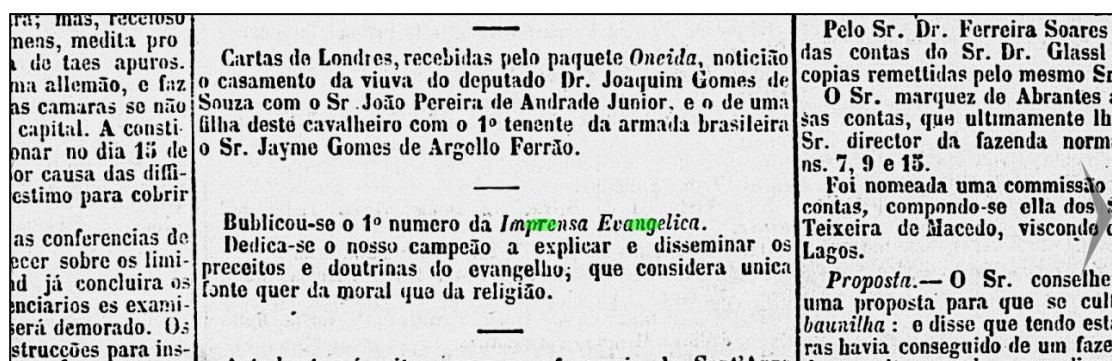
1879 faz menção aos 15 anos de circulação do jornal e apresenta na capa uma retrospectiva sobre sua história na qual se lê:

Foi difficillimo no principio achar impressor para a folha. A respeitavel firma que imprimiu o primeiro numero, negou-se a receber os originaes para o segundo, allegando receios que seria apedrejada a casa, si constasse que tivesse parte na publicação de um jornal protestante. (p. 01)

Assim, coube à Typographia Perseverança a função de imprimir as novas edições que, por questões financeiras, passaram a ter uma tiragem quinzenal. Localizada na Corte, a Perseverança foi fundada em 1863 por Antonio Maria Coelho da Rocha e administrada por Antônio Joaquim Pereira dos Santos, havendo mudanças de proprietários e sócios ao longo dos anos. Em 1884, teve como um dos seus sócios Antônio dos Santos Cardoso – um dos proprietários do *Correio Mercantil* (1866 – 1867) e um dos redatores do *Almanak Laemmert*. Questiona-se o motivo de uma pequena tipografia assumir a impressão de uma folha evangélica de pequena tiragem quinzenal, que não apresentava um bom lucro financeiro e ainda atraía, inclusive, a oposição católica podendo acarretar em ataques pessoais e danos patrimoniais oriundos dos não simpatizantes do Protestantismo. Uma explicação possível deve-se à ligação desta tipografia à maçonaria, considerando que as lojas maçônicas também imprimiam suas obras nas tipografias *Leuzinger*, *Perseverança* e *F. Alves de Souza* (SANTOS, 2009).

O surgimento do jornal não passou despercebido pela imprensa laica. Como uma prática comum à imprensa oitocentista, alguns jornais contemporâneos noticiaram o fato e parabenizaram a iniciativa de criação do periódico. No dia seguinte à distribuição do primeiro número, 06 de novembro de 1864, o *Correio Mercantil* noticia em primeira página na seção “Notícias diversas”: “Publicou-se o 1º número da *Imprensa Evangelica*. Dedicou-se o nosso campeão a explicar e disseminar os preceitos e doutrinas do Evangelho; que considera única fonte quer da moral quer da religião.” (Cf. Figura 35 a seguir)

Figura 35 – Anúncio da publicação do primeiro número do jornal *Imprensa Evangélica* por meio do *Correio Mercantil* (1864)



Fonte: <memoria.bn.br/docReader/Docreader.aspx?bib=217280>

O *Diario do Rio de Janeiro*, também de 05 de novembro de 1864, apresenta e elogia o *Imprensa Evangelica* na primeira página em seção intitulada “Noticiario”:

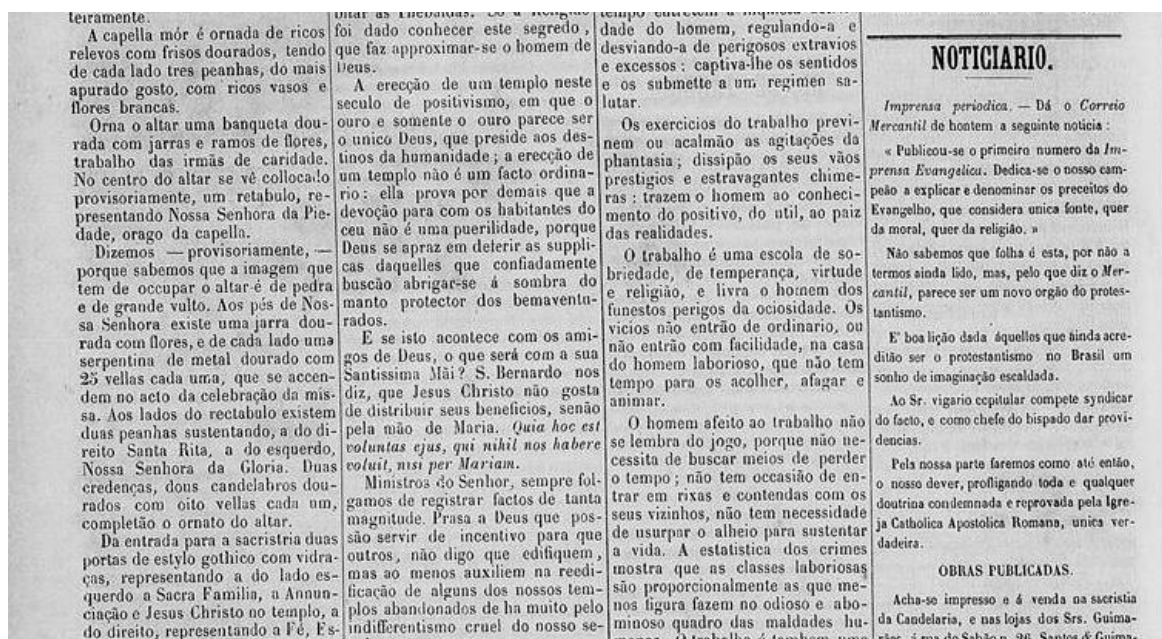
[...] Com este título começa a publicar-se hoje uma revista hebdomadária consagrada, segundo diz a redacção no fim do seu programma — *à liberdade de consciência perante o Evangelho*. [...] partidários da liberdade de consciência, folgamos com a apparição de mais um lutador no campo da moral. É da discussão elevada, esclarecida e tolerante, que nascem as convicções firmes. O primeiro numero da *Imprensa Evangelica*, que temos á vista, é escrito com dignidade, com moderação próprias de verdadeiros christãos, de homens que respeitam as crenças alheias, para fazer respeitar as proprias.

Os jornais católicos, por ora envoltos em seções polemistas contra o protestantismo, também noticiaram o fato do estabelecimento de uma folha evangélica na capital do Império. O *Cruzeiro do Brasil* em circulação no Rio de Janeiro, por exemplo, datado de 06 de novembro de 1864 (p. 04), reproduz em suas páginas o anúncio do surgimento do periódico protestante (Cf. Figura 36) que fora um dia antes veiculado no *Correio Mercantil* e faz uma advertência aos seus leitores:

Não sabemos que folha é esta, por não a termos ainda lido, mas, pelo que diz o *Mercantil*, parece ser um novo órgão do protestantismo. É boa lição dada ainda aquelles que acreditão ser o protestantismo um sonho de imaginação ainda escaldada. Ao Sr. vigário capitular compete syndicar do facto, e como chefe do

bispado dar providencias. Pela nossa parte faremos como até então, o nosso dever, profligando toda e qualquer doutrina condemnada e reprovada pela Igreja Catholica Apostolica Romana, unica verdadeira.

Figura 36 – Página do jornal católico *Cruzeiro do Brasil* constando o informe do surgimento do *Imprensa Evangélica*



Fonte: < memoria.bn.br/DOCREADER/DOCREADER.ASPX?BIB=235261 >.

A publicação da folha protestante, e dos possíveis males que sua leitura poderia causar, continuou sendo destaque na primeira página do *Cruzeiro do Brasil* (13/11/1964) onde se encontra:

Não era um sonho de uma imaginação escaldada, nem tão pouco infundado receio quando escreviamos que o protestantismo estava contaminando a capital do Império levando a discórdia e o desespero ao centro das famílias.

Ahi esta essa alluvião de folhetos espalhados pela população, innoculados de veneno o mais corruptor, das máximas as mais perigosas e destruidoras dos preceitos da igreja.

Ahi estão essas reuniões de domingos, onde a Bíblia é truncada, despedaçada, interpretada à vontade de cada um; onde o Papa é chamado de ante-christo, os sacerdotes harpias da humanidade, e os sacramentos invenções de padres.

E agora, não contentes com isto, os protestantes lançam mão de um outro meio mais poderoso para espalhar o crime; a imprensa veio em seu auxílio, e uma folha denominada *Imprensa Evangelica*, órgão puramente dissidente, se publica aos sabbados na capital do imperio.

Parece incrível que isso se dê em uma nação catholica, aos olhos de uma nação que prima pelo seu sentimento religioso.

Da *Imprensa Evangelica* não se teria publicado se quer um numero se as leis do nosso paiz fossem mais bem cumpridas, se o espírito da nossa constituição fosse melhor interpretado.

[...]

Não é que tenhamos medo que a *Imprensa Evangelica* convença pela verdade grande numero de nossos compatriotas, é sim porque tememos o que pode a ousadia desses homens, que anarchisarão com quejandas ideas a França, a Allemanha e ultimamente Portugal e Italia.

[...]

E' de mister que alguém erga voz contra as doutrinas pregadas pela Imprensa Evangelica, vozes autorisadas venhao esclarecer o povo e lhes mostrar o perigo dessas leituras; é isso o que nos ordena o Apostolo. Talvez que amanha o remédio já seja tarde, e que o mal não tenha mais cura. (Grifos do Autor)

No *Cruzeiro do Brazil* de 08 de janeiro de 1865, desta vez alguns meses após o lançamento do *Imprensa*, encontra-se, em seção intitulada “Interior”, uma carta endereçada pelo correspondente da folha católica em São João d’El Rei, interior de Minas Gerais, no qual informa à redação:

A propaganda turbulenta Kelly de Nietheroy⁷³ [*Sid*] tem repercutido até cá por estas paragens; pois várias pessoas de letras aqui da cidade tem recebido, já por 2 ou 3 correios, não poucos exemplares do papelucho condemnado que se intitula *Imprensa Evangelica*, incubado provavelmente sob as inspirações dissidentes do mesmo pseudo-pregador ou especulador das variações Bossueticas. Porém os nossos bons catholicos tem recambiado, pelas mesmas vias, esses boletins tribunicios da desunião. (p. 03)

A partir das impressões do correspondente apresentadas no trecho acima, é possível verificar que o jornal evangélico já estava ampliando sua circulação chegando ao interior de Minas Gerais. Outro dado relevante – e não menos preocupante para o editor católico – é que o fato do *Imprensa Evangelica* ter sido recepcionado e lido por “pessoas de letras”, o que nos oferece uma pista sobre os possíveis leitores da folha em análise, cujo assunto abordaremos em capítulo posterior.

⁷³ Possivelmente o correspondente fez menção aqui ao reverendo congregacional Robert Kalley que, na época, estava estabelecendo o protestantismo também em Niterói (RJ). Mesmo não tendo relação com a folha evangélica, a imagem de Kalley era associada diretamente pelos católicos à propagação das doutrinas protestantes.

A historiadora Edwiges Rosa dos Santos (2009) propõe o estudo do *Imprensa* dividindo-o em quatro fases editoriais, a partir da gestão dos reverendos presbiterianos que administraram a folha, acumulando funções pastorais e jornalísticas. Para cada fase, consideraram-se os principais protagonistas, o perfil formal do jornal, os principais temas e uma síntese parcial. Essa contribuição é importante no sentido de fornecer um panorama abrangente da história do jornal, dos títulos, dos jornalistas e colaboradores e dos aspectos gráficos. Porém, o que de fato interessa no presente estudo, para além dessas questões, é o resgate das várias maneiras de ler, escrever e dizer o que era considerado literatura protestante no Oitocentos, bem como o papel fundamental que o suporte jornal teve como agente propagador do literário e cultural. De toda forma, apropriar-se-á das fases propostas pela referida pesquisadora para uma necessária contextualização do periódico em questão.

A primeira fase do *Imprensa Evangélica*, entre os anos de 1864 a 1867, consta de sua fundação até a morte do seu idealizador. Entre os primeiros colaboradores, estavam o ex-padre José Maria da Conceição (1822 – 1873); Antônio José dos Santos Neves, funcionário do Ministério da Guerra, taquígrafo do Congresso e também poeta; o físico e matemático Miguel Vieira Ferreira (1837 –1895); Domingos Manuel Quintana, um membro da Igreja Presbiteriana no Rio de Janeiro e o romancista Júlio César Ribeiro Vaugahan (1845 – 1890). O discurso predominante dessa fase do periódico foi a propaganda doutrinária presbiteriana, além de artigos que proporcionavam o embate direto com o Catolicismo. Segundo Santos (2009, p. 77), os artigos “[...] procuravam direcionar os leitores para uma comparação entre o ‘Brasil católico’ e os países que adotavam o protestantismo ou que admitiam a liberdade de prática religiosa.”

A segunda fase do *Imprensa* estende-se entre os anos de 1868 a 1876, sob a gestão do cunhado de Simonton, o Rev. Alexander Latimer Blackford (1829 – 1890), que assumiu a direção da folha após a morte daquele em dezembro de 1867. A morte precoce do reverendo foi anunciada com pesar, não apenas nas páginas do jornal que com tanto zelo fundara e para o qual contribuiu três anos, como nas folhas católicas com que trocavam correspondências e artigos. Essa fase pode ser caracterizada por certa liberdade dos editores e colaboradores do *Imprensa* em reivindicar os direitos políticos para os

protestantes. Do ponto de vista político, a gestão de Blackford coincidiu com o desprestígio do Império. Assim, o jornal também propôs um discurso mais politizado, envolvendo a Questão Religiosa e uma ampla literatura de caráter polemista com discussões em torno dos dogmas católicos, da maçonaria e da liberdade religiosa.

Entre os anos de 1877 a 1885, o Rev. George W. Chaberlain (1839 – 1902) passa a gerir a folha constituindo, assim, a sua terceira fase. O crescimento da denominação presbiteriana no Brasil, o aumento do número de igrejas e dos membros contribui para uma participação mais ativa de brasileiros na redação do *Imprensa* que, mesmo tendo recebido a colaboração de brasileiros desde sua fundação, se encontrava até então sob forte influência dos reverendos e missionários norte-americanos. Essa fase, caracterizada por um maior envolvimento dos nacionais nas atividades da denominação, coincidiu com um período de certa liberdade religiosa e, do ponto de vista político, com uma diminuição do prestígio do regime imperial. Nesse período, a redação do jornal, que sempre havia sido editado no Rio de Janeiro, foi transferida para São Paulo, tomando-se como justificativa o fato de a cidade paulista abrigar a elite intelectual da Igreja Presbiteriana (NEVES, 2009, p. 101). Além disso, o jornal passou a ser impresso por outras tipografias, considerando que, até então, as impressões haviam sido feitas pela Tipografia Perseverança. Entre as observadas nos jornais, encontram-se: Typographia G. Leuzinger & Filhos localizada na Rua do Ouvidor (1877); Typographia de D. M. Hazlett, localizada na Travessa da Barreira, n. 15 (1878, 1879); Typographia Universal E. & H. Laemmert, localizada na Rua dos Inválidos, n. 71 (1879); Typographia da Província, localizada na Rua da Imperatriz, n. 44 (1880); Typographia a Vapor de Jorge Seckler, na Rua Direita, n. 15 (1881 a 1883); Typographia a Vapor King, cujo endereço não constava nas publicações.

Ainda na gestão do Rev. Chaberlain, o jornal alterou sua periodicidade: de quinzenal, para semanal, entre 1878 e 1880; mensal, em 1881; voltando a ser quinzenal a partir de 1882. Um dado interessante é que, no ano de 1881, o jornal foi ampliado com a inclusão da *Revista Christã*, sendo anunciada no cabeçalho em forma de subtítulo. O jornal passou, então, de 8 para 32 páginas com edição mensal.

A quarta fase do *Imprensa Evangelica*, entre os anos de 1886 a 1892, ocupou-se de temas gerais relacionados à religião, ao Catolicismo e ao embate com o periódico católico

O *Apóstolo*. Nesse período, a folha encontrava-se mais sedimentada, com um leque mais ampliado de leitores. Um discurso mais confiante acerca dos direitos civis dos evangélicos cerceava os números do órgão impresso, gerando uma série de entraves com a religião oficial do Brasil. A esta altura, os únicos colaboradores remanescentes da fundação da folha nos anos 60 eram os reverendos Blackford e Chamberlain. Esses, porém, estavam envolvidos com outros projetos evangelísticos, o que, conseqüentemente, reduziu a participação no jornal, que passou aos cuidados do Rev. Donald C. Mc Laren (1859 – 1930).

Outros redatores não foram mencionados pelo *Imprensa* até o ano de 1891, quando a edição de 02 de maio desse ano (p. 137) anuncia: “Com este número a *Imprensa Evangelica* passa para o cuidado editorial do Sr. J. A. Corrêa, com um grupo de hábeis colegas. O trabalho de revisão e de remessa fica a cargo dos estudantes de Theologia.” O novo editor, Joaquim Alves Corrêa (1863 – 1933), era presbítero da Igreja Presbiteriana de São Paulo e aderiu ao grupo de membros brasileiros que desejava uma maior autonomia para a igreja nacional (SANTOS, 2009).

Comparando o discurso da quarta fase com as que lhe antecederam, é perceptível o apagamento de temas presentes desde a fundação do jornal, a exemplo de perseguições aos não católicos e de questões sobre a legislação dos direitos civis antes negados aos protestantes. Do ponto de vista político, os grandes embates travados até a proclamação da República não existiam mais. A Constituição promulgada em 24 de fevereiro de 1891 confirmou, entre outros assuntos, no artigo 72: o casamento civil de celebração gratuita, o caráter secular dos cemitérios estando estes livres a todos os cultos religiosos e o caráter leigo do ensino público⁷⁴. Apesar do novo panorama religioso e político, os jornais publicados no período republicano continuaram mantendo no discurso certo tom combativo em relação à Igreja Católica e seus dogmas e um expresso senso de nacionalismo a partir de publicações de relatos de missões evangélicas no Brasil e de assembleias e atas de cunho denominacional.

O fim do periódico foi causado por discordâncias intradenominacionais. Os missionários norte-americanos possuíam uma dupla estratégia de propagação do

⁷⁴ Sobre esse assunto, consultar: CONSTITUIÇÕES DO BRASIL, 1948.

Protestantismo em solo brasileiro: a educação (por meio de implantação das escolas e seminários teológicos) e a implantação de igrejas (por meio do envio de pessoas para a evangelização). Parte dos presbiterianos nacionais não concordava com a primeira estratégia e defendia a opinião de que a verba gasta com educação deveria ser reduzida à evangelização do povo brasileiro. O *Imprensa Evangelica* estava diretamente envolvido nos conflitos, configurando essas divergências ao longo de suas fases. Isso levou a *Board of Foreign Mission* – órgão financiador do jornal representante do presbiterianismo do Norte dos Estados Unidos – a decretar, por telegrama, o fechamento do periódico e a proibição aos brasileiros do direito de utilização do título do jornal extinto. O último número foi publicado em 02 de julho de 1892, tendo como seu último redator Joaquim Alves Corrêa, somando assim, um total de quase 28 anos de circulação ininterrupta (SANTOS, 2009).

4.2 – O Jornal *Imprensa Evangelica* – sobre materialidade e conteúdo

O objeto jornal e seus usos foram favorecidos por uma organização do mercado de impressos que envolvia, por sua vez, baixos preços, diversificação de conteúdos, inovações técnicas, estratégias de divulgação, inserção de gravuras e desenhos entre outras vantagens, proporcionando, assim, o acesso de um número maior e mais variado de pessoas. A uma parcela cada vez mais significativa da população tornava-se possível ler a palavra impressa nestes papéis, observar as imagens que neles circulavam, adquirir suas próprias leituras pagando preço baixo por elas, socializar e debater (na rua, em casa, nos cafés, nas livrarias, nas confrarias literárias, nas lojas) as ideias e informações do seu conteúdo (LIMEIRA, 2007).

Após um breve percurso pela história editorial do *Imprensa Evangelica*, a fim de nos apropriarmos dos discursos veiculados por essa folha religiosa ao longo de suas fases, é possível verificar o quanto o jornal protestante estava em consonância com os diversos periódicos que inundaram não só a Corte como as províncias de todo o Brasil. Nesse sentido, as reflexões de Marialva Barbosa (2010, p. 15) nos são oportunas quando, baseada nos aportes da História Cultural, expõe:

Reconstruir o sentido de uma obra – e, neste caso, a obra são os jornais como rede de textos – exige que se considerem as relações entre o texto, o objeto que lhe serve de suporte (no caso, a impressão) e as práticas que a instrumentalizam (a leitura realizada e a reapropriação feita pelo leitor).

Comparado com os jornais que compunham o quadro dos periódicos mais influentes do período⁷⁵, tomando, por exemplo, alguns jornais em circulação na Corte como *Correio Mercantil* (1848), *Jornal do Commercio* (1827) e até alguns tradicionais provincianos como o *Diário de Pernambuco* (1825), o *Imprensa Evangélica* podia ser considerado um pequeno jornal, cuja principal característica tenha sido a pretensão de atuar diretamente na formação religiosa, moral e cultural de seus leitores pelo viés da propaganda evangélica. Nesse sentido, evita uma perspectiva meramente noticiosa bem como envolver-se diretamente com questões políticas, o que não implica uma neutralidade total em relação a esse tema. A folha abordava, ainda que polidamente, os assuntos sobre a Questão Religiosa que envolvia, por sua vez, liberais e ultramontanos. De todo modo, encontra-se a advertência no Prospecto do primeiro número do *Imprensa Evangelica* (05/11/1864, p. 01):

Este trabalho, não tendo em vistas senão os interesses exclusivamente religiosos da sociedade em geral, como em particular do indivíduo, estranho a toda e qualquer ingerencia em politica, á todos é consagrado [...].

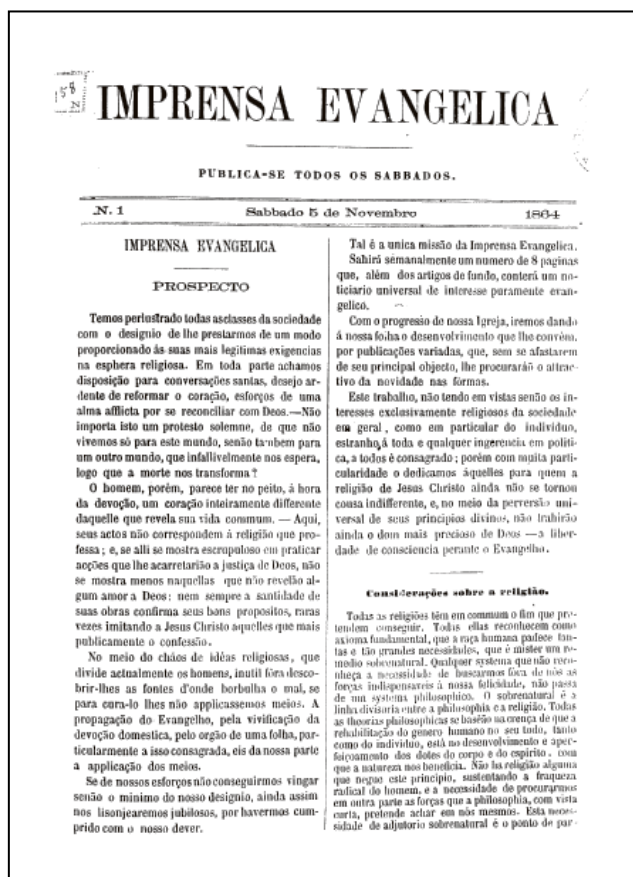
A primeira edição do *IE* (Cf. Figura 36 a seguir) possuía oito páginas e dimensões de 30 x 22 cm, nas quais se distribuíam o conteúdo em duas colunas. Com um cabeçalho simples, a moda dos jornais em circulação na época, lia-se o título, a periodicidade rasurada⁷⁶ e as informações de data e número. Em média, a folha prosseguiu com o

⁷⁵ Ao caracterizar a “grande imprensa” de meados do Século XIX, Nelson Lage Mascarenhas (1961, p. 282) expõe – a julgar por periódicos tais como *Diário do Rio de Janeiro* e *Correio Mercantil* – que esta possuía grande tiragem, parte informativa esmerada, seção financeira, comercial, forense, correspondências do estrangeiro, e a substancial seção de anúncios.

⁷⁶ Considerando que Simonton e os demais colaboradores pretendiam fazer publicar o *IE* a cada oito dias, o primeiro número precisou ter a periodicidade alterada manualmente para quinzenal, a fim de não se perder os 450 volumes impressos pelos Laemmert. Em versão que consta a alteração, conforme pudemos verificar, a expressão “TODOS OS SABBADOS” foi riscada ficando apenas a palavra “PUBLICA-SE” (cf. Figura 13 a seguir).

mesmo aspecto formal, sofrendo algumas alterações ao longo de seus 28 anos de circulação. Dentre essas, as mais significativas foram a alteração do cabeçalho no ano de 1868: alterou-se o tipo de letra do título, e incluiu-se entre as palavras do título uma logomarca (um coração com uma âncora no centro em formato de cruz encravada na rocha), constando um verso bíblico da Epístola aos Hebreus (6:19) – “A qual a esperança temos como âncora da alma, firme e inabalável” (Cf. Figura 37 adiante). Em 1878 e 1882, os versículos bíblicos que constavam no cabeçalho foram alterados, fato que, do ponto de vista do estudo do suporte, deve estar relacionado às fases do jornal e aos contratempos nelas vivenciados (Cf. Figura 38 a seguir). No entanto, apenas sinalizamos essa discussão considerando que o *IE* não é o único objeto de nossa pesquisa.

Figura 36 – Capa do primeiro número do Jornal *Imprensa Evangélica* (1864)



Fonte: <www.bn.br>

Figura 37 – Capa de um dos números do *Imprensa Evangélica* nos finais de 1860

A IMPRENSA



EVANGELICA.

IMPORTA QUE O EVANGELHO SEJA PRESTADO.
S. Paulo, 1890.

TERCEIRA CONFIANÇA: EM VENCE O MUNDO.
S. João 16:33.

Publica-se aos sábados e domingos de cada mês.—Dirigida-se ao sr. escriptor da typographia Presbiteriana, rua da Espinha a 21, ou por carta à redacção, Av. da Liberdade a 254 de número geral.—Paga por anno 4\$000, avante 2\$500.

VOL. IV.

SABADO 15 DE JANEIRO DE 1890.

N. 12.

SUMARIO.

A ancora da alma.....	Pag. 6
O Apostolo e A Imprensa Evangelica.....	10
O Poder dos Pyrenes.....	11
O aspecto da morte para o christão.....	12
A idolatria.....	13
Se alguma tem sede, venha a um e beber.....	15
Se alguma tem medo, venha a um e temer a Deus.....	16
Como se perden.....	16

IMPRESSA EVANGELICA.

A ancora da alma.

O emblema central de nosso novo frontispicio nos representa allegoricamente a verdade preciosa expressa nas palavras de S. Paulo que o acompanham. Dentre da figura de um coração, lido frequentemente usado como synonymo da alma, vê-se uma ancora lida com elle de maneira que forma uma parte essencial do retrato do coração. Ao redor vem citadas as palavras da epistola aos Hebreos cap. vi, verso 19: *A qual esperança não temos como uma ancora da alma, firme e inabalavel.* A palavra Jesus em letras entrelaçadas forma a base em que o todo assenta.

Temos aqui, por tanto, a expressão d'aquillo que o evangelho offerece ao homem, sendo-nos significadas ao mesmo tempo a fonte donde dimanam todas as bênçãos que nos aguardam.

A esperança consiste no desejo de adquirir algum bem, acompanhado da persuasão ou confiança de que elle se hade realizar. A esperança de que S. Paulo trata aqui é a da salvação. E a confiança operada no coração do homem pelo Espírito Santo de que seu desejo de alcançar a vida eterna será realizado pela graça de Deus em Jesus Christo seu Filho.

A vida humana assemelha-se a um mar sobre o qual as nossas almas como embarcações estão agitadas e batidas pelas tentações, tristezas, afflições, tormentos e persignições incidentes á nossa viagem por este mundo. Como a ancora conserva firme e segura o

navio batido pelos ventos e ondas, assim a esperança da vida eterna torna-se para nós a salva-guarda contra os assaltos do inimigo e os perigos que nos cercam na passagem por esta vida tormentosa.

A ancora do navio lança-se para baixo das aguas, que a escondem da vista, porém prega-se no fundo firme; e é disto que dependem a sua utilidade e a segurança que dá.

A esperança de salvação que existe na alma do crente pela graça e obra do Espírito Santo, prende-se a Jesus Christo como seu unico objecto, o eterno fundamento, e o acompanhante, ou penetra com elle até dentro do veu, onde elle por nós entrou como precursor. E' disto que depende o seu valor, e nisto consiste a sua segurança.

A esperança que não está fixa em Jesus, e que não vai ter nelle dentro do veu como o vivo e soberano Salvador, é uma esperança enganosa que de nada serve senão para tornar mais certa e terrivel a perdição.

E' como a ancora que não alcançando fundo firme nada tem em que pegar para segurar o navio.

A nossa ancora, porém, a esperança da gloria de Deus, dignamente produzida no coração, e arraigada em Jesus, é *firme e inabalavel.* A alma que a tem atura com paciência e constancia todas as provas e tribulações, com que possa ser assaltada.

No meio de toda a balbardia do mundo ella ouve a voz benigna e consoladora do omnipotente Salvador em que está posta a sua esperança, dizendo-lhe: **TEMEM CONFIANÇA: EU VENÇO O MUNDO.** Ligado com Aquelle que tudo venceu por nós, e exerce todo o poder a nosso favor, não ha receio de sermos vencidos ou vermos confundida a nossa esperança.

Esta certeza absoluta em tudo quanto elle nos promette é o que dá ao evangelho seu valor sobre todo o mais que pretende a nossa confiança.

E' isto o que dá força e realidade ás consolações que elle nos offerece.

Figura 38 – Capa de um dos números do *Imprensa Evangélica* em princípios de 1890



Fonte: Coleção do jornal *Imprensa Evangélica* do Arquivo Presbiteriano (SP)

Ao nos apropriarmos do *Imprensa Evangélica*, a fim de compará-lo com alguns jornais laicos em circulação que lhe foram contemporâneos, observamos alguns critérios por meio dos quais se estabelecem as semelhanças, o que inclui o impresso protestante (guardadas as devidas particulares) nos moldes discursivos e tipográficos do mercado editorial da época. Em primeiro lugar, destacamos o fato de a folha evangélica estar associada à veiculação do *saber* e da *instrução pública*. De acordo com Socorro Barbosa (2011, p. 04), o compromisso dos periódicos no Século XIX “era mais com a ilustração do que com a notícia”. Essa proposta, na visão da referida pesquisadora, é apresentada nas epígrafes e editoriais dos jornais. A fim de se suprir a falta de escolas e de livros, os jornais veiculavam densos e longos artigos e, em relação à materialidade, as folhas eram produzidas com uma numeração sequenciada de modo a facilitar uma possível encadernação dos fascículos⁷⁷ por critérios tais como o ano em que foram editados. Essa prática aproximava ainda mais o suporte jornal do suporte livro.

O jornal *A Semana* (1885), por exemplo, apresenta em seu “Prospecto” (o que corresponde ao edital nos jornais atuais) as pretensões da folha:

O seu fim único será este: – fazer a história fiel e completa da semana decorrida, dando a *nota do dia*. Para isso terá secções em que se occupará com tudo o que tenha sido feito na semana em sciencias, artes, letras, commercio, industrias, costumes, religião, etc, oferecendo aos leitores uma curta notícia, satisfatória e imparcial, de todos os factos que em todos esses ramos de actividade se tiverem realizado nos sete dias decorridos. (p. 01) (Grifos do autor)

Percebe-se no trecho acima que o termo “notícia” relaciona-se diretamente às novidades nas áreas das “sciencias, letras e artes” entre outros temas de interesse do leitor e não apenas ao novo, no sentido adotado pela imprensa moderna, geralmente relacionado à novidade sensacionalista.

Disto isso, é interessante perceber o corpo de editores e colaboradores relacionados ao *Imprensa* que, conforme vimos, era composto por intelectuais de áreas diferenciadas. O próprio fundador, Rev. Simonton, antes de aderir à Teologia, formou-se

⁷⁷ O Rev. Simonton adotava a prática de orientar e incentivar os leitores do *Imprensa Evangelica* a encadernarem os periódicos, a fim de serem fontes de futuras leituras e pesquisas. A própria redação colocava à venda volumes encadernados de anos anteriores para atender ao público interessado. Essa prática permitiu a conservação de alguns exemplares que passaram a integrar os acervos particulares, favorecendo a pesquisa sobre o jornal. (SANTOS, 2009)

em Direito; José Manuel da Conceição, ex-padre, possuía amplo domínio nas artes retóricas; Júlio César Ribeiro Vaughan, autor do romance *A carne* (1888), relacionado pela historiografia literária ao Naturalismo brasileiro, era filólogo, poliglota, professor da Faculdade de Direito de São Paulo e também fundador do periódico *O Sorocabano*⁷⁸; já Miguel Vieira Ferreira, era doutor em Ciências Matemáticas e Físicas, além de engenheiro militar.

O “Prospecto” apresentado no primeiro número do *IE* (1864, p. 01) esclarece o que o periódico pretende junto aos seus leitores: “A propagação do Evangelho, pela vivificação da devoção doméstica” (n. 01, p. 01), porém, acrescentando que “[...] iremos dando a nossa folha o desenvolvimento que lhe convém por publicações variadas, que, sem se afastarem de seu principal objecto, lhe procurarão o attractativo da novidade nas formas.” (p. 01) (Grifos nossos). Pode-se observar – para além do óbvio caráter utilitário de qualquer folha que se denominava evangélica no Século XIX (propaganda da fé) – a preocupação do editor em enquadrar o *Imprensa* nos padrões do periodocismo oitocentista, quando pretende oferecer ao seus leitores uma variedade de publicações, atraindo-o por meio de novas formas, vindo a corroborar a máxima de Chartier (1999) de que não há texto fora do suporte que é dado a ler. Simonton parecia compreender que o jornal precisava atender não apenas a demanda religiosa, mas sua função de trazer para seu público leitor o conhecimento e o entretenimento.

E, de fato, ao longo de suas edições, o *IE* fez veicular materiais que instruíam teológica e doutrinariamente, mas também secularmente a partir de artigos que envolviam a física, a geografia, a biologia, *etc.* Destacamos a título de exemplo, os artigos “Um pássaro novo – *Balaeniceps Rex*” (17/11/1866, p. 173), conforme se vê na Figura 39 a seguir, noticiando o descobrimento de uma nova espécie de ave e suas características; “Octopode” (01/05/1887, p.18), no qual se apresenta uma espécie de peixe gigante e venenosa dos insulares da Nova Caledônia; “Uma vista Boreal”, que apresenta o fenômeno da aurora boreal (16/06/1866); “Braz Pascal” (15/01/1866, p. 189), na qual se lê um misto de biografia e conceitos matemáticos e físicos (Cf. Figura 40 abaixo). O uso recorrente de imagens, confirmando também, o caráter pedagógico do periódico.

⁷⁸ Não tivemos acesso direto ao referido periódico, porém, o *Correio Paulistano* de 21 de março de 1882 (p. 02) faz referência a essa folha ao reproduzir notícias por ela vinculadas.

Figura 39 – Página do jornal *Imprensa Evangélica* (1887) contendo artigo científico



Fonte: Coleção do jornal *Imprensa Evangélica* do Arquivo Presbiteriano (SP)

Figura 40 – Página do jornal *Imprensa Evangélica* (1866) contendo artigo científico

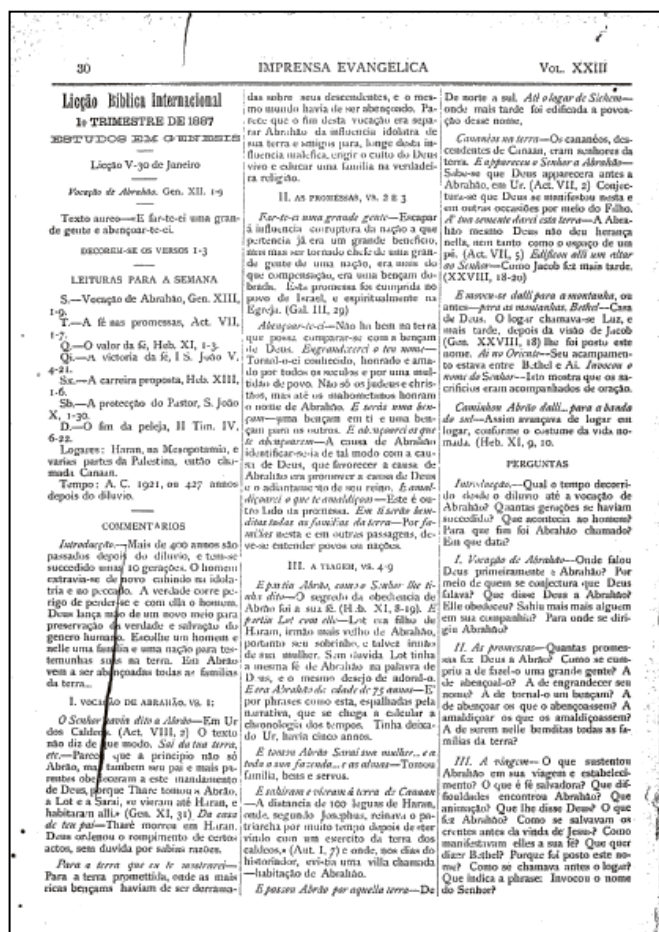


Fonte: Coleção do jornal *Imprensa Evangélica* do Arquivo Presbiteriano (SP)

Ao objetivo de promover a instrução religiosa, o *Imprensa* dedicou a maior parte das páginas de suas edições. Os números do ano de 1887, por exemplo, apresentam em seção intitulada “Secção Instructiva” densos textos em forma de apontamentos tais como a “História da Reforma por J. II. Merie D’Aubgné” (22/01/1887, p. 26); o artigo “Vida e caracter de Jesus Christo” (05/06/1875, p. 84); do mesmo ano, “A Religião e o Progreso” (17/07/1875, p. 108). Em artigo intitulado “Historia ecclesiastica” o *IE*, datado de 02 de janeiro de 1869 (p. 02), apresenta a terceira parte de um estudo que elenca, século a século, aspectos históricos do Cristianismo, tais como “Extensão dos limites da igreja; Autoridade dos Bispos; Escritores; Cerimonias; Heresias”.

A partir de sua quarta fase, o *Imprensa Evangelica* passou a apresentar um espaço peculiar destinado à veiculação de lições para serem ministradas na Escola Bíblica Dominical (Cf. Figura 41 a seguir). Na época, esses textos eram bastante úteis considerando que não havia revistas específicas destinadas ao ensino religioso para as classes da Escola Bíblica Dominical, que vieram surgir no mercado editorial evangélico a partir do Século XX. Assim, o jornal supria a carência de instrução para os professores e superintendentes ao propor um material sobre determinado tema bíblico/teológico em forma de uma aula esboçada contendo “Introdução”, “Comentário”, “Perguntas” e a sugestões de textos bíblicos relacionados ao assunto da lição para ser lido a cada dia da semana.

Figura 41 – Página do *Imprensa Evangélica* contendo lição para Escola Bíblica Dominical (20/08/1887)



Fonte: Coleção do jornal *Imprensa Evangélica* do Arquivo Histórico Presbiteriano (SP)

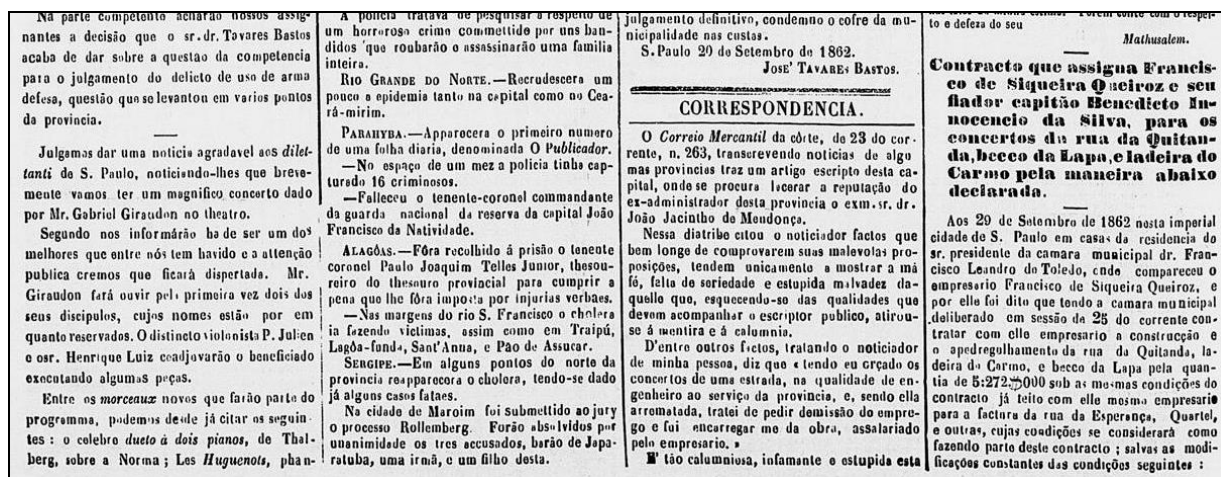
Outro fator que inclui os jornais evangélicos no conjunto de periódicos oitocentistas possibilitando compará-los aos periódicos laicos é a questão do *intercâmbio de ideias e de textos* presentes nos impressos dessa ordem. Nesse sentido, Candy Brown (2004, p. 156), ao analisar a relação entre os periódicos protestantes e laicos no contexto norte-americano a partir de 1850, expõe:

Publicações protestantes e seculares não podem, porém, ser tão ordenadamente categorizadas, porque os limites que dividiam o religioso e o secular eram permeáveis. Ambos editores evangélicos e não evangélicos mantinham um intercâmbio regular trocando cópias de documentos através dos correios a fim de se manterem informados sobre o que os outros editores publicavam e, assim, facilitar a reimpressão de artigos a partir de outros documentos. Essas

trocas incentivavam um cruzamento de periódicos entre: jornais seculares que apresentavam (por empréstimo) consistentes materiais religiosos e periódicos religiosos que incluíam também notícias seculares.⁷⁹ (Tradução nossa)

Considerando a imprensa brasileira no Oitocentos, é possível verificar o estabelecimento dessas mesmas práticas de intercâmbio entre os periódicos – tanto no campo dos textos, quanto no campo das ideias. Artigos e notícias encontravam-se em constante circulação. Essas relações de troca davam-se não apenas na Corte e nas capitais, mas entre as províncias. Assim, era muito comum que as matérias fossem retiradas dos jornais, mesmo dos estrangeiros que por aqui chegavam através dos navios. De acordo com Socorro Barbosa (2011, p. 02), “[...] essa grande teia de distribuição de periódicos ampliava geometricamente uma rede de informação e saber”. Verificamos, por exemplo, que o *Correio Paulistano* (02/10/1862, p. 02), em seção intitulada “Correspondência”, cita o periódico carioca *Correio Mercantil* e as notícias que este faz circular (Cf. Figura 42).

Figura 42 – Página do *Correio Paulistano* (1862) contendo menção ao *Correio Mercantil*

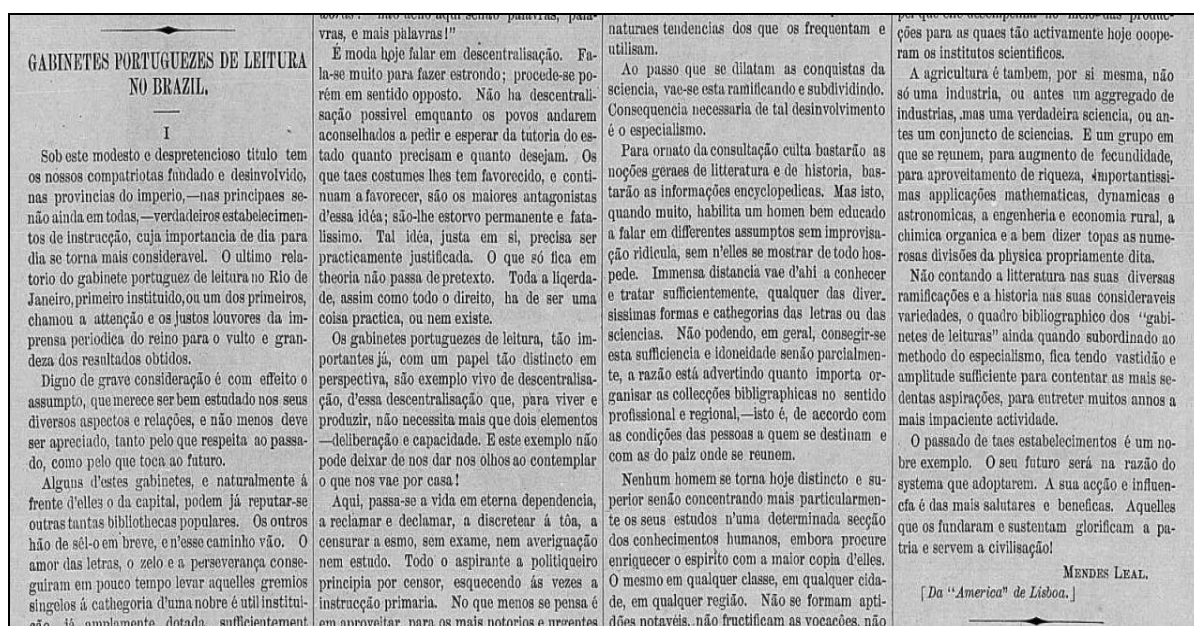


Fonte: <memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=090972_09>

⁷⁹ “Religious and secular publications cannot, however, be quity so neatly categorized because the boundaries dividing the religious from the secular were permeable. Both evangelical and nonevangelical editors regularly exchange copies of their papers through the mail in order to keep abreast of what other editors were publishing and to facilitate the reprinting of articles from the others papers. Exchanges encouraged cross-fertilization among periodicals as secular newspaper consistently borrowed religious materials and as religious periodicals likewise included secular news.” (p. 156)

O periódico *Novo Mundo* (24/01/1872), impresso nos Estados Unidos com o objetivo de divulgar notícias sobre o Brasil, apresenta um informe extraído do jornal *Commercio do Porto* sobre a inauguração da Biblioteca Católica (p. 10). No mesmo número, encontra-se a republicação do artigo “Gabinetes Portuguezes de Leitura no Brazil” escrito por Mendes Leal e extraído do jornal intitulado *America*, da cidade de Lisboa (cf. Figura 43 a seguir). Demonstra-se, assim, considerando esses exemplos a partir de nossas pesquisas, que, de fato, os jornais eram também organizados e construídos com base nesses intercâmbios de artigos e demais gêneros de textos. Essas trocas – que costumavam ocorrer tanto no âmbito interno, quanto no externo – estabelecem uma prática sem a qual os periódicos do Século XIX não podem ser pensados.

Figura 43 – Página do jornal *O Novo Mundo* (1872) contendo artigo transposto do jornal *América* de Lisboa

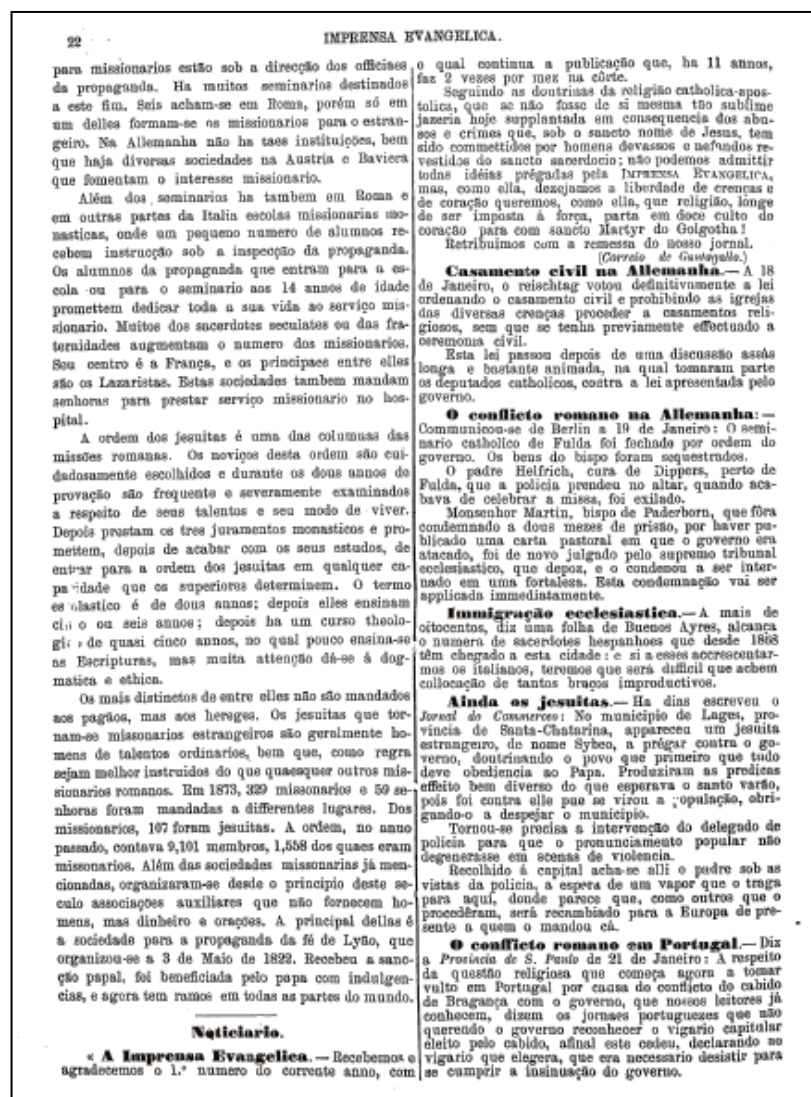


Fonte: < http://memoria.bn.br/pdf/122815/per122815_1872_00016.pdf >

O mesmo expediente pode ser verificado nos jornais protestantes. Por exemplo, no *Imprensa Evangelica*, datado de 02 de junho de 1866, encontra-se um artigo extraído do *Jornal do Commercio* intitulado “O Casamento Civil” (p. 83, 84). No mesmo número, consta outro artigo, “A Biblia em França”, no qual se lê ao término do texto a expressão “Folha

estrangeira” (p. 54). O *Correio Paulistano* também é citado no *Imprensa Evangélica*, que faz reproduzir em suas páginas o artigo “Luz”, extraído daquele periódico, assinado pelo pseudônimo “Irmão dissidente” (16/01/1875, p. 10). A seção “Noticiário” (p. 22) desse mesmo número apresenta, por sua vez, trechos extraídos de artigos de vários periódicos a fim de manter seus leitores informados (cf. Figura 44 a seguir). Inclusive, a folha evangélica reproduz o agradecimento pelo envio do primeiro número do *IE* do ano de 1875 feito por um periódico denominado “Correio de Cantagallo”.

Figura 44 – Página do *Imprensa Evangélica* (16/01/1875) contendo menção a vários periódicos de seu tempo



No *IE* de 02 de janeiro de 1879, encontra-se na seção “Noticiário” (p. 07) um trecho que evidencia esse intercâmbio existente na imprensa periódica do Oitocentos. A partir do informe que segue é possível verificar que foram encaminhados à redação do jornal evangélico 27 folhas, o que corrobora o fato da efervescência que havia no universo editorial de periódico do Século XIX, ao qual o jornal, seja de perfil laico ou religioso, estava submetido. Vejamos:

IMPRENSA – Recebemos:

O “Novo Mundo” n. 96 (vol. 8) e a “Revista Industrial” n. 18 (vol. 3), contendo: o primeiro um bem elaborado artigo sobre eleições nos Estados Unidos, vários artigos de interesse geral sobre conhecimentos uteis, litteratura, etc., uma composição musical denominada – “Marcha dos sacerdotes”, etc., e annuncios; o segundo: artigos variados sobre agricultura, sciencia applicada, meios de transporte e annuncios. Ambos, como sempre, estão ornados de excellentes gravuras de figuras, paisagens, machinas, utensílios industriaes e de serviço domestico.

Hespanha. – “El Evangelista” ns. 14 e 15, de 7 e 14 do mez próximo passado.

Províncias. – o “Sagitario.” – Piauh: “Aurora Theresinense.” – Alagôas: “Estréa.” – Espirito Santo: “Gazeta da Victoria.” – Rio de Janeiro: “Diario de Campos”, “O Povo”, “O Rezendense”, “Itatiaya”, o “Sapucaense”, “Nova Aurora”, “Tribuno do Povo”, O “Mercantil” e o “Fluminense.” – Minas: o “Colombo”, o “Pharol.” – S. Paulo: “Correio Paulistano”, “Echo Municipal”, “Imprensa Ytuana”, a “Locomotora”, o “Guaripocaba”, “Progreso de Tatuhy” e o “Bugre.” – Paraná: o “Dezenove de Dezembro.” – o “Despertador.” Agradecemos.

O *Imprensa* de 15 de janeiro de 1887, por sua vez, faz menção ao recebimento dos primeiros números de uma folha abolicionista que surgia na ocasião, *A Redempção*, tendo como redator Antonio Neto, “o denodado e extremoso defensor dos captivos” (p. 04). Sobre a nova produção periódica, se lê no *IE*:

A franqueza e coragem com que esta nova folha em commum com as outras francamente abolicionistas defendem, em diversas partes do Imperio, os interesses da abolição immediata da escravatura, faz-nos lembrar vivamente dos dias sombrios dos Cincoentas e Sessentas”, na America do Norte, em que o governo dos Estados Unidos achava-se em circumstancias análogas às do Brazil actualmente, em que a questão que preoccupava todos o espírito [*sic*] era a da abolição ou não da escravidão. [...] Saudamos com jubilo a *Redempção*.” (p. 04)
(Grifos do autor)

Esse exemplo serve para ilustrar ainda a prática existente do envio, para a redação dos demais periódicos, de exemplares do jornal que acabava de ser publicado. Assim, as redações noticiavam a nova folha apresentando-a aos seus leitores, geralmente, desejando votos de felicitações e êxito à publicação recém-criada.

No mesmo número do *Imprensa Evangélica* (15/01/1887, p. 03), encontramos um trecho traduzido de um possível periódico, *La Luz*, onde se lê informações sobre a vida de um mártir cristão (Cf. Figura 45 a seguir). Nesse intercâmbio cultural característico dos periódicos oitocentistas, a tradução constituiu-se também um aspecto a ser considerado. Diversos gêneros textuais – tais como informes, prosas ficcionais, cartas, *etc* – eram constantemente vertidos para a Língua Portuguesa e dados a ler nos jornais.

O *Imprensa* fez circular muito material pelo viés da tradução, demonstrando que a rede de compartilhamento de discursos e textos não se limitava apenas ao que era veiculado pela imprensa nacional, mas também ao que chegava às mãos dos editores evangélicos provenientes de outros países. A maioria desses materiais não era referendada com autoria; quando muito, encontrava-se menção ao periódico de onde se extraiu o texto. Na realidade, “[...]desde os primórdios da imprensa brasileira, observa-se uma tendência forte ao anonimato, tanto nos jornais da Corte como naqueles existentes nas províncias a partir da segunda década do século XIX” (BARBOSA, 2007, p. 32). Isso seria mais uma marca da linguagem jornalística oitocentista à qual os periódicos evangélicos estavam, naturalmente, condicionados.

Figura 45 – Página do *Imprensa Evangélica* (15/01/1887) contendo trecho traduzido do periódico *La Luz*

os principios das sciencias necessarias e uteis a humanidade, immortalisa-se, legando á posteridade os beneficos frutos do afanoso trabalho. O artista, que lançando mão de instrumentos apropriados, ja resultado do trabalho de outros, desbasta o rude madeiro e o transforma em objectos d'arte, se encanta com as formas e adornos do artefato. O lavrador, que supportando a intensidade dos raios ardentes do sol rasga com o arado os seios da terra para lançar-lhe a semente, se fortalece com a esperança da colheita. Ao primeiro arrebol d'aurora, pressuroso corre aos campos roteados a observar a germinação da semente, que plantou e se extasia com os primeiros rebentos. Então, dia a dia hora a hora, a todos os instantes la vae velar pelas tenras	Savonarola Traduzimos de «La Luz» os seguintes dados interessantes relativos ao martyrio deste glorioso precursor da Reforma. «O papa já havia assignado a condenação do accusado muito antes d'elle ter sido julgado. «Ainda que fosse João Baptista, exclamou Alexandre VI, é necessario que morra.» Depois do primeiro e segundo processo, Savonarola, completamente quebrado pelo rigor do tormento, pôde pouco e pouco e com muita difficuldade recobrar o uso do braço direito, e durante as poucas semanas que lhe restavam, até a chegada dos juizes enviados pelo papa, se dedicou a escrever suas meditações sobre o Salmo XXXI e sobre o <i>miserere</i>, ou Salmo LI.	por sacrificial-o, dizendo «que importa um miseravel frade mais ou menos? Mandamol-o tambem á morte.» Em frente do palacio se havia erguido um patibulo, em cuja extremidade se levantou uma cruz com tres cordas, das quaes devem ser dependurados os tres condemnados: Savonarola no meio e aos lados os outros dous. O bispo de Vanosa, antigo partidario do martyr, foi encarregado a degradalo e o fez tremendo. E quando prenunciou a formula: «<i>Separo te ab Ecclesia militante at que triumphante.</i>» Savonarola interrompeu-o por um instante e com uma voz tão sonora que quantos o ouviram guardaram recordação profunda do dito: «<i>militante, non triumphante; non enim tuum est</i>» «Pôdes separar-me da igreja militante, mas não da triumphante, isto não está no teu poder.»
--	---	---

Fonte: Coleção do *Imprensa Evangelica* no acervo do Arquivo Presbiteriano (SP)

Outra característica da imprensa periódica laica em evidência nos jornais protestantes oitocentistas, por ora representados pelo *Imprensa Evangélica*, era o espaço destinado às notícias sobre o que se passava no Brasil e no mundo. Na realidade, esse dado aparentemente óbvio, considerando que essa prática se manteve na imprensa periódica até à atualidade, é preciso ser ressaltado pelo fato de que o jornal evangélico, de discurso e conteúdo essencialmente religiosos, mesmo alegando em seu prospecto ter como única missão “[...] a propagação do Evangelho pela vivificação da devoção domestica, pelo órgão de uma folha particularmente a isso consagrada.” (05/11/1864, p. 01), não poderia se eximir dos modelos laicos e dos procedimentos tipográficos de então.

Sendo assim, o primeiro número editado do *Imprensa* apresentava em suas páginas a seção “NOTICIARIO”. Conforme pudemos verificar, as notícias veiculadas pelo *IE* correspondiam ao que se divulgava nos jornais laicos do país. Por exemplo, comparando o *Correio Mercantil* publicado em 03 de março de 1866 com o *Imprensa* publicado nessa mesma data, observamos que ambos fizeram o mesmo recorte de notícias sobre o Exterior, apesar de enfoques diferenciados. No caso, ambos mencionaram uma revolução que se dava na Espanha liderada pelo General Prim (Cf. Figuras 46 e 47 a seguir). A diferença entre os dois jornais em relação à seção de notícias é que o *Correio Mercantil* reservava uma seção denominada “EXTERIOR” para as notícias de outros continentes (especialmente a Europa) e “NOTICIAS DIVERSAS” para as que diziam respeito ao Brasil (geralmente sobre a política na Corte). Já o *Imprensa Evangélica* costumava apresentar suas notícias em uma única seção, o “Noticiário”.

Há, porém, uma especificidade em relação à seção Noticiário, quando se trata do periodismo evangélico, que lhe confere um caráter utilitário: manter os leitores informados sobre o desenvolvimento das missões evangélicas e a ação de seus representantes em várias partes do mundo, conforme se observa no prospecto do primeiro número do *Imprensa Evangelica*: “[...] conterà um noticiário universal de interesse puramente evangélico.” (04/11/1864, p. 01). Com o passar dos anos e o crescimento da denominação presbiteriana, os relatórios sobre a inauguração de novas igrejas, bem como a ação dos missionários em países estrangeiros e no Brasil passaram a integrar a seção “noticiário”.

Figura 46 – Página do *Correio Mercantil* (03/03/1866) com noticiário sobre o “Exterior”

de 1865. — Ao commandante da secção do corpo policial, communicando ter sido reformado com o soldo de 400 réis diários o soldado daquelle secção Manoel José da Costa.— Communicou-se á directoria de fazenda. — Ao mesmo, determinando que o Dr. João José de Freitas Bahiense, continue no exercicio do seu posto de alferes cirurgião do corpo policial e com os respectivos vencimentos até que a assemblea legislativa provincial em sua proxima reunião resolva outra cousa.— Idem á directoria de fazenda. 2ª secção.— A' directoria de fazenda, remetendo, para os fins convenientes, cópia de deliberação desta data, distribuido pelos estabelecimentos pios da provincia o producto liquido das loterias que no corrente anno têm ser extrahidas em beneficio delles. — A' mesma, mandando abonar ao collector de S. Fidelis as despesas que fez, na importancia de \$51.5600, com o processo de insinuação da coação feita á provincia por Francisco Thomaz Leite Ribeiro e sua mulher, de uma igreja e um cemiterio na freguezia de Santo Antonio de Pedua. 3ª secção.— Ao presidente da junta de qualificação da freguezia de Nossa Senhora da Conceição de Vassouras, accusando recebidos os trabalhos da junta de qualificação dos votantes da mesma freguezia. — A' camara municipal de Nova-Friburgo, declarando, em resposta ao seu officio de 15 do corrente, que não havendo lei ou aviso do governo imperial estabelecendo incompatibilidade entre os cargos de	vincia, ao secretario do governo, ao chefe de policia, aos directores de obras publicas, da instrucção publica e de fazenda provincial, ao procurador fiscal, ao promotor publico da comarca de Niterohy. 5.º Mandará mais diariamente á secretaria do governo, para serem distribuidos pelas respectivas autoridades, 110 exemplares, dos quaes receberá em pagamento na razão de 24\$ por cada um, a quantia annual de 2.640\$, paga em prestações trimensaes de 660\$. 6.º As noticias officiaes serão communicadas á redacção do <i>Correio Mercantil</i>, no mesmo tempo em que forem a qualquer outra folha publica. 7.º Este contrato durará por espaço de um anno, a contar do dia 25 de setembro do anno proximo passado. E para constar se lavrou este termo, que é rubricado por S. Ex., assignado pelo dito procurador Joaquim Jorge da Silva, subscripto pelo secretario interino do governo da provincia e escripto por mim Antonio André Lino da Costa, official-maior interino da secretaria do governo. — D. L. Ribeiro. — Como procurador, Joaquim Jorge da Silva.	rigosa. A politica da nação hespanhola, especialmente com as republicanas hispano-americanas, ha de ser digna e elevada, não aggressiva nem oppressora; os povos daquellas republicas fallão a nossa lingua e têm o nosso sangue; são nossos irmãos; que saudem a nossa bandeira, que é a bandeira da sua tradiçáo e da sua historia, com respeito e carinho, não com odio e desconfiança. O partido progressista aspira ao complemento da liberdade, em todas as suas manifestações. A segurança individual no liberrimo exercicio de todos os direitos que constituem a verdadeira liberdade civil e politica, forma parte do nosso dogma, e ha de ser e será uma das bases da nossa organização constitucional. Nenhum poder do estado poderá sobrepôr-se neste ponto á suprema jurisdicção, guarda de tão santos foros. Notavel economia no orçamento da despeza e alterações radicaes no systema tributario; abolição na contribuição de consumos e reforma liberal das pautas, sem prejudicar os interesses creados; descentralisação; independencia do municipio, unidade de legislação e de jurisdicção; modificações na lei da recrutamento para os exercitos de terra e mar, até conseguir que se diminua a contribuição de sangue, ou se é possível desapareça; revisão em sentido liberal das ordenanças militares; moralidade na administração, procurando applicar os beneficios de tão importantes reformas ás provincias ultramarinas, satisfazendo assim suas legitimas aspirações; juizo por jurados; abaixamento do censo eleitoral, conce-
--	---	---

Fonte: <memoria.bn.br/pdf2/217280_1866_00061.pdf>

Figura 47 – Página do *Imprensa Evangelica* (03/03/1866) contendo a seção “Noticiário”

E Deos, de um tal sacrificio, Só exige em galardão, Que os fructos não desprezemos De sua morte e paixão, Que todos nos abrazemos Na sede da salvação. (Extrahido e communicado por um assignante.) Noticiario. Mallogrou-se a revolução na Hespanha. O general Prim, e alguns regimentos de infantaria que lhe derão a sua adhesão, refugiaram-se em Portugal. O paiz conservou-se na maior indifferença, e o governo, embora victorioso sobre a revolta, não inspira nem sympathias nem respeito á maioria da nação. A proposito do que se passa na Hespanha, citamos	tem excedido neste, a 7 milhoes de francos. Este resultado é insignificante em si, e o parecerá ainda mais se attendermos ao numero e á pouca escrupulosidade dos que se occupão de angariar o dinheiro de S. Pedro. Como vimos n'uma folha publicada em uma das sacristias da corte, a pia crença de muitos é, que o Papa ora, por cada um que concorre com 15 ou 2\$, e que S. Pedro tambem levará em devida conta semelhante acto de merecimento. Toda a contribuição para o dinheiro de S. Pedro é um deposito não <i>Banco não limitado de Roma</i>, o qual dá saques á vista sobre o céu. Porém, enquanto nenhum viajante voltar para certificar o valor destes saques, o povo tem rasão para desconfiar deste monopolio de Roma. A falta de confiança é tal, que a bancarrota está imminente. RIO DE JANEIRO. Typographia — PERSEVERANÇA — rua do Hospicio n. 91.
---	---

Fonte: Coleção do *Imprensa Evangelica* no acervo do Arquivo Histórico Presbiteriano (SP)

Nesse sentido, a edição do *IE* datada de 02 de janeiro de 1879 traz, na seção “Noticiário” (p. 07), notícias referentes à ação dos presbiterianos no Brasil e no Exterior, conforme se verifica nos trechos que seguem:

PRESBYTERIO DO RIO DE JANEIRO. – Reuniu-se esse Presbyterio na cidade de S. Paulo, no dia 6 do mez proximo passado, e deu principio aos seus trabalhos, abrindo cada sessão com meia hora de exercicios religiosos, constando de orações, cânticos sagrados e a leitura de alguma parte da palavra divina. Findos estes exercicios, o Presbyterio prosseguiu com os negócios relativos á sua forma de governo. [...] Cremos que cada membro do Presbyterio retirou-se para o seu campo de trabalho resolvido a empregar todos os seus esforços para o adiantamento do reino de Nosso Senhor, e para dissipar a ignorância e superstição d’este povo acerca das verdades divinas. Levantou-se a sessão no dia 14, para reunir-se na corte, na ultima quinta-feira de Agosto de 1879.

NOVA IGREJA EVANGELICA – Quando os jornaes clericais bradam por toda a parte que o protestantismo se anniquila, e isso com uma linguagem ás vezes bem desbragada, é grato ver como o Evangelho de Christo prossegue triumphante, conquistando as sympathias dos homens e alargando-se pela massa social, dando assim um desmentido positivo aos seus inimigos. Além dos progressos recentes que tem feito na França, e de cujo facto á imprensa européa se tem occupado, uma nova igreja evangelica em Rio de Mouro, próximo a Lisbôa, foi solennemente inaugurada no dia 1º de Novembro do anno próximo passado, em cuja porta principal está esculpida uma Biblia e atravez d’ella pintado em grandes letras os seguintes disticos: “Examinai as Escripturas”(S. João, 5:29)

MONTEVIDÉO – Organizou-se mais uma congregação na rua Venezuela, que funciona regularmente com a assistencia de umas quarentas pessoas.

O jornal evangélico pode ser ainda inserido no conjunto de impressos periódicos oitocentistas pelo fato de ser tomado como suporte divulgador do discurso literário. A exemplo dos jornais laicos, muitos gêneros literários foram veiculados por meio do *Imprensa Evangélica*. Antes de tudo, porém, é necessário conhecer a acepção do termo “Literatura” e de como este era tomado no Século XIX. De acordo com Márcia Abreu (2003), em meados deste século, o termo Literatura não se relaciona diretamente ao sentido moderno que lhe é atribuído, considerando que muitas áreas do saber ainda estavam construindo sua autonomia. Belas-letas seria, então, o termo mais adequado por relacionar-se diretamente com a ideia de “conhecimento e erudição”, além de abarcar um

conjunto de gêneros a exemplo de carta, sermão, tratados filosóficos, biografias, uma série de prosas ficcionais *etc.* Sobre esse assunto, esclarece ainda Barbosa (2007, p. 30):

A rigor, até o fim do século XIX o que parece ser Literatura são textos que mantêm a perspectiva horaciana de instruir e deleitar. Nesta concepção, o termo englobava a eloquência, a poesia, a crítica e também as ciências. Isso talvez justifique o fato de que na coluna *Literatura* de muitos jornais, principalmente até a década de 70, raramente encontrar-se um poema ou algum gênero que hoje tomamos como tal. Quando os encontramos, eles servem principalmente a esse caráter formador, científico, educativo, de crítica ou notícia, das Belas-letas, enfim. (Grifo da autora)

Em se tratando do *Imprensa Evangélica*, é possível afirmar – a partir da análise de números de distintas fases de sua produção – que a maior parte de suas páginas era composta por gêneros dos mais diversos, se considerado a noção de literatura inerente à época conforme vimos acima. De acordo com a caracterização dos gêneros literários adotados pela Literatura Protestante (elencados no primeiro capítulo de nossa pesquisa), a imprensa religiosa evangélica compreendeu que sua comunidade de leitores mantinha em comum com as demais comunidades de leitores dos periódicos laicos o ávido desejo de consumir os modelos ficcionais.

Sendo um periódico com funções religiosas, os gêneros publicados no *IE* pretendiam divulgar os princípios doutrinários da fé cristã, além de textos devocionais, ou seja, que proporcionassem um conhecimento sistemático sobre questões bíblicas e teológicas e textos que tratassem sobre a vida doméstica com um apelo para a moral e a ordem familiar. Apesar do caráter utilitarista, não se pode negar que, também em relação aos gêneros veiculados pela folha evangélica, havia uma relação estabelecida com os aqueles que circulavam nos jornais laicos.

Escapa aos objetivos de nossa pesquisa apresentar uma análise detalhada acerca dos gêneros veiculados no *Imprensa Evangélica*. Porém, apresentaremos a seguir uma tabela com alguns exemplos de textos que eram dados a ler aos leitores do periódico protestante em análise. É possível verificar na sequência, conforme Figuras 48 e 49 (após a Tabela), páginas do jornal contendo o gênero sermão e narrativa destinada às crianças.

Tabela 2 – Gêneros veiculados nos jornais protestantes oitocentistas

Gênero Textual	Comunidade leitora	Utilitarismo	Exemplos
Sermão	Obreiros leigos e pastores	Fornecer conteúdo para as prédicas, especialmente, para as novas igrejas que não possuíam pastores formados.	“O Salvador vivo.” (por A. G. Simonton) <i>In: Imprensa Evangelica</i> (19/12/1891, p. 399).
Fábula	Leitores em geral	Transmitir preceitos da moral evangélica.	“O bagre desobediente”. <i>In: Imprensa Evangelica</i> (01/12/1866; p. 184)
Conto	Leitores em geral	Transmitir preceitos da moral evangélica.	“Pedro, o porteiro”. <i>In: Imprensa Evangelica</i> (06/10/1866, p. 149)
Parábola	Leitores em geral	Transmitir preceitos da moral evangélica.	“A Humildade. <i>Uma parábola escrita por Guilherme que a ouviu do seu mestre.</i> ” <i>In: Imprensa Evangelica</i> (01/01/1870; p. 02)
Poemas	Leitores em geral	Promover a doxologia e exaltação das virtudes cristãs (amor, alegria, paz, <i>etc</i>).	“A gloria de Deus.” <i>In: Imprensa Evangelica</i> (01/01/1870; p. 02)
Estudos Teológicos	Pastores, professores, estudantes de Teologia	Transmitir ensinamento teológico e doutrinário.	“A justificação.” <i>In: Imprensa Evangelica</i> (05/02/1870; p. 18)
Enigma	Leitores em geral	Entreter e incentivar o conhecimento de dados bíblicos.	“Enigma”. <i>In: Imprensa Evangelica</i> (17/07/1875, p. 112)
Carta	Leitores em geral/Crianças	Aconselhar e transmitir preceitos morais.	“Uma carta de Lutero.” <i>In: Imprensa</i>

			<i>Evangelica</i> (19/01/1884, p. 12)
Artigos de Opinião	Leitores politizados	Transmitir opiniões sobre assuntos políticos pelo viés da ética protestante.	“Escravidão e colonização.” (por Joaquim Nabuco). <i>In: Imprensa Evangelica</i> (29/03/1884, p. 46)
Tratados Doutrinários	Pastores, professores, estudantes de Teologia	Transmitir conhecimentos doutrinários.	“A Doutrina da Bíblia sobre a salvação de graça e as boas obras” (por João M. G. dos Santos). <i>In: Imprensa Evangelica</i> (12/04/1884, p. 52, 53)
Ensaio literário	Pastores, professores, estudantes de Teologia	Incentivar a escrita de autores evangélicos e transmitir preceitos da moral evangélica.	“A Dignidade” (por “uma das discípulas do internato dirigido por Exma. Sra. D. Palmyra C. Leite, de Sorocaba). <i>In: Imprensa Evangelica</i> (04/10/1884; p. 151)
Romance	Mulheres e crianças	Transmitir elementos da moral protestante através da ficção.	“Lúcia ou a literatura da Bíblia”. <i>In: Imprensa Evangelica</i> (05/11/1864; p. 05)
Comentários bíblicos	Obreiros leigos e pastores	Instrumentalizar os pastores para o ensino e preparo das prédicas.	“A Epistola de S. Paulo aos Romanos, analysada”. <i>In: Imprensa Evangelica</i> (05/11/1864, p. 6-8).
Catecismo	Crianças	Instruir sobre o conhecimento bíblico e doutrinário.	“Breve Catechismo para meninos.” <i>In: imprensa Evangelica</i> (06/05/1864, p. 07, 08)
Liturgia	Família	Instruir sobre a ordem dos cultos domésticos.	“Instrucção e culto domestico.” <i>In: Imprensa evangelica</i> (03/06/1865, p. 4, 5).

Relatório	Leitores em geral	Transmitir informações sobre as ações evangelísticas dos missionários protestantes e mover os leitores pelo discurso exemplar.	“O evangelho na China.” <i>In: Imprensa evangelica</i> (20/03/1869, p. 05, 06)
Hino	Leitores em geral	Promover a doxologia e a propagação da doutrina evangélica através da música, compor a liturgia dos cultos evangélicos.	“Hymno de louvor.” <i>In: Imprensa Evangelica</i> (06/05/1865, p. 08)
Tratado histórico	Pastores, professores, estudantes de Teologia	Veicular conhecimento sobre a história da Igreja Cristã.	“História da Reforma.” (10/01/1891, p. 12)
Citações	Leitores em geral	Aconselhar, transmitir preceitos morais e valorizar a ética e princípios cristãos.	Citações de Sto. Agostinho, Montesquieu, Linnêo, Platão, <i>etc.</i> <i>In: Imprensa Evangelica</i> (19/12/1891, p. 394)
Trava língua	Leitores em geral	Produzir entretenimento e recreação.	“Para ler depressa.” <i>In: Imprensa Evangelica</i> (03/01/1891, p. 03)
Anedota	Leitores em geral	Produzir entretenimento e recreação	“Uma Anedocta engraçada”. <i>In: Imprensa Evangelica</i> (03/04/1875, p. 56)

Figura 48 – Página do *Imprensa Evangelica* (19/01/1891) contendo o gênero sermão

399
IMPRESA EVANGÉLICA

O SALVADOR VIVO

(REV. A. G. SIMONTON)

"Logo que eu vi calado ante a sua mão direita sobre mim dizendo: Não temas: eu sou o primeiro e o último, o que vive e o que morre, mas eu aqui estou os vivos por seculos dos seculos e tenho as chaves da morte e da vida." Apoc. I: 17, 18.

Aqui temos um retrato a que parece difícil cousa que corresponda. O Ente glorioso que foi visto por S. João, não pode ser um Anjo, nem um mero homem, nem simplesmente Deus. Ha cousas, nesta descripção que tornam impossiveis qualquer dessas hypothses. Vou mostrar que esta linguagem não adiz com uma natureza nem angelico nem meramente divina, nem hu-
ma.

1ª Não foi um homem que S. João viu. Não os titulos de primeiro e ultimo não cabem a homem nenhum. Todo o homem é creatura e teve principio. Pode ter fim se Deus assim quizer.

O ter as chaves da morte e do inferno não é da competencia de qualquer homem porque requeria poder infinito e uma auctoridade sem limites. Cada vez que as Escripturas Sagradas fallam no homem empregam termos bem differentes: Ps. 8:3-4. Ps. 143:3-5.

Nem é possível que o ente visto por S. João seja um anjo. Os anjos são creaturas de Deus. Portanto não se pode dizer em relação a qualquer anjo, que é o primeiro, pois antes d'elle ser creado, Deus existia. Houve tempo que Deus estava só e elle só tem o direito de dizer "Eu sou o primeiro," só se poder dizer em relação a Deus o que David escreveu. Ps. 89:2-4.

Nem é possível que o ente que conversou com S. João seja meramente Deus, pois diz de si mesmo, Eu o que vivo, fui morto mas eis aqui estou eu vivo por seculos de seculos. A natureza divina é impossivel, pois Deus não pode nem padecer, nem morrer. É proprio de Deus viver para sempre, e por isso elle se chama o Deus vivo em contradistinção com as creaturas e com os falsos deuses em que os Gentios acreditavam.

Quem pois será a pessoa a cujos pés o apostolo cahio como morto? De certo já reconhecereis nesta descripção a pessoa de Jesus Christo, outrora o filho de Maria e o amigo de publicanos e peccadores. O retrato é tão perfeito que não é possível errarmos.

Examinando attentos o retrato e depois fitando os nossos olhos no original, veremos que estão inteiramente

conformes um ao outro. Não o faremos levado de uma simples curiosidade. Este assumpto é de grande interesse. Virá tempo em que cada um de nós com seus proprios olhos verá o que aqui vem descrito. Jesus Christo ha de vir em sua gloria e então serão congregadas todas as gentes diante d'elle. Matt. 25:31. Apoc. 20:11-12.

E' da maior importancia conhecê-lo desde já e estar em sua graça na vida presente afim de que possamos sem receios ver a sua gloria.

(1) Não temas. O temor de S. João era natural. Tanta gloria e luz deslambrou-lhe a vista. O sentimento de sua propria indigidade o perturbava sobre maneira. E' verdade que em outro tempo reclinou a cabeça no seio de Jesus, comendo com elle a ultima dea. Mas então a gloria do Redemptor ficav. coberta de alguma maneira. Não convinha que se fizesse uma manifestação de sua divindade, de sorte que João de um modo mui imperfeito conhecia ao Mestre que seguia. Tirado o véo que occultava as perfeições divinas de Christo emquanto andou na terra, S. João cahio ante seus pés como morto, não podendo supportar o resplendor sobre natural que o cercava. Porém semelhantes receios não convinham, pois S. João estava na graça de Christo e essas perfeições cujo brilho não podia supportar, estavam convertidas em garantias de sua salvação eterna. Pois disse-lhe Jesus Não temas. As palavras que se seguem mostram que não ha motivos para duvidas e receios: antes pelo contrario a contemplação da gloria e do poder de Christo, devem animar a nossa fé e encher-nos de sentimentos, de confiança de Jubilo.

Eu sou o primeiro e o ultimo.

E' no evangelho de S. João que vemos a mais clara affirmação da divindade d. Christo. Alguns entendem que o principal fim de compor-se um quarto Evangelho era estabelecer este facto negado já, por uma seita que depois tornou-se muito numerosa. Foi do agrado de Jesus Christo confirmar a fé do seu Apostolo e recompensar o seu trabalho, descobrindo-lhe a sua gloria divina e dizendo-se o primeiro e o ultimo e aquelle que é desde a eternidade até a eternidade, sem principio e sem fim.

(2) Christo é o primeiro, porque é Deus. João II:3.

Não se diz: no principio o verbo começou a existir, mas *era*, implicando existencia anterior.

S. João; 8:56 «Eu sou.» Exodo, 3:14.

Antes de nascer o Pai dos Judeus de quem estes herdaram as promessas e privilegios de que tanto se gabaram, Jesus Christo era o que é e o que será por todos os seculos.

Dizendo de si mesmo, antes de Abrahão eu sou, elle deu a conhecer que foi elle quem appareceu a Moyses na sarça e perguntado por este sobre o seu nome, respondeu «Eu sou o que sou». Em mim não ha mudança.

Sou o que sou.

Nem é possível achar a quem assemelhar-se, pois «Eu sou o que sou». Fóra d'elle não ha Deus.

Não ha quem junto com elle exerça a soberania.

Tudo isto está implicado do titulo de primeiro porque o primeiro só é Deus, que no principio já era e que a Moyses se deu a conhecer sob o apellido «Eu sou o que sou».

A palavra *ultimo* é o complemento do primeiro e abrange os seculos por vir afirmando que no seu discurso não haverá mudanças em Christo.

Ainda quando passarem os céos e a terra, nem uma só palavra de Christo poderá passar.

Su os seculos passados têm dado cumprimento a seus designios, não é menos certo que o futuro lhe pertence porque elle é primeiro e o ultimo.

Não ha para elle as distincções que nós necessariamente fazemos, porque para Deus tudo é presente.

Meus queridos ouvintes, temos aqui uma prova da divindade de Nosso Senhor, inteiramente satisfactoria.

E' de todo impossivel que um mero homem tenha titulos semelhantes.

Por igual razão nenhum anjo pode arrogar a si taes titulos.

Na bocca de qualquer creatura linguagem tão sublime seria uma blasphemia, pois o pretender-se o primeiro e o ultimo é só proprio da divindade.

"E o que vivo" S. Paulo disse de si mesmo: Gal. 2:20 *Eu vivo*, mas apenas tivesse proferido a palavra, acrescentou, por melhor dizer, não sou eu já o que vivo, mas Christo é que vive em mim.

O apostolo aqui reconhece o que todo o christão sab:—que a sua vida depende de Deus.

Igreja Evangelica Fluminense
RUA LARGA DE S. JOAQUIM, 175
RIO DE JANEIRO

Nesta igreja ha pregação do Evangelho
 Nos Domingos, ás 11 horas da manhã e ás 7 horas da tarde.
 Escola Biblica e catechismo, nas Quartas-feiras ás 7 horas da noite.
 Escola de Moças, nas Sextas-feiras ás 2 e 4 horas da noite.

Fonte: Coleção do *Imprensa Evangelica* no acervo do Arquivo Histórico Presbiteriano (SP)

Figura 49 – Página do *Imprensa Evangélica* (02/05/1891) destinada ao público leitor infantil



RELIGIÃO, TRABALHO E LEALDADE

I.

Pelas suas ladiñagens se encheu no mundo, si as suas obras não de ser para a gloria.—PONTIFICADO XX. II.

IMPRENSA EVANGÉLICA

143

—Deves ser filho de paes muito honrados, meu amigo. Como te chamam?

—Theophile Walther.

—Que officio tem teu paes?

—Jornaleiro.

—Onde mora elle?

Theophile indicou a rua e o numero.

Bem, disse o estrangeiro. E' verdade, encontrei-me quando te dei a moeda; todavia podes guardal-a, visto que foste tão honesto. Vai para casa e dá-a a teu paes.

Theophile agradeceu ao estrangeiro a esmola tão avultada que lhe dára e, muito contente, foi para casa. Ali a alegria foi indizivel: a libra chegava para muitos dias, visto que a familia era economica. Foi uma felicidade para aquella pobre gente, principalmente para Theophile. Elle tinha a alegria do que tem consciencia de não ter faltado aos seus deveres.

* * *

No dia seguinte pela manhã cedo, o generoso cavalleiro apresentou-se na casa onde residia a familia Walther. Theophile reconheceu-o logo á primeira vista e se aproximou d'elle. O cavalleiro deu-lhe a mão, congratou-se os seus paes e falou muito com elles. Repetindo para a familia habituação não notou em parte alguma signal do desorden ou de desobediencia. Conversou muito com Theophile, ficando muito satisfeito em vista das suas respostas firmes e intelligentes. O rapaz mostrava em suas palavras muita piedade e muita confiança em Deus.

Dirigindo-se ao sr. Walther, perguntou o bondoso cavalleiro:

—O que pretendes fazer desta rapta?

—Um jornaleiro como eu! Trabalhando ganharei e sou tão trabalhador, porque a fome, que reia agora, não pode durar eternamente.

—Sim, muito bem. Mas o rapaz parece franco e não poderá trabalhar como seu paes.

—Que quer! O costume faz muito, e a boa vontade ajuda muito. Uma vez que elle tenha os seus vícios, achará as forças necessarias para o trabalho.

O estrangeiro olhou para Theophile, recolhendo os hombros e meneando a cabeça. Este trabalho não sece para o rapaz. Devia antes frequentar as aulas de um collegio e depois aprender um officio. Não gostarias de aprender, meu rapaz?

Theophile corou, mas o paes ordenou-lhe que fosse buscar os livros. O estrangeiro examinou-o e ficou muito satisfeito.

—O que falta ao rapaz, disse o paes, não é intelligencia ou zelo, mas sim o dinheiro para pagar as aulas. En não o posso educar.

O estrangeiro meneou outra vez a cabeça e continuou o exame.

—Ainda não sabe muito, disse, mas pôde aprender. Daqui a dois annos, se for zeloso, é capaz de chegar até onde eu desejo que elle chegue. Pagar-lhe-ei as despezas do collegio e voltarei daqui a dois annos. Então nos entenderemos melhor. A quanto montam as despezas das aulas?

Vinte libras, meu senhor!

—Aqui se tem, e mais dez para a compra de livros. Si o rapaz quizer trabalhar não se arrependerá. Como já disse voltarei daqui a dois annos, si Deus quiser. Até lá: adeus!

O estrangeiro pegou do seu chapéu e retirou-se. O sr. Walther quiz perguntar-lhe o nome, mas já não era tempo.

Theophile exultava: os seus desejos mais ardentes estavam cumpridos. Rogou a Deus que desse saúde e fortuna ao seu benfeitor, protegendo-o em todas as suas jornadas.

—

Tudo que Deus faz é bom

(Parábola de Charles André)

O homem devia habituar-se a pensar sempre que tudo que Deus faz é bem feito, e a aceitar tudo que dimanava d'Elle, até mesmo as contradições, porque ellas mesmas nos são muitas vezes proveitosas, quando lhes sabemos tirar proveito.

Um homem tão piedoso quanto sabio aportou diante de uma cidade, cujas portas estavam fechadas, e nenhuma se lhe abriu.

Si bem que estivesse morrendo de sede e de fome, resignou-se a passar a noite ao relento.

—O que Deus faz é para nosso bem, murmurou elle consigo, deitando-se no chão, depois de encostar a sua mala num tronco de palmeira; e accendeu uma lanterna, que conduzia para guiar-se durante as noites de escuro.

Mas, enquanto dormia, desencadeou-se uma tempestade, que apagou-lhe a luz.

Então appareceu um leão, e despedaçou a sua mala. O homem acordou-se logo e achou-se só no meio das trevas.

—O que Deus faz é para nosso bem, murmurou de novo, e esperou tranquillamente o amanhecer do dia.

Apenas o sol nasceu, dirigiu-se para a porta e a encontrou aberta. A cidade estava devastada, saqueada e deserta.

Um bando de salteadores havia nella penetrado durante a noite e conduzido captivos os seus habitantes, depois de haver assassinado a muitos. Só elle escapou.

—Não dizia eu, murmurou, que tudo quanto Deus faz é para nosso bem?

Ordinariamente, só no dia seguinte sabemos a razão porque na vesperta Elle não nos concedeu o que desejavamos.

J. L.

Fonte: Coleção do *Imprensa Evangélica* no acervo do Arquivo Histórico Presbiteriano (SP)

4.3 O romance protestante e sua circulação no suporte jornal

A análise detida de cada gênero literário veiculado nas páginas do *Imprensa Evangélica* nos renderia, sem dúvidas, um novo trabalho. Sendo assim, procedemos com um recorte para uma abordagem parcial do gênero *romance folhetim*, apropriado pelo jornal evangélico, partindo do fato de ser esse um gênero bastante consumido pelo público leitor oitocentista via periódicos.

O *Imprensa Evangelica*, veiculado em 06 de março de 1869, reproduz, com o título “Carta animadora” (p. 08, 09), uma correspondência que lhes havia sido enviada dias antes “por um desconhecido” de Diamantina (MG). Utilizando-se do pseudônimo “Mineiro nato”⁸⁰, o leitor escreve suas impressões sobre a folha:

A linguagem clara e popular, as verdades ali manifestadas, a moral sã, sem prejuízo, exposta de uma maneira interessante, que, convidando a curiosidade do leitor ao conhecimento de um facto, o leva insensivelmente às verdades as mais solidas e evangelicas, tudo promette, induz a crer que a *Imprensa Evangelica*, não obstante hoje não ser devidamente conhecida em todo o Brasil, virá enfim a tomar proporções gigantescas, e a ser exclusivamente o *jornal de familia*; a *Imprensa Evangelica* ocupará o seu lugar de honra, será a folha do centro da familia; será a folha verdadeiramente da mãe de familia; porque essa encontrará regra para o seu posto de – mãe, a curiosidade das moças será satisfeita; os meninos serão guiados, instruídos e moralizados.

Quando vemos que no Brasil não se encontra uma publicação, que preencha inteiramente o fim de um jornal de familia, mais nos leva o animo a louvar essa publicação e seus honrados fundadores, por quem fazemos votos a Deus, para que não desanimem nessa ardua tarefa.

Os romances, as anedoctas, versos e modas (fim de algum jornal com presumpção familiar), não é educação; é um prejuízo e antes principios de muitas coisas más.

[...]

Praza á Deus que nunca deixem de ser bíblicos que as verdades manifestadas sejam sempre bíblicas; porque sá a ignorância, insipiência, maldade, materialidade, deixará de tomar tal título como o mais honroso. (Grifos do autor)

⁸⁰ Costuma-se relacionar o anonimato e o uso de pseudônimos apenas aos escritos de ordem política, como um meio de se preservar a identidade dos emissores de opiniões partidárias. Porém, compreendemos, para além disso, que esse recurso se constituiu num modo de se escrever em periódicos bastante característico da época. Assim, “vários textos, gêneros diversos, e não apenas de conteúdo político, foram publicados sem nome de autor, através das iniciais, símbolos ou sem qualquer identificação.” (BARBOSA, 2011, p. 17)

No discurso do leitor mineiro, encontramos, além de uma caracterização do jornal protestante e sua função, uma representação do que se esperava de um periódico que se propusesse a ser “de família” no Século XIX. O leitor elogia a linguagem clara e popular e a capacidade do *Imprensa* de captar a curiosidade dos leitores oferecendo-lhes fatos como um meio para atraí-los às “verdades as mais sólidas e evangélicas”. Constatamos que cada um dos gêneros que os periódicos evangélicos faziam veicular – dos poemas às prosas ficcionais, dos tratados doutrinários às matérias sobre conhecimentos gerais, dos enigmas aos avisos – possuía um caráter utilitário facilmente perceptível: a propaganda evangélica e a propagação dos aspectos doutrinários da fé cristã.

A julgar pelas palavras dirigidas ao jornal, pelo menos três comunidades de leitores deveriam ser beneficiadas pela leitura da folha religiosa: *as mães*, recebendo regras que lhes permitissem exercer bem a maternidade por meio de narrativas que abordavam o cuidado com a casa e textos em forma de conselhos; *as moças*, tendo a curiosidade saciada por meio dos gêneros narrativos – a exemplo de contos que transmitiam ensinamentos morais e doutrinários – e, por fim, *os meninos*, que receberiam instrução e conhecimento sobre os preceitos morais por meio dos catecismos e das fábulas, por exemplo. Dito isto, o “Mineiro nato” passa a elencar os gêneros “maléficos” encontrados em periódicos laicos, que tinham a presunção de se denominarem “familiares”, mas que, na concepção do anônimo, não educavam antes “causavam prejuízo”. Eram eles: “os romances, as anedocdotas, versos e modas”.

Tomando o jornal *A Estação* (1879) (Cf. Figura 50 a seguir), por exemplo, percebemos que se enquadra na descrição do leitor anônimo por conter exatamente os gêneros condenados. É possível verificar os romances, que eram oferecidos ao público em partes, a fim de aguçar-lhe a curiosidade e saciar-lhe a sede por ficção; as anedotas com a função de entreter e divertir; e a parte de maior interesse para o público feminino, modas, que costumava apresentar a descrição dos modelos e suas respectivas ilustrações, conforme usados na Europa, em especial na França que, como se sabe, era um referencial para o Brasil em vários aspectos culturais. Outro periódico contemporâneo ao *Imprensa*, o *Jornal das Famílias* (1863 – 1878), possuía o mesmo perfil editorial d’*A Estação* e apresentava um significativo conjunto de prosas ficcionais (dentre as quais os romances),

Figura 50 – Capa do jornal *A Estação* (30/06/1879)

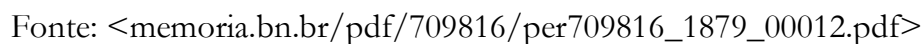


Figura 51 – Ilustração de moda do *Jornal das Famílias* (1864)



Fonte: <memoria.bn.br/pdf/339776_1864_00001.pdf>.

Se comparados *A Estação* e o *Jornal das Famílias* com o *Imprensa Evangélica*, verificamos que a moda e os conteúdos que a tem por referência não constam de fato na folha protestante. O mesmo não acontece com as prosas ficcionais que, conforme antecipamos, ocupam boa parte dos jornais evangélicos, levando-nos a crer que, o leitor mineiro, ao apontar “os romances” como um dos gêneros que “principia coisas más”, faz

referência aos romances-folhetins bastante comuns nos jornais laicos. Traduzidos ou escritos por autores locais, costumavam apresentar em seus enredos temas tais como paixão, vingança, amores proibidos, *etc* que, logicamente, contrariavam os padrões morais e religiosos do Protestantismo.

Até a primeira metade do Oitocentos, as distrações sofridas pelo gênero romance na Europa tiveram eco no Brasil, sobretudo quando se tratou de fazer referência a certa prosa de ficção que “apresentava em seu enredo intrigas amorosas, as quais, se acreditava, ameaçavam as mulheres oferecendo-lhes modelos de conduta considerados indesejáveis e tomando-lhes o tempo que poderia ser ocupado em tarefas mais úteis.” (AUGUSTE, 2010, p. 91) A leitura dos romances-folhetins foi considerada na ótica do missionário metodista Daniel Kidder (2001, p. 103) uma prática de “leitura inútil e prejudicial”. Isso perpassa pela concepção de literatura vigente à época de que aquilo que era facilmente entendido pelo vulgo não podia ser considerado “boa literatura”, pois essa demandava a leitura instrutiva e laboriosa. Não havia espaço, segundo essa visão, para uma leitura que fosse efêmera e prazerosa. A mesma opinião pode ser encontrada no *Relatório do Diretor da Biblioteca Nacional* de 1876 (GALVÃO *apud* SCHAPOCHNIK, 1999, p. 293) ao expor:

É igualmente sabido que nossa mocidade se occupa mais em geral da leitura de novellas, poesias ligeiras e peças escandalosas do que da consulta de obras de elevado valor scientifico e litterario; ora também não é esse o logar adequado para semelhantes distrações, e por isso não existem aqui os tomos ambicionados pela imaginação incandescente e transviada dos moços a quem me refiro.

Vale salientar que o ponto de vista católico também era condenatório à leitura dos romances folhetins. O padre Miguel do Sacramento Lopes Gama (1791 – 1852), por exemplo, escreveu o opúsculo denominado *O Mal Denominado na Maior Parte dos Romances* que, organizado em treze artigos, foi publicado pelo *Correio Mercantil* de 12 de janeiro a 20 de fevereiro de 1859 (p. 02). Preocupado com a leitura dos romances, Lopes Gama argumenta:

Os romances são uma leitura universal e teem-se tornado uma mania. Apenas sahem das innumeraveis fabricas da França, essas producções ephemeras, reduzida pela maior parte a especulações de commercio, são logo avidamente

traduzidas, [...] Já que não é possível, pois, acabar com essa peste, ao menos vós pais, vós maridos, vós tutores, vós todos, a quem a Providência confiou guarda e direcção da mocidade que tem de formar a futura geração, não consultais que o que vos estão subordinados leiam sem previo exame esses escriptos insidiosos, que manso e manso vão infiltrando nos tenros e impressionantes corações da juventude o veneno corrosivo da incredulidade da indiferença religiosa e da santificação de todas as paixões.

Porém, no primeiro capítulo de nossa pesquisa – quando nos propomos a uma abordagem das características da Literatura Protestante – procuramos demonstrar que mesmo havendo a princípio certa rejeição à inclusão dos gêneros literários seculares no conjunto textual religioso, os editores evangélicos apropriaram-se dos modelos ficcionais por compreenderem ser a melhor forma de se propagar os ideais bíblicos de “fé e pureza” (BROWN, 2004). Assim é que, seguindo os padrões tipográficos da imprensa laica oitocentista, o romance folhetim é encontrado nos periódicos evangélicos como um mecanismo que os mantém inclusos nos padrões discursivos e textuais do periodismo laico do Oitocentos.

É, pois, em meados do Século XIX que o romance vê a sua *consagração* (AUGUSTI, 2010). O jornal, como artefato cultural e fonte histórica, apresenta-se como o principal suporte por meio do qual esse gênero se fez representar para satisfazer um considerável número de leitores ávidos por ficção. Nesse sentido, Socorro Barbosa (2007, p. 47) em suas abordagens sobre a relação “linguagem dos jornais e a constituição de gêneros literários” demonstra:

Entre os vários papéis desempenhados pelos periódicos brasileiros no século XIX, temos a consolidação da literatura brasileira, através da criação e disseminação de determinados gêneros, entre os quais a crônica e o conto. É também de responsabilidade deste suporte a disseminação do gosto pela leitura de romances e folhetins proporcionada por algumas estratégias, entre as quais estão a adaptação, a tradução, a cópia e a imitação de textos estrangeiros [...]. (Grifos nossos)

Desse modo, muitos romances eram escritos para circular nos jornais, enquadrando-se nas características exigidas pelo folhetim, tais como brevidade, linguagem simples e melodramática, narrativa facilmente seccionada, *etc.* Seriam os *romances-folhetins*.

Os *folhetins* se originaram na França e foram trazidos para o Brasil em meados do século XIX. Originalmente, era um espaço do jornal destinado ao entretenimento – palavras cruzadas, anúncios, anedotas, curiosidades e narrativas literárias podiam se encontrar no folhetim. As histórias que eram impressas em série, interessavam a qualquer um que pudesse ler ou ouvir sem que para isso fosse exigido um conjunto de conhecimentos prévios. O romance-folhetim tornou-se um sucesso, favorecendo, inclusive, as pessoas que não tinham condições financeiras para comprar livros, fazendo-as se deleitar com sua leitura (MEYER, 1996).

A ficção é presença certa no *Imprensa Evangelica*. No primeiro número (05/11/1864), encontra-se uma parte do romance epistolar⁸¹ *Lúcia ou a literatura da Bíblia* por Alfred Monod (p. 05), que aparece como folhetim em diversos números do *Imprensa*. Esta história, narrada por meio das cartas, apresenta as dúvidas e conflitos religiosos da jovem Lúcia dirigidos ao cura Fabiano, conforme pode se verificar na fala da protagonista: “Quando eu morrer onde me sepultarão? De origem protestante, catholica pelas circumstancias, mas na realidade sem ser dedicada nem a uma nem a outra religião, a qual dellas pertenceria o meu corpo?” (p. 03). O enredo serve de base para as discussões envolvendo protestantismo e catolicismo, com um claro valor utilitarista: a promoção da fé evangélica.

Outros títulos podem ser ainda encontrados, a exemplo de folhetins, sendo editados em capítulos a cada nova quinzena. Entre eles, *Tirza e a força attractiva da Cruz*, que começou a ser publicado no *IE* datado de 06 de maio de 1865. Neste romance, a judia Tirza deseja converter-se ao protestantismo e é orientada à leitura das Escrituras pela personagem cristã Maria. À medida que o diálogo entre os personagens vão se desenvolvendo, os princípios e ideologias cristãs vão sendo apresentados em um constante diálogo com textos e discursos bíblicos.

Em edição datada de 3 de março de 1866, encontra-se outro folhetim *O relojoeiro e sua família*. Neste caso, “o testemunho” de um simples relojoeiro sobre a fé cristã e a “iluminação” que lhes foi oferecida pelas Escrituras é a principal temática da narrativa, conforme é possível constatar nas linhas finais da história: “Já é tempo de concluir minha

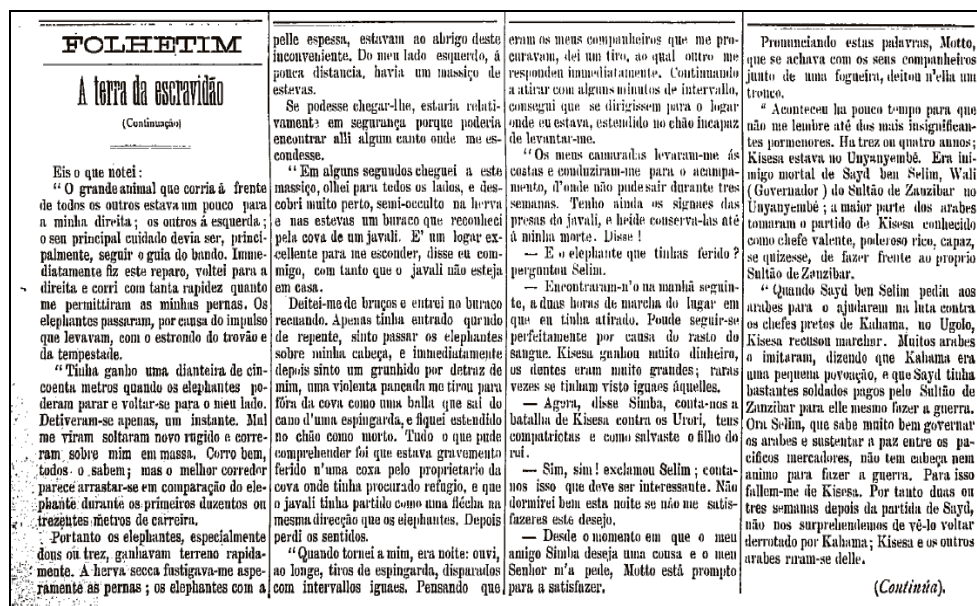
⁸¹ Barbosa (2007, p. 59) demonstra que “o romance do dezenove, em várias ocasiões, utilizou a epístola para ampliar, alongar e complicar os enredos e as tramas mirabolantes”.

narração, querido leitor, oxalá que as verdades que ficção expostas se imprimão no vosso coração e também no meu” (p. 52).

O romance intitulado *A história de André Dunn* aparece no *Imprensa* de 04 de agosto de 1866 como “uma tradução”, confirmando, assim, o que se verificou anteriormente em Barbosa (2007) – o fato de ser o jornal oitocentista um suporte dado à tradução de obras. De fato, pudemos observar em nossas pesquisas que muitos dos contos, romances-folhetins e outros gêneros ficcionais aparecem no *Imprensa Evangelica* como traduções de textos estrangeiros. No folhetim em questão, o protagonista, André Dunn, é “um debulhador que havia aprendido a ler e escrever quando menino” e continuava a desempenhar essas habilidades graças à “boa memória” (p. 114). “Presumivelmente”, a esposa do “fidalgo vizinho” dono de “uma quinta” na qual André trabalhava, era protestante e distribuía novos testamentos aos pobres “sem distincção de seita, crendo com razão que, ainda quando não tirassem beneficio algum delles não seriam prejudicados.” (p. 115) O Pe. Domingos, personagem representante do catolicismo na narrativa, não se contrapunha à caridosa mulher, apesar de desejar que “a senhora não fizesse presentes desta natureza” (p. 115).

Encontramos ainda, no espaço folhetim do *Imprensa Evangelica*, material de cunho histórico a exemplo de *História da Reforma* (11/01/1880), no qual se encontra a história da Reforma Protestante apresentada por meio do uso de recursos da narrativa literária. As temáticas combatidas pelos protestantes também ganhavam espaço na prosa folhetinesca. Por exemplo, na folha de 9 de novembro de 1889 é veiculado a primeira parte de *A terra da escravidão*, de H. Stanley, cuja narrativa apresenta o embate entre o protestantismo e o islamismo. Aquele, representado pelo filho do embaixador, tem seus membros denominados de “filhos do Nazareno” – uma referência a Jesus Cristo que era de Nazaré (Cf. Figura 52 a seguir). Neste mesmo folhetim, a temática da escravidão é abordada. No caso, os árabes são confrontados pelo fato de “irem à África com escravos armados para matarem os pobres pretos, para reduzirem a escravidão os paes e os filhos” (p. 367).

Figura 52 – Romance-folhetim *A terra da escravidão* (IE, 09/11/1889)



Fonte: Coleção do *Imprensa Evangelica* no Acervo Histórico do Arquivo Presbiteriano (SP)

A partir da análise desses exemplos podemos afirmar que, para além do valor estilístico dos textos, o fator de importância nos romances evangélicos que circulavam em jornal era a disseminação da propaganda religiosa e dos princípios que regiam o protestantismo. Um esquema narrativo básico pode ser observado na maioria dos textos: um protagonista geralmente “não-cristão” em busca de uma resposta a seus conflitos dialoga com um personagem cristão que testemunha das “beneficências do evangelho” sendo mediados pelo discurso bíblico, obrigatoriamente presente nas narrativas.

É nesse sentido que a Fé e a Ficção vão se imbricando para construir um sistema literário protestante que se delineará com o passar do tempo, deixando sua marca na história da cultura impressa no Brasil. Chartier (2009, p. 134), ao abordar à história do livro protestante no Século XVIII, demonstra que “a leitura e a fé estão aí ligadas indissociavelmente, definindo uma cultura inteira baseado na familiaridade com o texto bíblico”. Essa colocação pode ser também aplicada aos Oitocentos brasileiro, nos quais, vinculados no suporte jornal, “os textos religiosos habitam as mentes dos fiéis, aos quais fornecem referências e conforto, maneiras de dizer ou de escrever, uma forma de organizar toda existência individual ou comunitária a partir da Palavra divina” (*idem*, p.136).

5 A FORMAÇÃO DO SISTEMA LITERÁRIO PROTESTANTE NO BRASIL IMPÉRIO

O Século XIX, no Brasil Imperial, vê emergir – dentre outras manifestações culturais no campo da historiografia da leitura – uma nova comunidade de leitores, *os evangélicos protestantes*, com gestos e práticas de leitura que se lhes tornaram peculiares no decorrer dos anos. Pretendemos explicitar, a seguir, nossas observações sobre o fato de esta comunidade ter se deixado configurar, ao menos inicialmente, por um modelo literário importado pelos missionários estrangeiros de origem, em sua maioria, norte-americana.

Os jornais, por sua vez, constituíram-se no principal suporte por meio do qual os discursos e gêneros textuais evangélicos eram dados a ler pelas razões expostas no capítulo anterior. Vale salientar, porém, que em meados do Oitocentos brasileiro um conjunto de textos evangélicos circulou ativamente por meio de outros suportes tais como folhetos, hinários, livros, *etc.* Para que esses impressos protestantes fossem difundidos no Brasil, uma série de componentes – entre eles as sociedades bíblicas e missionárias, os corpoltores e as casas publicadoras evangélicas – mobilizaram-se fundamentados na concepção de inundar o mundo com a Palavra divina tomando, para isso, a leitura como o meio favorecedor da iluminação e conversão das almas. Esboçava-se, assim, um sistema literário protestante que se mantém ativo ainda hoje.

O presente capítulo propõe-se a contribuir para o resgate histórico da formação e do estabelecimento desse sistema no Brasil Império, considerando os critérios de autoria, tradução, leitor, editoração e obras. Para fins desse fazer arqueológico, tomaremos como objetos de pesquisa os suportes textuais a que nos referimos acima, os quais estiveram em circulação na segunda metade do Século XIX propagando gêneros textuais diversos.

Esperamos, assim, contribuir para o fim do silenciamento dessa vertente nos principais manuais de história da imprensa brasileira.

5.1 Relações Imprensa e Protestantismo: a conquista do mundo pela Palavra

A partir da segunda metade do Século XIX, observa-se o estabelecimento de uma atividade leitora evangélica que, ainda insipiente, começa a tomar corpo no conjunto das práticas culturais de então. Isso só foi possível graças à vinda e estabelecimento de viajantes e missionários protestantes, os quais tendo em vista seus ideais propagandísticos da fé evangélica e civilidade, relacionados a interesses políticos e comerciais, tiveram na imprensa seu principal aliado. Nos escritos de relato, gênero textual por meio do qual se descreviam as condições sociais e outras particularidades dos países evangelizados, bem como em cartas, diários e biografias desses missionários, encontram-se impressões sobre a sociedade no Brasil Imperial, norteadas pela concepção na qual estava imbuído o valor da palavra escrita como ferramenta moralizadora e transformadora para a época. Nesse sentido, Laura Maciel (2004, p. 15) corrobora:

O constituir-se de uma cultura impressa protestante é perceptível no recurso à imprensa pelos grupos protestantes quando se tem em conta que a imprensa é uma prática social constituinte da realidade social que modela formas de pensar e agir, define papéis sociais, generaliza posições e interpretações que pretendem compartilhadas e universais.

Antes de prosseguirmos em busca de resgatar “as legibilidades verossímeis” – para tomar a expressão de Pécora (2001) – dos impressos evangélicos e de suas apropriações pelo público leitor brasileiro, algumas considerações contextuais precisam ser feitas. As práticas leitoras protestantes costumam ser realizadas do presente para o passado. Logo, se faz necessário tomar certo cuidado ante os registros dos missionários protestantes para não atribuir-lhes significados saturados de conceitos do presente, o que incorreria na grave falha do anacronismo.

Para Candy Brown (2004, p.1), a cultura impressa evangélica pode ser tomada por “um conjunto distinto de escrita, publicações e práticas de leitura centradas no poder da Palavra para transformar o mundo.”⁸² A história cristã foi testemunha de uma tensão entre clérigos e leigos, em especial após a Reforma Protestante que, por sua vez, pregava princípios dentre os quais se destacam a livre leitura da Bíblia e o sacerdócio universal. Os clérigos seriam os detentores do discurso de verdade e, por isso, considerados os verdadeiros autorizados para gerir a leitura sagrada e o sentido que lhe deveria ser atribuído⁸³. Os leigos, por sua vez, passaram a integrar uma comunidade textual, definida por um conjunto de textos (conforme exposto no primeiro capítulo) que vieram a circular como auxílio à peregrinação através do mundo. Isso porque o *topos* do “peregrino” se tornou comum entre os cristãos evangélicos, que se consideravam “cidadãos do Céu”, logo “peregrinos na Terra”.

De 1517 a 1520, Martinho Lutero supervisionou a impressão de aproximadamente 300.000 cópias de trinta sermões, panfletos e *broadside*s⁸⁴. A *Geneva Bible* (1560), ilustrada na Figura 53 a seguir, uma das seis grandes traduções da Bíblia no Século XVI, já incluía comentários, versos separados e imagens (xilografuras), que se colocavam entre a Palavra e o leitor, favorecendo-lhe a compreensão do texto bíblico (CAIRNS, 1995). Junto com outra versão bíblica, *King James Version* (1611), os protestantes puderam usufruir da linguagem vernácula, que se contrapunha ao ornato da retórica latina, compreendida como uma forma utilizada pelo clero católico para esconder a verdade das massas. Como esclarece Alberto Manguel (1997, p. 306), “[...] para o Rei Jaime e seus tradutores, o objetivo do colossal empreendimento era confessadamente político: produzir uma Bíblia que as pessoas pudessem ler sem ajuda e, ao mesmo tempo, por se tratar de um texto em comum para ler em comunidade.” Logo, os protestantes compreenderam que a “língua sagrada” era constituída por palavras humanas (*verba*) que comunicavam a substância (*res*)

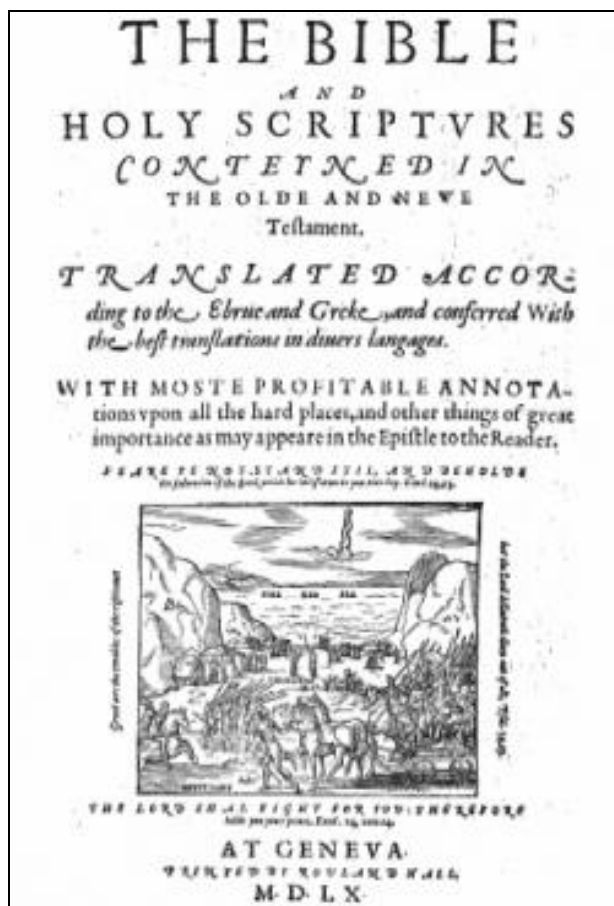
⁸² “This study conceptualizes ‘evangelical print culture’ (...) as a distinctive set of writing, publishing and reading practices centered on the power of the Word to transform the world.”

⁸³ A temática do discurso e seus mecanismos são tomados aqui na ótica de Certeau (2011), considerando que pessoas ou certo grupo social se valem do discurso como um lugar, onde podem traçar seus próprios sentidos a partir das delimitações espaciais.

⁸⁴ Era uma grande folha de papel impresso em apenas um lado bastante comum nos Séculos XVI e XVII. Historicamente, *bordos* eram cartazes que anunciavam eventos ou proclamações ou simplesmente propagandas. Uma das características desse suporte era sua efemeridade, ou seja, eram documentos temporários, feitos para uma finalidade específica e de fácil descarte. Fonte: <www.thefreedictionary.com>.

da palavra de Deus de forma a ser apreendida mais facilmente pelo leitor comum (BROWN, 2004).

Figura 53 – Frontispício de uma das edições da *Geneva Bible* (1560)



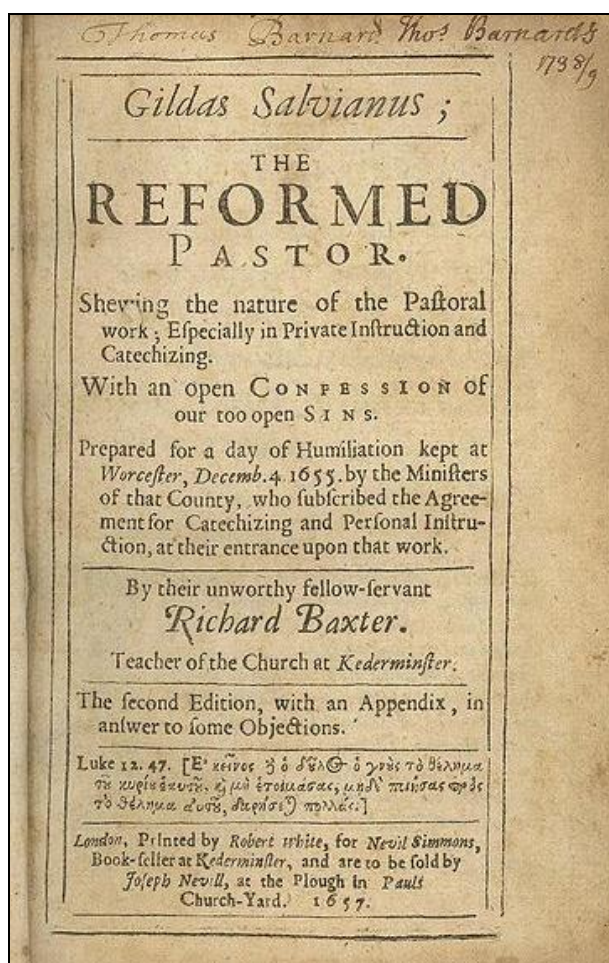
Fonte: <http://en.wikipedia.org/wiki/Geneva_Bible>

Ainda no Século XVII, Richard Baxter (1615 – 1691)⁸⁵ – um dos principais defensores do estilo simples da pregação bíblica na Inglaterra – considerava responsabilidade do clero “tornar a palavra acessível”. Criticado por escrever em excesso, Baxter (1657) se defendeu mostrando que “[...] a multiplicação de suas palavras seria uma forma de estar comunicando a pureza da Palavra para um mundo corrompido” (ORNE,

⁸⁵ Líder puritano inglês, escritor e sacerdote considerado “o chefe dos protestantes intelectuais da Inglaterra”. Escreveu várias obras dentre as quais *“The Saint’s Everlasting Rest”* (O descanso dos Santos) de 1650 e *“The Reformed Pastor”* (O Pastor Reformado) de 1655. Sobre os demais aspectos da vida e o tempo de Richard Baxter, ver ORNE, 1831.

1831). Os escritos de Baxter (Cf. Figura 54 a seguir), bem como os de outros que compartilhavam de suas ideias, foram apropriados pelos evangélicos no Século XIX os quais, por sua vez, difundiram a concepção de que o mundo poderia ser suficientemente instruído, “se suas [protestantes] palavras, ativadas pelo Espírito Santo que neles habitam, permeassem cada área da paisagem cultural”⁸⁶ (BROWN, 2004, p. 3).

Figura 54 – Frontispício do livro *The Reformed Pastor* (1657), de Richard Baxter



Fonte: <WWW.memoriahall.mass.edu/collection/itempage.jsp?ilemid=6021>

⁸⁶ “(...) the world could be sufficiently instructed and edified only if their words, activated by the indwelling Holy Spirit, permeated every arena of a shifting cultural landscape.”

Como se vê, a palavra precisava exercer uma *função presentificadora*. Os textos que continham, em sua maioria, trechos e princípios da Bíblia precisavam estar em circulação constante, unindo os protestantes que se encontravam em diversas partes do mundo, a fim de favorecer *a vida devocional, a ascese e a conquista de novos crentes*. A imprensa tornou possível a reprodução de textos em grande número de cópias; cada leitor poderia ter acesso a um número maior de impressos e cada impresso atingiria mais leitores. É possível verificar esses ideais a partir dos prefácios e editais dos periódicos protestantes editados profusamente na Europa e que também migraram para os Estados Unidos.

Os exemplos de jornais aqui postos são para fins de apresentação dos ideais e concepção de imprensa por parte dos editores protestantes. Essas mesmas concepções mantiveram-se, inclusive, na produção e circulação de periódicos evangélicos no Rio de Janeiro, bem como em outras cidades do Império, de acordo com o que tratamos em capítulo destinado à abordagem dos periódicos protestantes consumidos no Brasil em meados do Século XIX.

No editorial do periódico *Protestant's Magazine* (1839)⁸⁷ – criado como embate ao periódico católico da mesma época *Catholic Magazine* – verificam-se questões sobre a necessidade da circulação do impresso que “[...]foi publicado e agora é oferecido aos amigos da causa protestante na esperança de que, pela influência da inteligência, do progresso e do poder da religião pudesse circular periodicamente através do país” (p. 01)⁸⁸ (Tradução nossa). Esse exemplo corrobora o perfil dialógico que caracterizava não apenas os jornais protestantes, mas qualquer atividade periódica em qualquer parte do mundo ocidental, constituindo uma atividade muito conveniente para os evangélicos em sua missão de proclamar aos quatro cantos do mundo a Palavra sagrada.

Já no prefácio do periódico *The Christian Penny Magazine*, impresso em Londres em 1832, encontramos menção aos “milhares de leitores”, cuja “edificação” tem sido

⁸⁷ Periódico editado pelo *Committee of The Protestant Association* (1839, vol. I), impresso em Londres por Willian Davy & Gilbert in Oxford Street.

⁸⁸ “The ‘PROTESTANT MAGAZINE’ has been published, and is now offered to the friends of the protestant cause, in the hope that by its means important intelligence, relating to the progress and political power of popery, may periodically circulated through-out the country, and that the committee may be enable more effectually to recommend the establishment of local Protestant Associations, to co-operate with such branch societies as have been already formed in various parts of the kingdom, and to justify their own principles and proceedings.” (p. 1) (Grifos do editor)

promovida pelo referido periódico a julgar pelas “[...] muitas cartas recebidas de clérigos da Igreja da Inglaterra, bem como de Ministros de denominações diferentes” (p. 01). No mesmo trecho, reconhece-se que o objetivo de seus “condutores” seria “fazer avançar a glória de Deus no bem-estar dos homens”⁸⁹.

Assumindo uma postura mais apologética, o *The Christian Batist* (1823), de Ohio (EUA), esclarece em seu prefácio original: “[...] a folha deve abraçar uma variedade de temas e perseguir um curso não precisamente semelhante ao de qualquer outro trabalho periódico que temos visto” (p. 02). Dentre as finalidades citadas para reedição do referido jornal, no ano de 1835, coloca-se: “a restauração do cristianismo primitivo em cada comunidade”, além do embate ao ceticismo, que é posto como “uma lepra comum à época” a ser combatida pela forma “magistral” do jornal, o qual era, inclusive, “proposto para ampla circulação na sociedade” (p. 4)⁹⁰.

Esses exemplos confirmam o caráter funcional da leitura, na comunidade protestante oitocentista, como sendo uma prática propagadora da “glória e da doutrina divinas”, a fim de inclinar os homens aos preceitos evangélicos. Nesse sentido, a Palavra é o centro e deve ser consumida por um número cada vez maior de pessoas. São imbuídos destas compreensões que os missionários protestantes chegam ao Brasil, quase sempre apoiados por uma sociedade paraeclesiástica ou organização missionária das denominações as quais pertenciam. Estas eram responsáveis em lhes fornecer suporte financeiro, munindo-os, inclusive, de uma gama de material literário – folhetos, periódicos, livros, tendo a Bíblia seu lugar de proeminência nesse conjunto de impressos.

⁸⁹ “DIVINE PROVIDENCE under whose patronage alone the close of the first year was commenced, has brought it succesfully to the close of the first year. That it has answered its professed end, in promoting the edification of the many thousands of its readers, the numerous letters from Clergymen of the Church of England, and Ministers and Friends of different denominations, acknowledging their obligation, amply testify. In thus advancing the glory of God in the welfare of men, its Conductores have richly received their most valued reward. They have endeavoured to furnish a series of the most instructive papers, illustrative of the Wonderful Works - the UNIVERSAL PROVIDENCE - and the INSPIRED WORD of the ever-blessed God, worthy of sacred title which their humble Periodical assumes; and in some good measure they have succeeded. At the same time they are confident that no sentiment has been inculcated at variance with EVANGELICAL CHARITY, or with those divine droctines, which are the glory of PROTESTANT CHRISTIANITY.” (p. 01) (Grifos do autor)

⁹⁰ “The scepticism of this age, so diversified in this character, has received a large share of attention, and has been foiled in a masterly manner in this work, which is proposed for extensive circulation in society, now alarmingly affected with this leprosy, to remove which, perhaps no other miscellaneous work is better calculated.” (p. 04)

Dentre esses órgãos missionários, destacam-se *American Seamen's Friends Society* (Sociedade Americana de Amigos dos Marítimos) fundada em 1828 que prestava serviço de capelania por meio da realização de cultos nos navios, além da distribuição de Bíblias e literatura evangélica aos marinheiros; *American and Foreign Christian Union* (União Cristã Americana e Estrangeira)⁹¹, organizada em 1849 com a finalidade de converter “católicos romanos ao protestantismo”, além de utilizar a colportagem e a imprensa a fim de difundir “a liberdade religiosa” e proporcionar um “cristianismo puro e simples”, conforme expresso em sua constituição; *American Bible Society* (Sociedade Bíblica Americana), congênere da Sociedade Bíblica Britânica, que surgiu em 1816 como resultado da fusão de numerosas sociedades bíblicas locais já existentes nos Estados Unidos, tendo por objetivo “distribuir e fazer circular as Sagradas Escrituras sem notas ou comentários⁹²” (REILY, 2003, p. 76-92). Todos esses órgãos se deixaram representar no Brasil oitocentista por meio de seus agentes.

A atuação estratégica dos missionários protestantes contribuiu para formar novos hábitos e inserir tradições à época. Desse modo, a utilização, articulação e circulação de novas ideias por meio do impresso foram fundamentais para a implementação de uma cultura evangélica em um país de tradição essencialmente católica. O missionário metodista Daniel P. Kidder (1815 – 1891) representa bem as concepções e expectativas desses agentes evangélicos em relação aos brasileiros como um povo a ser alcançado pela palavra divina.

Kidder tornou-se um conhecido viajante e escreveu diversas obras, dentre as quais três dizem respeito ao Brasil do Século XIX. A primeira é simplesmente uma tradução da brochura de Diego Feijó sobre *o celibato clerical*. A segunda é uma relação de suas viagens: *Sketches of residence and travel in Brazil* (*Reminiscências de viagens e permanência no Brasil*); e a

⁹¹ O ministro presbiteriano James Cooley Fletcher foi enviado por este órgão ao Brasil em coligação com a “Sociedade de Amigos dos Marítimos”, no ano de 1854. Atuou como capelão junto ao porto do Rio de Janeiro (considerando o grande número de navios norte-americanos que lá aportavam). Fletcher aceitou também a nomeação da “Sociedade Bíblica Americana” para servir como agente com a finalidade de distribuir Bíblias e literatura evangélica (GOMES, 2000).

⁹² As Bíblias Sagradas que possuíam notas explicativas ou comentários em seu corpo impresso sofriam maiores represálias por parte dos Católicos e eram impedidas de serem distribuídas à população, considerando que a Tradição Católica tomava para si o direito único de interpretar as Escrituras.

terceira, em parceria com o missionário presbiteriano James G. Fletcher (1823 – 1901)⁹³ intitula-se *Brazil and the Brazilians*.

Reminiscências de viagens e permanência no Brasil pode ser considerada a mais significativa dessas obras. Nela, Kidder apresenta um relato do que vivenciou no período de estadia no Brasil, abordando aspectos geográficos, sociais, culturais, *etc.* A obra divide-se em dois volumes: no primeiro, o viajante descreve suas impressões do Rio de Janeiro e São Paulo. O segundo estuda as províncias do Norte. O livro apareceu ao mesmo tempo em Londres e Filadélfia em 1845 e não houve edição posterior. Por sua vez, a terceira obra, *O Brasil e os brasileiros*, foi a mais popular, considerando-se o fato de ter sido ampliada pelo Rev. Fletcher. Teve uma dezena de edições sucessivas e tornou-se, para os americanos, um livro clássico sobre o Brasil. Vale salientar que as duas obras se assemelham. “Se a primeira é mais séria e muito mais valiosa do ponto de vista histórico, a segunda é mais anedótica e escrita com a intenção evidente de divertir o leitor”, explica Rubem Borba de Moraes em sua apresentação das *Reminiscências* que aparecem traduzidas integralmente pela primeira vez por iniciativa do Senado Federal (KIDDER, 2001, p. ?).

Por ora, tomaremos alguns excertos do livro *Reminiscências de viagem e permanência no Brasil*, considerando as observações que o autor faz sobre as questões de leitura e imprensa no Brasil oitocentista. Já no segundo capítulo, Kidder menciona a chegada do príncipe regente, a abertura dos portos às nações amigas e a instauração do prelo, além da abertura da Biblioteca Real ao público (2001, p. 41). De fato, a instalação da imprensa veio ocorrer no Brasil em 13 de maio de 1808, por decreto de Dom João. A Impressão Régia estava destinada a publicar os papéis oficiais do governo e “todas e quaisquer outras obras”. Porém ainda não estava permitido, em caráter geral, o estabelecimento de tipografias, já que cabia exclusivamente à casa oficial publicar documentos, papéis e livros, o que lhe garantia o monopólio da impressão no Brasil (ABREU, 2010, p. 42, 43).

⁹³ James Cooley Fletcher (1823-1901), missionário metodista norte-americano, desenvolveu uma missão evangélica no Brasil entre os anos de 1851 a 1865, com interrupção entre 1854 a 55, ano em que esteve nos Estados Unidos. Fletcher encaixava-se bem aos ideais de auto-afirmação da nação brasileira. Dedicou-se ao estudo de ciências naturais, tendo, na sua viagem pelo Amazonas, colhido material que serviu às pesquisas na região. Procurava manter um bom relacionamento na Corte, inclusive com o Imperador, dando presentes a este e apresentando-se como “um amigo da nação, uma voz do progresso”, demonstrando interesse pela industrialização do país. (GOMES, 2000, pp. 162-163)

Tratando sobre “o cais do Largo do Paço, o povo e os prédios”, Kidder (2001, p. 64) fala sobre a reforma de um prédio que abrigaria uma sala de leitura de jornais, onde se encontravam “jornais do país e do estrangeiro”. O capítulo VII das *Reminiscências* trata sobre as bibliotecas e algumas práticas leitoras dessa primeira metade dos oitocentos. Além disso, Kidder se refere à fundação da “Academia Imperial de Belas-Artes”, ao periodicismo brasileiro e ao Instituto Histórico e Geográfico, que se constituiu um órgão ímpar no projeto ideológico da configuração do Brasil enquanto nação (KIDDER, p. 100,101).

Considerando o fato de os missionários viajantes terem como uma das bases de suas atividades a educação, Kidder descreveu entusiasticamente o Colégio D. Pedro II⁹⁴, concluindo que: “uma das coisas que, nessa instituição, despertam o interesse é o fato de compreender o seu programa a leitura e o estudo das Sagradas Escrituras em Vernáculo.” A Bíblia que foi distribuída entre os brasileiros pelos missionários protestantes era a versão do português João Ferreira de Almeida de 1775. Em 1809, a Sociedade Bíblica Britânica providenciou o envio do primeiro lote de Novos Testamentos contendo 12.000 exemplares na versão de João Ferreira de Almeida para serem distribuídos no Brasil. Dois anos após, mais um lote composto de 7.000 Novos Testamentos é enviado. Na segunda metade dos oitocentos, com o envio e trabalho dos missionários norte-americanos e europeus, partes da Bíblia e até exemplares completos eram distribuídos gratuitamente ou vendidos à população através do trabalho itinerante dos corpoltores, conforme abordaremos mais adiante (GIRALDI, 2008).

A distribuição de Bíblias foi uma das principais tarefas dos protestantes missionários no século XIX. Não há dúvidas de que essa prática retoma um dos pilares da Reforma Protestante – o povo deveria ter acesso ao texto bíblico em sua própria língua e interpretá-lo. O próprio Imperador apreciava sua leitura, traduzindo porções bíblicas do

⁹⁴ É fato notório a satisfação do missionário metodista em saber que a Bíblia era tomada no Colégio Pedro II como livro adotado em “seu programa de leitura”, considerando o fato de este colégio ser “uma referência para as outras instituições de ensino, como também um *locus* privilegiado de produção de compêndios escolares” (AUGUSTI, 2010, p. 12).

hebraico para o português, conforme deixou registrado em sua caderneta de viagem⁹⁵ com registros de sua passagem na Terra Santa (FAINGOLD, 1999).

Daniel Kidder (2001, p. 102), em suas *Reminiscências*, aconselha que “[...] em se visitando o Rio de Janeiro, não se pode deixar de ir à Biblioteca Nacional” e acentua os horários e ambientes de leitura. Afirmar haver uma “sala de leitura”, que se encontra “entulhada de livros de todas as épocas e em todas as línguas”⁹⁶, além de “jornais e revistas europeias”. Por fim se queixa: “[...] apesar de todos esses atrativos, nunca vimos o salão cheio; ao contrário, frequentemente vimo-lo vazio” (KIDDER, 2001, p. 102). Esse trecho sugere certo pessimismo do missionário em relação aos hábitos de leitura no Brasil, considerando que, apesar de todos os atrativos oferecidos pela sala de leitura, tais como “mesas forradas com panos, sobre as quais se encontram material para escrever, suportes para livros pesados, gravuras de eras remotas”, *etc*, a visitação de leitores não era satisfatória. Ora, se não havia uma frequência satisfatória de leitores⁹⁷ – provavelmente ocasionada pelo alto índice dos não alfabetizados da época – a visão dos viajantes de que a palavra escrita necessitava ser disseminada entre os não cristãos justificava-se ainda mais, passando a ser a principal meta desses missionários estrangeiros. Até porque, no contexto norte-americano do qual eram provenientes, o mercado editorial evangélico já era bastante promissor considerando que, por essa época, uma série de impressos, tais

⁹⁵ Diários 18 – 19, maio 37, doc. 1057. Caderneta guardada no Museu Imperial de Petrópolis e publicada há alguns anos em edição crítica por Reuven Faingold (1999). De acordo com este autor, até o ano de sua morte em Paris, Pedro II dedicou-se ao estudo sobre textos de línguas mortas. Nas cartas ao Visconde de Tunay, o monarca brasileiro relata acerca de suas leituras sobre egiptologia e das traduções dos originais da Bíblia e das *Mil e Uma Noites*, em que se empenhava. Afirmar ainda que o Imperador foi um devoto cristão e um profundo crítico da Bíblia. Desde que estudava hebraico em Petrópolis e aprimorava seus conhecimentos da língua com seu primeiro mestre, o cônsul da Suécia no Rio de Janeiro, Leonhard Akerbloom (1830 – 1893), Sua Majestade traduzia trechos bíblicos dos *Salmos*, de *Isaias*, *Jeremias*, *Gênesis* e *Rute*. Além disso, costumava relacionar a leitura e a interpretação da Bíblia às obras de arte visitadas durante suas viagens. (FAINGOLD, 2012).

⁹⁶ Sobre a origem dos livros, aborda o missionário: “As recentes aquisições de obras para a biblioteca não tem sido muito grandes conquanto de quando em vez se façam dotações de verbas para esse fim. Todavia o número de livros tem aumentado devido a valiosas contribuições, entre as quais merecem especial destaque as coleções do finado Jose Bonifácio de Andrada.”⁹⁶ (KIDDER, 2001, pp. 102,103)

⁹⁷ Sobre esse assunto, cf. o artigo “Das ficções do Arquivo: ordem dos livros e práticas de leitura na Biblioteca Pública da Corte Imperial” de Nelson Schapochnik (1999). O autor se vale dos relatórios escritos e enviados pelos diretores da Biblioteca à Secretaria do Império, em meados do Século XIX. Segundo ele, esses relatórios e esboços “revelam projetos e inquietudes, procedem ao mapeamento da administração e à funcionalidade da instituição, sugerem um perfil de frequentadores, indicam a miséria e potencialidades da leitura” (p. 281). Em torno do período em que o missionário Daniel Kidder esteve no Brasil (1837 – 1840), é possível verificar, por meio de gráficos de frequência elaborados por Schapochnik, um número de 1488 consulentes que frequentaram a Biblioteca Nacional no ano de 1843 (considerando os dados que este pesquisador conseguiu obter).

como os periódicos, folhetos, hinários e livros protestantes eram consideravelmente consumidos (BROWN, 2004).

As *Reminiscências* trazem ainda considerações sobre os *literatos brasileiros*, as *traduções*, e os *folhetins* encontrados nos jornais de então. Alega que muitos dos literatos, afugentados pelas revoluções e agitações políticas de Portugal, foram se abrigar em Paris, de onde passam a produzir para Portugal e para o Brasil. Afirmando estar “as editoras sobrecarregadas de traduções”, critica o fato de que “qualquer novela barata dos folhetins parisienses precisa ser traduzida para surgir em forma de livro em Lisboa e no Rio de Janeiro”. Sendo, por isso, “tão grande o número dos que se entregam a essa leitura inútil e não raro prejudicial, que ninguém procura pelos trabalhos originais e substanciosos.” (KIDDER, 2001, p. 103) Conforme verificamos em capítulo anterior, essa era uma queixa recorrente não apenas entre os protestantes, como também no meio católico.

A imprensa secular também foi alvo de considerações nas *Reminiscências* pelo seu caráter utilitário e, pelo fato de os grandes jornais não serem “órgãos exclusivos de partidos políticos”, a exemplo dos Estados Unidos. Kidder a denomina de “prolífica” pelo motivo de editar “[...] quatro diários, dois jornais trimestrais, e de seis a dez semanários, além de jornais de publicação irregular”. Admira-se ainda da forma com que os leitores utilizam-se da seção “publicidade” e a leem avidamente “[...] pelo pitoresco do seu conteúdo e pela variedade que apresenta”, citando, inclusive, alguns casos engraçados que lhes chamaram a atenção. Entre esses casos, o reclame de dívidas⁹⁸, críticas ao clero⁹⁹, anúncios de números de bilhetes lotéricos comprados a fim de se evitar confusões nos respectivos sorteios, *etc.* Mais uma vez, menciona os folhetins e o excesso das traduções que o incomodam, porque entende que os brasileiros seriam capazes de produzir uma literatura própria. Por certo que essa literatura própria dos brasileiros já existiam. Possivelmente, ele não havia tomado conhecimento. Kidder (2001, p. 105-106) tece

⁹⁸ “Pede-se ao Senhor José Domingues da Costa que pague à Rua São José nº 35, o seu débito de seiscentos mil-réis. Caso não o faça dentro de três dias, sua conduta será revelada por essas mesmas colunas bem como a forma como foi contraída essa dívida.” (KIDDER, 2001, p. 104)

⁹⁹ “Senhor Redator. – Tendo o vigário de certa paróquia, a 8 do corrente, depois de ter celebrado missa com sua afetação costumeira, se voltado para o público e dito com ar zombeteiro, como não temos festa hoje, vamos recitar as litâneas, etc., devo dizer que o reverendo vigário a que me refiro, sabe perfeitamente o motivo porque não houve festa. Esteja, porém, certo de que quando se houver dissipado a intriga, a festa será feita. Contudo, se ele tiver pressa que faça as despesas. Pois quem reza o Padre-nosso come o pão. ‘Assinado: Um inimigo dos Hipócritas.’” (KIDDER, 2001, p. 105)

também interessantes considerações sobre a presença do literário nos jornais e da capacidade de escrita dos autores brasileiros:

Os diários do Rio de Janeiro se parecem muito com os de Paris, tanto no formato como na apresentação e na disposição da matéria. O rodapé de cada folha possui leituras leves e chamaram-no Folhetim. Examinando o conteúdo do *Jornal do Comércio* durante um ano, só encontramos um conto original; os outros foram traduzidos do francês. (...) Se os brasileiros se dessem ao trabalho de escrever e pensar por si próprios, estamos certos de que os estrangeiros logo se interessariam pela sua produção literária e lhe dariam o devido valor.

O missionário avalia ainda os aspectos litúrgicos dos cultos protestantes, da distribuição de livros e folhetos evangélicos e a ação evangelística que os metodistas desempenham no país. Recorda, logo após a sua chegada ao Rio de Janeiro, onde foi acolhido pelo também missionário metodista Justin Spauldin (um dos pioneiros na Missão Metodista no Brasil), da existência de uma escola diurna para crianças brasileiras e estrangeiras, que funcionava na Rua do Catete, e de “uma florescente escola Dominical”¹⁰⁰ (KIDDER, 2001, p. 121). Quando os primeiros missionários protestantes começaram a chegar ao Brasil, o movimento das Escolas Bíblicas Dominicais (EBD) já estava firmado na Inglaterra, tendo, também, se tornado muito forte nos Estados Unidos. Isso explica, parcialmente, o porquê deste trabalho ser logo implantado nos países a ser evangelizados, muitas vezes, até mesmo antes de se estabelecer formalmente o culto público. As aulas da EBD eram um espaço onde se concretizava a prática de leitura e o ensino da Bíblia, além disso, passou a se desenvolver para a classe de crianças a contação de histórias bíblicas. Demonstra-se, assim, a já referida estratégia da implantação de escolas como meio de difusão e solidificação do protestantismo.

¹⁰⁰ O surgimento da Escola Bíblica Dominical é atribuído ao jornalista episcopal Robert Raikes (1735-1811). Raikes morava no sul da Inglaterra, na cidade de Gloucester, onde o número de adolescentes envolvidos com delinquências era grande, além da existência de trabalho infantil nas minas de carvão, durante toda a semana, com exceção do sábado. A população jovem (menores) não apresentava nenhuma ou a mínima formação escolar. Então deu início a uma série de convites para que os menores participassem de reuniões realizadas aos domingos para ler e aprender a Bíblia. Durante o período de ensino religioso, Raikes inseriu no quadro de disciplinas as matérias seculares de Matemática, Inglês e História. Em meados de novembro de 1873, aproveitando-se do fato de ser proprietário do jornal *Gloucester*, publicou uma série de resultados referentes aos seus trabalhos, contribuindo assim para a divulgação e crescimento da Escola Bíblica Dominical.

A narrativa de Kidder (2001, p. 122) confirma ainda a existência de uma:

[...] profusa distribuição de folhetos e publicações religiosas deixadas em quantidade pelo Rev. O. M. Johnson, que pouco tempo antes havia estado a serviço no Rio de Janeiro, sob o patrocínio da Associação Americana Pró-Marinheiros.

Não apenas a Bíblia, mas também folhetos de conteúdo protestante passaram a ser distribuídos pelos missionários em sua congregação e nos portos. O próprio Kidder era agente da Associação Americana Pró-Marinheiros e distribuiu impressos evangélicos, o que considerava um avanço para o intelecto e “iluminação” dos brasileiros. Nas *Reminiscências*, é possível verificar que o número de exemplares da Bíblia colocado “na mão do povo foi maior então do que em qualquer outra ocasião” (p. 123). O missionário metodista continua mostrando que, conquanto a Bíblia não tenha sido proibida no Brasil uma vez dentro das recomendações da Igreja Romana, era completamente desconhecida em vernáculo, por não haver o clero se esforçado em divulgá-la. E conclui:

[...] O povo, porém, não era de forma alguma responsável por tal situação. Onde poderia ter ido procurar a palavra da revelação senão em sua mãe-pátria? Mas Portugal jamais publicara as Sagradas Escrituras nem permitia a sua publicação a não ser quando acompanhada de notas e comentários devidamente aprovados pelo censor inquisitorial. A Bíblia não constava na relação dos livros que podia ser admitidos em suas colônias sob o regime da dominação absoluta. (2001, p. 123)

Há de se questionar o fato de os impressos protestantes poderem ser distribuídos em um país católico. Nas lembranças de Kidder (2001, p. 122, 123), ao povo era negado o acesso às Escrituras por dois motivos: a falta de tradição de Portugal em se publicar Bíblias e o cuidado da censura em relação às questões protestantes. Duas fases tornam-se claras a partir destas considerações de Kidder. Na primeira, o viajante faz menção aos anos anteriores a 1820 em que o número de tipografias era muito baixo e a censura dirigia-se mais às bibliotecas dos conventos. Cabia aos censores régios a função de proibir tudo o que pudesse ameaçar a religião e a moral, o poder instituído e a cultura (NEVES,

1999). Era proibido em Portugal e em suas colônias, dentre outros critérios, os livros: “de autores ateus”, “de autores protestantes que combatessem o poder espiritual do papa e dos bispos ou atacassem os artigos da fé católica”, “os que utilizam os textos das Sagradas Escrituras em sentido diferente do usado pela Igreja” (MARTINO; SAPATERRA, 2006, p. 06).

A outra fase, da qual, inclusive, os reverendos Kidder e Spaulding usufruíram, enquadra-se numa certa liberdade de circulação e comercialização dos impressos. Depois de uma longa história de “caça aos escritos”, em 1821, o governo do Rio de Janeiro, preocupado com o progresso e a civilização das letras, abolia em 02 de março a censura prévia dos escritos, estabelecendo-as sobre provas tipográficas, mas havia pena de multa e prisão para os abusos cometidos. Nesse mesmo ano, em um decreto de 31 de março de 1821, aboliu-se a Inquisição; a censura passou, então, aos cuidados do Ordinário (para assuntos referentes à fé cristã) e do Desembargo do Paço (para assuntos referentes a questões políticas) (MARTINO & SAPATERRA, 2006, p. 06).

Em Portugal, as Cortes de Lisboa proclamam a liberdade de imprensa pela lei de 04 de julho de 1821, mas desde o juramento das bases da Constituição já se estabelecera esse princípio. No Brasil, D. Pedro I foi obrigado a jurar essas bases em 05 de julho. Por esta época, proliferara-se o número de tipografias, folhetos e periódicos, a maioria anônimos, o que levou D. Pedro a proibir, em janeiro de 1822, o anonimato das obras. Em 18 de junho de 1822, o Imperador publica um decreto sobre os abusos da imprensa, que valeu até o ano de 1823, quando passou a vigorar o projeto de lei da Assembleia Constituinte, sobre a liberdade da imprensa, determinando que “[...] nenhum escrito de qualquer qualidade, volume ou denominação era sujeito à censura, nem antes, nem depois de impressos”. Logo, tornava-se livre “a qualquer pessoa imprimir, publicar, vender e comprar os livros e escritos de qualquer qualidade, sem responsabilidade”, exceto nos casos de “abusar da liberdade de imprensa”. A constituinte foi dissolvida em novembro do mesmo ano. E a Constituição de 1824 declarou apenas “[...] todos podem comunicar os seus pensamentos, por palavras, escritos e publicá-los pela Imprensa sem dependência de censura”, porém deviam, conforme o Artigo 179 n. 24: “[...] responder pelos abusos

que cometerem no exercício deste Direito, nos casos, e pelas formas, que a Lei determinar” (BUENO, 1957).

Essa “liberdade concedida” e apoiada mais tarde pelo Imperador D. Pedro II viria a favorecer a circulação dos jornais, folhetos e demais impressos protestantes. Nesse contexto, os missionários metodistas Kidder e Spaulding podiam distribuir livremente as Bíblias e demais impressos de cunho evangélico. Nas memórias de Kidder, um público, composto por “pessoas de todas as idades e condições”, o procuravam para adquirir os impressos. Inclusive, um ministro do Império foi em busca de exemplares para contemplar o ensino religioso, conforme descrito em trecho das *Reminiscências* (2001, 123):

Na sede da nossa missão muitos livros foram distribuídos gratuitamente, e, em diversas ocasiões deu-se o que poderia chamar “verdadeira corrida de pretendentes” ao Livro Sagrado. Uma delas teve lugar logo após nossa chegada. Tendo se espalhado a notícia de que havíamos recebido bom suprimento desses livros, nossa casa ficou logo literalmente cheia de pessoas de todas as idades e condições: desde os velhos de cabelos brancos até os meninos travessos, do fidalgo ao pobre escravo. A maior parte das crianças e dos cativos vinha na qualidade de mensageiros, trazendo recados dos seus pais ou senhores. Esses bilhetes eram invariavelmente redigidos em linguagem reverente e não raro suplicante. Alguns eram de viúvas pobres porque não dispunham de recursos com que comprar livros para seus filhos e queriam os Testamentos para as crianças lerem na escola. Um deles era assinado por um ministro do Império. Que nos pedia exemplares das Escrituras para toda uma escola fora da cidade.

O afã da população em ter a Bíblia – justificável pelo fato do alto custo que envolvia ter um livro impresso na época – começou a despertar a admiração de alguns padres que iam ao encontro dos missionários para obterem exemplares do livro sagrado, ao mesmo tempo em que acirrou a perseguição por parte de alguns ministros católicos aos líderes protestantes. Na visão do missionário (2001, p. 124):

Um padre bastante idoso que nos foi procurar pessoalmente e a quem, por especial deferência, demos exemplares em português, francês e inglês, disse-nos ao sair: “Isso nunca se fez no Brasil”. Outro enviou-nos um bilhete em francês pedindo-nos “L’Ancient et le Nouveau Testament”. Em três dias distribuímos duzentos exemplares e esgotamos as nossas reservas. Os pretendentes, porém, continuaram a nos procurar e, segundo os nossos cálculos, teriam sido necessários quatro vezes mais volumes para atender a todos os pedidos. Aos

retardatários, só podíamos informar onde havia Bíblias à venda e também que esperávamos receber algum dia essa nova remessa.

Como vimos anteriormente, a censura, nessa época, já não era da Real Mesa Censória, nem do governo; já havia sido, inclusive, banida do Império. Porém, sua influência era verificada por outras formas: boicotes, segregações, perseguições (MARTINO; SAPATERRA, 2006). Ainda não havia entre os anos em que Daniel Kidder atuou como missionário protestante no Brasil (1837 a 1845) nenhum jornal evangélico. No entanto, alguns jornais católicos já existentes à época começaram a se valer da Imprensa para “censurar”, no sentido de “perseguir”, a ação protestante no Brasil e a distribuição de impressos evangélicos.¹⁰¹ Pelos menos dois desses periódicos são citados nas *Reminiscências* de Kidder – *O Católico*, segundo ele “com a finalidade manifesta de combater a nós e à nossa obra missionária” e o *Católico Fluminense*, que seria uma “ressurreição do primeiro com um título um pouco mais imponente”¹⁰². As leituras que realizamos nos referidos periódicos confirmam a veracidade dessas afirmações de Kidder, as quais, de certa forma, foram verificadas no capítulo em que abordamos o periodismo protestante oitocentista.

O referido jornal durou pouco, mas os clérigos continuaram se servindo da imprensa e dos púlpitos para declarar guerra aos missionários protestantes. O mais conhecido daqueles foi o Pe. Luis Gonçalves dos Santos (1767 – 1844), autor das *Memórias para Servir à História do Reino do Brasil* (1825). Além das *Memórias*, escreveu três obras verberando a propaganda evangélica que os metodistas vinham efetuando. Foram publicadas em 1837, 1838 e 1839, com seus respectivos títulos: *Desagravo do Clero e do povo*

¹⁰¹ Mais precisamente a partir dos anos de 1870, os jornais católicos e protestantes servem de campo para uma “batalha de fé”, para tomar o termo usado por Ester Nascimento (2006), que analisa o entrave de discursos religiosos entre católicos e evangélicos nos jornais da então província de Sergipe, que representa o que aconteceu em todo o país.

¹⁰² Na ótica de Daniel Kidder (2001, p. 124,125): “Tratava-se de semanário insignificante editado por anônimos. Depois de fazer promessas extravagantes e despende esforços infrutíferos no sentido de conseguir assinantes, tentou combater, pelo espaço de um mês, o desprezo com que o público o brindou. Finalmente, cedendo as forças das circunstâncias, resolveu calar-se. Mais tarde tentaram novamente fazê-lo ressurgir com um título um pouco mais imponente de *O católico Fluminense*. Seus proprietários procuraram apelar para a simpatia e o patriotismo do leitor, acrescentando ao nome do periódico um adjetivo do qual o povo do Rio de Janeiro se sente particularmente orgulhoso. Sob o novo título, o jornal apenas conseguiu se manter por mais uns quatro números, sendo que apenas nun deles constou ligeira referência aos que, pelo seu esforço em difundir a divina palavra de Deus, haviam dado origem à folha.”

católico fluminense ou Refutação das mentiras de hum impostor que se intitula missionário do Rio de Janeiro; Antidoto Catholico contra o veneno Methodista ou Refutação do segundo relatório do Intitulado missionário do Rio de Janeiro; O Catholico e o Methodista ou Refutação das doutrinas heréticas e falsas. Estes livros foram impressos pela Imprensa Americana de I. P. da Costa no Rio de Janeiro. Houve ainda uma obra que saiu a lume a *posteriore*, impressa em Niterói, chamada de *Refutação do texto do tratado dos Methodistas*. (SALVADOR, 1982)

A mais volumosa destas obras, *O Catholico e o Methodista* (1839), refuta 60 textos colhidos nos folhetos (*tracts*) de Spaulding e Kidder. O discurso do Padre exemplifica a oposição corrente à época ao trabalho evangélico, demonstrando o fato de que a Censura, se não mais oficial, deixava-se representar por outras ações. Vejamos:

Como é possível que na Corte do Império da Terra de Santa Cruz, a face do seu Imperador, e de todas as autoridades eclesiásticas e seculares, se apresentem homens leigos, casados, com filhos, denominados missionários do Rio de Janeiro, enviados de New York por outros tais como eles, protestantes calvinistas, para pregar Jesus Cristo aos fluminenses? [...] estes intitulados missionários estão perto de dois anos entre nós procurando, com a atividade dos demônios, perverterem os católicos, abalando a sua fé, com pregações publicas na casa, com escolas semanárias e dominicais, espalhando Bíblias truncadas e sem notas, enfim convidando a uns e a outros para o protestantismo e muito especialmente para abraçar a seita dos methodistas, de todos os protestantes os mais turbulentos, fanáticos, hipócritas e ignorantes. (SANTOS, 1839 *In*: SALVADOR, 1982, p. ?)

Observa-se que havia cerrada perseguição aos protestantes e se confirma também, a partir das impressões do Pe. Luiz dos Santos, que as estratégias missionárias dos norte-americanos – implantação de escolas e propaganda evangélica por meio da distribuição de impressos – estavam de fato se efetivando no Brasil de meados do Século XIX. Como já exposto, os protestantes acreditavam que, por meio da leitura das Escrituras, as mentes se iluminariam para os aspectos “referentes à salvação”. A ideia era que a palavra afetasse o aspecto espiritual e, conseqüentemente, o social, gerando o progresso. Uma história de leitura começa a se delinear, nesse período denominado *protestantismo missionário*, de forma mais precisa a partir da segunda metade do Dezenove. A uma parcela da população que,

em sua maioria, não possuíra ou não tivera acesso aos livros, estava naquele momento se oportunizando o porte da Bíblia ou de folhetos com porções textuais religiosas.

Com o passar dos anos, o estabelecimento das denominações protestantes no Brasil favoreceu a implantação de um sistema literário evangélico, pois seria incoerente conceber a cultura protestante sem os escritos que orientam suas práticas nas áreas litúrgica, educacional, doutrinária e evangelística. A seguir, procuraremos abordar e ilustrar, ainda que de forma parcial, cada componente desse sistema, a fim de apontarmos novas possibilidades de pesquisa para uma área que está ainda longe de ser esgotada.

5.2 Os componentes do Sistema Literário Protestante no Brasil Império

5.2.1 Sobre autores, tradutores e obras

O conjunto primeiro de autores e tradutores que atuaram diretamente na produção de uma cultura impressa evangélica no Brasil oitocentista foi, em sua maioria, composto por elementos estrangeiros. Eram os missionários, os reverendos e, em alguns casos, as esposas desses que figuravam na escritura de textos evangélicos – especialmente, na tradução de prosas de ficção, tratados doutrinários, sermões, hinos e uma gama significativa de gêneros textuais, os quais circulavam basicamente nos suportes jornal, folheto, hinário e livro. Como se vê a menos a princípio, o sistema literário protestante no Brasil teve por base o modelo europeu e norte-americano de escrita e produção literárias.

Vale salientar que não temos a pretensão de apresentar uma abordagem que contemple todos os autores e tradutores evangélicos em exercício no Império – o que escaparia ao nosso recorte de pesquisa. Isso porque cada denominação evangélica e órgão missionário em atuação à época possuíam seus escritores e tradutores que contribuíram direta ou indiretamente na produção de literatura religiosa. Sendo assim, elegemos alguns nomes que, de certo modo, representam o perfil autoral evangélico característico da segunda metade do Oitocentos. Por esta época, a imprensa protestante vivenciava o mesmo problema da imprensa laica: a falta de um grande número de escritores nacionais que pudessem explorar os gêneros literários criando-se, por essa razão, a necessidade da tradução (BROCA, 2000). A exemplo dos periódicos laicos, os periódicos evangélicos,

que iam sendo publicados em meados do Século, necessitavam de textos que satisfizessem o leitor que obtinha – por meio desse suporte mais barato e acessível – o contato com a matéria devocional e ficcional.

Dentre os escritores e tradutores desse período, se destaca o casal de missionários provenientes do Reino Unido: Robert Reid Kalley e Sara Poulton Kalley. Após se estabelecer em Macau como médico e missionário, o Rev. Kalley foi vítima de uma forte perseguição religiosa e partiu para os Estados Unidos. O presbiteriano Rev. James Fletcher já se encontrava no Rio de Janeiro, em meados da década de 50, como agente da Sociedade Bíblica Americana e havia solicitado ao seu superior, Robert Baird, o envio de “dois ou três madeirenses”, a fim de auxiliarem o trabalho evangélico no Brasil (FORSYTH, 2006). Desta forma, a convite de Baird, o Dr. Kalley chega ao Brasil em 1855, acompanhado de sua esposa. Durante a estada nos Estados Unidos, os Kalley tiveram sua atenção despertada para o Brasil por meio do contato com o livro *Sketches of residence and travel in Brasil*¹⁰³, do metodista Daniel Kidder.

O casal protestante não poderia chegar em melhor momento. Considerando a ideia de construção da nação e da busca de um país independente, D. Pedro II favorecia ainda mais a entrada de imigrantes no país, visando o progresso¹⁰⁴. O Brasil dava início a um período de reafirmação como nação e de desenvolvimento acelerado e, nesse processo, a influência inglesa foi marcante nos mais variados níveis culturais: religião, educação, literatura, industrialização, moda *etc* (FREYRE, 2008).

Porém, o desencanto com a situação sanitária degradante do Rio de Janeiro, conhecida como “uma cidade epidêmica” (MAURO, 1991), levou o casal a buscar estabilidade em Petrópolis – cidade de “ares europeus”, frequentada pela nobreza e povoada por imigrantes protestantes alemães. Após alguns meses, dá-se a implantação da

¹⁰³ A obra foi escrita em maio de 1845, dez anos antes de Sarah e Kalley chegarem ao Brasil. Essa leitura impressionou o casal protestante pelo fato de um país de proporções tão grandes não ter sido ainda alvo de um movimento missionário mais amplo, conforme é possível verificar em trecho de uma de suas cartas: “Rogai a Deus que abra o caminho para o lugar onde Ele deseje os meus serviços. Alimento a esperança de que possa ser entre os portugueses, onde não há Bíblias, nem pregadores do Evangelho; e se for este o caso, talvez alguns de vós sintam grande alegria na oração e serviço a fim de que a Verdade de Deus seja conhecida entre aqueles que falam vossa língua; mas, por enquanto, nada está decidido.” (Michel P. Testa *apud* CARDOSO, 2005)

¹⁰⁴ É possível verificar esse incentivo nas palavras do Imperador dirigidas à Assembleia Nacional em 3 de maio de 1855: “O meu governo prossegue com particular solicitude no empenho de promover a colonização da qual tão essencialmente depende o futuro do país. Conto que não serão infrutíferos os seus esforços, auxiliados, como sempre o tem sido, por vossas luzes mediante o concurso de todos os brasileiros.” (ROCHA, 1941)

primeira Escola Bíblica Dominical. Na ocasião, Sarah lecionou a história bíblica do profeta Jonas às crianças de duas famílias inglesas. Logo se estabeleceria uma pequena congregação na qual participariam as duas criadas alemãs e o jardineiro português, por meio da qual funcionava a Escola Bíblica e o Culto Doméstico.

Por um lado, Kalley exercia a Medicina oferecendo-a de forma gratuita para evangelizar os camponeses do lugar. Já sua esposa Sarah, considerando a precariedade do ensino religioso em Petrópolis, estimulou-se a desenvolver de forma marginal o projeto de educação pública, além de ministrar aulas na Escola Dominical e na “classe de música”. A influência desses projetos nas crianças e jovens de Petrópolis pode ser verificada em uma carta de condolências enviada à missionária por Maria Valéria de Sininbu, quando da morte de Kalley: “Jamais esquecerei sua bondade para comigo quando eu era menina, nem os bons livros que a senhora me deu para ler e as deliciosas horas passadas no jogo de ‘Família Feliz’ em seu agradável lar, em Petrópolis.”¹⁰⁵

A julgar pelo trecho citado, torna-se perceptível a existência de uma atividade leitora permeando as ações do casal de protestantes, efetivando o uso da palavra seja escrito (considerando os impressos tais como a Bíblia e os folhetos), seja oralizado (por meio dos sermões e trechos bíblicos lidos e dos hinos cantados como fator mnemônico). Lembrando-se dos tempos da infância, Maria Valéria de Sininbu, faz menção aos livros que lhes eram ofertados pela missionária/alfabetizadora Sarah e ao entretenimento por meio do jogo. Ao que parece, o hábito dos missionários de chegarem até as casas, oferecer bíblias de graça, ensinarem salmos, orações e hinos parece ter resultado mais eficiente do que a insistência de párocos e a obrigatoriedade oficial do ensino religioso nas escolas. A possibilidade de se alfabetizar e dessa maneira poder ler a Bíblia sem “mediadores”, o que não era possível no catolicismo, atraiu a população provinciana ao protestantismo – apesar das represálias da religião oficial.

Kalley passou a atender aos doentes em sua própria casa, onde também realizava cultos domésticos, além da Escola Dominical em que Sarah lecionava às crianças. A facilidade de Sarah no idioma alemão permitiu que a Escola Dominical nascesse bilíngue com leitura, ensino da Bíblia e hinos em inglês e alemão. Após um ano de sua chegada ao

¹⁰⁵ Trecho da referida carta encontra-se transcrito em: VIEIRA, 1980, p. 129.

Brasil, em maio de 1856, Sarah iniciou o ensino da Escola Dominical em Português. Essas ações podem ser corroboradas em depoimentos tais como o de Christina Faulhaber, uma das primeiras alunas dos Kalley em Petrópolis:

Quando eu tinha a idade de 7anos, em 1856 ou mesmo começo de 1857, freqüentava (*sic*) a Classe Bíblica do Dr. Robert Reid Kalley em Petrópolis, em sua Chácara, à Rua Joinville, hoje Ypiranga. Reuniam-se ali, das 2 ou 3 às 4 horas da tarde, aos domingos, para o estudo da Bíblia, sentados em volta de uma mesa grande, na sala de jantar, cerca de 30 a 40 alemães, meninos e meninas, em sua maioria, cada um trazendo seu Novo Testamento. Quem levasse decorado três versículos, recebia um cartãozinho com um texto bíblico; quem conseguisse adquirir 10 cartõezinhos, recebia um cartão maior, e quem conseguia 3 maiores recebia um livro. Em todas as ocasiões cantavam-se hinos. A saída encontrávamos os que vinham para o estudo bíblico em português – esses eram em menor número(...).¹⁰⁶

Do ponto de vista literário, Robert e Sarah Kalley foram bem ativos, promovendo a distribuição e produção de literatura a fim de instruir doutrinariamente aos que já eram crentes (nesta época os imigrantes) e evangelizar aos não-crentes (os brasileiros). Kalley tornaria-se membro da Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira (BSBF) em meados da década de 50. Passou, assim, a vender e distribuir livros e folhetos (Cf. Figuras 55, 56, 57), visitando casas e lojas, conversando sobre o sagrado, realizando longas caminhadas, utilizando-se da montaria. Em suas *Lembranças do Passado*, João G. da Rocha (1941, p. 46), argumentando sobre “a necessidade de matéria impressa para satisfazer as necessidades intelectuais e promover a vida essencialmente pura”, corrobora o fato de que, logo no começo de sua ação evangelizadora, “o Dr. Kalley procurou suprir essa necessidade, por meio de vários livrinhos e folhetos avulsos, já em uso na Madeira, e pela preparação de outros novos” (*ibidem*).

¹⁰⁶ Trecho colhido no *Esboço Histórico da Escola Dominical* (1932, p. 42,44), originalmente concedido por Christina Faulhaber em 1917, nesta ocasião aos 73 anos.

Figuras 55, 56, 57 – Folhetos protestantes escritos e/ou traduzidos por Robert Kalley

Figura 55

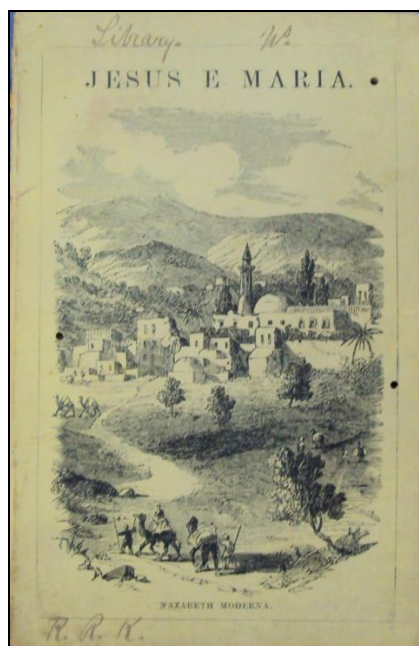


Figura 56

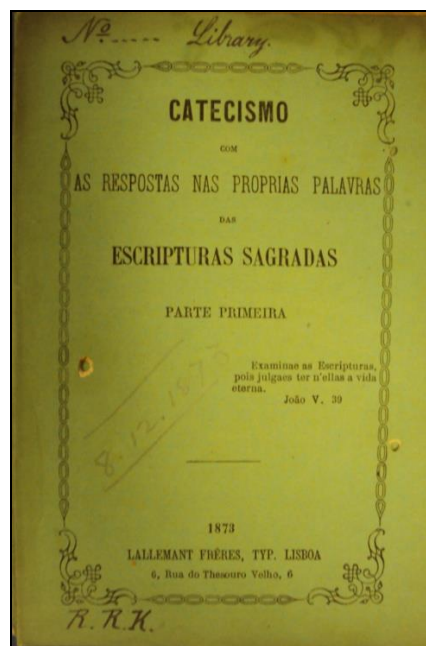


Figura 57



Fonte: Arquivo documental da Fundação Basileia (Campinas, SP)

Alguns dos materiais impressos eram encomendados por Kalley e chegavam de Lisboa e de Londres. Por volta de 1856, por exemplo, mandou vir cerca de 800 exemplares de folheto intitulado *Divina Autoridade*. Nesse mesmo tempo, de acordo com as *Lembranças* de Rocha (1941, p. 52), preparou e imprimiu um folheto denominado *A Cobra de Bronze* ou *O Remedio Efficaz para os doentes mais desesperados*. Além disso, reformulou o tratado *O que é a Bíblia?*.

A participação do Rev. Kalley, por meio de artigos de sua autoria, bem como através de traduções, foi também considerável nos principais jornais laicos em circulação no Rio de Janeiro como, por exemplo, o *Correio Mercantil* e o *Jornal do Comércio*. Conforme já abordamos anteriormente, Kalley traduziu *A Viagem do Christão*, de John Bunyan, uma das obras mais caras à história da leitura protestante.

O relatório encontrado no *Esboço Histórico da Escola Dominical* (1932, p. 55) prossegue mostrando que os Kalley, após viagem em princípios de 1857, permaneceram por algum tempo na Inglaterra, mas mantinham constante contato com as lideranças religiosas e com os fiéis deixados no Brasil por meio de cartas. Aproveitando sua estada em Londres, Kalley começou a providenciar remessas de bíblias e livros religiosos, inclusive os “*Psalmos e Hymnos*” (hinário escrito por Sarah Kalley). De Londres foram remetidos ao Rio de Janeiro “além de muitas bíblias, 850 exemplares da ‘Viagem do Christão’; 1700, do folheto ‘Três perguntas sobre a Bíblia’; uma quantidade de cartilhas, ‘Henriquinhos’ e outras publicações [...]” (*ibidem*). Os *Henriquinhos* eram livros compostos por contos morais destinados à formação da criança que circulavam na Europa, inclusive em Portugal.

Há de se considerar a ação efetiva de Sarah Kalley junto às atividades do marido. Contrariando os padrões ingleses para as mulheres no Século XIX, Sarah, que era proveniente da família de um rico industrial têxtil inglês, frequentou boas escolas e desenvolveu aptidões na área de atividades artísticas, sendo pianista, musicista, pintora, poetisa e poliglota. Ainda antes de casar-se com o Dr. Kalley e vir ao Brasil, foi professora de uma classe para rapazes da Igreja Congregacional de Torquay, lecionando também em uma escola noturna formando jovens que trabalhavam durante o dia (FREITAS JÚNIOR, 2010).

Através dessa missionária, foram abertas possibilidades ao elemento feminino englobando a autoria, publicação, distribuição e circulação de livros. Sarah Kalley foi autora dos *Salmos e Hinos*, hinário protestante ainda em uso por algumas denominações evangélicas, e do livro *Alegria da casa* (Cf. Figura 58 a seguir). Publicado inicialmente no Brasil em 1866, mas, posteriormente, também em Portugal, o livro ocupa um lugar de destaque entre as produções literárias protestantes em circulação no Brasil a partir da segunda metade do Século XIX. Vale salientar, conforme visto no capítulo primeiro, que as obras evangélicas de autoria feminina já eram uma realidade desde o princípio do Oitocentos a julgar pelos catálogos verificados.

Figura 58 – Capa da nona edição do livro *A Alegria da Casa* (1916), de Sarah Kalley



Fonte: Arquivo documental da Fundação Basileia (Campinas, SP)

A Alegria da Casa pode ser comparado a um manual de civilidade que busca elucidar tessituras do cotidiano das mulheres em dez capítulos os quais, por sua vez, abordam o cuidado com a casa e sua higienização, o cuidado com os filhos, aspectos da relação conjugal e aspectos da vida devocional. Os manuais de civilidade passaram a constituir um gênero literário dedicado à “ciência da civilização” de amplo consumo na Europa, chegando depois aos países colonizados. Como uma herança advinda do Século XVI, a partir da obra de Erasmo de Roterdã *A civilidade pueril* (1530), o conceito de civilidade toma significações diversas ao longo do tempo (CHARTIER, 2004). No Século XIX, as regras de civilidade são apresentadas com um duplo objetivo: “preservar a importância dos velhos gestos” e, ao mesmo tempo, “preparar os indivíduos para as novas condições sociais, políticas e econômicas características de uma época pós Revolução Francesa” (PILLA, 2003, p. 13).

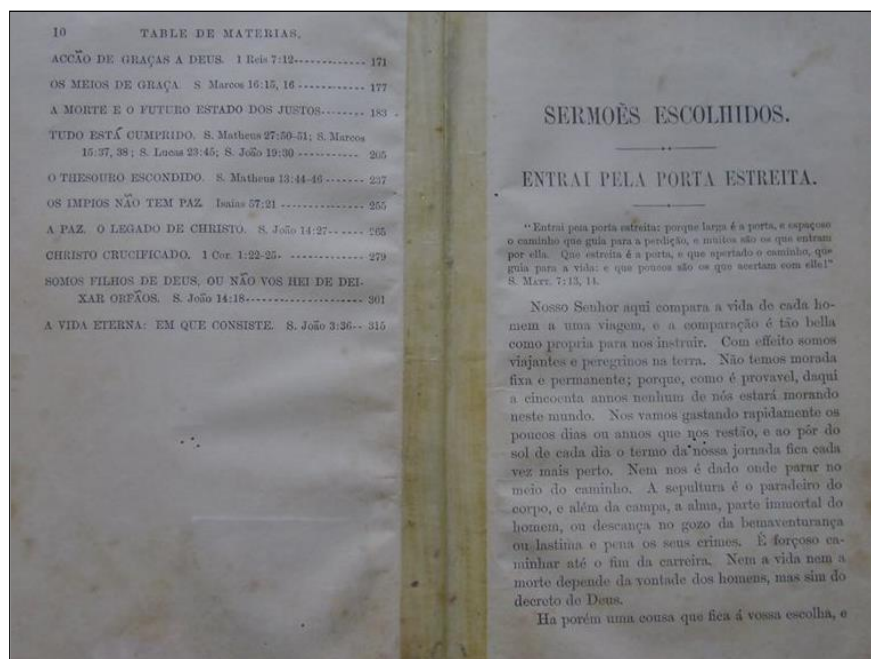
A simplificação era uma das características desses manuais no Oitocentos, que proporcionavam uma leitura rápida e objetiva tornando mais fácil a consulta de temas específicos. Ao comentar a obra *Código de Bom-Tom*, de J. I. Roquete, publicada pela primeira vez em Portugal em 1845, Lilia Schwarcz (1997, p. 29) esclarece, ao introduzir uma nova edição do manual organizada por ela, que as intenções do autor eram: “[...] ensinar o ritual (de forma didática), para que ele se interiorize e pareça cada vez mais ‘natural’, explicar como agir nas mais diferentes situações do convívio social [...]”. Nesse sentido, *A Alegria da Casa* enquadra-se perfeitamente no conjunto de literatura de civilidade, quando Sara trata, inclusive, sobre as regras de higienização e comportamento domésticos. Além disso, muito da sociedade brasileira e seus costumes em meados do Século XIX são apresentados pelo olhar de uma europeia, o que transforma o livro numa importante fonte documental.

Sarah Kalley escrevia e traduzia textos que eram utilizados como folhetos de propaganda evangélica, hinos e exercia a supervisão dos artigos escritos pelo Rev. Kalley para publicação nos jornais. Nas memórias escritas pelo filho adotivo dos Kalley, João Gomes da Rocha (*apud* CARDOSO, 2005, p. 213), é possível encontrar alguns títulos, dentre os quais: *O sábio e as guerras da famosa cidade da alma humana*. O trabalho de tradução não era bem quisto por Sarah que, em suas anotações, lhe parecia “coisa servil”, porém

resignava-se a fazê-lo reconhecendo que “todos somos simples servos de nosso amo” (ROCHA, 1941, p. 128).

Ashbel Green Simonton (1833 –1867), fundador da denominação presbiteriana no Brasil, também se constituiu importante autor e tradutor de obras. Sua maior contribuição diz respeito aos sermões e artigos que ajudaram a compor o conteúdo do jornal *Imprensa Evangélica* (1864). Em número desse jornal, datado de 18 de fevereiro de 1871, encontramos anunciado, por exemplo, os *Sermões Escolhidos do Rev. A. G. Simonton* (Cf. Figura 59 a seguir). Conforme o anúncio: “obra em 1 volume de 240 páginas, 8º, ornado com o retrato do autor aberto em aço”, estando à venda “na casa dos Srs. Laemmert, rua do Ouvidor, e [...] na Livraria Evangelica, n. 11 travessa da Barreira” (p. 32). A obra consta de 26 sermões selecionados pelo Rev. Blackford¹⁰⁷ e foi publicada no ano de 1869, em Nova York, um ano e meio após a morte do Rev. Simonton (MATOS, 2007).

Figura 59 – Página do livro *Sermões Escolhidos do Rev. A. G. Simonton* (1869)

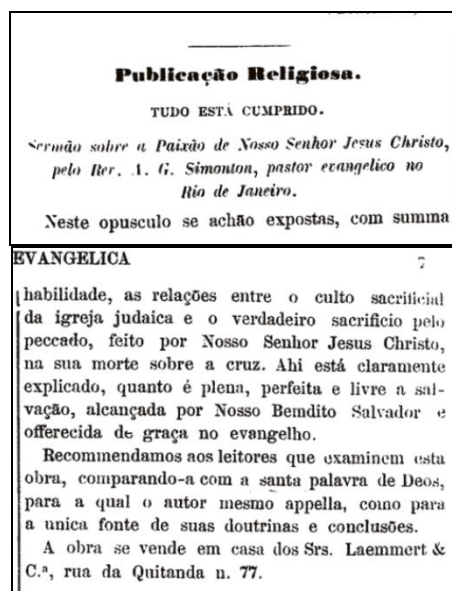


Fonte: Arquivo pessoal do Prof. João Leonel

¹⁰⁷ Alexander Latimer Blackford (1829 – 1890) nasceu em Ohio – EUA. Ministro presbiteriano de formação teológica pelo Westwm Theological Seminary decidiu servir como missionário no Brasil. Casado com Elizabeth Blackford (irmã do Rev. Simonton), tornou-se um dos principais colaboradores da implantação do presbiterianismo no Brasil, além de colaborar na elaboração do jornal *Imprensa Evangelica* (FERREIRA, 1992).

Vale salientar que os sermões de Simonton são singulares em diversos aspectos: apresentam um panorama dos discursos que permeavam as prédicas iniciais dos missionários presbiterianos no Brasil; apontam as temáticas prediletas dessas prédicas, os modos como a Bíblia era tomada e interpretada, os aspectos teológicos difundidos pelas pregações e as ideias a que os protestantes buscavam combater. Os *Sermões* do reverendo presbiteriano também foram postos a venda na Livraria dos Laemmert sendo, possivelmente, também editados pelos irmãos tipógrafos, de acordo com anúncio do *Imprensa Evangélica* veiculado em 06 de março de 1864, conforme se verifica na Figura 60 abaixo.

Figura 60 – Anúncio veiculado no *Imprensa Evangélica* (06/03/1864) sobre sermão de A. Simonton



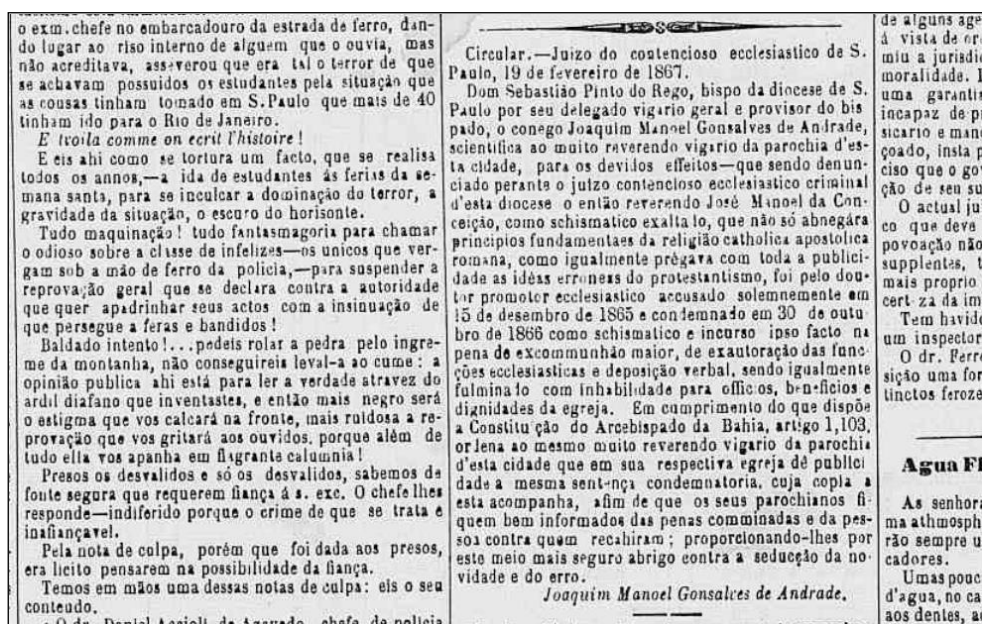
Fonte: Coleção do jornal *Imprensa Evangélica* do Arquivo Histórico Presbiteriano (SP)

Dentre os autores protestantes dessa época, José Manuel da Conceição seria o primeiro escritor a dar uma feição brasileira às produções evangélicas. Nascido em São Paulo no ano de 1822, seguiu o caminho do sacerdócio. Estudou teologia e desde os dezoito anos travou contato com a leitura da Bíblia, descobrindo conflitos entre os ensinamentos das Escrituras e certas práticas religiosas católicas. Ficou conhecido, portanto, como “o padre protestante” por incentivar o povo à leitura da Bíblia. Em outubro de 1864, o Pe. Conceição fez sua pública confissão de fé e foi batizado pelo Rev. Blackford,

deixando de vez o catolicismo – o que causou consternação no meio romano por ser um padre culto e influente.

Como tradutor, o padre protestante atuou no Rio de Janeiro para os irmãos Laemmert. Traduziu obras que, de certa forma, o influenciaram, a exemplo de *Nova história sagrada do Antigo e Novo Testamento* (1856) e ainda *Exéquias a Abrahão Lincon, presidente dos Estados Unidos* (s. d.). Esses editores faziam vir da Europa livros que Conceição os encomendava e lhes oferecia outros por conhecerem suas intenções reformistas. Possuía clareza de ideia e um grande potencial oratório, tornando-se um dos principais colaboradores do jornal *Imprensa Evangélica*. Durante suas peregrinações, o Rev. Conceição passava as horas vagas escrevendo sermões e hinos, traduzindo livros e artigos e fazendo anotações que eram posteriormente passadas a limpo e depois enviadas aos amigos e à redação do *Imprensa* (COSTA, 2012). Em 1867, publicou-se em brochura, através da Tipografia Perseverança, a *Sentença de excomunhão e sua resposta*. O livro apresenta a “Sentença de excomunhão e Exautoração” que havia sido publicada à época no jornal *Correio Paulistano* de 23 de abril de 1867, acompanhada da defesa do reverendo protestante Manuel da Conceição.

Figura 61 – Trecho da Excomunhão do Pe. José Manoel da Conceição publicado no *Correio Paulistano*

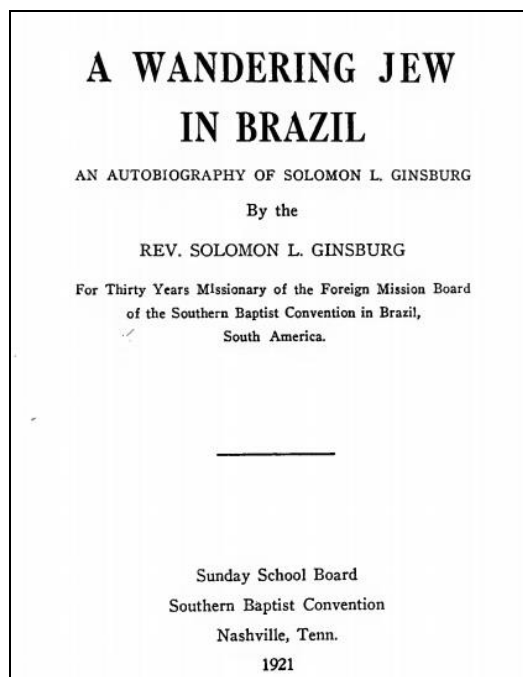


Fonte: <memoria.bn.br/pdf/090972/per090972_1867_03269.pdf>

Entre os autores e tradutores da denominação Batista, com atuação no Brasil em fins do Século XIX, destaca-se Salomão Luiz Ginsburg (1867 – 1927). Polonês, filho de rabino, converteu-se ao cristianismo na Inglaterra, onde teve contato com as doutrinas protestantes. Sendo, por isso, excomungado e renegado pela família, passou a estudar no *Regions Byond Mission College* – um lar destinado a judeus convertidos. Ali aprendeu o ofício da tipografia (GINSBURG, 1926). Após tentativas frustradas de evangelização dos judeus, recebeu o convite de Sarah Kalley para envolver-se com a evangelização no Brasil, sendo aconselhado a passar um ano em Portugal para aprender o idioma. Depois de produzir um folheto polêmico contra a Igreja Católica, teve de retirar-se e veio ao Brasil, tornando-se membro da Igreja Fluminense no Rio de Janeiro. Porém, em contato com o reverendo batista Zacarias Clay Taylor, filiou-se aos Batistas sendo nomeado missionário em 1891 pela *Forein Mission Board* (ou Junta de Richmond como é conhecida) (BRAGA, 1961).

Do ponto de vista literário, Salomão Ginsburg colaborou com artigos para diversos jornais evangélicos, como também publicou artigos de propaganda protestante para jornais laicos. Em 1891, publicou, em Pernambuco, um folheto contendo 16 hinos de sua autoria, cujo acréscimo de outras composições deu origem ao tradicional hinário da denominação Batista – o *Cantor Cristão*. Escreveu também sua autobiografia, *A Wandering Jew in Brazil* (cf. Figura 62 a seguir), publicada originalmente em 1922 pela *Southern Baptist Convention* (EUA). O livro foi também traduzido e publicado no Rio de Janeiro pela Casa Publicadora Batista, em 1927, sob o título *Um judeu errante no Brasil* (Cf. Figura 63 abaixo).

Figura 62 – Contra capa da autobiografia do Rev. Salomão Ginsburg



Fonte: <ia700402.us.archive.org/26/items/cu31924020401992/cu31924020401992.pdf>.

Figura 63 – Capa da primeira edição em português da autobiografia do Rev. Salomão Ginsburg



Fonte: <almanaquedehistoria.blogspot.com.br/2010/12/livro-raro-para-download-um-judeu.html>

Muitos outros autores e tradutores contribuíram para a implantação e formação de um sistema literário protestante na segunda metade do Oitocentos brasileiro. No entanto, buscamos abordar, anteriormente, alguns representantes desse conjunto, considerando as principais denominações evangélicas, denominadas “históricas” que atuam ainda hoje no país. A seguir, apresentaremos uma abordagem sobre algumas casas publicadoras e seus respectivos editores, que se dedicaram a publicar os impressos protestantes no período pesquisado.

5.2.2 Sobre os editores

De acordo com as pesquisas realizadas no campo da cultura impressa no Brasil, é a partir da segunda metade do Século XIX que o processo de produção, circulação, venda e disseminação de materiais impressos (a exemplo de livros, manuais práticos, compêndios, periódicos, trovas, almanaques, guias epistolares, folhetos de cordel, peça de teatro, *etc*) cresce de forma significativa, relacionado ao momento de popularização do livro (AL FAR, 2006). Consequentemente, uma nova organização do mercado de impressos tornou-se elemento favorável para o acesso de um número maior e mais diversificado de pessoas a esse objeto cultural e seus usos.

Logo, se num primeiro momento de recepção e circulação de livros no país, esse material estava mais relacionado à erudição, ao estudo, ao trabalho intelectual, posteriormente, com a popularização do impresso, é possível perceber outras apropriações por parte de seus leitores. De acordo com Alessandra Al Far (2006, p. 18, 19), essa efervescência cultural “não tardou em atrair a atenção de livreiros e tipógrafos estrangeiros [...] que trouxeram na bagagem uma bem-vinda experiência no campo de impressões e publicações”. O desenvolvimento do espaço urbano verificado, a princípio, na cidade do Rio de Janeiro, aliado à crescente necessidade de instrução, contribuiu para que um expressivo número de tipografias, editoras, mercadores ambulantes e livrarias se espalhassem na cidade.

Essa configuração editorial do campo laico podia ser também observada no contexto cultural evangélico. Vale salientar, porém, que a partir da terceira década do Século XIX, a divulgação e circulação de impressos protestantes eram realizadas no Brasil por meio da atividade editorial da *Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira* (BFBS) e da *Sociedade Bíblica Americana* (ABS), fundadas em 1804 e 1816 respectivamente. O pastor galês Thomas Charles, definiu desde então o objetivo tríplice da organização: traduzir a Bíblia segundo os originais no maior número possível de línguas; imprimi-la ao preço mais acessível e distribuí-la a todas as camadas sociais. Sendo a ABS apoiada por contribuições financeiras particulares e de igrejas protestantes que com ela passaram a colaborar desde cedo, novas agências foram sendo implantadas no mundo todo, dando origem às novas sociedades bíblicas nacionais¹⁰⁸. É importante ressaltar que a BFBS foi estabelecida para a ampla distribuição das Escrituras sem notas ou comentários. Sobre essa questão, Rudi Zimmer (2013, p. 117) esclarece:

As várias controvérsias teológicas do século anterior ainda estavam muito vivas, resultando em uma série de Bíblias com notas tendenciosas, procurando enfatizar a doutrina de uma ou outra corrente teológica. A nova Sociedade, por isso, não queria se envolver em tais discussões. Sua única preocupação é que as pessoas pudessem ter acesso às fontes da fé cristã na Bíblia, ao invés de qualquer uma das interpretações particulares do evangelho.

Os impressos protestantes em língua portuguesa elaborados pela BFBS foram, a princípio, também difundidos em Portugal, a julgar pelas duras críticas católicas à instituição encontradas na obra *Conversações familiares acerca do Protestantismo Actual* (1864) escrito por M. L. G. de Ségur, traduzidas de sua sétima edição francesa. Esta obra reflete o pensamento da Europa católica sobre a organização das Sociedades Bíblicas e a atividade desempenhada por essas na distribuição de impressos evangélicos. Conforme o autor:

[...] Fundam-se multiplicadas associações para fazerem guerra a religião catholica e estas sociedades bíblicas, evangelicas e outras, referem publicamente, em seus relatórios annuaes os esforços e os progressos que alardêam triumphalmente os milhões que o espírito de tudo sabem reunir em

¹⁰⁸ A Sociedade Bíblica do Brasil foi organizada em junho de 1948 sob o lema “Dar a Bíblia à Pátria.”

frança, e sobre tudo, nos países estrangeiros, para alimentar o seu zelo, e remunerar os seus triumphos. [...] Um catholico mui piedoso, que na meditação da sagrada Escripura encontra substancial alimento para a vida religiosa, me perguntava se as sociedades bíblicas, espalhando copiosamente exemplares da mesma Biblia, não faziam em summa uma coisa util as almas, e não davam, sem o saberem, proficuo auxilio a Egreja Catholica. Admirava-se este de que o Papa as houvesse solememente condemnado e as tivesse apelidado PESTES.” (p. 03, 122) (Grifo do autor)

A grande maioria do material impresso evangélico possuía circulação garantida em solo brasileiro por meio do trabalho de colportagem de agentes das próprias sociedades bíblicas, de missionários e de representantes das denominações evangélicas históricas atuantes no país. Essas instituições prescreviam o percurso de comunicação dos seus impressos, definindo os temas, os autores e os colportores¹⁰⁹. Esses, por sua vez, caracterizaram-se no Brasil como vendedores ambulantes de impressos evangélicos. Apresentavam, geralmente, uma formação escolar primária e cabia-lhes a responsabilidade de vender os impressos e observar as cidades mais apropriadas para a instalação de igrejas e escolas protestantes (NASCIMENTO, 2007).

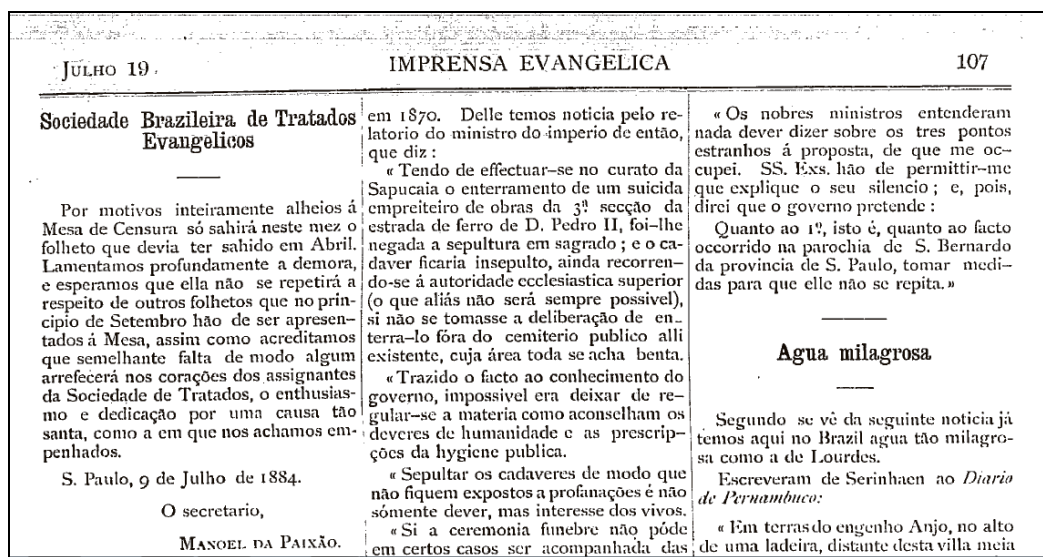
Com o crescimento da população evangélica, o surgimento de pequenas congregações em cidades interioranas e a escassez de pastores surge – por meio da iniciativa do reverendo presbiteriano Eduardo Carlos Pereira (1855 – 1923) – a ideia de “criação de uma sociedade, integrada por pastores e fiéis de todas as igrejas, com o objetivo de editar panfletos evangélicos” (RIBEIRO, 1987). Seria o primeiro passo rumo à conquista de certa autonomia editorial da cultura impressa evangélica que era, até então, controlada por autores, tradutores e editores estrangeiros. Em 1883, com apoio financeiro de membros das igrejas presbiterianas, foi estabelecida a Sociedade Brasileira de Tratados Evangélicos (SBTE). A Sociedade publicou uma série de folhetos, nas duas últimas décadas do Dezenove: “mais de 90 mil exemplares foram editados e distribuídos” (MENDONÇA, 1995, p. 87).

O primeiro tratado no suporte folheto, intitulado *O Culto dos Santos e dos Anjos* (1884), foi escrito pelo Rev. Eduardo Pereira. No jornal *Imprensa Evangélica*, é possível

¹⁰⁹ Os mascates carregavam sempre consigo uma sacola aberta ou cesta comprida a sua frente, pendurada no pescoço, contendo livros, almanaques e folhetos. Por isso, foram denominados pelos franceses de *colporteur* (NASCIMENTO *apud* ALMEIDA, 2013)

encontrar, a partir de 1883, diversas notas e artigos referentes à SBTE, envolvendo lista de colaboradores, informações burocráticas sobre a instituição, entre outros informes. Por exemplo, o número datado de 19 de julho de 1884 apresenta uma nota com pedido de desculpas, redigido pelo então secretário Manoel da Paixão, pelo atraso de publicação do primeiro folheto prometido para o mês abril do ano em questão (Cf. Figura 64 a seguir).

Figura 64 – Página do jornal *Imprensa Evangélica* contendo justificativa sobre o atraso da publicação do primeiro folheto da Sociedade de Tratados



Fonte: Coleção do Jornal *Imprensa Evangélica* do Arquivo Presbiteriano (SP)

O editorial do *Imprensa Evangélica* veiculado em 20 de dezembro de 1884 (p. 186), assinado pelo Rev. Eduardo Pereira, apresenta uma defesa da SBTE em relação às críticas de que os valores dados pelos sócios contribuintes para a manutenção da instituição editorial poderia prejudicar a coleta nas igrejas. Em suas palavras, o reverendo revela a quantidade de impressos distribuídos, além de exaltar a importância da Sociedade para o protestantismo no âmbito propagandístico:

Não devemos, por consequência, encherger tão somente uma certa corrente pecuniária, desviada de seu curso mundano, ou simplesmente vinte mil tractados espalhados annualmente na vasta superficie deste império.

Alarguemos nossas vistas, e não só consideremos as consequências espirituaes, mas a significação, principalmente em face dos contratempos, e a influencia moral desses fatctos notáveis. Quanto a significação, a *Sociedade* é a affirmação, em pequena escala, do espirito de iniciativa vital e autonômico do espírito genuíno do christianismo; [...] ella é a accentuação incipiente, si me permitem o termo, do character missionario, propagandista, que distingue singularmente a religião do Filho de Deus. Eis o que ella significa.

Vários folhetos e opúsculos foram editados pela sociedade, apesar de impressos em tipografias diversas como, por exemplo, a Tipografia de Lery King Boowalter & Co em São Paulo (VASCONCELOS, 2010). Com o passar dos anos, a qualidade do papel e o esmero da tipografia das capas foram decaindo. A SBTE chegou ainda a adquirir uma tipografia também em São Paulo, na qual passou a imprimir o jornal evangélico *O Estandarte* (1893), mas foi sendo desativada lentamente em detrimento das Missões Nacionais da denominação presbiteriana, do Seminário Teológico e do próprio *O Estandarte*. Houve, em 1903, uma tentativa de reativá-la, porém sem sucesso (RIBEIRO, 1987).

Após os esforços do Rev. Simonton e de outros pioneiros em produzir e fazer traduzir textos para leitura devocional dos evangélicos brasileiros e das publicações feitas pelo Rev. Kalley (editadas em Portugal e na Grã-Bretanha), boa parcela da literatura evangélica consumida na segunda metade do Oitocentos no Brasil era proveniente do exterior. A julgar por alguns títulos editados e distribuídos pelos evangélicos no Brasil, é possível constatar que havia centros de produção localizados fora do país. Muitos dos títulos distribuídos pelos missionários eram editados em Portugal, Estados Unidos e Grã-Bretanha.

É importante colocar que a prática de se recorrer a tipografias do outro lado do Atlântico não era exclusiva apenas dos protestantes, sendo também uma recorrência entre os editores laicos. De acordo com Nelson Sodré (1977), as editoras brasileiras na segunda metade do Oitocentos mandavam imprimir no exterior em Portugal, na França, *etc*, e em outros países menores que praticavam isenção fiscal. Para Hallewell (2005, p. 200), a razão para a preferência da produção europeia se justificava por fatores de ordem

econômica: a confecção de livros e outros impressos na Europa e nos Estados Unidos apresentava menores custos e qualidade superior à produzida no Brasil.

Corroborando essa informação, dispomos de várias referências de livros e folhetos em língua portuguesa, distribuídos no Brasil, porém editados no exterior, conforme ilustram as Figuras 65 e 66 a seguir. Esses impressos eram produzidos tanto por editoras comerciais, quanto na editora presbiteriana estabelecida em Portugal (Livraria Evangélica) sobre a qual falaremos a seguir. Entre alguns títulos observados, encontram-se:

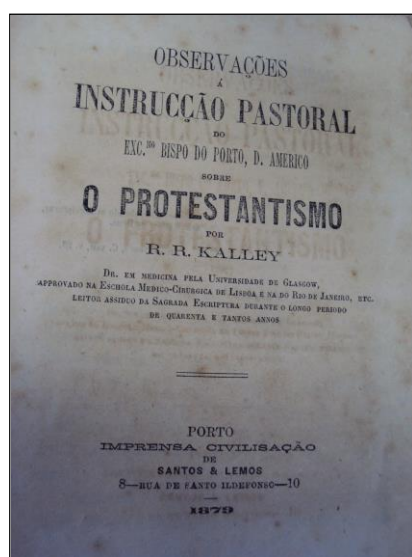
Os Deístas e a verdade das Escrituras. Lisboa: Tipografia do Dicionário Universal Portuguez (1893).

Ao Asceptico: uma carta sobre a ressurreição de Jesus tirada do Evangelho em Triunfo. Londres: Tipografia de Clowes e Filhos (??)

O Novo Testamento do Senhor e Salvador Jesus Cristo. Nova York: Sociedade Americana da Bíblia (1858)

Observações à Instrução Pastoral do Excmo Bispo do Porto sobre o Protestantismo por R. R. Kalley. Porto: Imprensa Civilização de Santos & Lemos (1879) (Grifos nossos)

Figura 65 – Capa de Livro escrito pelo Rev. Robert Kalley e editado no Porto (Portugal)



Fonte: Acervo de impressos protestantes da Associação Basileia (Campinas/SP)

Figura 66 – Capa do livro escrito por Rev. Carlos Leslie, editado e impresso em Lisboa



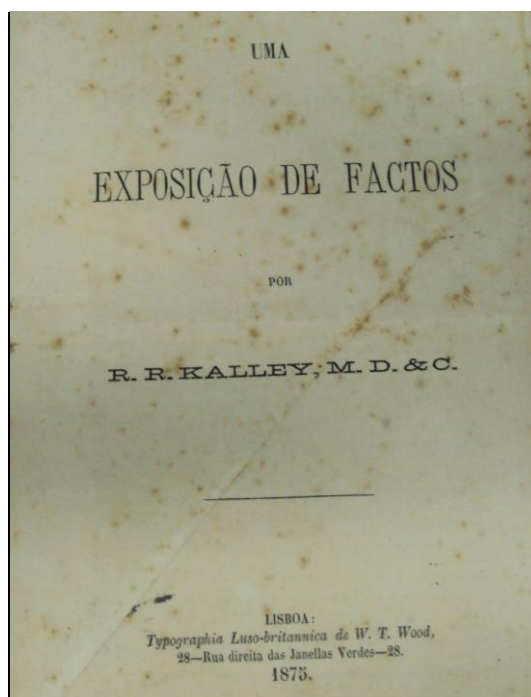
Fonte: Acervo do Arquivo Histórico Presbiteriano (SP)

Com sede na célebre “Rua das Janelas Verdes”, em Lisboa, a Livraria Evangélica¹¹⁰ era uma Agência da Sociedade de Tratados Religiosos, que iniciou suas atividades ainda no Século XIX e, em 1913, separou-se da Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira – estabelecida em Portugal desde 1864. À Sociedade Bíblica coube, então, prosseguir da difusão da Bíblia, Testamentos e Porções, através da intensificação do trabalho de colportagem; à *Livraria*, por sua vez, incidir na vertente editorial, o que aconteceu até o ano de 1935. Em poucos anos de atividade, já contabilizava 40 títulos publicados, em 1878, dentre os quais folhetos evangélicos (doutrinário e de controvérsia), novelas

¹¹⁰ “Rua das janelas Verdes, no. 32” indica o local onde os presbiterianos instalaram sua tipografia em Lisboa (Livraria Evangélica). O edifício era um antigo e extinto convento Carmelita, conhecido por Marianos, sendo posteriormente arrematado pelo escocês Rev. R. Stewart (FERREIRA, 1992).

históricas, além de alguns livros que foram, primeiramente, publicados à moda de folhetins nos jornais confessionais (AFONSO *et all*, 2012) – o que vem a comprovar o constante intercâmbio de escrito, fator característico da cultura impressa oitocentista. A *Livraria* não apenas editava e fazia imprimir os impressos evangélicos, como também servia de posto para venda de material protestante produzido por outras tipografias da região. É o caso da obra *Uma exposição de fatos* (1875), escrita por Robert R. Kalley e impressa pela “Tipografia Luso-britannica de H. T. Wood”, onde consta na capa o endereço “Rua das Janellas Verdes, 28”, como se vê na Figura abaixo.

Figura 67 – Capa do livro escrito pelo Rev. Robert Kalley à disposição na Rua das Janelas Verdes (Lisboa)

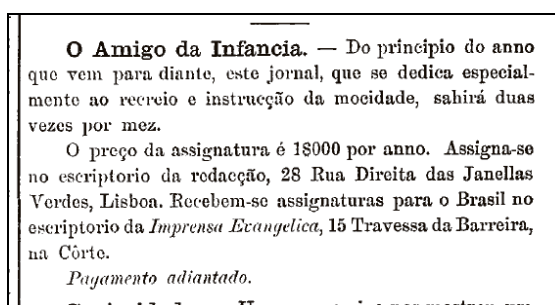


Fonte: Acervo de impressos protestantes da Associação Basileia (Campinas/SP)

A seção “Anúncios” do jornal *Imprensa Evangélica*, datado de 20 de outubro de 1877 (p. 167), faz menção ao periódico *Amigo da Infância* como uma publicação destinada ao “recreio e instrucção da mocidade” indicando como escritório da redação “28, Rua direita das Janellas Verdes, Lisboa” (Cf. Figura 68 a seguir). Encontramos ainda o título *André*

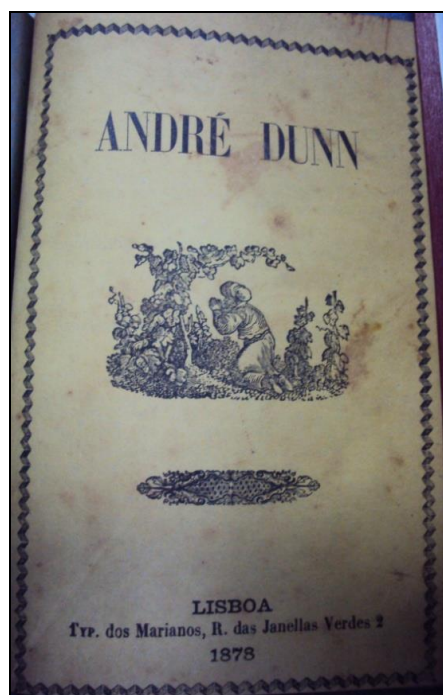
Dunn (1878), aos moldes de uma narrativa ficcional e exemplar, editado na “Tipografia dos Marianos, R. das Janellas Verdes”, conforme ilustrado na Figura 69. A exemplo desses, uma gama de impressos verificados nos centros de documentação evangélica foram remetidos pela Livraria Evangélica, situada em Lisboa, mais propriamente na “Rua das Janelas Verdes”.

Figura 68 – Anúncio do jornal *Imprensa Evangélica* (20/10/1877) com menção à editora da “Rua das Janellas Verdes, 28”



Fonte: Coleção do jornal *IE* do Arquivo Histórico Presbiteriano (SP)

Figura 69 – Capa do livreto *André Dunn* editado pela Livraria Evangélica (Lisboa)



Fonte: Acervo de literatura protestante da Fundação Basileia (Campinas/SP)

No contexto nacional, muitos títulos evangélicos foram ainda publicados pela Tipografia Universal Laemmert – a segunda editora comercial mais importante do país ao longo da segunda metade do Século XIX e a principal ao final do Oitocentos (HALLEWELL, 2005). Esta tipografia pertencia aos dois irmãos protestantes Eduardo e Henrique Laemmert, responsáveis pela impressão do primeiro número do também primeiro periódico evangélico do país – o jornal *Imprensa Evangélica* (1864), cujos exemplares estavam à venda na própria livraria dos Laemmert. Apesar das ameaças católicas ocorridas por ocasião da impressão da folha evangélica, os editores franceses já haviam editado e impresso outras obras evangélicas. Em 1861, por exemplo, os Laemmert foram os responsáveis pela publicação da primeira versão brasileira da coletânea de hinos da autoria de Sara Kalley – os *Salmos e Hinos*. Além disso, folhetos e livros produzidos por Robert Kalley foram também editados pelos Laemmert. Por meio de pesquisa realizada na Fundação Basiléia (Campinas/SP), encontramos o título *Uma pequena chave de um grande Tesouro ou as verdades da religião cristã demonstradas à evidência pela Bíblia Sagrada* (1861)¹¹¹, como uma produção da referida tipografia (Cf. Figura 70 abaixo). No jornal *Imprensa Evangélica* é possível também encontrar menção a obras evangélicas editadas pelos irmãos Laemmert, conforme pudemos constatar na seção intitulada “Noticiário” do número veiculado em 29 de agosto de 1874 (p. 128):

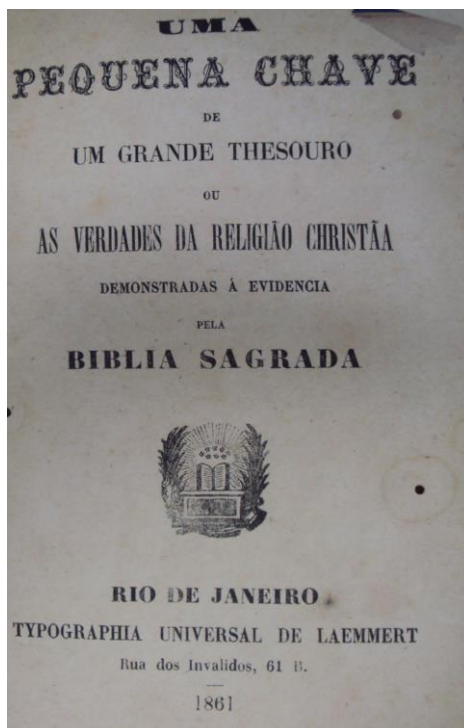
Os velhos Catholicos – Os senhores Laemert acabam de publicar *A profissão de fé dos velhos Catholicos na Alemmanha, elucidada na carta pastoral de Monsenhor o Bispo Joseph Hubert Reinkins, seguida da Exposição dos Obstáculos á Reforma catholica; vertida para o Portuguez pelo Dr. Miguel Vieira Ferreira*. Agradecemos a offerta desta obra, que mui o recommendamos a nossos leitores. Reservamos para outra ocasião algumas reflexões sobre o assumpto.

Por sua vez, a seção “Annuncios” do *Imprensa Evangélica*, datado de 18 de abril de 1874, informa que “sahiu à luz em casa dos editores E. & H. Laemmert, a interessante publicação intitulada “Traços Históricos e pontos principaes de divergência das igrejas evangelica protestante e catholica romana por Erich Stiller” (p. 68), conforme se pode verificar na Figura 71 a seguir. Não há indícios de que os irmãos Laemmert tenham

¹¹¹ Apesar do livreto não apresentar a autoria, o mesmo se encontrava entre os impressos e cartas do Rev. Kalley, o que nos leva a crer que a obra seja, possivelmente, de sua autoria.

editado por iniciativa própria alguma obra protestante, tendo-o feito atendendo a encomendas. Por sua vez, é possível supor que os missionários evangélicos, ao pretender publicar obras, procuravam os Laemmert devido a certa afinidade religiosa.

Figura 70 – Capa de livro possivelmente escrito pelo Rev. Kalley e editado pela Tipografia Laemmert (1861)



Fonte: Acervo de impressos protestantes da Associação Basileia (Campinas/SP)

Figura 71 – Página do *Imprensa Evangélica* (18/04/1874) constando anúncio de obra evangélica editada pelos Laemmert

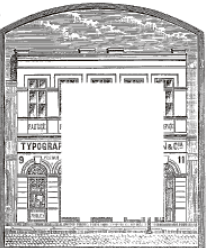
Dizem os viajantes que as ruas de Veneza são excessivamente estreitas e tortuosas, e que só ha um meio que póde salvar o estrangeiro nessa cidade de perder-se inteiramente nesse labyriuto de voltas e encruzilhadas. A vereda ou passeio principal esta calçado de marmore branco, e leva directamente para a <i>Ponte di Rialto</i>. De maneira que quem segue esta linha branca, póde desenredar-se de toda a dificuldade a este respeito. Que bello emblema de Jesus, cuja vida pura e perfeita, delineada nos evangelhos como um guia seguro para nossos pés por entre os caminhos tortuosos da vida, leva-nos directamente para a realização de todas as nossas aspirações. Elle mesmo nos diz: «Eu sou o caminho. Ninguém vem ao Pai, senão por mim». Quem o segue sempre alcançará afinal o verdadeiro fim de sua existencia. <i>As voltas podem ser muitas, mas grandes e dif-</i>	ANNUNCIOS. Sahiú à luz em casa dos Editores E. & H. Laemmert, a interessante publicação intitulada TRAÇOS HISTORICOS E PONTOS PRINCIPAES DE DIVERGENCIA DAS IGREJAS EVANGELICA PROTESTANTE E CATHOLICA ROMANA POR ERICH STILLER Pastor evangelico, doutor em theologia 1 broch. preço 500 rs., carton, 640 rs. Sendo geralmente ignoradas ou intencionalmente desfiguradas os principios e doutrina da religião professada pelos protestantes, as pessoas que desejam esclarecer-se acerca de tão importante assumpto encontrarão na presente obrinha uma clara e succinta exposição dessa doutrina, precedida de um interessante esboço de sua origem e desenvolvimento.
---	--

Fonte: Coleção do jornal *Imprensa Evangélica* do Arquivo Histórico Presbiteriano (SP)

Em se tratando da história editorial evangélica no Oitocentos, o Rev. Emanuel Vanordem não pode deixar de ser considerado como editor e tradutor. Ex-judeu convertido ao protestantismo e de origem holandesa, Vanordem era “um missionário de biografia curiosa e personalidade controvertida” (MATOS, 2007, p. 46). Conforme já exposto no capítulo da presente pesquisa que trata dos jornais protestantes, migra para o Rio Grande do Sul e lá estabelece, por volta de 1876, a Tipografia Vanordem, que pode ser considerada, inclusive, como a primeira tipografia originalmente protestante do país. Funda também uma livraria onde vende os impressos produzidos e outros produtos evangélicos. Vanordem editou e fez imprimir periódicos, dentre os quais destaca-se *O Pregador Cristão* (1877) e, já na última década do século, então sediado em São Paulo, o periódico destinado ao público infantil *A Aurora* (1892), o qual parece ter sido alvo de uma maior dedicação por parte de seu editor e impressor a julgar pelos anúncios e propaganda que faz do jornal infantil nas páginas do *Imprensa Evangélica*, conforme ilustrado na Figura 72 abaixo.

Figura 72 – Anúncio do periódico *A Aurora* (1892) veiculado no *Imprensa Evangélica* (26/03/1892, p. 101)

VANORDEN & C.



SÃO PAULO

9 -- RUA DO ROSARIO -- 11

CAIXA DO CORREIO, 143

PROSPECTO

Os dois primeiros números da *Aurora* têm sido muito bem recebidos. Não somente pastores de Igrejas e directores de Collegios, mas também paes de familia, se apressam em mandar as suas assignaturas, porque os pequeninos gostam de receber o jornalzinho.

Este facto nos anima a fazer tudo o possível para que se continue cada vez mais a sua utilidade.

HISTORIA NATURAL

Foi-se generosamente offerecido pelo distincto director da Escola Americana, Dr. H. M. Lane, o uso de uma collecção de gravuras illustrando a Historia Natural, que, logo que subirem da Allestada, aderão consecutivamente as novas columnas, acompanhadas das respectivas descripções.

Tambem esperamos novas gravuras a respeito de scenas e eremitas da Historia Biblica e Universal. Pedimos, pois, o auxilio de todos os amigos da infancia, para que a edição seja de 5.000, em vez de 1.000 exemplares.

Condições de assignaturas

1 exemplar, 14000 réis por anno.
25 exemplares para cima, á razão de 620 réis por anno.

Quem nos mandar pelo Correo 100000 réis para 10 exemplares receberá um bonito livrinho -- *As Provocações do Espirito Encarnado*, e quem nos enviar 145000 réis para 25 exemplares receberá outro bonito livrinho -- *Os Habitantes do Ar*, com estampas coloridas.

Assignaturas recebidas

Escola Americana, S. Paulo	50	Transporte	390
Philippe Carvalho, Uta	1	Escola Neutralidade, S. Paulo	25
J. E. Capetan, S. Paulo	1	Dr. Jorge Tybédig, S. Paulo	1
J. Zacharias, Srocoba	40	Dr. Leopoldo Couto de Magalhães, São Paulo	1
Z. W. Tachet, Juiz de Fora	25	Maria de Cerejeira	3
Escola Dominical da Bella Vista, S. Paulo	30	J. L. Fernandes Braga, Rio de Janeiro	4
Mrs Emma Porter, Rio de Janeiro	95	Gasper Schiller, S. Paulo	1
Collegio Americano, Tacheté	40	Jose Antonio Ferreira, S. José do Rio Paulo	10
Escola Dominical, Botucatu	60	Alfredo L. das Chagas, S. Paulo	1
Benedict de Campos, Pacima	95	J. M. Lander, Juiz de Fora	25
Alberto Araújo, Botucatu	11	Botucatu, diversas assignaturas	10
João dos Santos, Rio de Janeiro	1	Escola Dominical da Igreja Presbiteriana de S. Paulo	25
Sobania Gonçalves da Silva, S. Paulo	1	Bellarmino Roscini, Tacheté	3
Escola Dominical, Itatiba	82	Jose Pires de Arruda Melo, Tietê	10
E. A. Tilly, Rio de Janeiro	30		
D. Maria Antônia da Silva Ramos, São Paulo	35		
	390		407

Fonte: Coleção do jornal *Imprensa Evangelica* do Arquivo Histórico Presbiteriano (SP)

Além dos periódicos, o Rev. Vanordem editou e fez traduzir diversos livros a exemplos dos seguintes títulos: *A Sociedade de Jesus* (E. Presensê), *Os decretos do Vaticano* (W. E. Gladstone), *Filosofia do Plano de Salvação*, *O general Gordon* e *O presidente Garfield*. Publicou também a obra bastante conhecida *Do futuro dos povos católicos*, do autor belga Émile de Laveleye, utilizada pelos protestantes com fins de polêmica e uma série de livrinhos infantis ilustrados (RIBEIRO, 1987, p. 263 – 268). Além dessas obras, Vanordem editou também Almanques, um gênero bastante comum no Século XIX, conforme é possível constatar em anúncios do *Imprensa Evangélica*.

As pesquisas da historiadora Micheline Vasconcelos (2012) apontam para uma série de outros editores, nas diversas regiões do país que, provavelmente por encomenda, publicaram impressos protestantes em fins do Século XIX. Vale ressaltar ainda que é a partir do Século XX – período não contemplado por nossa pesquisa – que a imprensa evangélica vai alcançar seu ápice editorial com o estabelecimento de editoras nacionais a exemplo da Imprensa Metodista, da Casa Publicadora Batista, entre outras.

5.2.3 – Sobre o leitor e suas representações

Na gênese de um sistema literário protestante no Brasil, outro elemento deve ser considerado em conjunto com editores, autores e respectivas obras – o leitor. No entanto, diferente da cultura europeia, nossas pesquisas são, na maioria dos casos, restringidas pela ausência de documentação, a exemplo de inventários, testamentos, listas alfandegárias e bibliotecárias, *etc*, capazes de nos possibilitar um levantamento quantitativo e qualitativo acerca do real leitor de impressos protestantes no Dezenove.

Por isso, nos propomos a apresentar a formação da imagem do leitor evangélico, que se deixa representar nos suportes pesquisados. Nesse sentido, o conceito de *representação* tão caro à História Cultural e, por conseguinte, à História da Leitura, é de fundamental importância a fim de se evitar anacronismos e suposições sem fundamentos. No dizer de Chartier (1990, p. 19), uma representação social seria “a forma como uma realidade é construída, pensada, dada a ler”.

Ocupando “o espaço entre presença e ausência” – para tomar as reflexões de Dominique dos Santos (2011, p. 46,48) – encontra-se a voz do historiador que, pelo viés da representação, deverá “ler as situações culturais que obedecem a outros ordenamentos, signos e regras e transpô-las tendo em vista os limites da compreensão contemporânea da narrativa que está sendo produzida”. Para tentar esclarecer o impasse entre o real e o representável, se faz necessário, então, a consciência de que, nesse fazer arqueológico, “[...] ‘há sujeito, há objeto e há representações como uma alternativa ao tradicional de que ‘o sujeito representa o objeto.’ ” (SANTOS, 2011, p. 50)

Partindo dessas compreensões, abordaremos a seguir as representações de leitores, tomando como objeto os principais suportes de gêneros textuais evangélicos em circulação no Brasil na segunda metade do Século XIX: o jornal, o folheto, o hinário e o livro. Especialmente o jornal *Imprensa Evangélica* é utilizado como uma das principais fontes nessa reconstituição do leitor evangélico, a julgar não apenas por seu conteúdo, mas também por seus reveladores anúncios sobre literatura. Assim, a partir das categorias de gênero e função eclesiástica, nos proporemos a reconstruir as imagens de leitor que os textos trazem à superfície, procurando responder ao questionamento: que representações de leitor são apresentadas pelos textos? Essa questão, no caso de nossas análises, se deixa proceder por outra de igual importância: qual imagem os autores e editores esboçavam de seu público leitor a partir das adaptações que realizam nos textos?

O público leitor dos impressos protestantes no Século XIX era bastante eclético. Para se utilizar da expressão de Roger Chartier (1999), diversas “comunidades de leitores” vão se estabelecendo em torno das publicações, apropriando-se dos textos lidos muitas vezes de forma divergente daquela prevista pelos autores e editores. De acordo com o que pudemos constatar – a julgar pelos títulos encontrados em catálogos de obras e anúncios em periódicos – a leitura protestante convocava para si indivíduos de várias idades, classes sociais, religiões e profissões. Analisando a história social do protestantismo brasileiro, Émile Léonard (1963) aborda os seguintes agrupamentos sociais e profissionais, no período denominado protestantismo de missão, em meados do Século XIX: aristocracia, fazendeiros, sitiantes, camponeses, pessoas da cidade, intelectuais e escravos.

Nas últimas três décadas desse século, houve uma considerável adesão por parte dos membros da elite ao protestantismo, levando-os a exercerem uma forte influência na propagação de suas crenças aos familiares e a outros membros da classe social a que pertenciam. Nos centros urbanos, especialmente na Corte, os evangélicos encontraram aliados entre os trabalhadores e os intelectuais, a exemplo do romancista Júlio César Ribeiro Vaughan e o médico Vital Brasil, os quais aderiram ao protestantismo alguns anos como membros da igreja presbiteriana (RIBEIRO, 1981). Vale ainda ressaltar que os poucos missionários que exerciam a função de pastores das nascentes igrejas eram também homens cultos, que, além de estudarem Teologia, possuíam formação em outras áreas a exemplo de Direito (Rev. Simonton) e Medicina (Rev. Kalley). Essa pode ser considerada a comunidade de leitores mais culta e elitizada do protestantismo de então. O jornal *Imprensa Evangélica* fornece, em parte, o perfil aristocrata desse grupo na ocasião em que anuncia obras em francês, no número veiculado em 01 de agosto de 1874 (p. 120):

Livros em Francez. – Acaba de chegar de França para a *Livraria Evangelica*¹¹² à Travessa da Barreira, n. 15 um bom sortimento de livros religiosos publicados em francez, os quais são vendidos por preços módicos, – quasi os do custo. Em outro numero desse periodico o leitor encontrara uma relação dessas obras; desde já, porém, prevenimos aos homens estudiosos que na dita colecção encontram-se livros especiaes e escolhidos para o estudo da verdade religiosa e edificação na fé Christã.
A colecção encerra livros proprios para estudo tanto para o homem instruido, como para o da familia, assim como há livros proprios para os meninos de escola ou collegio. (Grifos nossos)

No Brasil, o Oitocentos pode ser considerado como um século de francofonia por excelência. Para a intelectualidade brasileira, Paris/França exerce uma imensa atração como capital cultural e, nesse momento, nossa cultura absorveu praticamente tudo o que se produzia nesse país europeu. Maria Helena Bastos (2002, p. 171) esclarece essa relação ao propor que “o Brasil oferecia perspectivas particularmente atraentes e uma ampla receptividade a todos os adornos da cultura francesa”. No fervor de seu nacionalismo

¹¹² Não confundir com a *Livraria Evangelica* na Rua das janelas Verdes em Portugal. A referida livraria e tipografia era ligada à Igreja Presbiteriana do Rio de Janeiro, conforme se observa no endereço que consta na citação.

recém-descoberto, o Brasil passou a responsabilizar a herança portuguesa pelo atraso nacional e identificar tudo o que era francês como moderno e progressista.

Sendo assim, ler em francês era uma prerrogativa da camada rica e culta da sociedade como uma prática cultural favorecedora de certo *status*. O anúncio supracitado nos fornece elementos esclarecedores sobre o perfil dos leitores evangélicos de então ao propor que a coleção francesa de livros religiosos contém livros adequados a três comunidades leitoras – “homem instruído” (o leitor culto, capaz de ler obras de cunho teológico), “o da família” (possivelmente o leitor simples, porém interessado em promover a leitura religiosa aos de sua própria casa) e “os meninos de escola ou colégio” (possivelmente as crianças já alfabetizadas capazes de apreciar obras de cunho didático).

Conforme prometido no anúncio, o número posterior do jornal, 29 de agosto de 1874, apresenta a lista (Cf. Figura 73 a seguir) na qual constam “livros franceses para crianças” e “livros franceses históricos, geográficos e teológicos” (p. 128). Os títulos destinados ao público infantil serão analisados mais adiante. Nos títulos destinados ao “homem instruído” é possível verificar uma gama variada de temáticas a exemplo de teologia, exposição bíblica, história bíblica e história da Igreja, *etc.* Vejamos alguns títulos: *Explicação prática e simples da Epístola de São Paulo aos Romanos, A moral e costumes bíblicos, Exposição do primeiro capítulo de Gênesis, A ressurreição de Jesus Cristo, Sermões por Horace Monod*¹¹³ (Tradução de Maria Lima), entre outros. As obras listadas parecem apontar para uma classe de leitor que, além de culta, exercia funções eclesiásticas de ensino – possivelmente os pastores e os professores da Escola Dominical.

¹¹³ *Explication simple e pratica de l'Épître de Saint Paul aux Romains; Moeurs e coutumes bibliques; Le premié Chapitre de la Genèse Exposé; La Resurrection de Jésus Christ; Sermons par Horace Monod.*

Figura 73 – Página do *Imprensa Evangélica* (29/08/1876) contendo anúncio com lista de obras francesas

Noticiário. <i>Os velhos Catholicos.</i>—Os Srs. Laemert acabam de publicar a <i>Profissão de Fé dos Velhos Catholicos na Alemanha, elucidada na Carta pastoral de Monsenhor o Bispo Joseph Hubert Reinkens, seguida da Exposição dos Obstatos á Reforma catholica; vertida para o Portuguez pelo Dr. Miguel Vieira Ferreira.</i> Agradecemos a offerta desta obra, que mui o recommendamos a nossos leitores. Reservamos para outra occasião algumas reflexões sobre o assumpto. O pobre prisioneiro do Vaticano.—N.º <i>Diario da Tarde</i>, do Porto, de 23 do corrente, le-se o seguinte: « Informam-nos de que em França, na Italia, na Belgica, na Irlanda, na Allemanha tem sido vendidas diversas lithographias que representam o Papa deitado em palhas, dentro d'uma jaula de ferro, guardada por granadeiros italianos. As lithographias, depois de benzidas, são vendidas a meio franco, e cada palha, tirada da jaula, taubem depois de benzida, vende-se a cerca de 100 reis como reliquia! A moral do caso é que—ainda ha quem coma aquella palha. » Mansidão Ultramontana.—Um telegramma de Pariz de 2 do corrente, communica o seguinte: « O cardeal arcebispo de Pariz, monsenhor Guibert, expediu e mandou ler no pulpito em todas as freguezias de sua diocese, uma carta pastoral, na qual a Italia e o governo italiano são acerbamente agredidos. O governo francez sem esperar explicações, e não querendo deixar pairar duvida alguma sobre	ACHAM-SE NA LIVRARIA EVANGELICA 15 Travessa da Barreira 15 LIVROS FRANCEZES PARA CRIANÇAS. <table border="0"> <tr><td>Visite a une ménagerie.....</td><td>1\$000</td></tr> <tr><td>Mes Jolies Histoires.....</td><td>1\$000</td></tr> <tr><td>Les Habitants de l'Air.....</td><td>1\$000</td></tr> <tr><td>Nos Jolies Animaux.....</td><td>1\$000</td></tr> <tr><td>Mon joli premier livre.....</td><td>1\$ 00</td></tr> <tr><td>Mon joli seconde livre.....</td><td>1\$ 00</td></tr> <tr><td>Le premier livre pour les enfans.....</td><td>\$500</td></tr> <tr><td>Abregé de l'Histoire Sainte.....</td><td>\$500</td></tr> <tr><td>Nouveau Catéchisme Evangélique.....</td><td>\$100</td></tr> <tr><td>E 250 outros, todos illustrados.</td><td></td></tr> </table> Livros francezes historicos, geographicos e theologicos, entre os quaes acham-se: <table border="0"> <tr><td>E'tude sur la législation des Hebreux.....</td><td>1\$600</td></tr> <tr><td>Explication simple e pratique de l'Épître de Saint Paul aux Romains.....</td><td>\$800</td></tr> <tr><td>Moeurs e coutumes bibliques.....</td><td>1\$200</td></tr> <tr><td>Le premier Chapitre de la Genèse Exposé....</td><td>\$300</td></tr> <tr><td>De la date de nos Evangiles.....</td><td>\$700</td></tr> <tr><td>De la réorganisation de la Société.....</td><td>\$300</td></tr> <tr><td>Déposition de Flavius Josèphe.....</td><td>\$160</td></tr> <tr><td>Manuel des Chrétiens protestants.....</td><td>1\$000</td></tr> <tr><td>La personne de Jésus Christ par le Dr. Schaff</td><td>1\$200</td></tr> <tr><td>Les Prophéties par le Dr. H. Keith.....</td><td>\$800</td></tr> <tr><td>La Résurrection de Jésus Christ.....</td><td>\$5200</td></tr> <tr><td>Sermoes par Horace Monod, 7 volumes, cada um.....</td><td>3\$000</td></tr> <tr><td>Souviens toi de ton Créateur.....</td><td>\$240</td></tr> <tr><td>Les vains principes de la Réformation.....</td><td>\$150</td></tr> <tr><td>Pouvez-vous mourir tranquille.....</td><td>\$240</td></tr> <tr><td>Le Sabbat Est fait pour l'homme.....</td><td>\$160</td></tr> </table>	Visite a une ménagerie.....	1\$000	Mes Jolies Histoires.....	1\$000	Les Habitants de l'Air.....	1\$000	Nos Jolies Animaux.....	1\$000	Mon joli premier livre.....	1\$ 00	Mon joli seconde livre.....	1\$ 00	Le premier livre pour les enfans.....	\$500	Abregé de l'Histoire Sainte.....	\$500	Nouveau Catéchisme Evangélique.....	\$100	E 250 outros, todos illustrados.		E'tude sur la législation des Hebreux.....	1\$600	Explication simple e pratique de l'Épître de Saint Paul aux Romains.....	\$800	Moeurs e coutumes bibliques.....	1\$200	Le premier Chapitre de la Genèse Exposé....	\$300	De la date de nos Evangiles.....	\$700	De la réorganisation de la Société.....	\$300	Déposition de Flavius Josèphe.....	\$160	Manuel des Chrétiens protestants.....	1\$000	La personne de Jésus Christ par le Dr. Schaff	1\$200	Les Prophéties par le Dr. H. Keith.....	\$800	La Résurrection de Jésus Christ.....	\$5200	Sermoes par Horace Monod, 7 volumes, cada um.....	3\$000	Souviens toi de ton Créateur.....	\$240	Les vains principes de la Réformation.....	\$150	Pouvez-vous mourir tranquille.....	\$240	Le Sabbat Est fait pour l'homme.....	\$160
Visite a une ménagerie.....	1\$000																																																				
Mes Jolies Histoires.....	1\$000																																																				
Les Habitants de l'Air.....	1\$000																																																				
Nos Jolies Animaux.....	1\$000																																																				
Mon joli premier livre.....	1\$ 00																																																				
Mon joli seconde livre.....	1\$ 00																																																				
Le premier livre pour les enfans.....	\$500																																																				
Abregé de l'Histoire Sainte.....	\$500																																																				
Nouveau Catéchisme Evangélique.....	\$100																																																				
E 250 outros, todos illustrados.																																																					
E'tude sur la législation des Hebreux.....	1\$600																																																				
Explication simple e pratique de l'Épître de Saint Paul aux Romains.....	\$800																																																				
Moeurs e coutumes bibliques.....	1\$200																																																				
Le premier Chapitre de la Genèse Exposé....	\$300																																																				
De la date de nos Evangiles.....	\$700																																																				
De la réorganisation de la Société.....	\$300																																																				
Déposition de Flavius Josèphe.....	\$160																																																				
Manuel des Chrétiens protestants.....	1\$000																																																				
La personne de Jésus Christ par le Dr. Schaff	1\$200																																																				
Les Prophéties par le Dr. H. Keith.....	\$800																																																				
La Résurrection de Jésus Christ.....	\$5200																																																				
Sermoes par Horace Monod, 7 volumes, cada um.....	3\$000																																																				
Souviens toi de ton Créateur.....	\$240																																																				
Les vains principes de la Réformation.....	\$150																																																				
Pouvez-vous mourir tranquille.....	\$240																																																				
Le Sabbat Est fait pour l'homme.....	\$160																																																				

Fonte: Coleção do jornal *Imprensa Evangélica* do Arquivo Histórico Presbiteriano (SP)

A conversão de grandes proprietários de terras, por sua vez, contribuiu para a implantação de igrejas rurais em fazendas e pequenos sítios. Nessa época, o número de pastores e líderes capazes para assumir as novas comunidades era insuficiente. O impresso colocava-se, então, como principal aliado satisfazendo a necessidade de leitura a fim de, basicamente, instruir, deleitar, evangelizar e catequizar os fiéis. Como nas comunidades rurais o índice de alfabetização era menor, os textos eram oralmente lidos nos encontros evangélicos, conforme expõe Boanerges Ribeiro (1981, p. 101) em relação à leitura do jornal *Imprensa Evangélica*:

As fronteiras da nova igreja não param, é um fluxo constante de gente que vai, gente que vem, gente que chama os pregadores e não pode ser atendida. Os apelos patéticos à Junta de Nova Iorque (principalmente de Blackford) imploram que enviem mais pregadores. Entrementes, a *Imprensa* vai lá, atende, prega, edifica, instrui, levanta a moral e o entusiasmo. Em Ubatuba, a igreja nasceu em torno dela, e como resultado de sua leitura antes que ali chegassem pregadores.

Nesse caso, ressalta-se a oralidade como um fator presente nas práticas culturais do Dezenove. No contexto evangélico, seja por meio dos sermões pregados, dos hinos cantados, da contação de histórias bíblicas para as crianças, dos versículos bíblicos dados a decorar, ou das ilustrações dos folhetos e jornais, escrita e oralidade partilharam o mesmo espaço:

[...] o olho não lia a palavra, mas lia imagens e ouvia as vozes que, alternativamente, conduziam o impresso, permitindo que a leitura ficasse na interseção visual/auditivo e contactando o universo oralizado do leitor. (PINA, 2010, p. 02)

Não apenas nas assembleias de culto, como parte constitutiva da liturgia, mas também nos lares e nas escolas, a leitura era prerrogativa fundamental. Assim, várias comunidades de leitores passaram a se estabelecer formando ambientes de partilha de sentidos diversos, a partir das apropriações que se faziam desses impressos. Na materialidade dos impressos, buscamos marcas indicativas do leitor pensado.

Crianças – ler para catequizar

No mercado editorial evangélico, o leitor infantil foi também alvo de publicações específicas considerando-se o fato de a ética protestante ver na criança um indivíduo que necessitava de formação moral e espiritual, a fim de tornar-se um cidadão capaz de influenciar o mundo e fazer o bem. Ao propor uma literatura infantil, os editores evangélicos procuraram orientar o pequeno leitor a perceber a prática leitora como uma atividade que favorecia a ascese.

O jornal *Imprensa Evangélica*, por exemplo, apresenta já em seus primeiros números seções destinadas à família (a exemplo das “Instruções para o Culto Doméstico”) e às crianças. Duas finalidades tornavam-se evidentes no conjunto textual destinado a esse público leitor: promover a *instrução moral* e a *catequese* dos pequenos fiéis. Por exemplo, no *IE* datado de 17 de março de 1866, encontramos um texto traduzido do periódico londrino *Child's Companion* – conforme indicado no jornal – com o título “Razões porque

um menino deve amar a Jesus”. O texto constitui-se em um tratado teológico, no qual se expõe a doutrina da salvação respaldada com textos bíblicos, porém, numa linguagem acessível à criança, fazendo-a compreender as vantagens alcançadas pelos meninos que amam a Jesus.

Vale salientar que *The Child's Companion and Juvenile Instructor*, suporte original do referido texto, era uma revista destinada ao público infantil que circulou entre os anos de 1846 a 1921. Editada pela *Religious Tract Society*¹¹⁴ de Londres, o periódico apresentava narrativas ficcionais de cunho evangélico, poemas religiosos, provérbios, trechos bíblicos e lições em forma de questionários contendo instrução doutrinária e xilogravuras atraentes. Era de objetos como esse que os editores evangélicos no Brasil passaram a se valer para produzir publicações, caracterizadas basicamente pela instrução moral e, portanto, destinadas a propagar uma literatura exemplar destinada às crianças.

Os catecismos, sendo um gênero tradicional da literatura religiosa cristã, encontram um espaço bastante demarcado no conjunto dos textos evangélicos oitocentistas destinados ao leitor infantil. Geralmente caracterizados por premissas de conteúdo doutrinário e teológico com a pretensão de defender a fé contra ideias consideradas heréticas, os catecismos aparecem também no jornal *Imprensa Evangélica*, publicados em séries nos moldes de perguntas/repostas (Cf. Figura 74 a seguir). Gêneros assim apontavam para a representação de um leitor que precisa ser instruído nas doutrinas fundamentais da fé cristã.

¹¹⁴Instituição protestante fundada em 1799 como uma editora que publicou folhetos religiosos em toda a Inglaterra. Tinha por objetivo promover a alfabetização, a religião e comportamento adequado entre “as classes mais baixas”. A Sociedade tratou de incluir publicações destinadas ao público infantil, a partir da reimpressão de textos produzidos por autores evangélicos do Século XVIII. Fonte: Site da *Chicago's Independent Research Library Since*. Disponível em: <www.newberry.org/child-s-companion-and-juvenile-instructor>. Acesso: 13 dez, 2013.

Figura 74 – Página do jornal *Imprensa Evangélica* contendo parte de catecismo para crianças

cendo em idade, fui para outra escola, e estas primeiras impressões da escola das meninas foram quasi de todo esquecidas. Assim cresci. Debaixo do ponto de vista mundano minha educação foi esmerada. Meu pai instruiu-me nos usos judaicos que elle observava do modo mais esmerado. Mas senti ao mesmo tempo ficar-me o coração vazio. Em compensação não sentia necessidade mais alguma. Sou a unica filha. Podeis facilmente figurar-vos, como, nos planos de meu pai, andava expressamente disposto e providenciado tudo quanto podia excitar e satisfazer a vaidade e gostos de sua joven filha. Ah! com que vergonha faço eu hoje o meu retrospecto nesses annos que vivia em pura vaidade! . . . (Continúa.)	Breve Catechismo para meninos. (Continuação do n. 12.) 171. — Podeis crer e arrepender-vos por vós mesmos ? Não ; fé e arrependimento são um dom de Deos. 172. — Não sois vós de natureza estranha a Deos e muito longe d'elle ? Sim ; mas pelo sangue e Espirito de Jesus-Christo me approximo d'elle. 173. — Quaes são os meios ordinarios de nos salvarmos em Christo ? A palavra, os sacramentos e a oração. 174. — Quantos sacramentos ha ? Dous. 175. — Quaes são ? O baptismo e a cea do Senhor.
---	--

Fonte: Coleção do jornal *Imprensa Evangélica* do Arquivo Histórico Presbiteriano (SP)

Para além desses exemplos, os editores propunham ao leitor infantil narrativas ficcionais curtas, que ficaram ainda mais interessantes a partir da inclusão de gravuras que alimentavam o imaginário da criança. Entre esses textos, encontramos, por exemplo, o conto “Anninha” (Cf. Figura 75 a seguir), vinculado no *IE* de 17 de dezembro de 1870 (p. 197). Com ensinamentos morais e evangelísticos, a narrativa apresenta os elementos clássicos do conto de fadas, abordando a orfandade da personagem, o relacionamento tumultuado com uma viúva que a tomou para criar e a angústia da menina por não ter mais sua mãe, com quem todos os dias lia histórias bíblicas e orava. Se pode apontar, considerando textos como esses, a pretensão dos editores em disseminar as ideias de moralidade e ética cristã como nortes para as crianças. O conto citado inicia-se: “Anninha era uma menina tão bem comportada e tão viva que todos a admiravam[...].” (grifo nosso), o que demonstra o que acabamos de expor.

Figura 75 – Página do *Imprensa Evangélica* (17/12/1870) com a narrativa ficional *Anninha*

IMPRENSA EVANGÉLICA.

197

Anninha.

Anninha era uma menina tão bem comportada e tão viva que todos a admiravam; e os que a conheciam não se cansavam de tecer-lhe as mais lisonjeiras cordões de um porvir feliz. Seus pais, posto que pobres, tinham com que passar e eram ricos da graça de Deus.

Dois annos eram decorridos depois d'ella perder seu pai, quando a morte veio privar-lhe inteiramente do amparo, desvelo e carinho de sua mãe, que idolatrava a filha do seu coração, que era a alegria e o enlevo de seus olhos.

Uma Sra. viúva condoendo-se da pobre menina seu pai nem mãe, a tomou para fazer companhia a um seu menino.

O cuidado, porém, que Anninha havia achado em sua mãe estava em contraste com o desmazelo da sua benfeitora. Agora não só não ia mais á escola, mas até nem podia ler o seu Novo Testamento, cuja leitura tanto a deleitava. Além d'isto uma recordação vinha de vez em quando avivar-lhe a triste lembrança de se achar sosinha n'este mundo — de se achar orfã.

Esta boa menina estava acostumada a rezar com sua mãe em certas horas do dia. Agora não só não tinha uma mãe para a conduzir, nos pés de Deus, mas faltou-lhe até um lugar onde socegradamente pudesse ajoelhar-se. Essa hora, de triste recordação para ella, não se passava sem se ver deslizar por suas facinhas algumas lagrimas. A sua benfeitora não sabendo o que se passava em seu coração e attribuindo aquella tristeza á lembrança da morte de sua mãe, chamava-a e a amiegava e tudo fazia para a distrahir.

Depois de Anninha estar algum tempo com a senhora que a havia tomado, descobriu na casa um lugar sosegado, em uma occasião em que brincava com o menino da sua benfeitora. No dia seguinte apenas se levantou, resolveu ir lá e occupar ali em oração a Deus o tempo que costumava gastar com sua mãe. Assim fez. Mas o menino que nunca a largava, vendo-a desaparecer de repente, começou a procura-la por todos os lugares da casa até que afinal veio donde ella estava abstrahida em oração, com as mãos elevadas ao céu e sobre os seus joelinhos, articulando palavras que só Deus ouvia e entendia; porque para elle nenhuma creatura está encoberta em seu acatamento e os seus olhos chegam até o intimo das nossas almas e dos nossos espiritos, e discernem os mais reconditos pensamentos e intenções do coração. O me-

nino, porém, em vez de a perturbar foi ás carroiras chamar sua mãe. Elle em lugar de vir junto com sua mãe para o sítio, poz-se a correr adiante d'ella; e em vez de achar Anninha sobre os seus joelhos, encontrou-a assentada enxugando os olhos inundados de lagrimas.

— O que tens, Anninha? disse elle. Ora não chores, não! feriste-te?

— Não me feri: disse ella.

E nisto chegou a mãe, que em lugar de entrar, ficou fóra espiando e escutando o dialogo.

— Então porque choras?

— Estava-me lembrando de minha mãe.

— E porque te lembras d'ella?

— Por esta hora ella me chamava, e depois de cantarmos juntas um hymno, nós nos ajoelhavamos e assim ficavamos até minha mãe acabar de fazer oração. Depois... Aqui Anninha calou-se tapando os olhos, que de novo se haviam arrasado de lagrimas. — Depois, continuou a menina, ella me abençoava, me abraçava muito e me beijava.

— Mas por isso não deves chorar; por que amanhã dizes que só deve chorar quando se está doente. E o que é que a menina reza?

— Eu peço que Deus me perdõe os meus peccados, que me guarde de todo o mal, que me abençoe, que me dê um bom coração, que era o que minha mãe muito queria que tivesse, que nos amemos e que não afflijamos tua mãe.

— Anninha, disse o menino, tu me ensinas a rezar?

ANNINHA. — Pois tu não sabes?

— Não.

— Tua mãe não te ensina?

— Não.

— Ella não sabe rezar?

Apenas a pergunta da menina chegou aos ouvidos da senhora esta corou de vergonha e sentiu-se compungida em seu coração. E não podendo conservar-se por mais tempo sem ser vista, entrou e abraçando Anninha disse-lhe:

« Minha menina, minha filha, pede a Deus por mim em tuas orações e ensina-me a orar como te ensinou tua boa mãe.»

Por meio d'esta menina, esta senhora, que nunca se havia importado com a sua alma, tornou-se uma mãe crente, e desde ali era bello e tocante ve-la com o seu filhinho e a sua filhinha adoptiva de joelhos orando a Deus em espirito e verdade.

Ah! quantas mães desmazeladas não ha como esta, e quão poucas meninas como esta!

Ha muitas mães, e muitas vezes até mães crentes, que



Fonte: Coleção do jornal *Imprensa Evangélica* do Arquivo Histórico Presbiteriano (SP)

Na mesma linha, o *Imprensa Evangelica* veiculado em 29 de janeiro de 1887 apresenta, em “Secção instructiva”, uma pequena história traduzida intitulada “Papae, por

que não ora?” (p. 34). Também nesse caso, o editor seleciona uma narrativa de conteúdo moralizante, ilustrando que o leitor pode seguir o exemplo da personagem que, no caso, era uma menina de sete anos que evangelizou o seu pai. Os leitores seriam incentivados a fazer o mesmo, conforme demonstrado no trecho abaixo:

Tal foi a influencia de uma creacinha com apenas sete annos de idade, a qual estava tão cheia do amor de Jesus em seu coraçãozinho, que levou seu pae com suas simples e sollicitas palavras a abandonar o caminho do peccado e tornar-se um verdadeiro e dedicado christão. (p. 34)

As regras de boa convivência também eram ensinadas ao pequeno leitor (Cf. Figura 76 abaixo). Conforme podemos perceber no *Imprensa Evangélica* de 03 de novembro de 1877, sob o título “Etiqueta para meninos”(p. 174), são apresentadas uma série de orientações sobre o tratamento com os mais velhos, a organização e limpeza do ambiente em que se vive, o cuidado com os animais, *etc.*

Figura 76 – Seção do jornal *Imprensa Evangélica* (03/11/1877) contendo matéria destinada à instrução infantil

omo uma aresta quando tu tens no teu olho a trave? » « Hypocrita tira primeiro a trave do teu olho e então verás como has de tirar a aresta do olho de teu irmão. » (S. Math. 7 : 3—5). Emquanto tambem ao progresso do romanismo na Inglaterra pedimos ao collega que leia o seguinte: « Ha presentemente quasi um milhão de catholicos romanos na Inglaterra e Wales os quaes se dividem segundo a sua nacionalidade, deste modo: catholicos romanos inglezes 179,000; estrangeiros 52,000; irlandezes 742,560. Isto é um lado da medalha; e agora olhai no seu reverso. No anno de 1801 a população da Grã Bretanha e da Irlanda era quasi quinze milhões setecentos e cincoenta mil; dos quaes quatro milhões duzentos e cincoenta mil eram catholicos romanos ou 27 por cento de toda a população. Ora, presentemente a população é quasi de trinta e um milhão e meio, dos quaes pouco mais de cinco milhões e meio são catholicos romanos ou só dezoito por cento de toda a população. Em outras palavras: enquanto os romanos catholicos crescem na razão de 28 por cento, os protestantes crescem na razão de 120 por cento. Assim pois o protestantismo tem crescido desde o principio do seculo presente quasi cinco vezes mais do que o romanismo. » (<i>Ravensstein's Denominational Statistics</i>).	Etiqueta para meninos. Dize sempre. « Sim. Senhor, » « Não Senhor, » « Sim, papai, » « Não, papai. » « Muito obrigado, » « Muito boa noite, » « Muito bom dia. » Nunca usa de palavras baixas. Rostos limpos, vestidos limpos, sapatos limpos, e unhas limpas mostram uma boa educação. Nunca deixa teus vestidos espalhados nas partes diversas do quarto. Tem um lugar para cada coisa; e cada coisa em seu lugar. Bate sempre á porta antes de entrar em qualquer quarto, e nunca sabe delle com as costas voltadas para com quem la estiver. Offereça sempre a tua cadeira a uma mulher ou a um velho. Nunca põs os teus pés sobre as almofadas, as cadeiras, e a mesa. Nunca te aproximes de alguém quando ler ou escrever, nem lê ou falla em voz alta enquanto outros estão lendo. Nunca falla ou conversa em voz baixa nas reuniões e especialmente num quarto privado, onde alguém está cantando ou tocando o piano. Sê cuidadoso em não offender as susceptibilidades de ninguém por palavras grosseiras. Nunca mintas, nem faças momicas, nem injurias. Nunca ridicularizes o côxo, nem imites burlescamente os desgraçados, nem sejas cruel para os insectos, passarinhos, ou outros quaesquer animaes.
---	---

Fonte: Coleção do jornal *Imprensa Evangélica* no Arquivo Histórico Presbiteriano (SP)

Para além do suporte jornal, os textos evangélicos produzidos para as crianças circulavam ainda em livretos, livros, revistas e folhetos. Retomando o anúncio sobre “livros em francês” citado anteriormente (*Imprensa Evangelica*, 26/08/1874), verificamos uma lista de livros destinados ao público infantil que poderiam ser encontrados na *Livraria Evangélica* (Rio de Janeiro). Vejamos os títulos com as devidas traduções:

Visité a um menagerié (Visita a um zoológico)
Mes Jolies Histories (Minhas bonitas histórias)
Les Habitants de l'air (Os moradores do ar)
Nos Jolies Animaux (Nossos bonitos animais)
Mon jolier premier livre (Meu primeiro bonito livro)
Mon jolier second livre (Meu segundo bonito livro)
Ler premier livre pour les enfants (O primeiro livro para as crianças)
Abrégé de l'Histoire Sainte (Breviário da História Santa)
Nouveau Catéchisme Evangelique (Novo Catecismo Evangélico)

Os títulos anunciados apontam para uma representação de leitor que, em primeiro lugar, pretende-se culto por ler em francês. Além disso, os livros contemplam temas diversos como religião, a exemplo de “Novo Catecismo Evangélico” e “Breve História de um Santo”, e narrativas de ficção a julgar por “Moradores do Ar” e “Visita a um zoológico”. Podemos propor que, ao leitor protestante infantil, eram oferecidos textos que proporcionavam *deleite*, *instrução* e *catequese*, o que confirma as pesquisas de Brown (2004) – apontadas em capítulo anterior – de que os moldes literários laicos foram tomados pelos editores protestantes, a fim de promover os ideais da fé cristã.

Mulheres – ler para deleitar e moralizar

Em se tratando do perfil de leitora que se deixa representar nos impressos evangélicos do Oitocentos, observa-se que essa representação equivale-se, em alguns aspectos, a que pode ser verificada em diversas publicações editadas nessa época e

dirigidas ao público feminino (tomando por molde os periódicos franceses), nas quais se observa de forma recorrente o destino da mulher como mãe e esposa. Os editores protestantes, porém, valeram-se ainda das virtudes evangélicas como protocolos que condicionavam a leitura de modo a que a mulher fosse instruída para a pureza moral.

Nesse sentido, o romance, a semelhança dos jornais laicos, era priorizado pelos editores para público feminino por características como a popularidade e o sentimentalismo apesar de não ser o único gênero lido pelas mulheres (LYONS *apud* BASTOS, 2002). Tomaremos, a seguir, para análise comparativa o *Jornal das famílias* editado no Rio de Janeiro entre os anos de 1863 a 1878, a fim de atestarmos o que afirmamos. O mercado editorial evangélico compartilhava, então, do mesmo pressuposto editorial laico de que a feminilização dos leitores de romance confirma os julgamentos dominantes sobre o papel da mulher e sobre sua inteligência: “se os romances são considerados literatura de mulheres, é porque veem nelas criaturas dotadas de imaginação, com capacidades intelectuais limitadas, [...] e prisioneiras dos seus sentimentos” (BASTOS, 2012, p. 184). Como antítese à leitura instrutiva, a ficção romanesca exigia pouca compreensão e o principal objetivo seria o entretenimento.

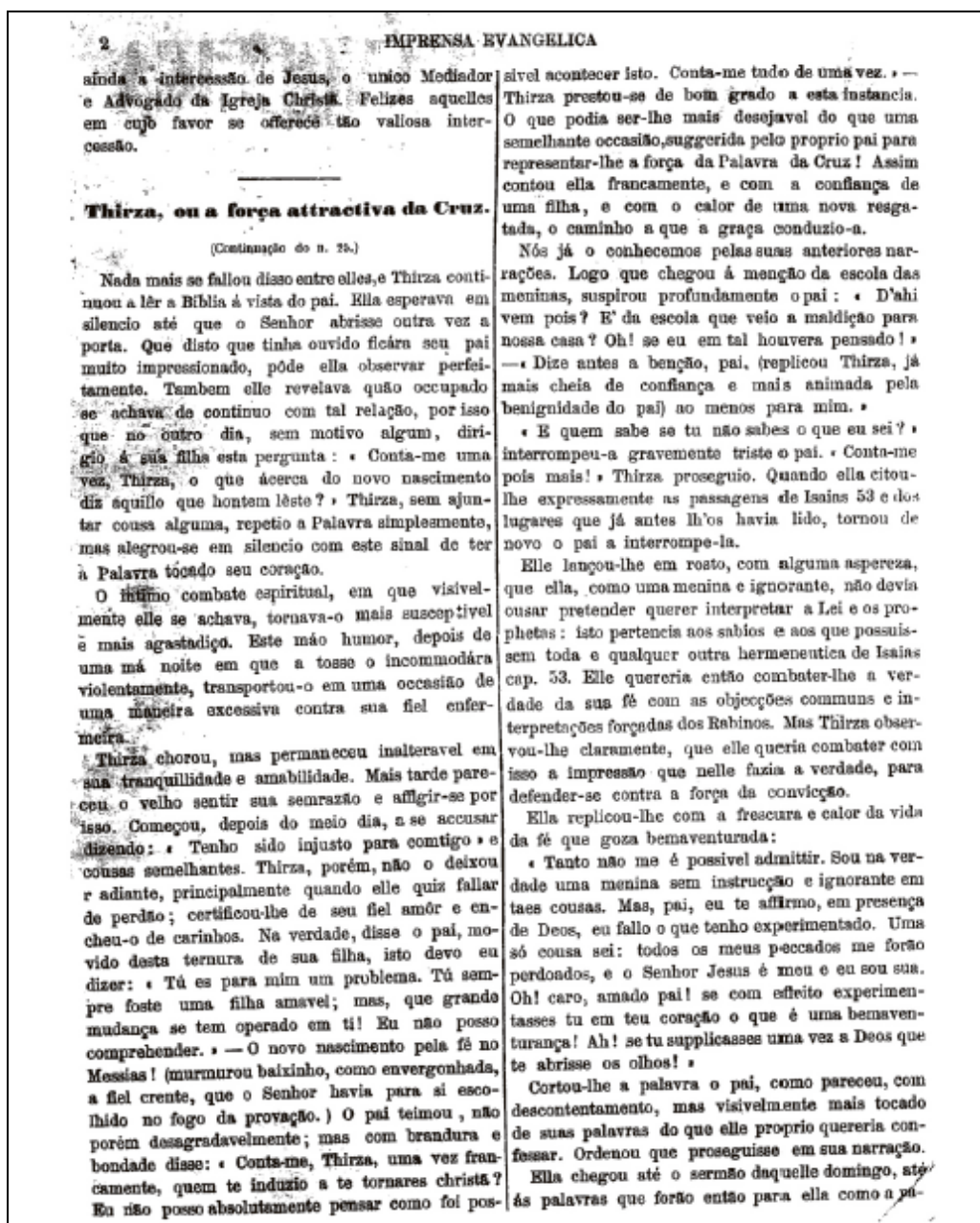
Partindo dessas concepções, os romances-folhetins eram uma constante nos periódicos evangélicos. O fato de esse gênero ser em episódios, introduzindo a ficção literária em pequenas porções diárias, facilitava a leitura da mulher que podia realizá-la entre os intervalos das atividades domésticas. No jornal *Imprensa Evangelica*, por exemplo, diversos romances folhetins foram veiculados. Geralmente, os personagens principais eram mulheres piedosas, que atestavam os assuntos referentes à fé e estavam sempre dispostas à prática do bem.

O esquema narrativo era bastante previsível: um descrente passa a ser evangelizado por um protestante, o qual lhes apresenta a Bíblia e que, a despeito de todas as suas dúvidas e dificuldades, aquele acaba por aderir ao Evangelho. Nesse entremeio, virtudes como honestidade, fidelidade conjugal, generosidade, obediência, *etc*, são concatenadas ao texto atribuindo-lhe forte apelo moral. Assim, no primeiro número do *IE* (05/11/1864), é possível verificar o romance epistolar à moda de folhetim *Lúcia ou a*

leitura da Bíblia, por Adolphe Monod¹¹⁵. As publicações prosseguem em muitos números do jornal como, por exemplo, *Thirza ou a força atractiva da Cruz* (06/05/1865, p. 02) (Cf. Figura 77 a seguir) e *O Pastor dos Pyrenéos* (01/02/1878) e muitos outros romances traduzidos do inglês. Também se encontra um romance folhetim no *IE* (17/04/1875), dessa vez traduzido do francês, com o título *A meza redonda* (p. 61).

¹¹⁵ Adolphe Monode (1802 – 1856) nasceu na França, sendo pastor e exímio orador protestante. Publicou três volumes de sermões em 1830 entre outros livros.

Figura 77 – Episódio do romance-folhetim *Thirza ou a força atractiva da Cruz* veiculado no *Imprensa Evangélica* (06/05/1865)



Fonte: Coleção do jornal *Imprensa Evangelica* do Arquivo Histórico Presbiteriano (SP)

À leitora evangélica do Oitocentos eram também oferecidos conselhos sobre a guarda dos sentimentos e da virtude, a fim de que conservasse a discrição e a pureza, conforme é possível verificar no poema *A uma jovem*, assinado por V. de Pedra Branca, veiculado no *IE* de 18 de junho de 1892 (p. 199):

Põe na virtude, filha querida,
Da tua vida todo o primor;
Não dês á sorte, que tanto illude,
Sem a virtude algum valor.
[...]

Outro exemplo de conselhos para o público feminino aparece em outro momento do *Imprensa Evangelica*: “A donzella, que quer conservar intacta a sua reputação, não deve nunca entrar em questões de sentimento e de amor. Sem esta reserva, ella dará a pensar eu que junto, que está prompta a ajuntar prática á theoria.” (30/04/1892, p. 142)

O casamento era outra temática bastante contemplada nos impressos evangélicos. Em anúncio vinculado no *IE*, veiculado em 08 de fevereiro de 1890, encontramos o seguinte título *O Casamento e a Vida Doméstica – seus deveres, suas provas e suas alegrias*, traduzido do inglês por José Joaquim P. de Azurara¹¹⁶, conforme se verifica na Figura 78 abaixo.

Figura 78 – Página do jornal *Imprensa Evangelica* (08/02/1890) contendo anúncio do livro sobre casamento

ignorancia. Repetimos.—o papismo é o res- ponsavel pelo estado funesto de nosso povo. As praticas pagãs e idolatras do romanismo incutiram no espirito do povo as mais baixas e as mais de- gradantes superstições. O fanatismo reinante em nosso paiz é obra exclusiva dos padres de Roma. Para melhorar este estado de cou- sas não é só preciso educar o povo, como também, e muito especial- mente, banir do seio do paiz os je- suitas, negros corvos de corça e roupetas, os peiores e mais terrive- is inimigos da historia e da instruc- ção. Muito temos a esperar do energe- gico governo da Republica dos Estados-Unidos do Brazil. Abaixo os emissarios do Vaticani- no, os discipulos de Loyolla os traidores da patria. S. Paulo. J. A. C. Os jesuitas no Paraguay (Continuação do n. 5)	est. primeiro em Portugal, sob o ministro energico, o marquez de Pombal, depois na Hespanha, Fran- ça, Napoles, e Sicilia, tomaram-se contra elles medidas de rigor. I'o- ram despedidos de todos os seus empregos publicos, seus bens de raiz foram confiscados e a ordem inteira foi afinal banida desses pai- zes. Foram levados para os portos de mar, embarcados em navios e enviados ao papa. Clemente XIII., embora amigo constante e protector firme dos je- suitas, pouco se regosijou á vista desse presente de alguns navios cheios delles e lançou o anathema e interdicto sobre os paizes impios que os haviam expulso. Os gover- nos responderam occupando mili- tariamente diversas cidades e distri- ctos do estado papal, e declararam que os não restituiriam ao papa emquanto este não reformasse com- pletamente a ordem dos jesuitas e não lhe tirasse todos os seus privi- legios. A isso o papa ou o geral da ordem respondeu nas palayras conhecidas: <i>sunt ut sunt, aut non</i> <i>sunt</i> (permaneçam como são, ou acabe-se inteiramente com elles) “Acabe se com elles”, pois, disse- ram os governos, e conservaram	ANNUNCIOS LIVROS Hymnos Evangelicos Com musica, encadernados..... 24000 brochura..... 18200 Sem musica..... 8500 Em duzia, desconto 20 % Escripturas Sagradas em diversas linguas, e Tra- duções Evangelicas vendem-se em RUA SETE DE SETEMBRO n. 71—Rio de Janeiro Julio M. G. dos Santos—Agente. LIVRARIA EVANGELICA Caixa do Correio 254 — Rio de Janeiro. O CASAMENTO E A Vida Domestica Seus deveres, suas provas e alegrias traduzido do inglez por José Joaquim P. de Azurara 2ª EDIÇÃO Preço 500 réis Livros para provisionados e estudantes Historia da Reforma, 2 vol. 54000 Noites com os Romanistas 28500
--	---	---

Fonte: Coleção do jornal *Imprensa Evangelica* do Arquivo Histórico Presbiteriano (SP)

¹¹⁶ Jornalista, teatrólogo, romancista, contista e redator do jornal *Tribuna do Povo* publicado em Macaé de 1869 a 1876. Fonte: <www.literaturabrasileira.ufsc.br/autores/?id=8661>. Acesso: 10 set, 2013.

Não se pode deixar de considerar também o livro anteriormente abordado escrito pela missionária inglesa Sara P. Kalley – *A Alegria da Casa* (1866). Sendo a própria autora um padrão do que deveria ser a mulher protestante por sua devoção, bem como pelo rigor inglês com que conduzia os cuidados com a higiene pessoal e a da casa, os conselhos dados por Sara no livro tiveram ampla repercussão na formação de mulheres. A obra ultrapassou o âmbito protestante ao ser aprovado pelo *Conselho de Instrução Pública* para utilização nas escolas¹¹⁷. De fato, o livro pode ser considerado um completo manual doméstico e de civilidade. Em capítulo que trata sobre a higiene da cozinha, Sara prova que a higiene da cozinha era mais importante que os adornos do corpo e diz enfaticamente: “[...] ainda que esta me aparecesse adornada dos mais ricos enfeites, e a sala de visita estivesse mobiliada com a maior elegância e primor, eu nunca desejaria ser condenada a passar nem um dia sequer nessa casa.” (KALLEY *apud* CARDOSO, 2005, p. 72).

De forma diferente dos periódicos laicos destinados ao público feminino – como, por exemplo, o *Jornal das famílias*, a moda não era mencionada no conjunto do que era dado a ler à leitora de impressos evangélicos. Provavelmente por ser um assunto associado à vaidade que, por sua vez, se opõe aos valores de simplicidade pregados pelo Evangelho. Nos últimos capítulos de *Alegria da Casa*, Sara parece ratificar essa hipótese ao propor uma narrativa, quando da abordagem sobre vestuário, a fim de ilustrar para as leitoras que não deviam se preocupar primeiramente em vestir roupas novas e utilizar muitas joias, mas, sim, com “o asseio e a limpeza” como os mais “belos enfeites”, tanto para as pobres, quanto para as ricas (KALLEY *apud* CARDOSO, 2005, p. 86-91). É nesse sentido que a representação do perfil da mulher enquanto leitora do conjunto textual evangélico se delineia: nos limites da moral bíblica, recebendo instruções a fim de ser uma boa mãe, esposa e dona de casa.

Vale salientar, porém, que as duas comunidades de leitores por hora abordadas (crianças e mulheres) não esgotam os perfis de leitores do impresso protestante no Dezenove. Sabe-se que os reverendos liam para se instrumentalizar no preparo de

¹¹⁷ Essa informação foi transmitida aos Kalley por meio de uma correspondência enviada pelo Rev. João Manoel Gonçalves dos Santos, pastor brasileiro que substituiu Robert Kalley na Igreja Evangélica Fluminense, em 1876, quando do retorno definitivo do casal para Europa. (CARDOSO, 2005)

sermões e exposições doutrinárias; os jovens liam para saciar a sede por ficção; os clérigos católicos liam para combater o que consideravam herético na seita protestante; os não crentes eram convocados a ler para serem persuadidos a aderirem a fé evangélica; os professores de escola dominical, por sua vez, liam para fundamentar o preparo de suas aulas; os seminaristas e estudantes de Teologia liam para pesquisar; os músicos liam para colherem partitura e aprenderem hinos; os pais de família liam para sedimentar a vida devocional de seus entes.

Analisar cada uma dessas comunidades seria tarefa demasiada para essa pesquisa. Nesse capítulo, procuramos esboçar a formação de um sistema literário protestante no Brasil e esperamos que, a partir dos elementos proposto, novas descobertas possam ser realizadas. Há de se confirmar a importância do jornal como fonte histórica e objeto cultural inquestionável para a reconstituição das práticas literárias e de leitura do período a que nos propomos estudar, o que, mais uma vez, corrobora a escolha do periódico como o principal suporte para nossa pesquisa.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após comprovada uma significativa circulação de impressos religiosos evangélicos veiculados nos mais diferentes suportes a exemplo de periódicos, jornais, livros e folhetos, procuramos refletir neste estudo sobre a prática leitora protestante em meados do Dezenove brasileiro. Para isso, nos valem dos pressupostos teóricos da História Cultural, mais propriamente dos pressupostos da História da Leitura que visa, em suma, a compreensão do processo pelo qual os textos escritos fazem sentido para aqueles que dele se apropriam ou os recebem nas mais diversas e variadas circunstâncias.

Sendo assim, julgamos inicialmente necessário definir não apenas o que seja uma literatura protestante, como também tratar sobre os elementos que lhe atribuem especificidade. Para isso, verificamos por meio de catálogos evangélicos oitocentistas, a gama de publicações e gêneros literários que foram posteriormente transplantados para o Brasil através dos missionários e os respectivos órgãos por eles representados. A abordagem dos títulos e obras, em sua maioria produzida na Inglaterra e na América do Norte, corrobora o fato de a gênese de um sistema literário protestante no país ter se deixado moldar pelos padrões europeus e norte-americanos. Isso implica que muitos dos gêneros literários em circulação no Brasil oitocentista são decorrentes de traduções feitas pelos protestantes estrangeiros residentes no país. Esses gêneros encontram no suporte jornal um espaço por excelência para efetivarem sua circulação, o que inclui o periodismo protestante nos paradigmas da imprensa desse tempo.

A partir dessa investigação, pudemos comprovar que os agentes da cultura impressa evangélica apropriaram-se dos modelos literários laicos – a exemplo do então recente gênero *romance* – adaptando-os para servirem como meio de divulgação dos preceitos doutrinários, dos discursos bíblicos e dos ideais cristãos de ascese e fraternidade. É nesse sentido que afirmamos possuir a Literatura Protestante um caráter utilitário. A

preocupação maior não era, ao menos primordialmente, com o valor estilístico dos textos, mas com a capacidade desses em promulgar as virtudes evangélicas.

É interessante, pois, perceber, que muitos dos materiais impressos encontrados hoje no meio evangélico não são uma invenção “contemporânea” (conforme dão a entender seus anúncios), mas já circulavam no Século XIX, como, por exemplo, as Bíblias de estudo direcionadas a faixas etárias específicas, os manuais de culto doméstico, os periódicos destinados ao ensino nas Escolas Dominicais, *etc.* Muito desse conjunto textual remota há séculos anteriores. É, porém, o Oitocentos que se reveste de importância para a ampliação e divulgação de uma cultura impressa religiosa considerando o crescimento do mercado editorial e o amplo número de tipografias que se proliferaram no Brasil desse tempo. Isso permitiu a propagação de impressos de toda ordem, que promoveram mentalidades e construíram em torno de si comunidades de leitores que deles se apropriavam atribuindo-lhes sentidos diversos. No caso dos protestantes, verificamos que o impresso era o principal meio de propaganda doutrinária, um elo que mantinha os membros informados, concedendo-lhes certo senso de pertença à comunidade da fé, era ainda a tribuna por meio da qual se encontravam os espaços necessários para discussão e defesa dos ideais evangélicos.

Nesse fazer arqueológico, o jornal, enquanto artefato cultural, reafirma seu valor como principal fonte para a obtenção dos objetivos propostos por nossa pesquisa. A importância do jornal deve-se ao fato de seu caráter enciclopédico, ou seja, era possível encontrar saberes diversos, das mais diversas áreas nessa espécie periódica. Num tempo em que poucos eram alfabetizados e que a posse do objeto livro custava caro, o jornal instruía e deleitava. Como pesquisadores, pudemos perceber que tudo no suporte jornal informa: sua materialidade, envolvendo a presença ou não de ilustrações; os componentes do grupo editorial e o lugar instituído de onde falavam os editores e os colaboradores; as ausências e/ou presenças de certos discursos; os anúncios, que eram também um espaço para a divulgação do literário; os artigos em constantes diálogos entre outros aspectos. Nada é gratuito no jornal, o que confirma sua utilidade enquanto fonte para pesquisas nas mais diversas áreas do saber.

Sendo assim, mesmo havendo um silenciamento em relação ao periodismo protestante nos principais manuais que tratam da história da imprensa no Brasil, pudemos constatar e, inclusive, elencar cerca de quinze jornais protestantes em circulação na segunda metade do Século XIX, considerando apenas a Corte e as principais províncias. É certo que, em uma época caracterizada pela efervescência e também efemeridade da produção periódica, muitos outros jornais evangélicos foram organizados e dados a circular em diversas regiões do país, os quais poderiam ser ainda identificados e analisados, caso a pesquisa os pudesse abarcar.

Verificamos que o discurso evangélico se fazia presente nos jornais laicos, antes mesmo de ser estabelecido aquele que é considerado o primeiro jornal protestante em circulação no Brasil e na América Latina, o jornal *Imprensa Evangélica* (1864). A narrativa ficcional traduzida pelo reverendo e médico Robert R. Kalley, intitulada *A viagem do Cristão*, circulou num dos jornais de maior prestígio da Corte, o *Correio Mercantil* (05/12/1856), à moda de *romance-folhetim*, distribuída em trinta e cinco capítulos. Outros artigos de conteúdo polemista foram veiculados pelos evangélicos nos jornais laicos. Há de se considerar que, de alguma forma, mesmo constando na seção “A pedidos” dos jornais, o que implica que o proponente geralmente deveria pagar para ter seu texto publicado, os escritos de cunho protestante interessavam a certo grupo de leitores, até mesmo aos clérigos católicos que lhes eram oponentes.

Com o surgimento do *Imprensa Evangélica* idealizado pelo missionário norte-americano Ashbel G. Simonton, o discurso evangélico encontrava um espaço autorizado no conjunto de periódicos em circulação no país em meados do Dezenove. A partir disso, outros jornais foram sendo estabelecidos e passaram a ser os órgãos oficiais impressos que representavam as denominações históricas protestantes recém-instauradas no país. Isso significa dizer que, mais do que certo segmento editorial, os jornais apresentavam um caráter religioso confessional, representando toda uma estrutura eclesiástica.

A partir de análises comparativas, pudemos constatar que os periódicos evangélicos estavam em consonância com o modo de fazer imprensa inerente à época. Os protestantes valeram-se das mesmas estratégias editoriais laicas para a produção de seus jornais até mesmo da disposição material, das seções e da organização física do impresso.

Constatamos que, a exemplo dos jornais laicos, os jornais evangélicos promoviam a informação (trazendo notícias sobre os fatos políticos e sociais do país e do exterior); promoviam a ilustração (artigos que envolviam arte, literatura instrutiva e conhecimentos científicos eram constantemente difundidos nas folhas evangélicas); promoviam o deleite (uma série de gêneros literários ficcionais a exemplo de romances-folhetins, contos, fábulas, *etc.*, foram apropriados pelos agentes editoriais evangélicos com a dupla função de deleitar e moralizar seus leitores).

Apenas em dois aspectos percebemos divergência do padrão periódico evangélico em relação aos moldes laicos: não havia uma filiação político-partidária clara, considerando ser a relação imprensa/política uma constante no Oitocentos. Isso não significa que os jornais evangélicos não se posicionavam em questões políticas. Ao menos se sabe que estes serviram de púlpito para acalorados debates sobre os direitos civis dos acatólicos, bem como outros assuntos que assumiam tom político como a abolição da escravidão. Indica-se sim que os jornais evangélicos não representavam partidos políticos, mas as denominações religiosas a que estavam vinculados. Outro fator diz respeito à moda. Temática especialmente destinada ao público feminino e muito comum em grande parte dos periódicos em circulação à época, a moda e suas vertentes não eram sequer mencionadas nos jornais evangélicos que constituíram nosso *corpus* de pesquisa. Questões relacionadas à ascese e visão evangélica sobre o perigo da vaidade excessiva levam a sugerir que sejam essas as possíveis razões para o silenciamento.

Nas páginas do *Imprensa Evangélica* – escolhido dentre o conjunto impresso como principal objeto para análise e obtenção de nossas conclusões – verificamos a representação de uma série de *comunidades de leitores*, para tomar a expressão de Chartier (1999), a partir dos discursos que se materializavam em textos. Temos assim um suporte e muitos leitores. Nesse sentido, o jornal servia às crianças, oferecendo-lhes catequese e instrução; servia aos pastores, oferecendo-lhes sermões e comentários bíblicos; servia às mulheres, oferecendo-lhes instrução doméstica e modelos para uma vida piedosa; servia aos desejosos de ficção, oferecendo-lhes romances, contos, fábulas e outros tipos de narrativa; servia aos clérigos católicos, que se valiam dos artigos de polêmica a fim de construir suas réplicas editadas nas folhas oponentes; servia aos professores,

fornecendo-lhes estudos em séries para as aulas nas Escolas Dominicais. Além dessas, há outras comunidades que se fazem representar nos periódicos e podem ser abordadas por meio de futuras pesquisas.

O jornal enquanto fonte demonstrou-se também imprescindível por proporcionar a verificação da gênese de um sistema literário protestante no Brasil em meados do Século XIX, o qual veio a se consolidar no Século XX com o surgimento de importantes editoras evangélicas. A seção “anúncios”, por exemplo, apresenta-se como um espaço no qual o discurso sobre o literário era constantemente veiculado. Através dos anúncios, pudemos verificar títulos e gêneros literários dados a ler na época, bem como indicações sobre as casas editoriais e as tipografias em que se produziam os impressos evangélicos.

Reafirmamos, partindo de nossas pesquisas, que importantes estudos poderiam ser realizados e novas descobertas consolidadas no campo da historiografia literária religiosa, se os periódicos, e os diversos papéis por eles desempenhados no Dezenove, passassem a ser considerados como “um espaço múltiplo e heterogêneo” (BARBOSA, 2007, p. 97). Dessa forma, os mais variados gêneros por eles veiculados devem ser resgatados, procurando observar suas legibilidades verossímeis, sem os desvios perigosos causados pelos anacronismos, a fim de se perceber a forma como os escritos eram apropriados por seus leitores para fins diversos.

Essa Tese procura, então, ratificar a importância da cultura impressa protestante e de seus objetos para a formação da história da leitura do Brasil, rompendo, de certo modo, com o caráter meramente descritivo e confessional que norteou a tradição historiográfica evangélica. Nesse sentido, compreendemos, de conformidade com Roger Chartier (2009), que a identificação dos efeitos estéticos e dos significados (nem sempre previstos) produzidos por meio das formas textuais é fundamental para historicizar as múltiplas formas de recepção e apropriação dos textos.

É certo que em um país de tradição católica, no qual é perceptível a influência literária dos escritos religiosos católicos desde o Século XVI, não se encontraria espaço para as produções literárias protestantes, aqui introduzidas no Século XIX, a ponto de serem mencionadas nos manuais literários e de história da imprensa no Brasil. Vale ressaltar, porém, a necessidade de se considerar as práticas leitoras que aqui foram

estabelecidas por missionários estrangeiros, bem como a implantação de uma cultura letrada evangélica a qual, por sua vez, se efetivou através de todos os componentes do sistema literário (autor, tradutor, obra, editor, leitor), ajudando a fomentar uma cultura impressa religiosa que se mantêm ainda hoje.

As possibilidades de estudos que unem à produção literária protestante aos nortes teórico-metodológicos da História da Leitura não se encerram com nossas abordagens. Há muito ainda por ser inquirido através do diálogo com outras áreas do saber. São peças de um mosaico histórico que, bem ajustadas, contribuirão para a contemplação do todo: o memorialismo e a escrita de si representadas pelos diários dos missionários – gênero bastante comum no Século XIX; as possibilidades de análise da poética evangélica contida na hinódia; a investigação dos embates discursivos entre catolicismo e protestantismo que ajudaram a movimentar as folhas oitocentistas; a representação das comunidades de leitores, conforme já sugerido, que permeiam as páginas dos periódicos; as relações estabelecidas entre os impressos evangélicos e a história da educação no Brasil são algumas das possibilidades que se oferecem como campos a serem explorados.

Desse modo, esperamos ter contribuído por meio de nossas análises e reflexões para a historiografia literária, religiosa e cultural, conscientes de que a história oferece duas abordagens que são necessariamente ligadas: “reconstruir a diversidade de leituras mais antigas a partir de seus vestígios múltiplos e esparsos, e identificar as estratégias através das quais autoridades e editores tentaram impor uma leitura autorizada do texto.” (CHARTIER, 2010, p. 215) Nesse sentido, procuramos verter nosso olhar para uma prática leitora antiga, delimitamos os possíveis limites impostos pelas linhas editoriais, sem perder de vista o fato de que o ato de ler jamais será anulado no próprio texto.

REFERÊNCIAS

Fontes teóricos -literárias

A Catechism for Little Children. Baptist State Convention of North Carolina. Raleigh: W.W. Holden, Printer. 1864. Disponível em: <ia700405.us.archive.org/2/items/catechismforlitt01bapt/catechismforlitt01bapt.pdf>. Acesso: 01 dez, 2012.

ABADÍA, José Pedro T. *A Bíblia como Literatura*. Trad.: Jaime A. Classen. Petrópolis: Vozes, 2000.

ABREU & LIMA, J. I. *Bíblias Falsificadas ou Duas Respostas ao Sr. Joaquim Pinto de Campos pelo Christão Velho*. Recife: Typographia Commercial de G. H. de Mira, 1867. Disponível em: <<http://books.google.com.br>>. Acesso: jan, 2013.

_____. *Compendio da Historia do Brasil*. Rio de Janeiro: Eduardo e Henrique Laemmert, 1843. Disponível em: <http://books.google.de/books/pdf/Compendio_da_historia_do_Brasil.pdf?id>.

ABREU, Márcia. Letras, Belas-letras, Boas Letras. In: BOLIGNINI, Carmem Z. (Org.) *História da literatura: o discurso fundador*. Campinas: Mercado das Letras, ALB, Fapesp, 2003. (Coleção Histórias de Leitura).

_____. *Os caminhos dos livros*. Campinas; São Paulo: Mercado de letras, Associação de Leitura do Brasil/Fapesp, 2003.

_____. ; BRAGANÇA, Aníbal. (org). *Impresso no Brasil: dois séculos de livros brasileiros*. São Paulo: UNESP, 2010.

ABREU, Marta. *O Império do Divino*. Festas religiosas e cultura popular no Rio de Janeiro, 1830 – 1900. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

AFONSO, José António; OLIVEIRA, I. B. de; STAMATTO, M. I. S.; SILVA, S. C. da. Educação e cultura protestante na transição do século XIX: circulação de impressos e diálogos luso-brasileiros. *Revista Educação Pública*, Cuiabá, v. 21, n. 47, p. 599 – 618, set/dez. 2012.

AL FAR, Alessandra. *O livro e a leitura no Brasil*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

ALMEIDA, Jane Soares. É preciso educar o povo! A influência da ação missionária protestante na Educação Escolar Brasileira (Século XIX). In: *Reunião Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação* (ANPED), 15, 2000. Caxambu. Anais ANPED. Caxambu, 2000.

ALMEIDA, Mirianne Santos. *Livros e leitores: saberes e práticas educacionais e religiosas na coleção folhetos evangélicos* (1860 – 1938). 126 f. Dissertação (Mestrado). Programa de pós-Graduação em Educação, Universidade Tiaradentes. Aracajú, 2013. Disponível em: <www3.unit.br/mestrado/educacao/wp-content/uploads/2013/05/Mirianne-Santos-de-Almeida-DISSERTAÇÃO-MESTRADO-EM-EDUCAÇÃO.pdf>. Acesso: 24 out, 2013.

ALTER, Robert. *A arte da narrativa bíblica*. Tradução de Vera Pereira. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

_____. KERMOD, Frank. *Guia Literário da Bíblia*. Tradução de Raul Fiker. São Paulo: Editora Unesp, 1998.

AMORY, Hugh.; HALL, David. *A History of Book in America*. The Colonial Book in the Atlantic World. Cambridge University Press, 2000. v.1.

André Dun. Lisboa: Tipografia dos Marianos, Rua das Janellas Verdes, 28. 1878.

ARAÚJO, Jorge de Souza. *Perfil do leitor colonial*. Salvador: UFBA; Ilhéus: UESC, 1999.

ASSIS, Machado de. *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. Jaguará do Sul (SC): Avenida Gráfica, 2005.

AUGUSTI, Valéria. *Trajetórias de Consagração: discursos da crítica sobre o romance no Brasil Oitocentista*. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2010.

BACELLAR, Carlos. Uso e mau uso dos arquivos. In: PINSKY, Carla B. (Org). *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2011.

BAER, Jhon W. The Youth's Companion's Pledge. (2007). Disponível em: <www.oldtimeislands.org/pledge/pdgech2.htm>. Acesso: 31 jan, 2013.

BARBOSA, José Carlos. *Negro não entra na Igreja espia da banda de fora: protestantismo e escravidão no Brasil Império*. Piracicaba: UNIMEP, 2002.

BARBOSA, Marialva. *História Cultural da Imprensa: Brasil – 1800 – 1900*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2010.

BARBOSA, Socorro de Fátima P. *Jornal e Literatura: a imprensa brasileira no século XIX*. Porto Alegre: Nova Prova, 2007.

BARBOSA, Socorro de Fátima P.. *Jornalismo e Literatura no século XIX paraibano: uma história*. (2011) Disponível em: <http://www.cchla.ufpb.br/jornaisfolhetins/estudos/Jornalismo_e_Literatura_no_seculo_XIX_uma_historia.pdf>. Acesso: 01 out, 2013.

BARDAY, Wade C. *History of Methodist Missions*. The Methodist Episcopal Church. 1845 – 1939. New York: The Board of Missions of the Methodist Church, 1957.

BASTOS, A. C. Tavares. *Cartas do Solitário* – Estudos sobre Reforma Administrativa, Ensino Religioso, Africanos livres, Tráficos de escravos, Liberdade da Cabotagem, Abertura do Amazonas, Comunicações com os Estados Unidos. 2 ed. Rio de Janeiro, 1863. Disponível em: <books.google.com.br/books?id=dilq4WHsHCwC&printsec=frontcover&dq=cartas+do+solitário&source=bl&ots=vofbo7LNHW&sig=bLgw4DXgMNVr1vf8sNRHbDXQU8&hl>. Acesso: 10 mar, 2011.

BASTOS, Maria Helena C. Leituras das famílias brasileiras no século XIX: O Jornal das famílias (1863 – 1878). *Revista Portuguesa de Educação*, v. 15, n. 02. Minho (Portugal). p. 169 – 214. Disponível em: <www.redalyc.org/pdf/374/37415209.pdf>. Acesso: 05 jan, 2014.

BAYM, Nina. *Woman's Fiction: A Guide to Novels by and about Women in America*. (1820 – 1870). Ithaca: Cornell University Press, 1978.

BAXTER, Richard. *The Reformed Pastor*. London: Printed by Robert White, 1657. Disponível em: < WWW.memoriahall.mass.edu/collection/itempage.jsp?ilemid=6021>. Acesso: 11 mar, 2011.

BENATTE, Antônio P. *História da leitura e recepção da Bíblia*. (2007) Disponível em: <www.oracula.com.br/numeros/012007/05_benatte.pdf>. Acesso: 16 abr, 2010.

BLOOM, Harold. *O Cânone Ocidental*. Trad. Marcos Satarrita. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

BOLIGNINI, Carmem Zink. (Org.) *História da Literatura: o discurso fundador*. Campinas (SP): Mercado das Letras, Associação de Leitura do Brasil (ALB); São Paulo: FAPESP, 2003 (Coleção História da Leitura).

BRAGA, Henriqueta Rosa F. *Música Sacra Evangélica no Brasil*. Rio de Janeiro. s.d. 1961.

BRANDT, Darcy H. Resumo Conceitual e Programático do *Pia Deideria* – Desejos piedosos. Disponível em: <www.luteranos.com.br>. Acesso em: 29 jan, 2011.

BROCA, Brito. Aluísio Azevedo e o romance-folhetim. In: BILAC, Olavo; MALLET, Pardal. *O esqueleto*. Rio de Janeiro: Casa da palavra, 2000.

BROWN, Candy G. *The Word in the World: Evangelical Writing, Publishing, and Reading in America – 1789-1880*. Chapel Hill: The University of North Carolina Press, 2004.

BOYLAN, Anne M. *Sunday School: The Formation of an American Institution – 1790-1880*. New Haven: Yale University Press, 1988.

BUENO, José A. P. *Direito Público Brasileiro e Análise da Constituição do Império*. Rio de Janeiro: Tip. Imp. E Constituição de J. Villanova, 1957.

BUNYAN, John. *O Peregrino*. São Paulo: Mundo Cristão, 2006.

_____. *The Pilgrim's Progress from This World to That which is to Come*. Hartford: Published by Silas Andrus, 1830. Disponível em: <ia600200.us.archive.org/14/items/pilgrimsprogress08bun/pilgrimsprogress08bun.pdf>. Acesso: 13 maio, 2010.

BURNET, Elizabeth. *A Method of Devotion: or, Rules for Holy & Devout Living with Prayers on several occasions and Advices and Devotions for the Holy Sacrament*. London, 1713. Disponível em: <www.gagebooks.com/catalogue/ant33/dscn2016jpg>. Acesso: 10 jul, 2012.

CASTELLI, Elizabeth A., et al (Orgs.). *A Bíblia Pós-Moderna: Bíblia e cultura coletiva*. Tradução de Bárbara T. Lambert. São Paulo: Loyola, 2000.

CANDIDO, Antonio. *Formação da Literatura Brasileira*. Belo Horizonte, Rio de Janeiro: Editora Itatiaia Limitada, 1997. v.1.

CAIRNS, Earle E. *O Cristianismo através do Século: Uma História da Igreja Cristã*. São Paulo: Vida Nova, 1995.

CALVANI, Carlos Eduardo. A Igreja Episcopal nos Estados Unidos e os primórdios no Brasil. Disponível em: <paroquiadainclusao.com/site/wp-content/uploads/2012/08/8.-A-Igreja-Episcopal-dos-Estados-Unidos-e-os-primordios-no-brasil.pdf>. Acesso: 12 ago, 2013.

CARDOSO, Douglas Nassif. *Robert Reid Kalley – médico, missionário e profeta: a história da inserção do protestantismo no Brasil e em Portugal*. São Bernardo do Campo: Edição do autor, 2001.

_____. *Sarah Kalley: Missionária Pioneira na evangelização do Brasil*. São Bernardo do Campo: Ed. do Autor, 2005.

_____. *Cotidiano Feminino no Segundo Império*. São Bernardo do Campo (SP): Ed. do Autor, 2005.

CEIA, Carlos. A questão do cânone literário: da teoria aos programas escolares. (2009) Disponível em: <<http://www.uc.pt/ciberkiosk/arquivo/ciberkiosk2/debatecannica.html>> Acesso: 01 dez, 2012.

CERTEAU, Michel de. *A Invenção do cotidiano*. Petrópolis: Vozes, 1994.

_____. Uma variante: a edificação hagio-gráfica. In: *A escrita da história*. Rio de Janeiro: Forense-universitária, 1982.

CERVO, Amando Luiz. *História da Política exterior do Brasil*. São Paulo: Ática, 1992.

CHARTIER, Roger. *A História Cultural: Entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Bertrand, 1990.

_____. *A história ou a leitura do tempo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

_____. *A ordem dos livros: leitores, autores e biblioteca na Europa entre os séculos XIV e XVIII*. Brasília: Editora Universitária de Brasília, 1999.

_____. *Leituras e Leitores na França no Antigo Regime*. Trad. Álvaro Lorentini. São Paulo: UNESP, 2004.

_____. (Org.) *Práticas da Leitura*. Trad. Cristiane Nascimento. São Paulo: Estação Liberdade, 2009.

_____. Textos, Impressão, Leituras. In: HUNT, Lynn. *A Nova História Cultural*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

CHACON, V. *História das ideias socialistas no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964.

COSTA, Hermisten M. P. O Protestantismo e a palavra impressa no Brasil: ensaios introdutórios. Disponível em: <www33mackenzie.br/editora/index> Acesso: 10 mar, 2010.

_____. José Manuel da Conceição, um reformador nativo. In: *Revista Ciências da Religião, História e Sociedade*. v. 10, n. 02, 2012. Disponível em: <www.monergismo.net.br/textos/biografias/jmc-reformador-nativo_hermisten-maia_art2.pdf> Acesso: 10 nov, 2013.

CONCEIÇÃO, José Manuel da. *Sentença de excomunhão e sua resposta*. Tipografia Perseverança: Rio de Janeiro, 1867.

CONCEIÇÃO, José Manuel da. (Trad.) *Exéquias Exéquias a Abraão Lincon, presidente dos Estados Unidos*. Rio de Janeiro: Imprensa Evangélica, Tipografia Laemmert, s. d.

_____. *Nova história sagrada do Antigo e Novo Testamento*. Rio de Janeiro: Laemmert, 1856.

CUNHA, Antônio Geraldo da; (et all). *Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

CURTIUS, Ernest Robert. *Literatura Europeia e Idade Média Latina*. 2. ed. Tradução Teodoro Cabral. Brasília: Instituto Nacional do Livro, 1979.

DARNTON, R. Primeiros Passos para uma História da Leitura. In: *O beijo de Lamourette: mídia, cultura e revolução*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

DOUGHIE, Jacqueline Z. Um estudo sobre a formação da Hinódia Protestante Brasileira. In: *Revista Digital de estudos em Religião*. v. 1. (Maio, 2006). Disponível em: <www.revistaancora.com.br/revista_1/02.pdf>. Acesso: 10 jan, 2013.

DURAN, Maria Renata da C. *Retórica e Eloquência no Rio de Janeiro (1759 – 1834)*. 2009. 195 f. Tese (Doutorado) – Faculdade de História, Direito e Serviço Social, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Franca, 2009.

Elementary Scripture Question-Book. Philadelphia: American Sunday School Union, 1859. Disponível em: <books.google.com.br/books?id=ik0JAQAAMAAJ&printsec=frontcover&hl=PT-BR&source=gbs_navilinks_s>. Acesso: jul, 2013.

ERICKSON, Gerald C. *Os Evangélicos em Portugal*. Núcleo: Queluz, 1985. pp.19-20.

FAINGOLD, Reuven. D. Pedro II, manuscritos hebraicos e os orientistas de São Petesburgo. Disponível em: <www.reuvenfaingold.com/artigos/dompedro_manuscritos_hebraicos.pdf>. Acesso: 20 jun, 2012.

FEITOZA, Pedro B. de Souza. A “Imprensa Evangélica” como estratégia para a inserção do Protestantismo no Brasil Imperial. Disponível em: <[ww.encontro2010.rj.anpuh.org/resources/anaias/8](http://www.encontro2010.rj.anpuh.org/resources/anaias/8)>. Acesso: 29 jan, 2010.

FLAUBERT, Gustave. *Madame Bovary*. Trad. Enrico Corvisieri. São Paulo: Nova Cultural, 2002.

FERREIRA, João C. Leonel. *História da Leitura e Protestantismo Brasileiro*. São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie e Paulinas Editora, 2010.

FERREIRA, João C. Leonel. João C. Leonel. A Bíblia como Literatura – lendo as narrativas bíblicas. (2009) Disponível em: www.abiblia.org/ver.php?id=1262&id_autor=58&id_utente&caso=artigos#.UhbJMhXBEbR>. Acesso: 10 out, 2012.

_____. Sermonística e a introdução do protestantismo no Brasil no século XIX: Ashbel Green Simonton. In: DURAN, Maria Renata da C. (Org.). *Triunfo da Eloquência: Sermões reunidos e comentados – 1656 a 1864*. Niterói (RJ): Editora da UFF, 2012.

FERREIRA, Júlio A. *A história da Igreja Presbiteriana no Brasil*. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1992. v. 1.

FORSYTH, William B. *Jornada no Império: Vida e Obra do Dr. Kalley no Brasil*. São José dos Campos (SP): Editora Fiel, 2006.

FOUCAULT, Michel. *A Ordem do discurso*. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

_____. A escrita de si. In: *O que é um autor?* Lisboa: Passagens, 1992. pp. 129 – 160.

_____. *História da loucura na idade clássica*. São Paulo: Perspectiva, 1978.

FRY, Northrop. *O Código dos códigos. A Bíblia e a Literatura*. São Paulo: Boitempo, 2004.

FREYRE, Gilberto. *Vida Social no Brasil nos meados do século XIX*. São Paulo: Global, 2008.

FREITAS JÚNIOR, Cleófas L. A. de. *As práticas e representações femininas no Protestantismo de Campina Grande: A Igreja Evangélica Congregacional (1927-1960)*. 2010. 161 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós Graduação em História, Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, 2010.

GAMBEL, John B.; WELEER, Charles. *A Bíblia como Literatura: uma introdução*. Tradução de Adail U. Sobral e Maria Stela Gonçalves. São Paulo: Loyola, 1993 (Coleção Bíblica Loyola, n.10).

GINSBURG, Salomão L. *A Wandering Jew in Brazil: an autobiography of Salomom F. Ginsburg*. Nashville: Southern Baptist Convention, 1921. Disponível em: ia700402.us.archive.org/26/items/cu31924020401992/cu31924020401992.pdf>. Acesso: 10 set, 2013.

GINSBURG, Salomão L. *Um judeu errante no Brasil: autobiografia de Salomão Ginsburg*. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1931.

GIRALDI, Luiz Antônio. *A História da Bíblia no Brasil*. São Paulo: Sociedade Bíblica Brasileira, 2008.

GOMES, Antônio M. de A. *Religião, educação e progresso: a contribuição do Mackenzie College para a formação do empresariado em São Paulo entre 1870 e 1914*. São Paulo: Editora Mackenzie, 2000.

GONÇALVES, Carlos Barros. As Polêmicas antiprotestantismo nas primeiras décadas do século XX: Cuiabá 1926, 1927. *Fronteiras*, Dourados (MS), v.12, n. 21, p. 151 – 158, jan./jun. 2010. Disponível em: <www.periodicos.ufgd.edu.br/index.php/FRONTEIRAS/article/viewFile/1179/716>. Acesso: 27 jul, 2013.

GREEN, Ian. *Print and Protestantism in Early Modern England*. New York: Oxford University Press, 2000.

GUIMARÃES, Manoel Luis S. Nação e Civilização nos Trópicos: O Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o Projeto de uma História Nacional. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, n. 1, p. 5-27, 1998.

HALE, Sara J. *Lessons from Women's Live*. 1877. Disponível em: <archive.org/stream/lessosnfromwomem00haleiala#page/n7/mode/2up>. Acesso: 30 jan, 2013.

HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil: sua história*. 2. ed.. São Paulo: Editora da USP, 2005.

HANSEN, João Adolfo. Leituras Coloniais. In: ABREU, Márcia (org). *Leitura, História e História da Leitura*. Campinas; São Paulo: Mercado das Letras, 1999. (Coleção Histórias de Leitura) pp. ?

_____. O nu e a luz: cartas dos jesuítas do Brasil. Nóbrega – 1549- 1558. *Revista IEB*. São Paulo, n. 38, p. 87-119, 1995.

_____. Ler & Ver: pressupostos da representação colonial. Disponível em: <[HTTP://victorian.fortunecity.com/statue](http://victorian.fortunecity.com/statue) > Acesso em: 22 jan. 2002.

HANGEBACH, K. R. *Compendium of The History of Doctrines*. Ediburgh: T. & T. Clarkc, 38. George Street. Disponível em: <archive.org/stream/compendiumhisto00buchgoog#page/n10/mode/2up>. Acesso: 12, dez, 2012.

HENRIK, Rodrigo. *John Bunyan e O peregrino*. Disponível em: <<http://www.ministeriounidade.org>>. Acesso: 25 jan, 2011.

HERBERT, George. *Half-Hours With Our Sacred Poets*. London: James Blackwood e Co., Lovell's Court, Paternoster Row, 1863. Disponível: <ia801603.us.archive.org/33/items/halfho00gran/halfho00gran.pdf>. Acesso: fev, 2013.

HILSDORF, Maria Lúcia. Educadoras Metodista no Século XIX: uma abordagem do ponto de vista da História da Educação. *Revista de Educação do Cogeime*, Junho, n.20, p.93-98, 2002. Disponível em: < <http://www.cogeime.org.br/revista/cap1020.pdf>>. Acesso: 15 jun, 2012.

Historical Sketch of The American Sunday – Scholl Union and of its contributions to popular education in The United States (1865). Disponível em: < google.books.com.br/books?id=yhIAAAAAYAAJ&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false>.

HOLT, Emily Sarah. *The King's Daughters*. London: Pickering & Inglis, 1888. Disponível em: <<https://archive.org/stream/thekingsdaughter23120gut/pg23120.txt>>

HUT, Lynn. *A Nova História Cultural*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

Historical Sketch of The American Sunday – Scholl Union and of its contributions to popular education in The United States (1865). Disponível em: < google.books.com.br/books?id=yhIAAAAAYAAJ&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false>.

JAMES, John A. *Sunday School Teacher's Guide*. Montreal: Campbel & Becket, 1841. Disponível em: <ia700500.us.archive.org/30/items/cihm_89760.pdf>. Acesso: 30 jan, 2013.

JAMES, Sharon. *Elizabeth Prentiss: More Love to Thee*. Carlisle, PA: Bannero Thutt, 2006.

KALLEY, R. R.; M. D. & C. *Uma Exposição de Factos*. Lisboa: Typographia Luso-britannica de W. T. Wood – Rua direita das Janelas Verdes, 1875.

_____. *Observações à Instrução Pastoral do Exmo. Bispo do Porto D. Américo, sobre o Protestantismo*. Porto: Imprensa Civilização de Santos & Lemos, 1879.

KALLEY, Sarah P. *A Alegria da Casa ou Raios de Luz: sobre a vida familiar*. Rua das Janelas Verdes (Lisboa): Livraria Evangélica, 1912.

_____. *Psalmos e Hymnus: para o uso daqueles que amam o nosso Senhor Jesus Christo*. Rio de Janeiro: Typographia Universal de Laemmert, 1861.

KENNEDY, James L. *Cincoenta annos de methodismo no Brasil*. São Paulo: Imprensa Metodista, 1928.

KIDDER, Daniel P. *Reminiscências de Viagens e Permanências no Brasil*. Coleção Compreendendo Notícias Históricas e Geográficas do Império e de Diversas Províncias. Trad. Moacir N. Vasconcelos. Brasília: Senado Federal, 2001.

KINGSTON, W. H. G. *Villegagnon: a tale of The Huguenot Persecution*. London: Sunday School Union, 1886. Disponível em: <www.archive.com>. Acesso: out, 2012.

KOSTER, Henry. *Travels in Brazil*. London: Logman Hust, Rees, Orne and Brown, 1816. Disponível em: <<http://archive.org/detail/travelsinbrazil00kost>>. Acesso: 30 mai, 2012.

LE GOFF, Jaques. *História e Memória*. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.

LEMY, Bernard. *Apparatus Biblicus or an Introduction to the Holy Scriptures in The Three Books and a New Method of Reading The Escriptrue done into English from the French with notes and a additions ilustradet with thirty copper-plates; Psalms*. London, 1723. Disponível em: <www.gagebooks.com/catalogue/ant33/dscn2071.jpg>. Acesso: 10 jul, 2012.

LÉONARD, Émile G. *O protestantismo brasileiro: estudo de eclesiologia e história social*. São Paulo: Aste, 1963.

LÉRY, Jean de. *Viagem à Terra do Brasil*. Tradução de Sérgio Milliet. Belo Horizonte: Itatiaia, 2007.

LESLIE, Carlos. *Os Deístas e a verdade das Escripuras* (em forma de carta). Lisboa: Typ. do Dicionário Universal Portuguez, Rua de S. Mamede (ao Caldas, 26), 1893.

LESSA, Vicente T. *Anais da Primeira Igreja Presbiteriana de São Paulo [1863-1903]*. São Paulo: Cultura Cristã, 2010.

LIMA, Sérgio Prades. *Peregrinos, Missionários e Protestantismo: o caso de Robert Reid Kalley*. 2010. 170 f. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Seropédica, 2010.

LIMEIRA, Aline de Moraes. *Educação Particular e Publicidade no Almanak Laemmert (1844 – 1859)*. Trabalho Final do programa Nacional de Apoio à Pesquisa da Fundação Biblioteca Nacional, 2007. Disponível em: <http://www.bn.br/portal/arquivos/pdf/Aline_de_Morais.pdf> Acesso em: 10 jun, 2013.

LOPES, Augustus Nicodemus G. *Puritanismo*. Disponível em: <www.monergismo.com/textos/puritanos/puritanismo_augustus.htm>. Acesso em: 30 jun, 2012.

LUCA, Tania Regina de; MARTINS, Ana Luiza. *História da Imprensa no Brasil*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2012.

LUSTOSA, Antonio de Almeida. *Dom Macedo Costa* (Bispo do Pará). 2. ed. Belém: Secretaria de Estado da Cultura, 1992.

MACIEL, Laura A. Produzindo notícias e histórias: algumas questões em torno da relação telegráfo e imprensa – 1880-1920. In: FENELON, Déa Ribeiro *et all* (Orgs.). *Muitas memórias, outras histórias*. São Paulo: Olho d'Água, 2004.

MAGALHÃES FILHO, Glauco B. *O Imaginário em As Crônicas de Nárnia*. São Paulo: Mundo Cristão, 2005.

MANGUEL, Alberto. *Uma história da leitura*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

MANZUR, Tânia Maria P. G. Opinião Pública e política externa do Brasil do Império a João Goulart: um balanço historiográfico. *Revista Brasileira de Política Internacional*. v. 42, n. 1, jan/jun, 1999. Disponível em: <www.scielo.br/php?script=sci=ar&pid=S0034-7329199900010002>. Acesso: fev, 2013.

MARTEILHÉ, Jean. *Autobiography of a French Protestant: Codemned to The Gallies for The Sake of his Religion*. Translate from the French. London: The Religious Tract Society, 1864. Disponível em: <ia700407.us.archive.org/1/items/autobiographyoffmart.pdf>. Acesso em: 20 dez, 2012.

MARTINHO, Ana Marinho M. *Cânones Literários e Educação: os casos angolano e moçambicano*. São Paulo: FCG, 2001.

MARTINO, Agnaldo; SAPATERRA, Ana Paula. A censura no Brasil do Século XVI ao Século XIX. In: *Estudos Linguísticos*, XXXV, p. 234 –243, 2006. Disponível em: <www.usp.br/proin/download/artigo/artigos_censura_brasil.pdf>. Acesso: 10 jan, 2013.

MARTINS, Ana Luiza. Gabinetes de Leitura do Império: Casas Esquecidas das Censuras? In: ABREU, Márcia (Org). *Leitura, História e História da Leitura*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1999. pp. 395 – 410.

_____. *Revistas em Revista: Imprensa e Práticas Culturais em tempo de República*, São Paulo (1890 – 1922). São Paulo: EDUSP: FAPESP, 2008.

MARTINS, Karla Denise. Civilização Católica: D. Macedo Costa e o desenvolvimento da Amazônia na segunda metade do século XIX. In: *Revista de História Regional*, v.7, n. 1, p. 73 – 103, Verão 2002.

MASCARENHAS, Nelson Lage. *Um jornalista no Império* (Firmino Rodrigues da Silva). São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1961. Disponível em:<www.brasiliana.com.br/obras/um-jornalista-do-imperio>. Acesso: 01 out, 2013.

MATOS, Aldery de S. Resgatando aspectos da fé reformada. Disponível em: <<http://www.mackenzie.br/7069.html>>. Acesso: 04 mar, 2012.

MATOS, Aldery de S. A atividade literária dos presbiterianos no Brasil. *Fides Reformata*. São Paulo: XII. n. 02, 2007. Disponível em: <www.mackenzie.br/fileadmin/Mantenedora/CPAJ/revista/VOLUME_XII_2007_2/alderi.pdf>. Acesso: 10 jun, 2012.

MAURO, Frédéric. *O Brasil no tempo de D. Pedro II*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

MACKENZIE, D. F. Bibliography and the sociology of texts. In: *Bibliography and the sociology of texts*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

MENDONÇA, Antonio G. *O Celeste Porvir – a inserção do protestantismo no Brasil*. São Paulo: Editora Paulinas, 1995.

_____, VELASQUES, Prócoro. *Introdução ao protestantismo no Brasil*. São Paulo: Loyola, 1990.

MEYER, Marlyse. *Folhetim: uma história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

MOREL, Marcos. Os Primeiros Passos da Palavra Impressa. In: MARTINS, Ana Luísa; LUCA, Tania Regina de. *História da Imprensa no Brasil*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2012.

NASCIMENTO, Ester F. V. C. A Batalha da fé nos jornais da província de Sergipe. (2006). Disponível em: <http://iaracaju.infonet.com.br/serigysite/ler.asp?id=205&titulo=Artigos_Colaboradores> . Acesso: 03 jun, 2011.

_____. *Educar, Curar, Salvar: uma ilha de civilização no Brasil Tropical*. Maceió: EDUFAL, 2007.

_____. Livros proibidos no Brasil Colonial. (2008) Disponível em: <alb.com.br/arquivo-morto/edicoes_anteriores/.../sm07ss03_02pdf> Acesso: 10 mar, 2012.

NEVES, Fernando Arthur de F. *Solidariedade e Conflito: Estado Liberal e Nação Católica no Pará sob o pastado de D. Macedo Costa (1862 – 1889)*. 2009. 364 p. Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP), São Paulo, 2009. Disponível em: <www.dominionpublico.gov.br/download/texto/cp121554.pdf>.

NÓBREGA, Manoel. *Cartas do Brasil: 1549-1560*. (Publicações da Academia Brasileira de Letras) Oficina Industrial Gráfica, 1931. Disponível em: <PT.scribd.com/doc/34140493/Padre-Manoel-da-Nobrega-Cartas-do-Brasil>. Acesso: 27 mai, 2012.

OLIVEIRA, Betty Antunes de. O Primeiro Jornal do Amazonas. (1967) (Apontamentos de pesquisa). Disponível em: <www.pibrij.com.br>. Acesso: 15 agos, 2013.

ORNE, Willian. *The Life and Times of the Rev. Richard Baxter: with a critical examination of his writings*. New York: Boston & Brewstr, 1831. Disponível em: <www.archive.com> Acesso: 09 jun, 2012.

PATTERSON, Mary Hampson. *Domesticating the Reformation: Protestant Best Sellers, Private Devotion and the English Piety*. Canbury (USA): Associated University Presses, 2007.

PÉCORA, Álcir. A Guisa de Manifesto. In: *Máquinas de Gêneros: novamente descoberta e aplicada a Castiglione, Della Casa, Nóbrega, Camões, Vieira, La Rechefoucaud, Gonzaga, Silva Avarenga e Bocage*. São Paulo: EDUSP, 2001.

PEREIRA, Eduardo Carlos. *As origens da Igreja presbiteriana Independente do Brasil*. 3. ed. São Paulo: Livraria Almeida Editora, 1965.

PILLA, Maria Cecília B. A. Manuais de Civilidade, modelos de civilização. (2003) História em Revista 09. Disponível em: <www2ufpel.edu.br/ich/ndh/hr/hr_09/historia_em_revista_09_maria_pilla.htm>. Acesso: 30 nov, 2013.

PINA, Patrícia Kátia da C. O jornal, o leitor e a leitura no Oitocentos brasileiro. (2010). Disponível em: <www.uefs.br/nep/labirintos/edicoes/02_2010/03-dossie_patricia_katia_da_costa.pdf>. Acesso: 05 jan, 2014.

PINSKY, Carla B. (Org.). *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2011.

PORTO FILHO, Manuel da Silveira. *A Epopeia da Ilha da Madeira*. UIECB: Rio de Janeiro, 1987.

REILY, Duncan Alexander. *História Documental do Protestantismo no Brasil*. 3.ed. São Paulo: Aste, 2003.

REYNOLDS, David. *Faith in Fiction: The emergence of Religious in America*. Cambridge, Mass: Harvard University Press, 1981.

RIBEIRO, Boanerges. *A Igreja Presbiteriana no Brasil, da autonomia ao cisma*. São Paulo: O Semeador, 1987.

_____. *Igreja Evangélica e República Brasileira (1889 – 1983)*. São Paulo: O Semeador, 1991.

_____. *Protestantismo no Brasil Monárquico*. São Paulo: Pioneira, 1973.

RIBEIRO, Boanerges. *Protestantismo e Cultura Brasileira*. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1981.

RICE, Willard M. *History of The Presbyterian Board of Publication and Sabbath School Work*. Philadelphia: Presbyterian Board of Publication, 1888. Disponível em: <ia700301.us.archive.org/9/items/historyfpresbi00rice.pdf>. Acesso: 10 nov, 2012.

RICHARDISON, Roberto Jarry. *Pesquisa Social – Métodos e técnicas*. São Paulo: Atlas, 1999.

RIVERA, Paulo Barrera. A reinvenção de uma tradição no protestantismo brasileiro: a Igreja Evangélica Brasileira entre a Bíblia e a Palavra de Deus. In: *Revista USP*. São Paulo: 2005, v. ?, n. 67, set/nov. 2005. p. 78 – 99. Disponível em: <www.usp.br/revistausp/67/07-rivera.pdf>. Acesso: 01 out, 2013.

ROCHA, João Gomes da. *Lembranças do Passado*. Centro Brasileiro de Publicidade Ltda: Rio de Janeiro, DF, v. 1, 1941.

RICHIMOND, Legh. *Domestic Portraiture* (1849). Disponível em: <archive.org/21/items/domesticportrait00rich/domesticportrait00rich.pdf>. Acesso: 02 fev, 2013.

RODRIGUES, Dayane Damacena. Querelas envolvendo a disseminação do Evangelho protestante e as doutrinas Ultramontanas de Dom Macedo Costa (1863 – 1873). (2011) Disponível em: <www.olhi.uem.br/gtreligião/pdf8/st11/007%20-Dayane%20Damacena%20Rodrigues.pdf>. Acesso: 08 mai, 2013.

SALVADOR, José G. *História do Metodismo no Brasil*. São Bernardo do Campo: Imprensa Metodista, 1982.

SAMPEY, John R., PRAICE, Ira M. *The Story of The Uniform Lessons*. Elgin, Illinois: David C. Cook Publishing Company, 1930. Disponível em: <ia700308.us.archive.org/3/items/MN41742ucmf_0/MN41742ucmf_0.pdf>. Acesso: mar, 2013.

SANTOS, Edwiges Rosa dos. *O Jornal Imprensa Evangelica – diferentes fases no contexto brasileiro (1864 – 1892)*. São Paulo: Universidade presbiteriana Mackenzie, 2009.

SANTOS, Dominique Vieira C. Acerca do conceito de representação. In: *Revista de Teoria da História*. Ano 3, n. 06. Dez/2011. UFG. Disponível em: <revistadeteoria.historia.ufg.br/uploads/114/original_Artigo%20,%20SANTOS.pdf?1325192377>. Acesso: 14 out, 2013.

SANTOS, Lyndon. Os sentidos da árvore e da democracia: uma história dos congregacionais no Brasil. In: SILVA, Elizete; SANTOS, Lyndon de A.; ALMEIDA, Vasni de. *Fiel é a Palavra: leituras históricas dos evangélicos protestantes no Brasil*. Feira de Santana: UEFS editora, 2011. pp. 125-174.

SARTIN, Phillippe Delfino. Espiritualidade e História: os *Exercícios Espirituais* (1686) de Manoel Bernardes e o catolicismo tridentino em Portugal. Disponível em: < pos-historia.historia.ufg.br/uploads/113/original_Phillippe_Delfino_Sartin.pdf>. Acesso em: 30 set, 2013.

SCHAPOCHNIK, Nelson. Das ficções do arquivo: ordem dos livros e práticas de leitura na Biblioteca Pública da Corte Imperial. In: ABREU, Márcia (Org.). *Leitura, História e História da Leitura*. Campinas, SP: Mercado das Letras, 1999. pp. 273 – 311.

SCHWARCZ, Lília Moritz. *As barbas do Imperador: D. Pedro II, um monarca nos trópicos*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SCHWARCZ, Lília Moritz. Introdução. In: ROQUETTE, J. I. *Código do Bom Tom: ou Regras da civilidade e de bem viver no século XIX*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

SÉGUR, M. L. G. *Conversações Familiares acerca do Protestantismo Actual*. Lisboa: Typografia de G. M. Martins, 1864.

SHARP, John. *A Sermon Preached before the Honourable House of Commons at Sta. Margaret's Westminster, on Wenesday the 21th of May, 1690*. Walter Kattisby: London, 1690. Disponível em: < www.gagebooks.com/catalogue/ant33/dscn1961.jpg>. Acesso: 10 jul, 2012.

SIMONTON, A. G. *O Diário de Simonton (1852 – 1856)*. 2. ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2002.

_____. *Sermões Escolhidos do Reverendo A. G. Simonton*. Nova York: G. D. Shearer, 1869.

SILVA, Paula Nudmila de O. *Os impressos protestantes como fonte para a história da educação: inferências educativas no sul de Mato Grosso. (Final do século XIX; início do século XX)*. 2011. 121 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação, Universidade Federal da Grande Dourados (MS). Dourados, 2011.

SMITH, Benjamin. *Gems Reset; or The Wesleyan Catechisms Illustrated*. London: Wesleyan Conference Office, 1876. Disponível em: <archive.org/stream/gemsresetorwes100smitgog#page/n26/mode/2up>. Acesso: 01 dez, 2012.

SMITH, Gail K. The Sentimental Novel: The example of Harriet Beecher Stowe. In: BAWER, Dale M.; GOULD, Philip. *The Cambridge Companion to Nineteenth – Century American Women’s Writing*. Cambridge: University Press, 2001.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977.

SOUZA NETO, Alaim. *Formação do leitor e cânone literário: relações entre as Orientações Curriculares e as práticas docentes*. 2008. 115 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC). Criciúma, 2008.

SOUZA, Silas. Presbiterianismo no Brasil. In: *Fiel é a Palavra: leituras históricas dos evangélicos protestantes no Brasil*. Feira de Santana: UEFS editora, 2011. pp. 177 - 222.

STOWE, Harriet Beecher. *Uncle Tom’s Cabin or Life Among The Lowly*. Boston: Jhon P. Jewett and Company, 1852. Disponível em: <georgialife.files.wordpress.com/2009/10/uncle-toms-cabin1.jpg>. Acesso: jan, 2013.

STRACHAN, Alexander. *The Life of Rev. Samuel Leigh*. Missionary to The Settlers and Sanuages of Australian and New Zealand. London: The Wesleyan Mission House, 1870. Disponível em: <ia700307.us.archive.org/26/items/lifeofrevsamuel00straiala/lifeofrevsamuel00straiala.pdf>. Acesso: 08 dez, 2012.

TAYLOR, Alfred. *Sunday School Photographs*. Boston: Henry Hoyte Publisher, 1864. Disponível em: <books.google.com.br/books?id=014EAAAAQAAj&Oe=UTF-8&redir_esc=y>. Acesso: 10 jan, 2013.

The Baptist Catechism, commomly called *Keache’s Catechism* or, *A Brief Instruction in The Principles of The Christian Religion*. Philadelphia: American Baptist Publication Society, 118 Arch Street, 1851. Disponível em: <ia700304.us.archive.or/11/items/MN40248ucmf_4/MN40248ucmf_4.pdf>. Acesso: 01 dez, 2012.

The Bible and Holy Scriptures conteynedin The Old and New Testament. Geneva: 1560. Disponível em: <http://en.wikipedia.org/wiki/Geneva_Bible>. Acesso: 10 mar, 2011.

The New Testamento of Our Lord and Savior Jesus Christ. Printed by Thomas and John Buce. University of Cameridge, 1630.

TOOD, John. *The Sunday School Teacher*. London: Published by Willian Ball, Aldine Chambers, Paternoster Row; and sold by all booksellers, 1838. Disponível em: <books.google.com.br/books?id=014EAAAAQAAJ&printsec> . Acesso: 30 jan, 2013.

VASCONCELOS, Micheline Reinaux de. *As Boas Novas pela palavra impressa: impresso e imprensa protestante no Brasil (1837 – 1930)*. 2010. 208 p. Tese (doutorado) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP), São Paulo, 2010.

_____. A gênese da editoração protestante no Brasil: o circuito de difusão das publicações (1830 – 1920). In: *Clio – Revista de pesquisa Histórica*, v. ?, n. 30.2, pp. 1 – 29, 2012. Disponível em: <www.revista.ufpe.br/revista.clio/index.php/revista/article/view/243>. Acesso: 20 dez, 2013.

VIEIRA, Davi G. *O Protestantismo, a Maçonaria e Questão Religiosa*. Brasília: UnB, 1980.

VILAR, Socorro de Fátima P. PCNs e Literatura: novas roupagens para velhos problemas. In: SOUSA, Maria Ester de; VILAR, Socorro de Fátima P. (Orgs.) *Parâmetros Curriculares em questão – Ensino Médio*. João Pessoa: Editora Universitária (UFPB), 2004. pp. 111 – 129.

_____. *A invenção de uma escrita: Anchieta, os jesuítas e suas histórias*. Rio Grande do Sul: EDIPUCRS, 2006. WATANABE, Tiago Hideo B. A ilusão biográfica no protestantismo nacional: Ashbel Green Simonton, a construção de si e a legitimidade de práticas religiosas. Disponível em: <www.ichs.br/ner/images/.../Tiago_Hideo_Barbosa_Watanabe.pdf> Acesso: 04 abr, 2012.

WALLACE, Lew. *Bem-Hur. A Tale of The Christ*. New York: Harper e Brothers, 1887. Disponível em: <ia700509.us.archive.org>. Acesso: 21 mai, 2012.

ZIMMER, Rudi. O uso da Bíblia no Ocidente – na evangelização. In: *Fórum de Ciências Bíblicas: 1600 anos da primeira grande tradução ocidental da Bíblia – Jerônimo e a tradução da Vulgata Latina*. Barueri (SP): Sociedade Bíblica do Brasil, 2013. Disponível: <books.google.com.br>. Acesso: 23 nov, 2013.

Catálogos pesquisados

A Catalogue of religious, scientific, illustrated, juvenile, and miscellaneous books (including educational works) [microform]: constantly kept for sale by Jhon Bennett Strong, bookseller stationer and new agent; Hollis Street, Halifax, 1860. Disponível em: <ia600309.us.archive.org/2/items/cihm_12950/cihm_12950.pdf>. Acesso: 15 nov, 2012.

A Selected Catalogue of Theological Works; embracing Church History, Christian Biography, Critical and Devotional Commentaries and Miscellaneous Religious Works: for sale by Rollo & Adam; 61, King Street, Toronto, 1862.

A General Catalogue of Books for sale at the Wesleyan Methodist Book Room; Printed at the Wesleyan Conference Book and Job Office, 1869; 80 King Street East, Toronto. Disponível em: <ia6000602.us.archive.org/27/items/cihm_89564/cihm_89564.pdf>. Acesso: 15 nov, 2012.

Baptist Book and Tract Society's – Catalogue Books and Periodicals. Baptist Book Room, Granville Street, Halifax. 1884. Disponível em: <ia600801.us.archive.org/27/items_94358/cihm_94358.pdf>.

General Catalogue or Stander Books, Sunday School Libraries for sale at Wesleyan Book Room (1872). Toronto: Printed at The Guardian Book and Job Establishment; 80 King Street East and 4 Court Street. Disponível em: <ia700602.us.archive.org/8/items/cihm_89565/cihm_89565.pdf>.

Fontes Documentárias

CONSTITUIÇÕES DO BRASIL. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1948.

Constituição de 1824 Disponível em: <<http://www.dircost.unito.it/cs/docs/Brasile%201824.htm>>. Acesso: 22 mar 2012.

IGREJA PRESBITERIANA DO BRASIL. Livro de Atas e Relatório do Presbitério do Rio de Janeiro: O Relatório do Pastor da igreja do Rio de Janeiro para 1866 – 1867 apresentado e lido perante o Presbyterio do Rio de Janeiro na sessão do dia 12 de julho de 1867 por A. G. Simonton.

Fontes periódicas

A ESTAÇÃO: Jornal ilustrado para a família. n. 12. Rio de Janeiro. 30 de junho de 1879. Disponível: <memoria.bn.br/pdf/709816/per709816_1879_00012.pdf>.

A IMPRENSA. n. 91. São Luiz, 27 de Novembro de 1861.

A PAZ. Ano I, n. 01. Manaus. 21 de março de 1889.

A SEMANA. n. 01. Rio de Janeiro. 03 de janeiro de 1885. p. 01. Disponível em: <memoria.bn.br/pdf/383422/per383422_188500001.pdf>.

AS BOAS NOVAS. Rio de Janeiro. 1900.

AURORA DO EVANGELHO. Castro (PR).1898.

BEM-TE-VI. Revista mensal. n. 02. São Paulo. 1926.

CORREIO MERCANTIL. “A Viagem do Christao”. Ano XIX . n. 271. Rio de Janeiro. 05 de outubro de 1856. p. 02 Disponível em:<memória.bn.br/pdf2/217/280/per217280_1856_00274.pdf>.

_____. “O mal denominado na maior parte do romance”. Ano ? n. ?. Rio de Janeiro. 20 de janeiro de 1859. Disponível em: <memória.bn.br/pdf2/217208/per2017208_1859_00051pdf>

_____. “O ladrão na Cruz”. Ano XVIII. n. 65. Rio de Janeiro. 27 de março de 1861. s/p. Disponível em: <http://memoria.bn.br/pdf2/217280/per217280_1861_00085.pdf>.

_____. “A Religião e a Alfândega por Pe. Luiz L. Teixeira”. Ano? n. 266. Rio de Janeiro. 10 de outubro de 1861. p.02. Disponível: < http://memoria.bn.br/pdf2/217280/per217280_1861_00266.pdf>.

_____. “Ordem de despacho dos exemplares de O ladrão na Cruz”. Coluna Notícias Gerais. Ano? n. 52. Rio de Janeiro. 22 de fevereiro de 1863. p. 01. Disponível em: < http://memoria.bn.br/pdf2/217280/per217280_1863_00052.pdf>.

_____. “Os jesuítas, irmãos de caridade e lazaristas e seu órgão a Cruz” por R. R. Kalley . Ano? n. 105. Rio de Janeiro. 16 de abril de 1864. p. 03. Disponível em: < http://memoria.bn.br/pdf2/217280/per217280_1864_00105.pdf>.

_____. “Que allegará o protestantismo, esse corpo envelhecido na pressunção e sem vida?” por R. R. Kalley. Ano? n. 98. Rio de Janeiro. 09 de março de 1864. p. 02. Disponível em: < http://memoria.bn.br/pdf2/217280/per217280_1864_00068.pdf>.

_____. “Uma amostra de Jesuitismo” por R. R. Kalley. Coluna Publicações a Pedido. Ano ? n. 88. Rio de Janeiro. 30 de março de 1864. p. 02 . Disponível: < http://memoria.bn.br/pdf2/217280/per217280_1864_00088.pdf>.

_____. “Cumprimentos pela publicação do *Imprensa Evangelica*”. n. 306. Rio de Janeiro. 06 de novembro de 1864. p. 01. Disponível: < memoria.bn.br/docReader/DocReader.aspx?bib=217280>.

CORREIO MERCANTIL. “Bíblías falsificadas”. Ano XXIII. n. 35. Rio de Janeiro. 04 de fevereiro de 1866. Ano XXIII. n. 35, p. 02. Disponível:<<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=217280&pasta=ano%20186&pesq=B%C3%ADblías%20falsificadas???>>

_____. “Exterior”. Coluna Noticiário. Ano XXIII. n. 61. Rio de Janeiro. 03 de março de 1866. p. 01. Disponível:<http://memoria.bn.br/pdf2/217280_1866_00061.pdf>.

CORREIO PAULISTANO. “Excomunhão do Pe. Conceição”. Ano XIV. n. 3269. São Paulo. 23 de abril de 1867. p. 02. Disponível em: <memoria.bn.br/pdf/090972/per090972_1867_03269.pdf>.

_____. Ano IX. n. 1921 São Paulo. 02 de outubro 1862. Disponível em:<memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=090972_09>.

_____. São Paulo. 21 de maio de 1882.

CRUZEIRO DO BRASIL. Órgão do Instituto Catholico. Ano I. n. 06. Rio de Janeiro. 06 de novembro de 1864. Disponível: <memoria.bn.br/DOCREADER/DOCREADER.ASPX?BIB=235261>.

CRUZEIRO DO BRASIL. Ano I. n. 07. Rio de Janeiro. 13 de novembro de 1864. Disponível: <memoria.bn.br/DOCREADER/DOCREADER.ASPX?BIB=235261>.

_____. Ano II. n. 15. Rio de Janeiro: 08 de janeiro de 1865. Disponível: <memoria.bn.br/DOCREADER/DOCREADER.ASPX?BIB=235261>.

DIÁRIO DE PERNAMBUCO. Ano?. n.?. Recife. 05 de dezembro de 1865.

DIÁRIO DO RIO DE JANEIRO. Ano XLIV. n. 304. Rio de Janeiro. 05 de novembro de 1864. Disponível em: <memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=094170_02&pasta=ano%20189&pesq=Imprensa%20Evangelica>.

ECO DA VERDADE. Salvador. 1886.

ESTRELLA DO NORTE: Periódico da Sociedade Fé e Luzes. Ano I. n. 46. Belém. 15 de novembro de 1863. Disponível em: <memoria.bn.br/pdf/223859_1863_00046pdf>.

EXPOSITOR CRISTÃO. Ano I, n. 01. Rio de Janeiro: 15 de agosto 1887.

IMPRENSA EVANGÉLICA. vol. I. n. 01. Rio de Janeiro. 05 de novembro de 1864.

_____. “Breve Catecismo para meninos”. Ano 2. n. 13. Rio de Janeiro. 06 de maio de 1865. p. 07. Ano 2, n. 13.

IMPRENSA EVANGELICA. “Instrução e culto domestico”. Ano 2. n. 15. Rio de Janeiro. 05 de junho de 1865. Ano 2, n. 15.

_____. “Thirza e a força atractiva da Cruz”. Ano 2, n. 27. Rio de Janeiro. 02 de dezembro de 1865. p. 02.

_____. vol. II, n. 05 Rio de Janeiro. 03 de março de 1866..

_____. “Razões porque um menino deve amar a Jesus.” vol. II, n. 05 Rio de Janeiro. 17 de março de 1866. p. 46.

_____. Coluna Noticiario. vol. II, n. 05. Rio de Janeiro. 02 de junho de 1866. vol. II, n. 05.

_____. “Aurora Boreal”. vol. II. n. 12. Rio de Janeiro. 16 de junho de 1866.

_____. vol. II, n. 15. “André Dunn”. Rio de Janeiro. 04 de agosto de 1866.

_____. “Pedro, o Porteiro”. vol. II. n. 19. Rio de Janeiro. 06 de outubro de 1866.

_____. “O bagre desobediente”. vol. II. n. 23. Rio de Janeiro. 01 de dezembro de 1866.

_____. “Um pássaro novo – Balaeniceps Rex”. vol. II, n. 22. Rio de Janeiro. 17 de novembro de 1866.

_____. “Braz Pascal”. vol. II, n. 24. Rio de Janeiro. 15 de dezembro de 1866.

_____. “O Pastor dos Pyrenéos”. vol. IV, n. 05. Rio de Janeiro. 01 de fevereiro de 1868.

_____. “Carta Animadora”. vol. V, n. 05. Rio de Janeiro. 06 de março de 1869.

_____. “O Evangelho na China”. vol. V, n. 06. Rio de Janeiro. 20 de março de 1869.

_____. “A gloria de Deus”. vol. VI, n. 01. Rio de Janeiro: 01 de janeiro de 1870.

_____. “A Justificação”. vol. VI, n. 03. Rio de Janeiro. 05 de fevereiro de 1870.

_____. “Anninha”. vol. VI, n. 25. Rio de Janeiro. 17 de dezembro de 1870.

_____. “Livros em francez”. Coluna Annuncio. Ano X, n. 15. Rio de Janeiro. 01 de agosto de 1874.

IMPRENSA EVANGELICA. “Livros francezes para crianças”. Coluna Noticiario. Ano X, n. 16. Rio de Janeiro. 29 de agosto de 1874.

_____. “Uma anedocta engraçada”. Ano XI, n. 07. Rio de Janeiro. 03 de abril de 1875.

_____. “A meza redonda”. Ano XI, n. 08. Rio de Janeiro. 17 de abril de 1875.

_____. “Vida e caracter de Jesus Christo”. Ano XI, n. 11. Rio de Janeiro. 05 de junho de 1875.

_____. Ano XI, n. 02. Rio de Janeiro. 16 de janeiro de 1875.

_____. Ano XI, n. 03. Rio de Janeiro. 06 de fevereiro de 1875.

_____. “Enigma”. Ano XI, n. 14. Rio de Janeiro. 17 de julho de 1875.

_____. Ano XIII, n. 14. “A Religião e o Progresso”. Rio de Janeiro: 07 de julho de 1877.

_____. Coluna Annuncio. Ano XIII, n. 21. Rio de Janeiro. 20 de outubro de 1877.

_____. “Etiqueta para meninos”. Ano XIII, n. 22. Rio de Janeiro. 03 de novembro de 1877.

_____. “O anno novo”. Editorial. Ano XV, n. 01. Rio de Janeiro. 02 de janeiro de 1879. p. 07.

_____. “Reforma Protestante”. vol. XXVI, n. 02. Rio de Janeiro. 11 de janeiro de 1880.

_____. “Uma carta de Luthero”. vol. XX, n. 02. Rio de Janeiro. 19 de janeiro de 1884.

_____. “Escravidão e colonisação”. vol. XX, n. 06. Rio de Janeiro. 29 de março de 1884.

_____. “A Doutrina da Biblia sobre a salvação de graça e as boas obras” por João M. G. dos Santos. vol. XX, n. 07. Rio de Janeiro. 12 de abril de 1884.

_____. “Pedidos de desculpas da Sociedade de Tratados evangélicos por atraso da publicação do folheto 1”. vol. XX, n. 14. Rio de Janeiro. 19 de julho de 1884.

_____. “Ensaio litterario. A dignidade”. vol. XX, n. 19. Rio de Janeiro. 04 de outubro de 1884.

IMPrensa EVANGÉLICA. “Sociedade Brasileira de Tratados Evangélicos. Editorial de Rev. Pereira”. vol. XX, n. 24. São Paulo. 20 de dezembro de 1884.

_____. vol. XXIII, n. 03. Rio de Janeiro. 15 de janeiro de 1887.

_____. “História da Reforma por J. II. Merie D’Aubgné”. vol. XXIII, n. 03. Rio de Janeiro. 22 de janeiro de 1887.

_____. “Octopode”. vol. XXIII, n. 18. Rio de Janeiro. 02 de maio de 1887.

_____. vol. XXIII, n. 34. Rio de Janeiro: 20 de agosto de 1887.

_____. “A terra da Escravidão”. Coluna Folhetim. vol. XXV, n. 46. Rio de Janeiro. 16 de novembro de 1889.

_____. Coluna Anuncio. Ano XXVI, n. 06. Rio de Janeiro. 08 de fevereiro de 1890.

_____. “Para ler depressa”. vol. XXVII, n. 01. Rio de Janeiro. 03 de janeiro de 1891.

_____. “Historia da Reforma”. vol. XXVII, n. 02. Rio de Janeiro. 10 de janeiro de 1891.

_____. Ano XXVII, n. 18. Rio de Janeiro. 02 de maio de 1891.

_____. “Citações”. vol. XXVII, n. 50. Rio de Janeiro. 19 de dezembro de 1891.

_____. vol. XXVII, n. 51. Rio de Janeiro. 26 de dezembro de 1891.

_____. Ano XXVIII, n. 03. Rio de Janeiro. 16 de janeiro de 1892.

_____. Ano XXVIII, n. 13. Rio de Janeiro. 23 de março de 1892.

_____. Ano XXVIII, n. 18. São Paulo. 30 de abril de 1892.

_____. “A uma jovem”. Ano XXVIII, n. 25. São Paulo. 18 de junho de 1892.

JORNAL DAS FAMÍLIAS. Publicação Ilustrada, Recreativa, Artística, etc. 1864. Disponível em: <memoria.bn.br/pdf/339776_1864_00001.pdf>.

JORNAL DO RECIFE. “Falsificação da Bíblia”. Ano VIII, n. 08, p. 02. Recife. 11 de janeiro de 1866.

_____. “As Bíblias Falsificadas”. Coluna Publicações Solicitadas. Ano VIII, n. 15. Recife. 19 de janeiro de 1866. p. 02.

JORNAL DO RECIFE. “As Biblias Falsificadas”. Ano VIII, n. 16. Recife: 20 de janeiro de 1866. p. 02.

_____. “Carta ao Senhor Redator”. Coluna Publicações Solicitadas. Ano VIII, n. 17. Recife. 22 de janeiro de 1866. p. 01.

_____. “Biblias Falsificadas”. Coluna Publicações Solicitadas. Ano VIII, n. 18. Recife. 23 de janeiro 1866. p. 02.

_____. “Biblias Falsificadas.” Ano VIII, n. 22. Recife. 27 de janeiro de 1866. p.02.

_____. Ano VIII, n. ? Recife. 16 de fevereiro de 1866.

METHODISTA CATHOLICO. Ano I, n.01. Rio de Janeiro. 01 de janeiro de 1886. Disponível em:
<<http://memoria.bn.br/DOCREADER/DOCREADER.ASPX?BIB=766720>>

O BIBLIA. Orgam da associação Christã da Mocidade. Ano 1, n. 01. Rio de Janeiro. 1891.

O CATHOLICO FLUMINENSE. Ano I, n. 03. Rio de Janeiro: 03 de novembro de 1838. s/p. Microfilmes de periódicos; rolo: PR-702 (1). Seção Obras raras (BN).

O CRISTÃO. Ano I, n. 01. Rio de Janeiro. 1892.

O APOLOGISTA CRISTÃO. Pará. 1890.

O APÓSTOLO. *Periódico religioso, moral e doutrinário consagrado aos interesses da religião e da sociedade*. Ano I, n. 30. Rio de Janeiro. 29 de julho de 1866. Disponível em:
<http://memoria.bn.br/pdf/343951/per343951_1866_00030.pdf>.

_____. *Periódico religioso, moral e doutrinário consagrado aos interesses da religião e da sociedade*. Ano I, n. 28. Rio de Janeiro. 14 de julho de 1866. Disponível em:
<http://memoria.bn.br/pdf/343951/per343951_1866_00028.pdf>.

O ESTANDARTE. São Paulo. 1893.

O EVANGELISTA. Alagoas. 1885.

O EVANGELISTA. Bagagem (MG). 1889.

O EVOLUCIONISTA. Manaus. 1888.

O LIBERAL DO PARÁ. Jornal Político, Commercial e Noticioso. Ano III, n. 106. Belém do Pará. 13 de Maio de 1841. Disponível em: <memoria.bn.br/pdf/704555_1871_00106.pdf>.

_____. Jornal Político, Commercial e Noticioso. Ano III, n. 270. Belém do Pará. 15 de dezembro de 1841. Disponível em: <memoria.bn.br/pdf/704555_1871_00279.pdf>.

O NOVO MUNDO. Periodico Illustrado do Progreso da Edade. Vol. II, n. 16. New York. 24 de janeiro de 1862. Disponível em: <http://memoria.bn.br/pdf/122815/per122815_1872_00016.pdf>. Acesso: 10 jul, 2013.

O PASTOR. Natal. 1893.

O PELICANO. Orgão da Maçonaria. Ano I, n. 87. Belém. 24 de abril de 1873. Disponível em: <memoria.bn.br/pdf/228710_1873_00087.pdf>.

O PREGADOR CRISTÃO. São Paulo. 1877.

O PULPITO EVANGELICO. São Paulo. 1874.

O PULPITO EVANGELICO. Campinas. 1888.

O PURITANO. Rio de Janeiro. 1899.

O SÉCULO. Natal. 1895.

PROTESTANT'S MAGAZINE. London. 1839. Disponível em: <www.archive.com>.

SALVAÇÃO DE GRAÇA. Recife. 1875.

THE CHILD'S COMPANION AND JUVENILE INSTRUCTOR. The Religious Tract Society London. 1859. Disponível em: <https://archive.org/stream/childscompanion01unkngoog#page/n6/mode/2up>. Acesso: 13 dez, 2013.

THE CHRISTIAN'S PENNY MAGAZINE. London. 1852. Disponível em: <www.archive.com>.

THE CHRISTIAN BAPTIST. Ohio. 1823. Disponível em: <www.archive.com>.